



ESCOLA SUPERIOR DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE

RAQUEL MENDES MIGUEL

**UM NOVO OLHAR PARA A CRISE AMBIENTAL PELO ESTUDO DO
ESPIRITISMO**

Nazaré Paulista, 2012



ESCOLA SUPERIOR DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE

RAQUEL MENDES MIGUEL

**UM NOVO OLHAR PARA A CRISE AMBIENTAL PELO ESTUDO DO
ESPIRITISMO**

Trabalho Final apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Ecologia. Comitê de Orientação: Dra. Suzana Pádua, Dra. Cristina Alencar, Dra. Hebe Laghi de Souza, Dra. Marlene Francisca Tabanez.

Nazaré Paulista, 2012

Ficha Catalográfica

Miguel, Raquel Mendes

Um Novo Olhar para a crise ambiental pelo Estudo do Espiritismo, Ano 2012, 208 p.

Trabalho Final (mestrado): IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas

1. Ecologia Profunda
2. Evolução
3. Princípio Espiritual
4. Amor
5. Leis Naturais
6. Educação
7. Ecosofia
- I. Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade, IPÊ



Instituto de Pesquisas Ecológicas

20 ANOS

UM NOVO OLHAR PARA A CRISE AMBIENTAL PELO ESTUDO DO ESPIRITISMO

Raquel Mendes Miguel

Produto final apresentado ao IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável

Nazaré Paulista, 02 de agosto de 2012.

Profª. Drª Suzana Machado Padua (Orientadora)

Profª. Drª. Cristina Maria Macêdo de Alencar
UCSAL - Universidade Católica do Salvador

Profª. Drª. Hebe Laghi de Souza

Profª. Drª. Marlene Francisca Tabanez

Nossa Missão

Desenvolver e disseminar modelos inovadores de conservação da biodiversidade que promovam benefícios sócio-econômicos por meio de ciência, educação e negócios sustentáveis.

Rodovia D Pedro I, km 47, bairro Moinho, caixa postal 47, Nazaré Paulista/SP, 12.960-000 Brasil, Fone/Fax (11) 4597-1327
www.ipe.org.br - www.escas.org.br

À medida que vai o homem lentamente avançando na senda do conhecimento, o horizonte se dilata e novas perspectivas se vão ante ele desdobrando. Sua ciência é restrita; a Natureza, não tem limites”.

(Denis, 1919)

Este trabalho é dedicado a todo ser humano que se considera um eterno estudante e aprendiz, mantendo seu espírito jovem e curioso, e acredita sempre que o trabalho no bem leva a um mundo melhor.

AGRADECIMENTOS

A alegria que me preenche ao realizar este trabalho divido com minhas orientadoras que acolheram esta dissertação com incrível dedicação, portanto, à Suzana, Cristina e Hebe, sou muito grata.

Agradeço também à minha eterna amiga Daniela Bochembuzo que me encorajou nos momentos iniciais quando da escolha do tema, bem como a André Siqueira pelo acolhimento ao tema e ao Sr. Leopoldo Zanardi que tanto me estimulou e ajudou quando ainda estava insegura sobre o prosseguimento no tema desenvolvido.

Agradeço sempre aos meus pais pela boa educação moral e acadêmica que me ofereceram, pois, sem estas, este trabalho não se concretizaria.

Mas, os grandes agradecimentos são para os mentores espirituais desta dissertação, por oferecerem fundamental apoio ao desenvolvimento das temáticas aqui tratadas e a mim, na jornada que vivenciei ao me disponibilizar a realizar este trabalho.

Evidente que nada disso jamais teria sido possível sem a permissão natural de Deus, dos guias do sistema solar e de Jesus, nosso amoroso amigo maior; e a eles, sou grata a todo instante da existência

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Árvore da Ecologia Profunda.....	05
Figura 2 - Exemplo de uma reunião de mesas girantes.....	25
Figura 3 - Exemplo de prancheta usada para comunicações dos fenômenos espíritas.....	26
Figura 4 - Possível lógica da vida em sua senda evolutiva.....	113
Figura 5 - Exibição de esquema ilustrativo do conceito de almas-grupos.....	118
Figura 6 - Levitação de uma mesa.....	193
Figura 7 - Experimento do acordeom - William Crookes.....	202

LISTA DE ABREVIACÕES

CPOU	Causa Primária Ordenadora do Universo
PI	Princípio Inteligente
PM	Princípio Material

RESUMO

MIGUEL, Raquel Mendes. **UM NOVO OLHAR PARA A CRISE AMBIENTAL PELO ESTUDO DO ESPIRITISMO**. Ano 2012, 208 p. Dissertação (Mestrado Conservação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável): IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas, Nazaré Paulista.SP, 2012.

A crise ambiental é um desafio aberto à resolução. Dentre as visões resolutivas, a Ecologia Profunda propõe a elaboração de “ecosofias” pessoais baseadas nos questionamentos, experiências e compromissos profundos de cada um. Oriunda dessa proposta da Ecologia Profunda, a presente dissertação propõe o estudo do Espiritismo como ciência e conteúdo filosófico que podem apoiar “ecosofias” pessoais. Assim, elabora uma pesquisa bibliográfica sobre a pertinência e o conteúdo do Espiritismo para essa finalidade, bem como oferece uma versão da evolução da vida na Terra sob o aspecto espírita e propõe uma disciplina curricular eletiva aos cursos universitários que estudam os saberes ambientais.

Palavras-chave: Ecologia Profunda, Evolução, Princípio Espiritual, Amor, Leis Naturais, Educação, Ecosofia

ABSTRACT

MIGUEL, Raquel Mendes. **A NEW LOOK TO THE ENVIRONMENTAL CRISES THROUGH THE STUDY OF THE SPIRITISM**. Ano 2012, 208 p. Thesis (Master in Biodiversity Conservation and Sustainable Development): IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas, Nazaré Paulista, SP 2012.

The environmental crisis is a challenge still open for resolution. Among the resoluteness visions, the Deep Ecology proposes “ecosophies” based on deep personal questions, experiences and commitments from each one. Coming from this Deep Ecology proposal, the present dissertation proposes the study of the Spiritism as a science and a philosophy that can support personal “ecosophies”. Therefore, a bibliographic research is carried away for bringing its content and pertinence for this purpose, as well as offers a version for the evolution of life on Earth under the Spiritism knowledge, and proposes an elective course for universities courses that deals with environmental knowledge.

Keywords: Deep Ecology, Evolution, Spiritual Principal, Love, Natural Laws, Education, Ecosophy

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	5
1.1 Metodologia.....	11
PRIMEIRA PARTE - ESPIRITISMO PARA A TRANSFORMAÇÃO E CONSERVAÇÃO PLANETÁRIAS	
2 O ESPIRITISMO.....	13
2.1 Espiritismo como Ciência	17
2.2 A História do Espiritismo.....	22
2.3 Espiritismo: Examinando seu conteúdo	28
2.3.1 Conceitos	30
2.3.2 Leis Naturais Morais	54
i. Lei do Progresso	55
ii. Lei de Igualdade	59
iii. Lei de Liberdade	61
iv. Lei do Trabalho	63
v. Lei de Reprodução.....	65
vi. Lei de Conservação	67
vii. Lei de Destruição.....	72
viii. Lei de Sociedade.....	75
ix. Lei de Justiça, Amor e Caridade	78
2.3.3 Conquista da Perfeição Ético-Moral	82
SEGUNDA PARTE - A HISTÓRIA DO SURGIMENTO, EVOLUÇÃO E SIGNIFICADO DA VIDA PARA O ESPIRITISMO	
3 UMA POSSÍVEL NOVA HISTÓRIA DAS COISAS	91
I NOSSO VIVER, NOSSO QUESTIONAR.....	91
II UMA TEORIA SOBRE A VIDA.....	92
III E COMEÇA NOSSA HISTÓRIA.....	93
IV ESPAÇO INFINITO, TEMPO RELATIVO E ETERNIDADE.....	94
V A ETERNA TEIA DA VIDA	96
VI NOSSA NEBULOSA.....	97
VII OS MUNDOS.....	99
VIII NOSSA TERRA	100
IX A TERRA E O SURGIMENTO DA VIDA ORGÂNICA.....	103
X FORMAÇÃO DOS CORPOS ORGÂNICOS	106
XI ESCALA EVOLUTIVA DOS SERES VIVOS	107
XII PRINCÍPIO ESPIRITUAL E A EVOLUÇÃO ORGÂNICA	110
XIII JORNADA EVOLUTIVA DO PRINCÍPIO INTELIGENTE NOS REINOS DA MATÉRIA E NO PLANO ESPIRITUAL.....	112
XIV O SER HUMANO.....	122
XV PERISPÍRITO E O PENSAMENTO.....	126
XVI COMO NASCEM OS SERES HUMANOS	128
XVII MORTE DO CORPO HUMANO	129
XVIII REENCARNAÇÃO	129
XIX PLANO ESPIRITUAL.....	130
XX MUNDOS HABITADOS	132
XXI A GRANDE TEIA DA VIDA E A NOSSA GAIA	135
XXII INQUIETAÇÕES HUMANAS.....	136
XXIII PASSOS PARA UM NOVO DESPERTAR DE CONSCIÊNCIA.....	139
XXIV A NOVA TERRA	142
XXV O QUE ENTÃO SABEMOS AGORA.....	144
TERCEIRA PARTE - O QUE PODE ADVIR DA INCORPORAÇÃO DO ESPIRITISMO PELOS SABERES AMBIENTAIS	
4 CAMINHOS QUE SE ABREM	147
4.1 O que pode surgir de novo com o estudo do Espiritismo.....	151
4.2 Processo educativo via construção de uma nova disciplina.....	153

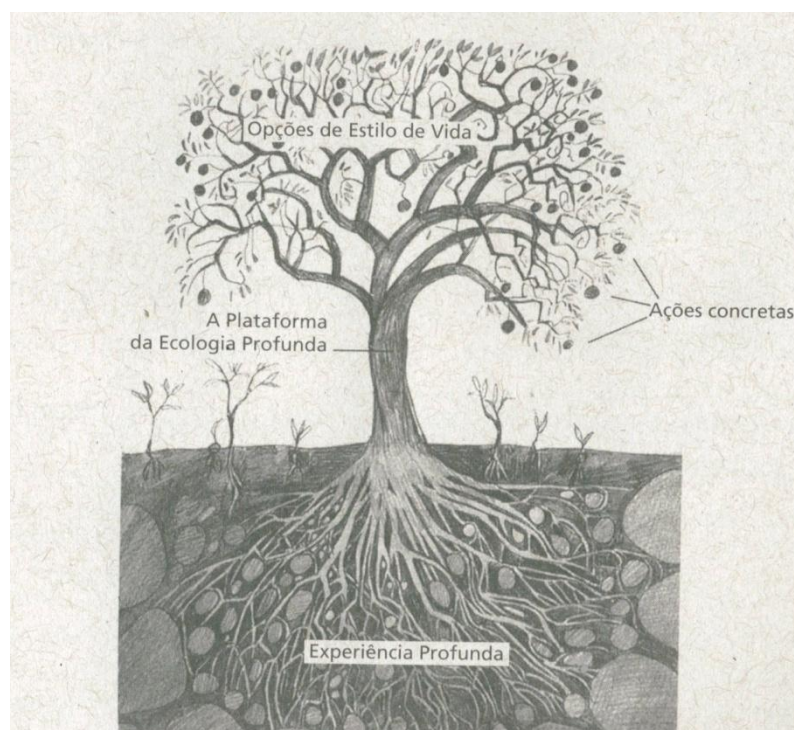
4.2.1	Proposta Metodológica	156
i.	Educar com ênfase no estudante	158
ii.	Educar em ambiente belo e agradável.....	159
iii.	Educar no convívio social e na solidariedade	159
iv.	Educar enfatizando nossas igualdades e diversidades.....	159
v.	Educar de forma livre respeitando as liberdades individuais	160
vi.	Educar com ênfase na ação	161
vii.	Educar oferecendo contextualização do conteúdo	161
viii.	Educar estimulando a criatividade.....	162
ix.	Educar reconhecendo a importância dos sentimentos em um ambiente democrático voltado para a autoeducação com a abolição da competição	163
x.	Educar oferecendo oportunidades de autoconhecimento	164
xi.	Sistema de avaliação que considere todos os aspectos metodológicos.....	165
4.2.2	Ementa da Disciplina	167
5	PONDERAÇÕES FINAIS	176
6	REFERÊNCIAS	183
7	ANEXOS.....	189
7.1	Anexo I – Experimentos Científicos sobre os fenômenos espíritos.....	189
7.1.1	Cientistas e Estudiosos do Espiritismo nos séculos XIX e início do XX.....	189
7.1.2	Estudos atuais sobre os fenômenos espirituais	203

1 APRESENTAÇÃO

Stephan Harding em “Terra Viva” nos explica que a sabedoria ecológica na abordagem da Ecologia Profunda deve se dar individualmente, com cada pessoa elaborando sua própria “ecosofia” (sabedoria do *oikos* – lar) baseada em seus próprios questionamentos, experiências e compromissos profundos. A partir desse sentimento profundo, cada um escolhe suas opções de mudança em seus estilos de vida (HARDING, 2008, p. 298).

Segundo Arne Naess a essência da Ecologia Profunda está em se formular questões profundas (apud CAPRA, 2003, p. 26). Ou seja, irmos cavando os fatos até chegarmos às profundezas deles, onde encontraremos suas possíveis causas e nelas poderemos atuar. Harding afirma ainda que a “ecosofia” deve assentar-se em ações práticas a serviço da sustentabilidade ecológica (HARDING, 2008, p. 64).

Figura 01 - Árvore da Ecologia Profunda



Fonte: Harding, 2008, p. 299.

Vinda de uma experiência de Ecologia Profunda, esta dissertação visa trazer novas perspectivas no entendimento e remediação da crise ambiental¹.

Em uma ação ecológica profunda, trago aqui as ferramentas utilizadas na elaboração da “ecosofia” que agora sigo, elaborada dentro da minha experiência de Ecologia Profunda para dividir com quem se identificar com as questões apresentadas, visando fomentar a sustentabilidade ecológica e social, e para que venhamos a sanar a crise ambiental, provocando mudanças de forma pacífica e democrática como a Ecologia Profunda recomenda (HARDING, 2008, p. 65).

Essa experiência foi vivenciada ao longo dos últimos quatorze anos, nos quais abracei uma busca por um redirecionamento profissional que me levasse a um ofício que construísse um mundo melhor para todos - donde fui de gestora em uma multinacional de renome na maior cidade brasileira, passando por estudante de pós-graduação na Austrália e adentrando finalmente no corpo funcional do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (IBAMA) abraçando a função de servidora pública numa cidade no nordeste do Brasil.

As experiências com gestão ambiental, principalmente na área de Unidades de Conservação, foram extremamente satisfatórias. No entanto, a conservação ambiental que se pratica, vinda da biologia da conservação e da sociologia, ainda não preenchia minha, ainda em lapidação, “ecosofia”. Nesta, a vida é muito mais que matéria e que os processos resultantes de suas interações. O ser humano não é a grande aberração da Natureza, nem a Natureza algo que deva ser preservado de forma (quase) estática para o ser humano, ou para a manutenção do planeta. Nem a Natureza deve ser santificada e mantida num pedestal, e o ser humano tido como um ignorante que não sabe como conviver com a ela. Nem, tão pouco, este deve ser colocado como ponto central da vida, e ter a Natureza servindo-lhe por considerarmos ele a forma apoteótica da Natureza e a ela comandar. Ou seja, não encontrava eco para a “ecosofia” rascunhada em mim.

¹ Chamamos de crise ambiental os riscos e problemas advindos da exacerbada transformação dos bens da natureza para a utilização humana, avançando sobre os limites biofísicos do planeta Terra, com a conseqüente degradação ambiental como: elevação dos gases do efeito estufa na atmosfera, as preocupantes taxas de extinção da biodiversidade e a deterioração de corpos d'água; bem como os problemas sociais advindos dos modelos sociais, políticos e econômicos vigentes que mantém elevadas taxas de disparidades sociais a despeito da pilhagem da natureza para o consumo humano que não beneficia toda a sociedade melhorando as condições de vida da humanidade (TRIGUEIRO, 2012; PRIMACK, 2001; VALE, 2011).

Explico:

Hoje temos a gestão ambiental que de um lado preserva ou conserva - tanto o ambiente como as culturas a ele associadas pelas Políticas de Conservação, e do outro lado chancela a destruição do ambiente e das culturas a ele associadas pelas autorizações e licenciamentos ambientais, reféns do modelo socioeconômico vigente. Sem a emissão de julgamos sobre o que está certo ou errado, ressalto, no entanto, a contradição existente nas próprias instâncias da gestão ambiental pública que se refletem nas demais instâncias envolvidas na gestão ambiental.

Também fica claro, na atualidade, que ainda não se consegue a visualização de um viver humano que não comprometa a si mesmo, ou às demais formas de vida. Temos sugestões, ideias e ações ainda isoladas e não sistêmicas. Ou mesmo, tenta-se propagar o ambientalismo com imposições de “ações sustentáveis”, muitas vezes difíceis de praticar, que afastam as pessoas de um comportamento integrado à conservação ambiental.

Assim, transitando pelo modelo desenvolvimentista vigente (como gestora do segundo setor) que impõe o consumo, a competição, o melhor preço, o maior lucro, tornando o viver humano desconectado das demais formas de vida que convivem conosco no planeta e, passando também pela gestão ambiental, que não consegue ter a sociedade internalizando-a como aceitável, minha ecosofia ainda não tinha encontrado vazão para se transformar em ação.

Foi então que, buscando respostas às questões profundas de como viver sem prejudicar outras formas de vida, mas respeitando meus anseios de crescimento pessoal e qualidade de vida, fui estudar Lovelock, Capra, Maturana, Margulis, física quântica. Mas havia ainda lacunas...

Essas ciências nos ensinam que não há determinismo, há apenas probabilidades. No entanto, parte das ocorrências probabilísticas que se tornaram o que conhecemos por real, constatou-se terem chance mínima de ocorrência. É assim com a formação da Terra, segundo Stephen Hawking (HAWKING, 2001, p. 94). É também dessa forma as ocorrências da possível sequência de encontros que deu origem à primeira entidade viva na Terra, possuindo estas enormes probabilidades contrárias (LOVELOCK, 2001, p. 34). Também tiveram de ser delicadamente equilibrados os fatos que deram origem às estrelas, pois tivessem sido um pouco menor ou um pouco maior a atração gravitacional entre os pequenos

pedaços de matéria, estas poderiam não ter surgido (HARDING, 2008, p. 122). Ou seja, na Natureza muito do que ocorre tem probabilidade mínima de ocorrer... Então, por que ocorrem? Há escolhas na Natureza? Mas a matéria que é inerte escolhe? A cibernética² e a autopoiese³ explicariam tudo o que representa a inteligência das coisas? Sendo assim, havia ainda lacunas de respostas.

Se para Lovelock (2001) Gaia é inteligente, e se sabemos que o macro é a consequência dos micros, já que vivemos na grande teia da vida⁴, se as células também se mostram inteligentes (MARGULIS, 1990) e se o planeta demonstra ter inteligência, por que não o Universo também não o ser? Em realidade, na minha ecosofia ele assim o é, senão as teorias até agora aceitas deveriam ser refeitas. A inteligência universal é a inteligência do todo e deve estar, portanto, em todas as coisas, assim como as coisas são presentes nela. Logo, minha busca requeria algo que explicasse ou refutasse essa possibilidade.

Portanto, continuei a busca até que encontrei respostas possíveis no Espiritismo. Das ciências e saberes já estudados em conjunto com o que nos traz o Espiritismo, ou seja, fazendo o que Capra sugere sobre construção do conhecimento na forma de rede (CAPRA, 2003), pude então começar a consolidar minha “ecosofia”.

Dessa forma, a minha experiência de Ecologia Profunda aplicada torna-se agora a divisão daquilo que tive acesso na minha busca com os que assim o desejarem.

Digo “dos que assim o desejarem” uma vez que, segundo o que Maturana indica em suas obras, os sistemas racionais pessoais formam-se de acordo com as preferências de cada um. Citamos aqui as exatas palavras de Maturana (2005, p. 16):

Todo sistema racional se baseia em premissas fundamentais aceitas a priori, aceitas porque sim, aceitas porque as pessoas gostam delas, aceitas porque as pessoas as aceitam simplesmente a partir de suas preferências.

² Ramo da ciência que descreve os “sistemas de comunicação e controle de regulação automática nos organismos vivos” (LOVELOCK, 2001, p. 65).

³ Autopoiese foi definido inicialmente por Maturana e Varela, é um padrão de organização em rede dos organismos vivos pelo qual eles se produzem continuamente a si mesmos na interação de suas partes e com o meio no qual vive mantendo-se vivo pelas fontes de energia que esse meio provém e também em desenvolvimento e evolução (CAPRA, 2003, p. 135 a 141; HARDING, 2008, p. 191).

⁴ Teia da vida são as redes dentro das redes que observam em tudo na vida (CAPRA, 2003, p. 45)

[...] Todo sistema racional se baseia em premissas ou noções fundamentais que aceitamos como ponto de partida porque queremos fazê-lo, e com as quais operamos em sua construção.

Portanto, não buscamos aqui provar argumentos ou convencer ninguém a aceitar nenhum conceito, pois, conforme afirma Maturana a aceitação (domínio racional) está em realidade completamente ligada às emoções pessoais (MATURANA, 2005, p. 51). E ninguém altera uma emoção pessoal a não ser a própria pessoa. Portanto, aqui apenas objetivamos oferecer aos que assim gostarem e desejarem, conteúdos teóricos contidos no Espiritismo que, bem pouco ou quase nada são considerados nas ciências que lidam com os saberes ambientais, para que sejam trabalhados de acordo com as vontades pessoais. Entendemos ser extremamente legítimo dividir esses saberes uma vez que podemos entender hoje a complexidade da realidade e, dentro da concepção sistêmica da vida, todo saber torna-se útil na tessitura da rede do conhecimento.

Alguns podem estar se perguntando: “Mas Espiritismo não é religião?” “Não devemos trazer religião para a ciência!” Podem exclamar outros. Então vejamos...

O Espiritismo originou-se de fenômenos naturais advindos de um sem número de fenômenos de comunicação entre o final do século XIX e início do XX. Esses fenômenos suscitaram inúmeros estudos, originando o Espiritualismo Moderno, como chamado à época, e o Espiritismo – resultado do Espiritualismo Moderno. Ao mesmo tempo em que se foi provando a veracidade dos fenômenos e a comprovação de suas causas como sendo de inteligências extracorpóreas (que se autodenominaram de Espíritos), foi-se também compilando o conteúdo dessas comunicações. Esta se deu por meio da comparação rigorosa dos conteúdos, onde somente era considerado como fato aquilo que fosse universal nas milhares de comunicações. Conforme Kardec, o codificador do Espiritismo⁵, nos explica: “as questões somente são apresentadas em forma de princípios, depois de haverem recebido a consagração de todas as comprovações [...]. O Espiritismo, pois, não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação” (KARDEC, 2010, p. 52 e 54).

Por esse motivo é que tenho estudado o Espiritismo como uma ciência que complementa as demais ciências no meu fazer de gestora ambiental. É pelo seu

⁵ Ver a história do Espiritismo e a explicação sobre quem é Kardec no item 2.2 dessa dissertação à página 22.

estudo que venho encontrando uma das formas mais interessantes e adequadas para uma leitura da vida e, portanto, para um fazer profissional também mais adequado.

Ademais, por ainda não haver consenso nem no entendimento da chamada crise ambiental, nem nas soluções dadas a ela, entendo que o caminho para novas interpretações sobre esta, bem como a propositura de soluções, está aberto. Assim, fazer-se uma nova propositura é um fato aceitável.

Adverte-nos Harding (2008, p. 279):

Agora que nossa melhor ciência nos informou das enormes crises ecológicas e sociais que estamos desencadeando no mundo, podemos escolher se vamos persistir na forma de consciência estreita, objetivista, que contribui para as crises ou se vamos agir a partir de uma forma de consciência mais profunda, mais ampla, onde experimentamos nossa unidade com a totalidade de Gaia e por isso compreendemos a importância de alterar radicalmente nosso modo de estar no mundo.

Escolhendo pela consciência mais profunda e achando no Espiritismo grande auxílio para a ampliação desta, venho aqui, como ação aplicada dessa escolha, dividir com os que assim também optarem por essa escolha, meus estudos.

Desta forma, o objetivo desta dissertação, ao dividir minha experiência de Ecologia Profunda, é analisar a pertinência de se incluir o estudo do Espiritismo para uma nova compreensão sobre a crise ambiental e para novas possibilidades na busca de sua remediação.

Para isso, o presente trabalho irá detalhar o Espiritismo. O que é, como surgiu, por que é tratado como ciência, quais seus principais aspectos teóricos e como estes se relacionam com a questão ambiental.

Em seguida, dentro dos saberes do Espiritismo será elaborada uma nova história para a existência, evolução e propósitos da Terra e da vida que nela existe.

Tendo analisado a pertinência do estudo do Espiritismo no âmbito dos saberes ambientais⁶, discutir-se-á os caminhos que se abrem dessa junção. Dentre estes, uma nova disciplina eletiva é proposta. A disciplina propõe ênfase a um ensino que suscite curiosidade, participação, análise dos fatos e autoanálise de

⁶ Uma vez que o saber ambiental se dá no encontro de vários saberes, nos referimos aqui a saberes ambientais aquelas matérias acadêmicas que estão de alguma forma envolvidas na gestão ambiental e nas problemáticas da crise ambiental. Exemplo: Ecologia, Biologia, Gestão Ambiental, Ciências Sociais, Economia, Geologia, Engenharias Agrônoma e Florestal, Geografia, Pedagogia, bem como todos os cursos de pós-graduação destas temáticas.

opiniões e sentimentos de cada estudante que, ao final, terá de elaborar uma proposta de remediação para a crise ambiental. Isso proporcionará outras experiências ecológicas profundas que renderão tantas outras ações, como a desta dissertação.

1.1 Metodologia

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa bibliográfica entre algumas obras de cientistas atuais afinados ao chamado novo paradigma holístico⁷ ou de visão ecológica, bem como de obras do Espiritismo.

Sendo o objetivo desse trabalho a junção do Espiritismo aos saberes ambientais dentro do novo paradigma holístico, visando ao suporte de construções de “ecosofias” individuais em vivências de Ecologia Profunda que busquem compreender e sanar a crise ambiental, buscamos os conceitos relevantes para esse fim nas obras analisadas.

As obras entrosadas com o novo paradigma foram as de Fritjof Capra, James Lovelock, Alberto Maturana, Stephan Harding, Lynn Margulis e Edgar Morin. Dessas obras apreendemos seus pensamentos, visões, conceitos e teorias e buscamos identificar os conteúdos convergentes às explicações espíritas sobre o ambiente natural no qual existimos e aquele que construímos, donde advém a crise ambiental.

As obras espíritas estudadas foram as da codificação compiladas e escritas por Allan Kardec, livros de estudiosos do Espiritismo que escrevem dentro dos preceitos e conceitos científicos e, portanto, consistentes tanto com a ciência oficial quanto com o Espiritismo. Foram também incluídas publicações de conceituados médiuns que possuem reconhecidos trabalhos com conteúdo coincidente com as obras de Kardec e com os conceitos que as ciências nos revelam.

Desta forma, pesquisamos nas produções de Kardec, Gabriel Dellane, Ernesto Bozzano, Jorge Andréa, Léon Denis, Alfred Russel Wallace, Hernani Guimarães Andrade, Hebe Laghi de Souza e nas obras mediúnicas de Francisco

⁷ É a visão paradigmática que considera a nova cosmovisão baseada na consideração do todo formado de individualidades e das interações destas que retroalimentam o todo a si e às suas interações a todo o momento. Nela individualidades são também o todo numa visão holográfica das coisas. Para tais considerações essa visão usa da razão, da sensação, da intuição e do sentimento como as vias de construção do real (CARDOSO, 1941, p. 35 a 37).

Cândido Xavier e Divaldo Franco. Destas, também apreendemos seus conceitos e utilizamos aquilo que dialogava com os conceitos trazidos nas obras das ciências do novo paradigma e eram de relevância para a compreensão e a resolução da crise ambiental.

PRIMEIRA PARTE ESPIRITISMO PARA A TRANSFORMAÇÃO E CONSERVAÇÃO PLANETÁRIAS

2 O ESPIRITISMO

O Espiritismo existe desde 1857 e foi inicialmente construído no âmbito das ciências por renomados estudiosos, cientistas das áreas da: metapsíquica, medicina, pedagogia, do naturalismo, da filosofia, astronomia, da química e da física, entre outros. Mesmo sendo popularmente conhecido no Brasil como religião, é em realidade um campo de estudo que engloba o encontro entre filosofia, ciência e religião (pelas suas conseqüências morais). Seu caráter foi constituído a partir do método experimental, tendo a mediunidade como instrumento de observação. Kardec (1868) comenta:

Até ao presente, o estudo do princípio espiritual, compreendido na Metafísica, foi puramente especulativo e teórico. No Espiritismo, é inteiramente experimental. Com o auxílio da faculdade mediúnica, mais desenvolvida presentemente e, sobretudo, generalizada e mais bem estudada, o homem se achou de posse de um novo instrumento de observação. A mediunidade foi, para o mundo espiritual, o que o telescópio foi para o mundo astral e o microscópio para o dos infinitamente pequenos (KARDEC, 2010, p. 108 109).

A mediunidade constitui-se, assim, instrumento de pesquisa e mediador do tríplice aspecto da Doutrina Espírita, o que explica Herculano Pires:

O homem se encontra a si mesmo, no triângulo de forças da concepção espírita. A pesquisa científica demonstra-lhe a realidade espiritual da vida, rompendo o véu das aparências físicas; a cogitação filosófica desvenda-lhe as perspectivas da vida espiritual, em seu processo dialético, através do tempo e do espaço; a fé raciocinada, consciente da religião em espírito e verdade, abre-lhe as vias de comunicação com os poderes conscientes que o auxiliam na ascensão evolutiva (COLOMBO, 2001, p. 191).

Fica então a pergunta: Por que sua prática hoje deve manter-se primordialmente religiosa? Especulo aqui alguns motivos que possam ter levado sua expansão como religião:

- Seria por que surgiu num momento histórico mecanicista e materialista onde a ciência não via outro aspecto que não o tangível?
- Seria por que a maior carência à época era por uma reforma religiosa

dominada por dogmas cada vez mais difíceis de serem aceitos?

- Seria pela segmentação dos saberes que imperava (e ainda impera) onde algo ou é física, ou é química, ou é filosofia, ou é biologia, ou é religião – e, portanto, fora das ciências?

Temos um exemplo dessa desconsideração da ciência em relação ao Espiritismo na tese de doutorado de Angélica Almeida, que aponta a disputa pela hegemonia sobre as questões de distúrbios mentais entre a Psiquiatria e o Espiritismo. Ambos os campos do saber tinham alguns pontos distintos sobre esses fatos. Dessa disputa pelo mesmo campo científico, a psiquiatria, que já tinha respaldo acadêmico, ganhou o reconhecimento e o Espiritismo ocupou seu espaço como religião (ALMEIDA, 2007, p. 201).

O estudioso Gabriel Dellane conta que o corpo científico majoritário à época do surgimento do Espiritismo (segunda metade do século XIX e primeiras décadas do XX), mesmo havendo eméritos cientistas comprovando seus fenômenos e estudando o conteúdo das comunicações, de forma geral criticou-o. Mas, como não conseguiram demonstrar a não validade dos fenômenos, mudaram de tática e partiram para sua completa desconsideração, enterrando o Espiritismo ao campo científico (DELLANE, 1897, Introdução).

Sobre a aceitação de novos saberes por cientistas e estudiosos há na obra “O Livro dos Espíritos” um trecho que nos serve como reflexão:

Com relação às coisas notórias, a opinião dos sábios é, com toda razão, fidedigna, porquanto eles sabem mais e melhor do que o vulgo. Mas, no tocante a princípios novos, a coisas desconhecidas, essa opinião quase nunca é mais do que hipotética, por isso que eles não se acham, menos que os outros, sujeitos a preconceitos. Direi mesmo que o sábio tem mais prejuízos que qualquer outro, porque uma propensão natural o leva a subordinar tudo ao ponto de vista donde mais aprofundou os seus conhecimentos: o matemático não vê prova senão numa demonstração algébrica, o químico refere tudo à ação dos elementos, etc. [...] O homem que julga infalível a sua razão está bem perto do erro. Mesmo aqueles, cujas idéias são as mais falsas, se apóiam na sua própria razão e é por isso que rejeitam tudo o que lhes parece impossível. Os que outrora repeliram as admiráveis descobertas de que a Humanidade se honra, todos endereçavam seus apelos a esse juiz, para repeli-las (KARDEC, 2006, p. 35, 36, 38).

Enfim, existem várias possibilidades que aqui apenas foram citadas algumas, não para chegar-se a conclusões, mas para suscitar a noção de que a prática religiosa do Espiritismo foi escolha humana, dada por uma hegemonia de pensamento e não pela impossibilidade dele ser considerado no âmbito das

ciências. No entanto, esses pensamentos evoluíram e os paradigmas estão sendo renovados.

Capra (2003), em sua obra “A Teia da Vida”, comenta que o novo paradigma pode ser chamado de holístico pois “concebe o mundo como um todo integrado”. O autor afirma que este novo paradigma também é chamado de visão ecológica, o que seria mais amplo e mesmo mais apropriado que holístico. Isso porque a visão ecológica considera além do todo ser mais que as partes, inclui a percepção de que as coisas se encaixam num ambiente natural e social e interagem ciclicamente com estes (HARDING, 2008, p. 42; CAPRA, 2003, p. 25). Para Morin (1973, p. 9), “o velho paradigma reduziu-se a migalhas, mas o novo ainda não está constituído. No entanto, a noção de vida modificou-se: está ligada, implícita ou explicitamente, às ideias de auto-organização e de complexidade”.

Sabemos que paradigmas são os modelos conceituais que norteiam nossa forma de agir no mundo. Ao transformar paradigmas, pode-se mudar a forma de se estudar e aplicar o Espiritismo, não mais apenas como uma religião, mas incorporando-o definitivamente como uma ciência, principalmente no Brasil – maior nação espírita do mundo (ALMEIDA, 2004, p. 16) - mas na qual, o aspecto científico da doutrina espírita é pouco aplicado.

Nessa mudança paradigmática da atualidade, o fazer científico começa a contemplar, além do positivismo do método científico, aspectos como sentimentos e intuições. São as chamadas ciências holísticas que Stephan Harding (2008, p. 39) define como:

A ciência holística entrelaça os aspectos empíricos [reducionistas] e arquetípicos [integrativos] da mente para que trabalhem juntos, como parceiros iguais numa busca que tem por objetivo não uma compreensão completa e um domínio da natureza, mas que se esforça por alcançar uma genuína parceria com ela.

Nesse fazer científico o pensamento interpreta, o sentimento avalia com a atribuição de um valor a algo ou a algum fato e a intuição dá o sentido de significado, trazendo a consciência do que está ocorrendo sem interpretação ou avaliação, dando à pessoa a percepção da coisa dentro dela e não como algo externo. Assim, a ciência holística reúne fato e significado (HARDING, 2008, p. 40, 45, 48).

Maturana (2005, p. 15) reconhece que todo sistema racional tem um fundamento emocional uma vez que o ser humano constitui um entrelaçamento entre razão e emoção.

Assim, é dentro dessa nova visão científica que trazemos os conceitos do Espiritismo.

Sobre a oposição ao Espiritismo Léon Denis explica em uma de suas obras publicadas em 1921 que: “O Espiritismo só é combatido, geralmente, pelos sábios oficiais, precisamente porque ele é uma revolução na ciência oficial. A maioria dos sábios livres e independentes é, ao contrário, favorável ao Espiritismo e vem engrossar nossas fileiras” (DENIS, 1982, p. 46).

Assim, num momento de eclosão de sábios livres e independentes, como Chopra, Capra, Lovelocke, Harding, Maturana, Boff, Morin, entre outros, é que vivemos num tempo de mudança paradigmática (CARDOSO, 1941), no qual se abre uma janela para se trazer o Espiritismo para ser estudado no âmbito das ciências.

O Espiritismo é uma nova ciência que veio mostrar a existência de uma força da Natureza até então não estudada cientificamente: o mundo da inteligência extracorpórea, ou mundo espiritual. Veio também estudar a relação entre o mundo corporal e o extracorpóreo (ou espiritual) (KARDEC, 2008, p. 59). Por meio desses estudos construiu-se uma doutrina filosófica com repercussões morais.

Denis completa a contextualização do Espiritismo afirmando:

O Espiritismo é uma ciência porque repousa em princípios positivos de onde se podem tirar deduções científicas incontestáveis. Além disso, ele é a própria razão da ciência, porque a ciência que não esclarece o homem sobre sua natureza íntima e sobre seu destino é uma ciência incompleta e estéril [...]. Espiritismo é a ciência completa do homem; ela lhe indica sua verdadeira natureza, seu princípio fundamental, seu destino final e, por conseqüência, se esforça, dando-lhe toda a luz sobre sua vida para torná-la mais feliz e melhor (DENIS, 1982, p. 46).

O que Léon Denis nos traz ratifica a ligação que o Espiritismo possui com o entendimento e remediação da crise ambiental cujas causas estão no comportamento e ações humanas norteadas pela busca da felicidade. Portanto, se ao invés de felicidade o que se construiu foi um cenário crítico, faz-se urgente a mudança comportamental humana (HARDING, 2008, p. 274 e 279). Assim, uma ciência que venha trazer elucidacões sobre todos os aspectos humanos desde a origem, passando pelo seu propósito, seu comportamento, sua relação com as

outras formas de vida e com o meio ambiente, e que esclareça seu destino, mostre-se de grande valia para os tentames de solucionarmos a crise ambiental.

Adentremos, então, em maiores detalhamentos, no Espiritismo.

2.1 Espiritismo como Ciência

Ao propor esta dissertação, os questionamentos que mais ouvia eram sobre a estranheza que ela causava já que o conhecimento geral da grande maioria não considera o Espiritismo como ciência. No entanto, o Espiritismo fala tanto ao racionalismo (pois foi construída racionalmente estudando-se positivamente fenômenos naturais), como traz explicações físicas novas para fenômenos físicos estudados pela ciência formal, quanto fala ao paradigma holístico, pois considera a vida das inter-relações, a teia da vida, o respeito a todas as formas de vida e culturas, a consideração do amor e da alteridade. Fala também àqueles que consideram a existência de Deus e que sentem dificuldade em unir seu fazer científico-profissional com seu pensar religioso.

Da obra de Léon Denis recolhemos o seguinte comentário do professor Charles Richet (Academia de Medicina de Paris - artigo “Deve-se estudar o Espiritismo” publicado nos *Annales des Sciences Psychiques* de janeiro de 1905):

[...] nenhuma contradição existe entre a ciência clássica e o mais extraordinário fenômeno de Espiritismo [...]. 1. Não há contradição alguma entre os fatos e teorias do Espiritismo e os fatos positivos estabelecidos pela Ciência. 2. O número dos escritos, memórias, livros, narrações, notas, experiências, é tão considerável e firmado por autoridades tais, que não é lícito rejeitar esses inúmeros documentos sem um estudo aprofundado. 3. A nossa ciência contemporânea se acha tão pouco adiantada ainda relativamente ao que serão um dia os conhecimentos humanos, que tudo é possível, mesmo o que mais extraordinário se nos afigura... Em lugar, portanto, de parecer ignorarem o Espiritismo, os sábios o devem estudar. Físicos, químicos, fisiologistas, filósofos, cumpre que se dêem ao trabalho de tomar conhecimento dos fatos espíritas. Um longo e árduo estudo é necessário. Será indubitavelmente frutuoso (RICHET apud DENIS, 1919, p. 32).

Léon Denis (1919, p. 41) comenta:

Sim, a ciência é magnífica; nela encontra infinitas satisfações os investigadores perseverantes, a quem cedo ou tarde fornecerá ela a base em que as convicções sólidas se fundam. Entretanto, a essa ciência puramente intelectual, que estuda unicamente os corpos, é necessário, para assegurar-lhe o equilíbrio, acrescentar outra que se

ocupa da alma e de suas faculdades afetivas. O que fez o Espiritismo, que não é somente uma ciência de observação, mas também de sentimento e de amor, pois que se dirige ao mesmo tempo à inteligência e ao coração.

O que Denis descreve sobre o Espiritismo, hoje entendemos ser uma ciência holística que se constituiu a partir de problematização pautada na lógica formal como procedimento de construção do argumento válido com premissas verdadeiras, mas que também inclui as questões qualitativas da vida.

Sabe-se que num argumento válido suas premissas são verdadeiras e, portanto, suas conclusões também serão verdadeiras. Exemplo:

- Sócrates é humano;
- Humanos são mortais;
- Portanto, Sócrates é mortal.

Da mesma forma, dos estudos e observações dos fenômenos que ocorriam à época (década de 1850) pode-se concluir:

- Todo efeito tem uma causa;
- Todo efeito inteligente têm uma causa inteligente;
- As comunicações tendo conteúdo inteligente tinham, portanto, uma causa inteligente.

E ainda uma segunda consequência dessas premissas:

- As comunicações eram de causas inteligentes;
- As causas das comunicações não provinham de algo visível;
- Portanto, causas inteligentes e invisíveis existem.

Ao comprovar a origem inteligente, atestava a existência de um mundo invisível ambiente (KARDEC apud SAUSSE, 2007, p. 18), restava conhecer esse mundo. Sobre essa investigação, temos:

Um dos primeiros resultados das minhas observações foi que os Espíritos, não sendo senão almas dos homens, não tinham nem a soberana sabedoria, nem a soberana ciência; que o seu saber era limitado ao grau do seu adiantamento, e que a sua opinião não tinha senão o valor de uma opinião pessoal. Esta verdade, reconhecida desde o começo, evitou-me o grave escolho de crer na sua infalibilidade e preservou-me de formular teorias prematuras sobre a opinião de um só ou de alguns (KARDEC apud SAUSSE, 2007, p. 18).

Aqui entra o trabalho metodológico de Allan Kardec (nome adotado pelo professor Rivail⁸) que sistematizou os experimentos das comunicações mediúnicas, norteado pela afirmação acima, compilando-os em forma de teoria - também conhecida como doutrina espírita. Assim, para que os estudos de Kardec tivessem validade científica, as comunicações eram todas estudadas e analisadas, sendo que, para o professor, cada qual ensinava alguma coisa, mas nenhuma poderia individualmente ensinar tudo. Desse modo, Kardec configura o objeto da ciência espírita, o espírito, como unidade epistêmica⁹: a um só tempo, sujeito e objeto no processo de constituição da teoria Espírita, reconhecendo sua incompletude e indeterminação, como admite a ciência contemporânea do século XX. Todavia, Kardec constituiu a ciência com objeto numa episteme dialética, legitimando-a como ciência positiva pela observância dos procedimentos do método científico vigente, como se segue:

Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as conseqüências e busca as aplicações úteis (KARDEC, 2010, p. 28).

Assim, com procedimentos indutivos foi formulada a teoria Espírita. Se metodologicamente a ciência espírita situa-se nos marcos da tradição epistemológica, na configuração do objeto o Espiritismo constitui-se em paradoxo para esta tradição ao assumir a imaterialidade como realidade factual objetiva (o fato espírita), além de um objeto que, subjetivamente se autodefine (Espírito).

Segundo Léon Denis, o Espiritismo foi construído com base num conjunto de fatos. Uns foram puramente físicos - revelando a existência e o modo de ação de forças desconhecidas que acarretavam em batidas e movimentação de objetos, por exemplo. Outros se mostraram inteligentes, como a escrita direta, a tipologia e a escrita ou o discurso por meio dos médiuns. O autor afirma que todas essas manifestações já foram passadas em revista¹⁰. Por meio desses fenômenos que “os

⁸ Ver explicação sobre a vida do professor Rivail e a mudança de seu nome para Allan Kardec no item 2.2 desta dissertação página 22.

⁹ Unidade fundamental de análise (fonte: http://www.geocities.ws/ufabc.bc1101/VA_Bezerra_Filosofia_da_ciencia_TS_Kuhn.pdf, visto em 27/04/2012).

¹⁰ Para os estudos científicos desses fenômenos, ver Anexo I desta dissertação.

Espíritos espalharam os seus ensinamentos no mundo, e esses ensinamentos foram confirmados em muitos pontos pela experiência. O novo Espiritualismo dirige-se, pois, conjuntamente, aos sentidos e à inteligência. Experimental, quando estuda os fenômenos que lhe servem de base; racional, quando verifica os ensinamentos que deles derivam” (DENIS, 2010, p. 37).

Esses ensinamentos, no entanto, só foram considerados no conteúdo do Espiritismo quando havia “generalidade e concordância no ensino”. Ressalta Kardec (1868):

todo princípio que ainda não haja recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante” do Espiritismo. É exatamente na “coletividade concordante da opinião dos Espíritos, passada pelo critério da lógica, é que constitui a força da doutrina espírita e lhe assegura a perpetuidade (KARDEC, 2010, p. 15).

Com isso, Kardec antecipa em quase um século a compreensão das verdades científicas como construção de consensos paradigmáticos e, portanto, relativas e provisórias, como formulou Khun (1962) ao tratar das Revoluções Científicas.

Segundo Léon Denis (1982, p. 45), Espiritismo significa:

Ciência do Espírito ou ensino dos Espíritos, porque são os próprios Espíritos que no-lo revelaram. [...] repousa sobre fatos positivos, controlados pela experimentação científica [...]. O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência positiva, uma filosofia, uma doutrina social; é também uma crença, porém, baseada na ciência experimental.

Kardec explana que das mesas que giram¹¹ saiu uma ciência que nos traz soluções para problemas que nenhuma filosofia pudera ainda resolver, e apela para que estudemo-la e então vermos se nos serve ou não (KARDEC, 2006, p. 456, 457). Isso é o que afirma o caráter religioso do Espiritismo como teologia de transformação do Ser, o que requer unir o que foi separado pela ciência positivista: ciência e religião. Sendo a missão da ciência desvendar as leis da Natureza, e sendo a Natureza obra de Deus, religião e ciência não podem se contradizer, se negar, se excluir. Se o são, isso não ocorre pela natureza de ambas, mas pela incapacidade nossa de vislumbrarmos o grande cenário da Natureza onde ambas se encontram (KARDEC, 2010, p. 105).

¹¹ Ver sobre mesas girantes nas páginas 22 a 25 desta dissertação.

Para a doutora em educação Dora Incontri (Dora Alice Colombo), com o surgimento do Espiritismo: “rompe-se a barreira posta por Kant. A razão pode compreender o espírito, pode argumentar retamente sobre a sua existência (e a existência de Deus), mas a observação empírica pode também revelá-lo, de modo que a razão não especule apenas” (COLOMBO, 2001, p. 191).

Para Incontri, com o Espiritismo:

A imortalidade não é mais apenas produto da fé ou mera presunção hipotética. O Espírito revelado pelo Espiritismo resgata assim a tradição ocidental, fundamentando-a. E mais, a partir de Kardec, incorpora-se essa interação entre as duas instâncias da realidade (a física e a extrafísica) como uma das formas possíveis e necessárias de conhecimento. Aceita-se o diálogo entre esses dois mundos, como meio válido de pesquisa da verdade, embora sob o controle da razão e da observação empírica, para que a percepção extra-sensorial não escape pelo desvario. Constitui-se um método de investigação da realidade e explica-se o que estava na origem de algumas das filosofias que mais influenciaram o pensamento ocidental (COLOMBO, 2001, p. 191).

Traz-nos também Kardec (1868) o caminhar do Espiritismo junto com o da ciência:

Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará (KARDEC, 2010, p. 54).

Uma vez que é uma ciência, como todas elas, avança conforme nossa inteligência; portanto, o Espiritismo é histórico na sua origem e na sua continuidade, tornando-se apto, por exemplo, a dialogar com novos conceitos a respeito da Natureza.

O caráter histórico do Espiritismo é explicitado na condição de ter dependido do desenvolvimento da ciência e só poder ser estudado por meio desta. Em “A Gênese” lemos:

Todas as ciências se encadeiam e sucedem numa ordem racional; nascem umas das outras, à proporção que acham ponto de apoio nas idéias e conhecimentos anteriores. A Astronomia, uma das primeiras cultivadas, conservou os erros da infância, até ao momento em que a Física veio revelar a lei das forças dos agentes naturais; a Química, nada podendo sem a Física, teve de acompanhá-la de perto, para depois marcharem ambas de acordo, amparando-se uma à outra. A Anatomia, a Fisiologia, a Zoologia, a Botânica, a Mineralogia, só se tornaram ciências sérias com o auxílio das luzes que lhes trouxeram a Física e a Química. À Geologia nascida ontem, sem a Astronomia, a Física, a Química e todas as outras, teriam faltado elementos de vitalidade; ela só podia vir depois daquelas (KARDEC, 2010, p. 30).

Assim também o Espiritismo, que veio oportunamente, após as ciências já

terem desenvolvido suficientes constatações que auxiliam na sua compreensão.

No entanto ainda muita controvérsia existe por parte das ciências formais para a aceitação do Espiritismo como ciência.

O abismo que há entre religião e ciência é imenso e compreensível. O mesmo não se deveria dar entre espiritualidade científica e ciência. Para Setzer (2008),

Há duas razões para o abismo em questão. A primeira é um profundo preconceito do materialismo-crença¹², que ignora e muitas vezes ridiculariza qualquer espiritualismo, recusando-se a tomá-lo em consideração. A segunda é o dogmatismo do espiritualismo-crença, especialmente das religiões instituídas, devido à sua falta de busca por compreensão de fenômenos em uma atitude anti-científica; isso produz, com razão, uma reação negativa por parte dos materialistas.

A atitude dos cientistas que possibilitou o surgimento do Espiritismo, foi admitir que não há distância alguma entre ciência e a investigação científica de uma instituição natural não material. A dúvida de que essa força existisse fora da matéria motivou os experimentos que, sob o crivo da razão atestaram sua veracidade autodenominada Espíritos.

Foi assim que surgiu o Espiritismo - “uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como suas relações com o mundo corporal” (KARDEC, 1996, p. 8). Oferecendo “uma concepção, uma interpretação das verdades e das leis universais baseada na experiência, na razão e no ensino dos Espíritos” (DENIS, 2010, p. 35). O Espiritismo não impõe os seus princípios, convida os interessados a conhecê-los a submeterem os seus ensinamentos ao crivo da razão antes de aceitá-los.

2.2 A História do Espiritismo

Surgiu do trabalho do bacharel em letras e ciências e doutor em medicina, o professor francês Denizard Hippolyte-Léon Rivail (1804-1869) pela investigação de fenômenos sobrenaturais que ocorriam em meados do século XIX - as mesas

¹² Materialismo-crença: Nesta atitude segue-se a crença materialista que considera apenas a existência de fenômenos físicos no universo não seguindo-se a uma atitude científica; esta seria caracterizada pelo materialismo científico onde considera por experimentos que a matéria é o que existe, mas não deve negar, enquanto ciência a realização de experimentos que possam vir a comprovar outros lados da existência que não a matéria como ela é conhecida (SETZER, 2008).

girantes. Ao inferir que comunicações inteligentes só poderiam vir de fonte inteligente, o Sr. Rivail passa a investigá-las.

Rivail era: “membro efetivo de doze associações culturais francesas, também foi autor de várias obras na área de educação” (2011), além das obras didáticas, ele também fazia contabilidade de casas comerciais.

Rivail não estava à procura de respostas em qualquer pesquisa, formulação teórica ou mesmo tentativa místico-religiosa. Sobriamente, seguia seu caminho de educador, com as convicções possíveis. Ao contrário, uma revelação o buscou, um fenômeno veio ao seu encontro, fazendo-o desviar o olhar e achar a resposta que queria, mas não havia buscado, e que a civilização ocidental desejava, mas não a aceitou até hoje (COLOMBO, 2001, p. 186).

Na biografia do educador francês, o escritor Henri Sausse conta que o professor não era um entusiasta dos fenômenos espíritas e que provavelmente abandonaria seus estudos e análises das mesas girantes se não fossem as

“solicitações dos Srs. Carlotti, René Taillandier, membro da Academia das Ciências, Tiedemam-Manthèse, Sardou, pai e filho, e Didier, editor, que acompanhavam havia cinco anos o estudo desses fenômenos e tinham reunidos cinquenta cadernos de comunicações diversas, que não conseguiam pôr em ordem (KARDEC apud SAUSSE, 2007, p. 19).

Após leitura atenta desse material, o professor ordenou as comunicações, suprimiu as repetições, assinalou as lacunas e anotou o que teria de ser esclarecido. A partir daí em sessões de comunicação com o invisível inteligente Denizard Rivail propunha as questões que se faziam necessárias para a completude de seu trabalho. Sempre com a cautela de comparar comunicações sem considerar ditos individuais e, para tal, foram utilizados mais de dez médiuns. Da comparação e da fusão de todas essas respostas, coordenadas e classificadas, em 18 de abril de 1857, a primeira edição de “*O Livro dos Espíritos*” apareceu; após o professor perceber que o conjunto das informações tinha a proporção de uma doutrina (KARDEC apud SAUSSE, 2007, p. 20-21).

Para representar-se como um estudioso do Espiritismo e escritor das obras dessa nova ciência, o professor Rivail resolve adotar, daí em diante, o nome que as Inteligências Extracorpóreas afirmaram utilizar em uma existência pregressa como um druida: Allan Kardec. Um importante motivo para essa mudança foi o fato de seu nome, Denizard-Hippolyte-Léon Rivail, ser bastante conhecido no meio científico podendo gerar confusão entre as suas obras didáticas já publicadas e as obras que comportam o conteúdo do Espiritismo (KARDEC apud SAUSSE, 2007, p. 21).

Vejamos a exata explanação da série progressiva dos fenômenos que originaram o Espiritismo contida em “O Livro dos Espíritos”:

O primeiro fato observado foi o da movimentação de objetos diversos. Designaram-no vulgarmente pelo nome de mesas girantes ou dança das mesas. Este fenômeno, que parece ter sido notado primeiramente na América, ou melhor, que se repetiu nesse país, porquanto a História prova que ele remonta a mais alta antigüidade, se produziu rodeado de circunstâncias estranhas, tais como ruídos insólitos, pancadas sem nenhuma causa ostensiva. Em seguida, propagou-se rapidamente pela Europa e pelas partes do mundo. A princípio quase que só encontrou incredulidade, porém, ao cabo de pouco tempo, a multiplicidade das experiências não mais permitiu que pusessem em dúvida a realidade (KARDEC, 2006, p. 20).

Como causa dos fenômenos pensou-se que poderiam ser a consequência da eletricidade dos corpos reunidos no local donde o fenômeno ocorria e os barulhos serem possível consequência de dilatação dos materiais ou alguma outra reação que o material poderia estar sofrendo. Tudo poderia caber em explicações puramente físicas e fisiológicas.

Mas os fatos iam se multiplicando. Os estudos não elucidavam as causas dos fenômenos. Estes não ocorriam pela vontade dos observadores e não correspondiam às suas expectativas. E Kardec (1857), inspirado em Galileu, pensava: “todavia, elas se movem!” (KARDEC, 2006, p. 22). Assim, pondera o professor: seria lícito negar os fatos por estes estarem fora da compreensão?

Aqueles que se dispuseram a estudar os fenômenos concluíram pela existência de uma intencionalidade inteligente que causava as movimentações e os barulhos. Estudos comprovaram que essa inteligência não era a inteligência do médium, tão pouco do somatório das inteligências daqueles que se reuniam no local, e nem do acesso às inteligências existentes na humanidade – três hipóteses levantadas à época e refutadas pela natureza dos fenômenos estudados. Com a hipótese mais plausível para os fenômenos, a de se haver uma intencionalidade inteligente individual e não humana causando os fenômenos, passou-se a uma metodologia para se investigar o que eram essas inteligências (KARDEC, 2006).

De início, aventavam-se perguntas e por meio das mesas (Figura 02), das quais um dos pés batia ao chão, e pelo número de pancadas respondiam sim ou não às perguntas. Assim, iniciou-se certo tipo de interação com a suposta causa dos fenômenos. O seguimento desse procedimento experimental foi se difundindo e se aprimorando (KARDEC, 2006).

Figura 02 - Exemplo de uma reunião de mesas girantes



Fonte: http://realidadeespirita.com.br/?page_id=45, visto em: 05/04/12.

Os experimentos para a verificação da hipótese de se haver uma causa inteligente extracorpórea continuaram, bem como as técnicas de comunicação foram se aprimorando. De pancadas que correspondiam a sim ou não ou a letras do alfabeto, criou-se a técnica do cesto com uma caneta, e depois o uso de prancheta (Figura 03), ou outra técnica que propiciasse o apoio de uma caneta e sua movimentação para executar a escrita (KARDEC, 2006).

Figura 03 - Exemplo de prancheta usada para comunicações dos fenômenos espíritas



Fonte: <http://espiritoperegrino.blogspot.com.br/2008/05/mesas-girantes-3.html>, visto em: 05/04/12.

Foi-se descobrindo também o papel de certas pessoas nesses fenômenos de comunicação. A cesta só era posta em movimento sob a influência de certas pessoas. O mesmo ocorria com a movimentação de certos objetos, como instrumentos musicais, por exemplo. Assim, esses indivíduos eram considerados os meios ou os intermediários entre as inteligências extracorpóreas e os humanos – por isso a denominação médiuns. Reconheceu-se, então:

que a cesta e a prancheta não eram, realmente, mais do que um apêndice da mão; e o médium, tomando diretamente do lápis, se pôs a escrever por um impulso involuntário e quase febril. Dessa maneira, as comunicações se tornaram mais rápidas, mais fáceis e mais completas (KARDEC, 2006, p. 26).

Mas a descoberta do papel do médium nesses fenômenos levanta outra questão: teria ele influência mecânica e moral em seus conteúdos? Se houvesse, o resultado do fenômeno nada mais seria que o estudo das ideias e habilidades daquele médium. Para evitar isso, observações e critérios teriam que ser tomados.

A influência mecânica do médium foi abordada, e comprovada como nula (ver anexo I), Kardec (1857) explica:

Duas circunstâncias capitais, que não escapariam a um observador atento, tornam possível resolver-se a questão. A primeira consiste no modo por que a cesta se move sob a influência do médium, apenas lhe impondo este os dedos sobre os bordos. O exame do fato demonstra a impossibilidade de o médium imprimir uma direção qualquer ao movimento daquele objeto. Essa impossibilidade se patenteia, sobretudo, quando duas ou três pessoas colocam juntamente as mãos sobre a cesta. Fora preciso entre elas uma concordância verdadeiramente fenomenal de movimentos. Fora preciso, demais, a concordância dos pensamentos, para que pudessem estar de acordo quanto à resposta a dar à questão formulada. Outro fato, não menos singular, ainda vem aumentar a dificuldade. É a mudança radical da caligrafia, conforme o Espírito que se manifesta, reproduzindo-se a de um determinado Espírito todas as vezes que ele volta a escrever. Fora necessário, pois que o médium se houvesse exercitado em dar à sua própria caligrafia vinte formas diferentes e, principalmente, que pudesse lembrar-se da que corresponde a tal ou tal Espírito. A segunda circunstância resulta da natureza mesma das respostas que, as mais das vezes, especialmente quando se ventilam questões abstratas e científicas, estão notoriamente fora do campo dos conhecimentos e, amiúde, do alcance intelectual do médium, que, além disso, como de ordinário sucede, não tem consciência do que se escreve debaixo da sua influência; que, freqüentemente, não entende ou não compreende a questão proposta, pois que esta o pode ser num idioma que ele desconheça [...]. Enfim, acontece muito escrever a cesta espontaneamente, sem que se haja feito pergunta alguma, sobre um assunto qualquer, inteiramente inesperado. Em certos casos, as respostas revelam tal cunho de sabedoria, de profundidade e de oportunidade; exprimem pensamentos tão elevados, tão sublimes, que não podem emanar senão de uma Inteligência superior, impregnada da mais pura moralidade (KARDEC, 2006, p. 26-27).

Os experimentos, suas características, suas repetições com os mesmos resultados, seus conteúdos mostrando a formação de uma nova ciência que explica diversos fenômenos da vida, e seu caráter filosófico, eram fatos que indicavam a necessidade de se compilar as novas descobertas. Kardec escreve assim sua primeira obra contendo tudo o que essas experimentações revelaram. Tanto por parte de sua fenomenologia, explicada sucintamente na introdução da obra, quanto pelo conteúdo advindo dos acontecimentos de comunicação.

Essa obra é *O Livro dos Espíritos*: princípios da doutrina espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da Humanidade - segundo os ensinamentos dados por Espíritos superiores com o concurso de diversos médiuns - recebidos e coordenados por Allan Kardec. Obra que, além da Introdução, dos Prolegômenos e da Conclusão final, se divide em quatro partes escritas em forma de perguntas e respostas, num total de 1019 perguntas. Sua primeira edição deu-se em 18 de abril de 1857.

Segundo Léon Denis (1919),

[...] esse livro é o resultado de um trabalho imenso de classificação, coordenação e eliminação, que teve por base milhões de comunicações, de mensagens, provenientes de origens diversas, desconhecidas umas das outras, mensagens obtidas em todos os pontos do mundo e que o eminente compilador reuniu depois de se ter certificado da sua autenticidade. Tendo o cuidado de pôr de parte as opiniões isoladas, os testemunhos suspeitos, conservou somente os pontos em que as afirmações eram concordes (DENIS, 2010, p. 40).

Foi assim que o Espiritismo foi constituído. E, utilizando o pseudônimo de Allan Kardec para que seu nome vinculado aos seus livros e trabalhos pedagógicos anteriores não interferissem em seus novos estudos, o professor produziu, do fruto de sua metodologia, os cinco livros que apresentam uma nova teoria explicativa da vida: “*O Livro dos Espíritos*” – 1857, “*O livro dos Médiuns*” – 1861, “*O Evangelho Segundo o Espiritismo*” – 1864, “*O Céu e o Inferno*” – 1865 e “*A Gênese*” – 1868. Fundou também a *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* (1858) e a “*Revista Espírita*”.

Concomitantes aos trabalhos de Allan Kardec, e devido à repercussão dos fenômenos, é certo dizer que desde meados do século XIX “houve uma onda de interesse por fenômenos mediúnicos que se espalhou pela Europa e América do Norte. Este movimento social é conhecido como 'Espiritualismo Moderno' (DOYLE,

1995; Brown, 1997)” (ALMEIDA, 2004). O Espiritismo é, assim, advindo do Espiritualismo Moderno que pela metodologia, didática e diligência de Kardec, foi o que mais se difundiu, propagando-se até hoje.

O conteúdo do Espiritismo teve continuidade em diversas obras. Além de obras escritas por estudiosos que o pesquisavam cientificamente e analisavam os trabalhos e comunicações mediúnicas como Léon Denis, Ernesto Bozzano, Gabriel Delanne, Alfred Russel Wallace, entre outros, surgiram as obras mediúnicas. Obras mediúnicas são aquelas que não têm a contribuição do estudo do escritor, servindo este apenas como médium para o Espírito – real escritor da obra. No entanto, sabemos pelo estudo da mediunidade que o papel do médium é fundamental para a confiabilidade da obra. Estas são consideradas válidas ao Espiritismo quando possuem consistência com o conteúdo que Kardec sistematizou e constitui como a teoria Espírita, bem como consistência com os saberes científicos oficiais.

Tem-se, portanto, como produção bibliográfica Espírita, livros que resultam de trabalhos científicos conjunto de Espíritos (homens e mulheres desencarnados) e almas (homens e mulheres encarnados) (KARDEC, 2006). Nesta pesquisa, as duas naturezas de produção bibliográfica são examinadas como fonte de dados e de fundamentação teórica conforme já descrito na metodologia utilizada para esta dissertação.

2.3 Espiritismo: Examinando seu conteúdo

“Toda ciência, disse um pensador, que não nos leva a amar é uma ciência estéril, traindo-se a si mesma” (Denis, 1982, p. 68).

Mostrado o aspecto puramente científico do Espiritismo. Adentramos no seu aspecto filosófico e científico. Filosófico, pois muito de seu conteúdo são conjecturas sobre a vida que as ciências não conseguem ainda comprovar. No entanto, alguns aspectos que antes eram filosóficos, com os avanços da física, química e biologia já podem começar a ser estudados cientificamente. Igualmente, seu conteúdo filosófico

foi elaborado com uma metodologia científica, como vimos acima, e, por isso, de conteúdo científico dialético.

Portanto, entendemos que o Espiritismo possui um aspecto científico peculiar. O fenômeno da comunicação mediúnicamente abre um campo investigativo científico próprio, bem como o seu conteúdo científico, filosófico, religioso resultado da comunicação advinda dos fenômenos mediúnicos, abre também outro campo de estudo. Temos, então, um duplo aspecto no Espiritismo: um puramente científico, citado acima e no Anexo I sobre os experimentos dos séculos XIX, XX e dos atuais, já no século XXI, bem como o seu aspecto contedístico, também denominado de Doutrina Espírita. Kardec (1857) sobre isso nos esclarece:

A ciência espírita compreende duas partes: experimental uma, relativa às manifestações em geral, filosófica, outra, relativa às manifestações inteligentes. Aquele que apenas haja observado a primeira se acha na posição de quem não conhecesse a Física senão por experiências recreativas, sem haver penetrado no âmago da ciência. A verdadeira Doutrina Espírita está no ensino que os Espíritos deram (KARDEC, 2006, p. 58).

O Espiritismo repousa na existência de um aspecto outro que somente a matéria, o denominado princípio inteligente do universo (PI) ou princípio espiritual. Traz-nos, portanto, a existência de duas forças universais: o elemento espiritual e o elemento material. É da interação de ambos que a vida se realiza (KARDEC, 2010, p. 13). Sendo que a palavra elemento é aqui trazida como algo que representa “parte constitutiva de um todo” (KARDEC, 2010, p. 31). Assim, o Espiritismo traz duas forças, mas não uma plena dualidade existencial. Ele entende a vida como um monismo constituído de elementos.

Poder-se-á alegar que o Espiritismo, por trazer o conceito de PI levará o ser humano a um descaso em relação à vida material e nada terá a ajudar na crise ambiental – uma crise que se vivencia no mundo da matéria adensada. Mas, em realidade, o Espiritismo bem estudado não permite esse descaso. Vejamos:

Primeiro, a vida da matéria adensada e a do mundo espiritual – em suas várias densidades e vibrações materiais – estão interligadas, tudo na vida é parte de uma unicidade, assim, há em tudo relevância, utilidade e propósito.

Segundo, a compreensão da evolução do PI nos diversos Reinos e estágios de vida orgânica, como veremos mais detalhadamente a seguir, dará ao estudioso

do Espiritismo um maior respeito a todas as formas de vida e ao meio ambiente em geral.

Ambos os aspectos dão ao estudioso um enorme apreço pela vida da matéria adensada por sabê-la condição necessária à experimentação dos comportamentos compatíveis com estados de felicidade do mundo espiritual. Esse apreço levará ao cuidado e o cuidado levará a uma maior harmonia aplacando a crise ambiental.

Vamos agora nos aprofundar na descrição, avaliação e comparação do seu conteúdo científico e filosófico relevantes à compreensão e resolução da crise ambiental.

2.3.1 Conceitos

“Os Espíritos exercem incessante ação sobre o mundo [...]. Atuam sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das potências da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até então inexplicados ou mal explicados” (KARDEC, 2006, p. 32).

Toda a ciência e filosofia que o Espiritismo contempla só puderam ser construídas pela existência de médiuns - termo cunhado por Allan Kardec, que tem origem no latim *medium* que significa meio ou intermediário. Os médiuns são os que servem de intermediários entre as inteligências imateriais (denominadas de Espíritos) e os humanos. A faculdade dos médiuns é a mediunidade. Esta possui diversos graus e é inerente ao ser, uma vez que a comunicação com os Espíritos se dá tanto pelo pensamento regular de todos nós quanto pela manifestação perceptível de alguns, que são os chamados médiuns ostensivos, ou para simplificar, médiuns. Portanto, em geral, quando se fala de médium refere-se a essa última categoria a qual depende de uma predisposição orgânica e tem base

biológica, manifestando-se de acordo com as propensões; daí existirem os diversos tipos de médiuns (ALMEIDA, 2004, p. 17 e 18).

Todos os fenômenos espíritas trazidos a nós por meio dos médiuns revelaram uma força da Natureza desconhecida até então. O estudo desses fenômenos revelou a existência de inteligências extracorpóreas. Essas inteligências se autodenominam de Espíritos (KARDEC, 2006, p. 25 e 538).

O Espiritismo repousa na existência de um princípio outro que não o material, sendo uma força natural que pode ser independente da matéria adensada e que sobrevive à desagregação material dos corpos. Nesse fato reside a grande distinção que o Espiritismo traz para explicar a vida e seus fenômenos, ou seja, comprovou e admitiu a existência do chamado princípio espiritual, ou princípio inteligente (PI).

Além deste, há o óbvio reconhecimento da matéria, denominando-a de princípio material (PM) ou fluido universal ou elemento material. Com isso, o Espiritismo tem como norma a existência de dois princípios naturais: o material e o inteligente.

Vamos apresentar o que representam esses conceitos.

Fluido Universal e Princípio Material (PM)

É material, mas representa uma matéria mais perfeita, mais sutil:

[...] desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita [...]. Embora, de certo ponto de vista, seja lícito classificá-lo como elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais. [...] está colocado entre o espírito e a matéria [tangível]; é fluido, como a matéria é matéria, e suscetível, pelas suas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do espírito, de produzir a infinita variedade das coisas [...]. Esse fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o espírito se utiliza, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá (KARDEC, 2006, p. 75).

Para os conhecimentos científicos da época essa foi a explicação possível para o conceito de fluido universal e matéria. Hoje, com as descobertas da física quântica, podemos entender que a matéria subdivide-se cada vez mais ganhando novos conceitos.

O fluido universal é de onde surge a matéria. Mas sendo matéria algo ponderável, desejoso é que se faça a distinção de ambos, sem que isso origine dois princípios distintos. Vejamos com o estudioso Jacob Melo descreve esse princípio:

O fluido universal, como elemento cosmogônico básico, verdadeira primeira fonte, assomando a característica de matriz funcional do grande campo criador do universo material, com seus universos macros e micros, visíveis e invisíveis, densos e tênues, criados e por criarem-se, irrompe conceitualmente como a unidade criacionista das forças, a síntese das energias, o plano e o antiplano da matéria (MELO,2012).

Em maiores detalhes sobre a constituição material da Natureza (ponderável ou não), o estudo do Espiritismo nos fornece as seguintes revelações:

- A matéria cósmica primitiva é a decorrência do fluido universal (MELO, 2012). É simples e una. Nos materiais que conhecemos aparece diversificada pelas suas propriedades inerentes. Quando está animada forma os corpos. Materiais e corpos desconstituídos voltam para a forma primitiva (KARDEC, 2010, p. 127).
- A matéria cósmica primitiva “representa o estado mais simples da matéria; sua sutileza é tal que escapa a toda análise. E, entretanto, desse fluido procedem, mediante condensações graduais, todos os corpos sólidos e pesados que constituem a base da matéria terrestre” (DENIS, 1919, p. 207).
- “A matéria, sob sua forma primitiva, ocupa a extensão infinita. Ela existe em todos os graus de rarefação, desde o estado inicial ao de materialidade visível e ponderável” (DELLANE, 1897, Cap. VI, A evolução Cósmica). “A pureza absoluta, da qual nada nos pode dar idéia, é o ponto de partida do fluido universal; o ponto oposto é o em que ele se transforma em matéria tangível. Entre esses dois extremos, dão-se inúmeras transformações” (KARDEC, 2010, p. 316).
- “No estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme; sem deixar de ser etéreo, sofre modificações tão variadas em gênero e mais numerosas talvez do que no estado de matéria tangível. Essas modificações constituem fluidos distintos que, embora procedentes do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais e dão lugar aos fenômenos peculiares ao mundo invisível” (KARDEC, 2010, p. 315).
- A mesma matéria primitiva pode experimentar todas as modificações e adquirir todas as propriedades – “tudo está em tudo”. Essas propriedades “são modificações que as moléculas elementares sofrem, por efeito da sua união, em certas circunstâncias” (KARDEC, 2006, p. 77).

- As forças e propriedades do fluido são eternas e universais. “Sendo inerentes ao fluido cósmico, elas atuam necessariamente em tudo e em toda parte, modificando suas ações pela simultaneidade ou pela sucessividade, predominando aqui, apagando-se ali, pujantes e ativas em certos pontos, latentes ou ocultas noutros, [...] governando os maravilhosos trabalhos da Natureza, onde quer que eles se executem” (KARDEC, 2010, p. 131).
- A matéria cósmica primitiva é a geradora dos mundos e dos seres, sendo-lhe inerentes as forças que presidem suas metamorfoses. Essas forças são “as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo” (gravidade, coesão, afinidade, atração, magnetismo, eletricidade, som, calor, luz, vitalidade etc.). É da matéria cósmica primitiva que a Natureza “há tirado todas as coisas” (KARDEC, 2010, p. 129,135-136).
- “Tendo por elemento primitivo o fluido cósmico etéreo, à matéria tangível há de ser possível, desagregando-se, voltar ao estado de eterização, do mesmo modo que o diamante, o mais duro dos corpos, pode volatilizar-se em gás impalpável. Na realidade, a solidificação da matéria não é mais do que um estado transitório do fluido universal, que pode volver ao seu estado primitivo, quando deixam de existir as condições de coesão” (KARDEC, 2010, p. 314).

Sendo uma única substância simples a geradora de todos os corpos, mas que se diversifica por leis universais também únicas, e que igualmente se diversificam em seus efeitos, entende-se que o brasão universal é a “unidade-variedade” (KARDEC, 2010, p. 130).

Sobre unidade e variedade a obra de Kardec (2010, p. 38) ainda vem nos elucidar que, na sua imensidade, as leis da Natureza se diversificam e, se a unidade é a grande expressão do Universo, a variedade infinita é igualmente seu eterno atributo.

Por fim, sobre o princípio material do universo, citamos:

A matéria cósmica primitiva continha os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que estadeiam suas magnificências diante da eternidade. Ela é a mãe fecunda de todas as coisas, a primeira avó e, sobretudo, a eterna geratriz. Absolutamente não desapareceu essa substância donde provêm as esferas siderais; não morreu essa potência, pois que ainda, incessantemente, dá à luz novas criações e incessantemente recebe, reconstituídos, os princípios dos mundos que se apagam do livro eterno (KARDEC, 2010, p. 135).

A física de partículas é o campo apropriado para o estudo dessas questões, e com as suas descobertas o entendimento desses conceitos, revelados em meados do século XIX, vai se fazendo mais claro. Já temos o conhecimento das partículas subatômicas: léptons e quarks, constituindo mésons, hádrons (prótons e nêutrons, por exemplo), bárions, elétrons, úons, taus e neutrinos. Bem como das partículas virtuais fótons, glúons, partículas W e Z e grávitons, além dos bósons. Nos é trazido o conceito da matéria escura e da energia escura, e também sabemos a complexidade da compreensão da matéria vista no Modelo Padrão da Física de Partículas - teoria vigente que busca explicar as partículas elementares da matéria e suas interações (MOREIRA, 2009). Desses estudos muito mais ainda será apresentado como definição para matéria e nos ajudará na compreensão da realidade.

A física quântica nos informa que as partículas que formam a realidade material, assim o fazem, de acordo com nossa observação. A Interpretação de Copenhague, explanação mais comum da Mecânica Quântica desenvolvida por Niels Bohr e Werner Heisenberg, defende que é a observação que provoca o colapso da função de onda de um estado que permite originalmente muitas possibilidades. É a observação, ou o processo de medição, que modifica instantaneamente a função de onda refletindo a escolha (WIKIPEDIA, 2012). Portanto, além da crescente complexidade da compreensão da matéria, há o surgimento da inteligência como formadora da realidade.

Para Werner Heisenberg (1901-1976), ganhador do Prêmio Nobel em 1931 (apud SANT'ANNA, 1980, p. 19):

[...] os átomos não são coisas. [...] Uma vez chegados ao nível atômico, o mundo objetivo do espaço e do tempo deixa de existir e os símbolos matemáticos da Física teórica referem-se meramente a possibilidades, não a fatos.

Segundo Koestler (1905-1983) da Universidade de Copenhague e detentor do Prêmio Sonning (apud SANT'ANNA, 1980, p. 23):

Todo um coro de laureados do Prêmio Nobel de Física ergue a sua voz para nos anunciar a morte da matéria... [...] Já é tempo de aprendermos as lições da ciência pós-mecanicista do século XX e de nos livrarmos da camisa-de-força que o materialismo do século XIX impôs aos nossos conceitos filosóficos.

Sir James Jeans em suas “Conferências de Rede” expõe sua visão pessoal sobre como o Universo funcionaria, uma vez que a mecânica quântica começa a trazer novos conceitos sobre a realidade (apud SANT’ANNA, 1980, p. 20):

Hoje em dia acredita-se geralmente — e entre os físicos quase unanimemente — que a corrente do conhecimento nos leva a uma realidade não-mecânica; o universo começa a parecer mais um grande pensamento do que uma grande máquina.

Ampliando o pensamento de Jeans, Sir Arthur Eddington no livro “A Natureza do Mundo Físico” (1928) conclui: “A matéria-prima do universo é o espírito” (apud SANT’ANNA, 1980, p. 20).

Sobre essa questão V. A. Firsoff – astrônomo, sugere a hipótese da existência de “partículas elementares do material espiritual” (chamadas de “mindons”). Para ele, o estudo das partículas/ondas subatômicas pode nos possibilitar estudos para a compreensão da possibilidade de se haver deslocamentos mais rápidos que os da velocidade da luz tendo seu tempo diferente. Diz-nos o pesquisador (apud SANT’ANNA, 1980, p. 20):

[...] o mindon não tem local definido no que podemos chamar de espaço físico, ou melhor, gravieletromagnético; sob esse aspecto lembram o neutrino ou, mesmo, um elétron rápido. Isto já sugere um tipo diferente de espaço mental, regido por leis diferentes, o que vem a ser corroborado pelas experiências parapsicológicas feitas na Universidade Duke e alhures. [...] Parece [...] que esta espécie de percepção envolve uma interação mental, sujeita a leis próprias, definindo um tipo diferente de espaço-tempo.

Apesar da matéria ainda imperar vastamente no mundo dos estudos científicos, existem os apontamentos de cientistas que vislumbram além dos conceitos do PM, nos indicando que a realidade é dada pelas consciências, pensamentos ou espíritos. O Espiritismo chama isso de Princípio Espiritual, ou Princípio Inteligente (PI).

Princípio Inteligente (PI) ou Princípio Espiritual

Sobre o PI, o Espiritismo nos fornece as seguintes definições:

- “É o princípio inteligente do Universo” (KARDEC, 2006, p. 74).
- É o elemento constitutivo dos espíritos, Espíritos ou almas (DELLANE, 1897, Introdução).
- A inteligência é seu atributo essencial (KARDEC, 2006, p. 74).
- É inseparável do fluido universal (DELLANE, 1897, Introdução).

- “É mediante uma evolução ininterrupta, a partir das formas de vida mais rudimentares, até à condição humana, que o princípio pensante conquista, lentamente, a sua individualidade” (DELLANE, 1897, Introdução). O que dará origem aos Espíritos.
- O princípio inteligente tem no princípio material o instrumento para desenvolver suas qualidades latentes e faculdades. A matéria dá forma ao espírito e este dela se serve para exercer sua ação. A matéria é também o “obstáculo útil” para o Espírito. Ao provocar nele o esforço pela imposição das necessidades que o levam a trabalhar, desenvolve a vontade e a ascensão dos seres (DENIS, 2010, p. 163).

A matéria não organiza, é organizada. E não representa senão uma modalidade da energia esparsa no Universo. Os seus elementos não fazem outra coisa senão submeter-se às injunções do Espírito; e é a soberana influência deste último que elucida todos os problemas intrincados dos seres e dos destinos (XAVIER, 1938, p. 65).

Aristóteles também afirmava que a matéria apenas existe como potencialidade e apenas por meio da forma que o real torna-se concreto (CAPRA, 2003, p. 34). Sobre isso Fritjof Capra (2003, p. 77) nos diz: reconhecemos que em última instância todos os organismos são feitos de átomos, mas que existe “alguma coisa a mais na vida, alguma coisa não-material e irreduzível – um padrão de organização”.

Trazemos uma frase de Lynn Margulis (1990, p. 66) que também nos suscita a existência de uma inteligência estruturando a vida: “Em certo sentido, a essência da vida é uma espécie de memória, a preservação física do passado no presente”. Também Lovelock (2001, p. 152) reconhece que há na Natureza inteligência. Maturana e Varela dizem que “viver é conhecer” (apud CAPRA, 2003, p. 211). Também em Harding (2008, p. 108-109) encontramos eco para a inteligência: “não podemos mais tratar a matéria com desrespeito, porque ela é, afinal, em certo sentido, senciente, em virtude de ter uma ação criativa e uma aptidão para a experiência”.

A teoria de Gaia de Lovelock nos traz igualmente a perspectiva de inteligência dos seres e também do planeta (LOVELOCK, 2001, p. 152):

“A inteligência é uma propriedade dos sistemas vivos e diz respeito à capacidade de responder corretamente a perguntas”. Há os processos inteligentes automáticos que representa a grande parte das operações de rotina da homeostase dos seres. Mas há também que se admitir outra forma

de inteligência que interprete corretamente as informações recebidas do ambiente. “Para dar respostas a certas perguntas simples como: Está demasiado quente? Ou: Há ar suficiente para respirar? É preciso a inteligência. [...] Se Gaia existe, então está sem dúvida dotada de inteligência.

Vemos assim, por traz de tudo isso, a ideia de inteligência surgindo nas ciências que estudam as vidas orgânicas. No entanto, é necessário reconhecer que o materialismo é ainda a visão que norteia os estudos dessa inteligência.

Sobre um possível entendimento do que seja a inteligência a parte da matéria, o físico Goswami (2005, p. 19) reflete:

Mas, se nós mesmos nada somos senão possibilidades materiais, como nossa observação pode reduzir ondas de possibilidade? A interação de possibilidade com possibilidade só gera possibilidades mais complexas, nunca uma realidade. Assim, se só existisse a causação ascendente no mundo, o colapso quântico seria um paradoxo. [...] a causação ascendente só é capaz de produzir ondas materiais de possibilidade para a escolha da consciência (não material), e a consciência tem o poder supremo, chamado de causação descendente, de criar a realidade manifestada por meio da livre escolha dentre as possibilidades oferecidas. [...] A consciência não é mais vista como um epifenômeno do cérebro, mas como a base da existência, na qual todas as possibilidades materiais, inclusive o cérebro, estão incrustadas.

Considerando inteligência distinta da matéria, Goswami (2005, p. 10,16) assume a dificuldade científica em se trabalhar com a dualidade na Natureza e propõe ao invés do monismo da matéria, o seguinte:

[...] proponho um novo paradigma científico para a natureza da realidade, uma ciência baseada no primado da consciência [...]. Todo o mundo da experiência, inclusive a matéria, é a manifestação material de formas transcendentais de consciência. [...] Materialismo é metafísica pura; não há outro modo de constatar objetivamente que tudo, inclusive a mente e a consciência, surge da matéria.

Em realidade, o Espiritismo, apesar de apresentar duas forças naturais, também aponta para um monismo. Pois, como vimos acima, afirma que PI é inseparável do fluido universal e que a matéria só apresenta suas propriedades pela ação do PI. É também o que nos esclarece Teilhard de Chardin (“*Le Phénomène Humain*”, escrita entre 1938 e 1940, apud ANDRÉA, 1995, p. 77):

Sem dúvida alguma, a energia material e a energia espiritual sustentam-se mutuamente e prolongam-se por meio de qualquer coisa. Bem no fundo, de qualquer maneira, não deve haver, a atuar no Mundo, senão uma só e única Energia.

Conhecidos os conceitos das duas forças naturais que constituem a Natureza segundo o Espiritismo, apresentamos aqui mais uma modificação da matéria

universal que nos importa conhecer para entendermos a natureza da vida, principalmente para estudiosos da vida orgânica no âmbito dos saberes ambientais.

O Princípio Material (PM) compõe os corpos inorgânicos e orgânicos. Suas composições são similares e são convidados a se constituírem pelas mesmas forças, ou lei de atração, bem como a matéria que os compõe é a mesma.

No entanto, segundo o Espiritismo, há nos seres vivos um princípio natural que tem origem no fluido cósmico universal e animaliza a matéria, é o chamado princípio vital (XAVIER, 1938, p. 61):

[...] força inerente aos corpos organizados, que mantém coesas as personalidades celulares, sustentando-se dentro das particularidades de cada órgão, presidindo aos fenômenos partenogenéticos de sua evolução, substituindo, através da segmentação, quantas delas se consomem nas secreções glandulares, no trabalho mantenedor da atividade orgânica. [...] essência fundamental que regula a existência das células vivas, e no qual elas se banham constantemente, encontrando assim a sua necessária nutrição, [...] operando os atos nutritivos de todas as moléculas.

Ele é também chamado de fluido magnético ou fluido elétrico animalizado e compõe o elo existente entre o Espírito e a matéria. Este é efeito e causa da vida. Causa, pois age sobre a matéria animalizando-a, e efeito, porque não existe donde não há a matéria animalizada. Vejamos um pouco mais como ele opera (KARDEC, 2006, p 93):

O conjunto dos órgãos constitui uma espécie de mecanismo que recebe impulsão da atividade íntima ou princípio vital que entre eles existe. Ao mesmo tempo que o agente vital dá impulsão aos órgãos, a ação destes entretém e desenvolve a atividade daquele agente, quase como sucede com o atrito, que desenvolve o calor.

Assim, para o Espiritismo, as formas da vida podem ser descritas do seguinte modo (KARDEC, 2006, p. 96):

1º, os seres inanimados, constituídos só de matéria, sem vitalidade nem inteligência: são os corpos brutos; 2º, os seres animados que não pensam, formados de matéria e dotados de vitalidade, porém, destituídos de inteligência; 3º, os seres animados pensantes, formados de matéria, dotados de vitalidade e tendo a mais um princípio inteligente que lhes outorga a faculdade de pensar.

Aprofundando a formulação de uma descrição dos seres vivos pelo Espiritismo, trazemos o instinto. Isso porque os seres vivos também possuem instinto, definido como uma “inteligência sem raciocínio”; por ele é que “os seres provêm as suas necessidades” (KARDEC, 2006, p. 96).

O instinto é guia seguro e suas manifestações são espontâneas, não há nos atos instintivos reflexão, premeditação nem combinação. É a “força oculta que solicita os seres orgânicos a atos espontâneos e involuntários, tendo em vista a conservação deles” (KARDEC, 2010, p. 89).

Já a inteligência: “É uma faculdade própria de cada ser e constitui sua individualidade moral” (KARDEC, 2006, p. 69). É por ela que os seres vivos fazem escolhas, realizam combinações, planejam; é nela que se encontra a liberdade. “A inteligência se revela por atos voluntários, refletidos, premeditados, combinados, de acordo com a oportunidade das circunstâncias” (KARDEC, 2010, p. 90).

Todo ato maquinal é instintivo; o ato que denota reflexão, combinação, deliberação é inteligente. Um é livre, o outro não o é. O instinto é guia seguro, que nunca se engana; a inteligência, pelo simples fato de ser livre, está, por vezes, sujeita a errar. [...] Tanto mais ativa é essa solicitude, quanto menos recursos tem o indivíduo em si mesmo e na sua inteligência. Por isso é que ela se mostra maior e mais absoluta nos animais e nos seres inferiores, do que no homem (KARDEC, 2010, p. 90, 93).

Inteligência e instinto convivem no ser, mesmo com o desenvolvimento da inteligência o instinto permanece, revelando-se, em geral, simultaneamente no mesmo ato (KARDEC, 2010, p. 91): “a impulsão involuntária do movimento é o ato instintivo; a calculada direção do movimento é o ato inteligente”.

Trazemos por fim a seguinte citação sobre o instinto que nos auxilia na contextualização da organização da vida orgânica (KARDEC, 2010, p. 93):

A uniformidade no que resulta das faculdades instintivas é um fato característico, que forçosamente implica a unidade da causa. Se a causa fosse inerente a cada individualidade, haveria tantas variedades de instintos quantos fossem os indivíduos, desde a planta até o homem.

O instinto é, portanto, uma inteligência intrínseca de cada ser, de cada organismo, representando o guia seguro que garante a vida dos seres, mas ao mesmo tempo é uma seguindo leis naturais que a todos igualmente guiam e submetem os seres.

A caracterização dos seres vivos é para as ciências um desafio e vem requerendo a integração de vários conceitos (CAPRA, 2003).

Os seres vivos são hoje caracterizados pelas ciências como capazes da autopoiese, ou seja, “autocriação” (CAPRA, 2003, p. 88). “Para estar viva, uma entidade tem de ser em primeiro lugar autopoietica, isto é, deverá conservar-se de maneira ativa face às contingências do mundo” (MARGULIS, 1990, p. 58).

Autopoiese está nos processos, ou seja, no desencadeamento de operações que organismo vivo realiza (CAPRA, 2003, p. 135).

Para Capra (2003, p. 90) uma teoria dos sistemas vivos pode ser a que contemple a explicação da estrutura orgânica explicada pela lei de entropia de Prigogine, bem como a explicação de organização trazida por Eigen e Maturana-Varela que é a autopoiese. Lembrando ele que há nos seres complexidades de estrutura e organização que nenhuma teoria única conseguiu abarcar. Os conceitos de princípio vital, PM e PI e a contextualização de instinto e inteligência podem ajudar na tão desejada teoria dos seres vivos que as ciências vêm buscando.

Com os ensinamentos do Espiritismo o conceito de ser vivo admite a alta complexidade destes. Como vimos, os seres vivos são constituídos de corpo material com constituição idêntica aos dos corpos inorgânicos, possuem o princípio vital que anima o corpo, tornando-o um organismo vivo que possui inteligência, tanto maquinal ou instintiva, como raciocinada - que se amplia conforme o ser for evoluindo. A matéria e o princípio vital (matéria também) seguem as leis naturais da matéria, enquanto a inteligência segue as leis naturais morais. Assim, tudo caminha embasado de propósitos e orientações comuns.

Vimos que as ciências estão trazendo pelas teorias dos seres vivos operações além das tradicionais concebidas pela química e pela física. Estas podem ser estudadas à luz dos conceitos de princípio vital, instinto e inteligência, e assim, possibilitar avanços teóricos no nosso entendimento.

É esse tipo de relação que esta dissertação procurar estimular. Os conceitos de matéria - cuja fonte é o fluido universal, dos corpos animalizados - tendo um princípio vital animalizando-os, e do princípio inteligente - agregando sentido, propósito e intenção a eles, que explicam fenômenos que a vida nos mostra. Mas principalmente abrem portas para novas descobertas científicas que poderão avançar no que o Espiritismo nos define.

Adentremos agora na evolução da inteligência, uma vez que esse conceito é uma das principais novidades que o Espiritismo agrega às ciências tradicionais. Segundo o Espiritismo, o espírito precisa da matéria para evoluir (DENIS, 2010, p. 163). A evolução da inteligência é a sua conscientização e os aprendizados que vai adquirindo ao longo dos processos evolutivos.

Maturana (2005, p. 61) reconhece que o ser humano aprende com o corpo. Para ele (2005, p. 60), o aprender humano está na transformação da corporalidade, com isso, assume uma ligação entre aprendizado e matéria. Ele considera que essa transformação modifica o meio, ou seja, o meio muda junto com o organismo que nele está. Assim, inteligência, matéria e meio, todos relacionados, seguem na indefectível marcha evolutiva.

Para compreendermos a evolução da vida na Terra, o Espiritismo valida a divisão da Natureza em seres orgânicos e inorgânicos, ressaltando, no entanto, que essa é a divisão do ponto de vista material. Na perspectiva moral, ou seja, do ponto de vista do desenvolvimento das qualidades plenas do espírito, ou do princípio inteligente, considera que há quatro graus, como explica Kardec (1857) no texto a seguir:

Esses quatro graus apresentam, com efeito, caracteres determinados, muito embora pareçam confundir-se nos seus limites extremos. A matéria inerte, que constitui o reino mineral, só tem em si uma força mecânica. As plantas, ainda que compostas de matéria inerte, são dotadas de vitalidade. Os animais, também compostos de matéria inerte e igualmente dotados de vitalidade, possuem, além disso, uma espécie de inteligência instintiva, limitada, e a consciência de sua existência e de suas individualidades. O homem, tendo tudo o que há nas plantas e nos animais, [...] [possui] [...] uma inteligência especial, indefinida, que lhe dá a consciência do seu futuro, a percepção das coisas extramateriais (KARDEC, 2006, p. 327).

Segundo Léon Denis (1919):

Nessa cadeia, cada elo representa uma forma de existência que conduz a uma forma superior, a um organismo mais rico, mais bem adaptado às necessidades, às manifestações crescentes da vida. Mas, na escala da evolução, o pensamento, a consciência e a liberdade aparecem apenas depois de muitos degraus. Na planta, a inteligência fica adormecida; no animal, ela sonha; apenas no homem ela acorda, conhece-se, possui-se e torna-se consciente. A partir daí o progresso, de alguma sorte fatal nas formas inferiores da natureza, só pode realizar-se pelo acordo da vontade humana com as leis eternas (DENIS, 2010, p. 166).

O Espiritismo nos indica uma clara gradação evolutiva da Natureza, reconhecendo, no entanto, que nos extremos evolutivos as características se confundem, explicitando também as distinções do grau de evolução da inteligência nos humanos. Muito ainda há para descobrirmos e estudarmos, mas o reconhecimento do Princípio Inteligente já nos abre uma nova perspectiva sobre a Natureza.

Em uma de suas obras, Ernesto Bozzano (1905, p. 173) diz:

Certamente uma das melhores definições inteligíveis a respeito da natureza íntima dos processos evolutivos nas individualidades vivas foi transmitida

por via mediúnica a Lady Cathness e incluída em seu livro *Old Truth in a New Light*. Conquanto esta senhora fosse inglesa, a definição lhe foi inspirada em francês; eu a reproduzo fielmente: O gás se mineraliza, o mineral se vegetaliza, o vegetal se animaliza, o animal se humaniza, o homem se diviniza.

Lynn Margulis (1990, p. 25) em seus estudos também nos traz sua visão para a gradação evolutiva da vida: “A nossa capacidade de inteligência e a tecnologia de que dispomos não nos pertencem especificamente, mas sim à totalidade da vida”. Afirma assim, do seu ponto de vista, que a inteligência humana é fruto do processo evolutivo, o qual, para ela, vem da bactéria evoluindo por meio da simbiose dos seres, até o surgimento de seres mais complexos.

A visão de gradação e acúmulo tanto de Lynn Margulis quanto do Espiritismo convergem. No entanto, este afirma que é por meio da evolução do PI, a intelectualizar a matéria e os corpos, que o resultado da evolução que vivenciamos ocorre (KARDEC, 2006).

Stephan Harding (2008, p. 107) admite já no átomo haver muito do que há no humano. “Os átomos não são entidades mortas, mecânicas; são seres participativos com características aparentadas às nossas, embora as dos átomos sejam muito mais consistentes que a natureza humana”. Parece, então, que nos átomos há algo que os torna “vivos”, segundo o autor.

Assim, as teorias nos indicam que todas as coisas têm seu princípio inteligente próprio. Segundo o Espiritismo, esse PI vai galgando a escada dos corpos aprendendo e avançando evolutivamente, até a sua individualização em Espírito, quando adquire plena consciência e a partir daí deve empregar a vontade para evoluir (KARDEC, 2006).

Na obra de Harding (2008, p. 198) encontramos que nas bactérias nasceram muitos dos mecanismos que os demais seres vivos hoje continuam utilizando. Foram elas que “inventaram as principais técnicas para extrair e estocar a energia necessária à vida e para capturar nutrientes”; inventaram a fotossíntese e também a fermentação.

Sobre evolução diz este autor: “deve haver uma transição sem brechas dessa sensibilidade bacteriana para a nossa pois, [...] nossas próprias células são associações de bactérias, outrora vivendo em liberdade” (HARDING, 2008, p. 198). Indica, assim, que a gradação do que as bactérias aprenderam a fazer e criaram

continua em nós. Essa visão é concordante com a do Espiritismo quando traz a caminhada contínua do espírito a aprender desde o Reino Mineral até o ser humano.

Segundo Gabriel Dellane (1897, A gradação dos seres):

O agente imortal que anima todos os seres é sempre uno e único. De início, manifestando-se sob as mais rudimentares formas, nos últimos estádios da vida vai, contudo, aperfeiçoando-se pouco a pouco, ao mesmo passo que se eleva na escala dos seres. Nessa longa evolução, desenvolve as faculdades latentes.

É dessa forma, em cada reino da Natureza, que o princípio inteligente vai aprendendo e automatizando seu aprendizado gravando-o na inteligência até que este esteja apto a individualizar-se num ser consciente.

No Reino Mineral aprende os princípios físicos e químicos da constituição de um corpo. Após longo tempo aprendendo os segredos da constituição inorgânica está pronto para vislumbrar novos aprendizados. Estagiará, então, nos seres vivos onde os aprendizados da sobrevivência se instalam. Aqui as expressões se alargam desde os seres mais simples até as características mais complexas da escala evolutiva dos seres vivos.

Sobre a evolução do PI trazemos enfim a seguinte citação de “O Livro dos Espíritos”:

Tudo em a Natureza se encadeia por elos que ainda não podeis apreender. Assim, as coisas aparentemente mais díspares têm pontos de contacto que o homem, no seu estado atual, nunca chegará a compreender. Por um esforço da inteligência poderá entrevê-los; mas, somente quando essa inteligência estiver no máximo grau de desenvolvimento [...] logrará ver claro [...]. Até lá, suas muito restritas idéias lhe farão observar as coisas por um mesquinho e acanhado prisma. Sabei [...] que, na Natureza, tudo se harmoniza mediante leis gerais (KARDEC, 2006, p. 334).

Assim, a exata explicação dos fatos ainda está ausente, mas pela afirmação de que a Natureza opera por leis gerais e dos conhecimentos científicos que temos na atualidade sobre evolução, bem como do que o Espiritismo nos revela, podemos concluir que a evolução se processa indefinidamente, sem saltos, sem jamais estacionar e ocorre pelo PI – fatos que podemos ir constando cientificamente ao voltarmos nossos estudos a essas questões.

Mas o que exatamente nós seres humanos representamos nessa senda evolutiva da vida? Responde-nos Léon Denis (1919): “A embriogenia mostra que o homem é a síntese de todas as formas vivas que o precederam, o último elo da

longa cadeia de vidas inferiores que se desenrola no decorrer dos tempos” (DENIS, 2010, p. 167).

No entanto, Denis também nos lembra que essa é apenas uma das questões da natureza humana: o aspecto exterior. Diz-nos ele que a evolução física “é uma simples preparação para a evolução psíquica” (DENIS, 2010, p. 168). Trazendo a teoria da complexidade de Morin, em verdade, podemos dizer que o psíquico ou espiritual e o físico coevoluem. Enquanto o físico possibilita a evolução espiritual, esta acarretará uma evolução física, uma vez que é a inteligência que dirige a matéria. Assim, vemos que o pensamento linear, que Morin combate, no Espiritismo não deve realmente ser aplicado.

Sobre a natureza humana o físico Amit Goswami (2005, p. 118) escreve:

E quem somos? No nível mais óbvio, naturalmente, identificamo-nos com o nosso ego. Mas nossa criatividade, nossas experiências amorosas, momentos em que tomamos profundas decisões morais, dão-nos um vislumbre de quem talvez sejamos em um nível mais profundo — o si mesmo quântico. Em algum ponto de nosso desenvolvimento, também começamos a suspeitar que nunca realizaremos plenamente nosso potencial criativo ou nosso potencial para sermos perfeitamente felizes, ou desenvolvermos nossa capacidade de amar incondicionalmente outra pessoa, enquanto nos identificarmos com o ego. Nesse ponto, começamos a jornada espiritual rumo à transferência de nossa identidade.

Assevera-nos Kardec (2006, p. 335-336), que o ser humano possui uma natureza dupla, ou seja, a natureza animal e a espiritual. A animal provém do corpo, por meio da inteligência automatizada e do instinto; a espiritual provém da alma que participa da realidade espiritual. É dessa valorização da identidade espiritual que Goswami nos convida na sua afirmação acima.

Sem transições bruscas na senda evolutiva, o humano emerge trazendo os anéis de ligação com a cadeia dos seres e acontecimentos, mas estes vestígios vão se apagando com o desenvolvimento da consciência que leva a uma maior liberdade e uma maior responsabilidade (KARDEC, 2006, p. 338). Assim, a evolução do PI vai ocorrendo: nos reinos inferiores, o instinto impera; no hominal, a evolução vai se dando em acordo com a vontade imprimida para a evolução na utilização do grau de liberdade que sua inteligência lhe proporciona e que se expande com a ampliação desta.

O ser humano, pela natureza de sua formação espiritual, é considerado um Reino da Natureza à parte pelo Espiritismo (DENIS, 1982, p. 36,65): o Reino

Hominal. Apesar de ser um “resumo vivo dos reinos que o precederam” ele é único na Natureza. Pela consciência que possui de si mesmo, pela capacidade que possui de vislumbrar a grandiosidade da vida, pela capacidade da transcendência. O ser humano “resume em si todas as vidas dos diversos reinos da Natureza; as do mineral, da planta, do animal, e as completa pela consciência e pela liberdade. A vida humana é o fenômeno consciente da natureza”.

Maturana e Capra concordam com essa consciência humana. Capra (2003, p. 224) comenta que enquanto seres humanos nós estamos conscientes de nosso meio, de nós mesmos e do mundo interior e, portanto, estamos “cientes de que estamos cientes” e “sabemos que sabemos”.

Cita “A Gênese” que:

O Espírito não chega a receber a iluminação divina, que lhe dá, simultaneamente com o livre-arbítrio e a consciência, a noção de seus altos destinos, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a obra da sua individualização (KARDEC, 2010, p. 136).

O Espiritismo emprega a palavra Espírito iniciando com letra maiúscula para designar o princípio inteligente individualizado, com letra inicial em minúscula (espírito) significa o princípio inteligente em processo evolutivo antes da individualização (KARDEC, 2006).

O humano é um Espírito encarnado. Espírito é “uma substância imaterial, indivisível, imortal, princípio inteligente do universo” (DENIS, 1982, p. 39). De forma geral ainda pode ser definido como: “seres inteligentes, vivendo de uma vida pessoal e consciente, destinados a progredir indefinidamente para a Verdade, o Belo, o Bem eternos” (DENIS, 1982, p. 39). Kardec (1857) nos define como “os seres inteligentes da criação” (KARDEC, 2006, p. 99).

O ser humano define-se, portanto, da constituição do Espírito que veste um corpo material para realizar sua evolução na matéria. O Espírito é esse PI que, passando pela senda evolutiva, foi adquirindo experiências e automatismos suficientes para se individualizar e ter plena consciência de si mesmo. Conscientemente, como Espíritos, nós humanos não passamos pelas etapas de evolução, mas somos formados pelos aprendizados adquiridos no caminho evolutivo que percorreu o PI. Nós seres humanos somos, então, os Espíritos encarnados, o PI individualizado, consciente e perfectível (KARDEC, 2006).

No entanto, resta até mesmo entre os Espíritos reveladores dos conceitos que formam o Espiritismo o enigma sobre o surgimento dos Espíritos. Eles também revelam desconhecer a época e o modo pelo qual se dão suas formações. Sabem, no entanto, que a formação de Espíritos é constante e que sempre se deu, bem como, uma vez criados, nunca deixam de existir (KARDEC, 2006; 2010).

Sabem ainda que: Espíritos são criados, “simples e ignorantes” tendo cada um uma “determinada missão” na harmonia universal, e por meio de sua prática eles vão se esclarecendo chegando progressivamente à perfeição, pelo conhecimento da verdade. Todos tendem à perfeição e as leis naturais da vida lhes proporcionam os meios de alcançá-la (KARDEC, 2006, p. 115,144).

Em sua origem, são os Espíritos quase que inconscientes de si mesmos, agindo apenas com o instinto e parca inteligência. A inteligência vai se desenvolvendo aos poucos cabendo aos Espíritos progredirem em ciência e em moral. Sendo que, durante uma dada oportunidade eles se adiantam em ciência e durante outra oportunidade se adiantam em moralidade (KARDEC, 2006, p. 151, 153, 230). Nós humanos temos, portanto, enquanto Espíritos, consciência de nós mesmos, habilidade que vai se desenvolvendo pelo nosso pensamento contínuo (XAVIER, 2007, p. 95).

Costumeiramente muitos chamam uma dada parcela do ser humano de alma. Para o estudioso do Espiritismo, Léon Denis (1921), a alma do ser humano é um Espírito encarnado, “é o princípio da inteligência, da vontade, do amor, a sede da consciência e da personalidade” (DENIS, 1982, p. 21).

Ligando, no ser humano, a alma ao corpo, existe uma estrutura intermediária, também parte integrante do Espírito que o Espiritismo denomina de perispírito e vincula um ao outro; é o veículo da transmissão do pensamento (KARDEC, 2010, p. 42). É o invólucro inseparável da alma sendo “um dos elementos constitutivos do ser humano” (KARDEC, 2010, p. 42).

É parte constitutiva do ser humano, pois que é o corpo fluídico do Espírito. É a condensação do fluido cósmico em torno de um foco inteligente (KARDEC, 2010, p. 317). É formado do fluido universal de cada globo, portanto, é de essência material, mas pela sua natureza etérea pode ser também denominado de semimaterial ou a quintessência da matéria (KARDEC, 2006, p. 189). Como parte integrante do

Espírito e do ser humano, ele tem importante papel no organismo e em diversas afecções da fisiologia e da psicologia humanas (KARDEC, 2010, p. 42).

Vejamos a seguinte explicação (DENIS, 1982, p. 22, 23):

Penetrando-os e permitindo se interpenetrarem [...] [o perispírito] comunica-se com a alma através de correntes magnéticas e, com o corpo, por meio do fluido vital e do sistema nervoso, que lhe serve, de certa forma, de transmissor. [...] O perispírito precede a vida presente e sobrevive à morte [do corpo], [...] é um organismo fluídico completo; é o verdadeiro corpo, a verdadeira forma humana. Nosso corpo material se renova a cada instante; seus átomos se sucedem e se reformam; nosso rosto se transforma com a idade; o corpo fluídico propriamente dito não se modifica materialmente; ele é nossa verdadeira fisionomia espiritual, o princípio permanente de nossa identidade e de nossa estabilidade pessoal.

O perispírito é o princípio da vida orgânica. É como se fosse o fluido nervoso do ser e o agente das sensações exteriores. No corpo, há órgãos específicos para cada sensação e suas funções neles se localizam; sem o corpo, as sensações estão em todo o ser (KARDEC, 2006, p. 189, 191).

Esse mesmo perispírito é o que sempre confere ao Espírito uma realidade circunscrita. Por este envoltório é que eles realizam também as comunicações com os seres materiais. É de perispírito para perispírito que as comunicações se efetuam (KARDEC, 2006, p. 104, 105, 191, 192). E sendo diretamente relacionado ao Espírito, “está sempre em relação com o grau de adiantamento moral” dele, bem como, reflete a plena identidade do ser (KARDEC, 2010, p. 318).

Já que, como todo fluido, o perispírito também se modifica pela força do pensamento, é pela “projeção dos pensamentos do Espírito [...] que recebe de modo direto e permanente a impressão de seus pensamentos”; há, portanto, de guardar as qualidades boas ou más do Espírito (KARDEC, 2010, p. 326).

Assim, segundo Kardec (2006, p. 29, 125), o ser humano é formado de três componentes: o corpo material - “análogo ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital”, o perispírito - “substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao Espírito” e é o princípio intermediário entre matéria adensada e Espírito ligando a ambos, e o próprio Espírito - que no ser humano pode ser chamado de alma. Mas, lembremos que mesmo analisando em partes não há como ser o que são separados, portanto, o adequado estudo do Espiritismo ocorre sob as lentes do paradigma holístico.

O físico Amit Goswami (2005, p. 93, 94) em sua obra “A Alma Quântica” expõe suas idéias das relações entre consciência, memória e as ocorrências no corpo material. Ele nos informa sobre sua teoria explicando que “nossas experiências no mundo, como observadores, envolvem não apenas o cérebro, como também o corpo supramental, o mental e o vital”. O autor reconhece uma memorização de atos e escolhas e afirma que isso não se encontra no corpo adensado e sim, no que ele chama de memória quântica; o que no Espiritismo é um dos atributos do perispírito.

Sobre memória, lembra-nos o Espiritismo de que a inteligência desenvolvida pelo Espírito e mesmo as habilidades adquiridas pelo PI, oriundas das inúmeras experiências interativas nos diversos reinos da Natureza, nunca se perdem. O que se adquire em termos de inteligência nunca regride ou desaparece (KARDEC, 2006, p. 147).

Sobre outras visões desse envoltório que no Espiritismo chama-se perispírito, Capra nos traz as propostas de Rupert Sheldrake (apud CAPRA, 2003, p. 39) “que postula a existência de campos morfogenéticos (‘geradores de forma’) não-físicos como agentes causais do desenvolvimento e da manutenção da forma biológica”.

Portanto, desde Aristóteles até a mais moderna física quântica essa teoria encontra-se entre nós.

Continuando a explicação sobre o ser humano, lembramos o papel da vontade em nossa evolução. Como citamos acima (DENIS, 2010, p. 166): “A partir daí o progresso, de alguma sorte fatal nas formas inferiores da Natureza, só pode realizar-se pelo acordo da vontade humana com as leis eternas”. Ou, como diz Bozzano (1905, p. 249): “Progredir, para o ser consciente, significa se modificar, empregando racionalmente os elementos interiores e exteriores de que dispõe”.

Os primeiros progressos só muito lentamente se efetuam, por ausência de vontade, uma progressão mais rápida vai ocorrendo com o aumento da consciência de si mesmo (KARDEC, 2006, p. 338). A vontade vai se ampliando com o avanço da inteligência.

As informações do Espiritismo nos mostram que somos fadados à plena sabedoria, e pelas tribulações que a existência material nos impõe vamos aperfeiçoando na medida em que empregamos nossa vontade para assim fazê-lo. O

alcance da plena sabedoria não poderá vir em uma única experiência corpórea, precisamos de várias dessas experiências para evoluir. Esse aprimoramento se dá em mais ou menos tempo e existências materiais, conforme os esforços que cada Espírito aplique nesses aprendizados. Mas, é certo que somente após muitas encarnações que “atingem a finalidade para que tendem” (KARDEC, 2006, p. 155).

A reencarnação é um fato revelado pelas próprias Inteligências Extracorpóreas que se comunicaram através dos médiuns. Mas, além da revelação, a incrível variedade de habilidades, personalidades, diferenças morais, intelectuais e materiais entre os humanos indicam que essa revelação é factível. Cabe à ciência continuar suas pesquisas para ter comprovação do fato.

Causa Primária de todas as coisas ou Causa Primária Ordenadora do Universo (CPOU)

O Espiritismo considera ainda que o Universo possui uma causa primária que é a inteligência suprema e ordenadora de todas as coisas (DENIS, 1982, p. 40; KARDEC, 2006, p. 65). Chamemos essa definição de CPOU – Causa Primária Ordenadora do Universo. Explicam-nos Kardec e Denis que definições mais claras sobre a CPOU escapam à nossa compreensão. Algumas ideias, no entanto, nos são dadas:

- “É a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas” (KARDEC, 2006, p. 65).
- É “princípio elementar” que pelos seus efeitos pode-se vislumbrar a causa (KARDEC, 2010, p. 65), “o círculo eterno cujo centro está por toda a parte e a circunferência em parte alguma” (DENIS, 1982, p. 40).
- É imaterial e imutável, pois se fosse matéria estaria sujeita a transformações, e se fosse mutável suas consequências (leis naturais) também o seriam mutáveis, e isso, não reconhecemos nas leis naturais que estudamos (KARDEC, 2010, p. 69).
- É eterna, única e suprema, ou seja, não foi criada e representa a soberana inteligência existente. Qualidades que são causa e consequência umas das outras: se fosse originaria de algo, não sendo eterna, teria sido originado de algo mais soberano ainda. Sendo soberana, não foi criada. Sendo soberana

e eterna, só pode ser única, pois mais de uma inteligência soberana representa a não soberania destas. Sendo soberana nada lhe falta, representado a máxima perfeição (KARDEC, 2010, p. 69, 70, 71).

- Existindo desde toda a eternidade, a Causa Primária sempre criou, pois a inatividade não existe para qualquer inteligência (KARDEC, 2010, p. 132, 136).
- É soberanamente justa e boa, pois possuindo a máxima perfeição, não pode haver nela o mínimo traço de ignorância, condição que levaria à injustiça e à maldade. Sendo perfeita, é também a plenitude da justiça e da bondade (KARDEC, 2010, p. 71).
- A CPOU não exerce ação direta sobre a matéria encontrando, nos diversos graus evolutivos, agentes que atuem segundo sua sabedoria (KARDEC, 2006, p. 308). Também não age diretamente a todo instante sobre os seres, são suas leis que regem todas as ações dos seres no universo (KARDEC, 2006, p. 503; KARDEC, 2010, p. 73).

A obra de Kardec (2010, p. 74, 75) ainda nos fornece a seguinte comparação para que compreendamos melhor a CPOU:

Suponhamos um fluido bastante sutil para penetrar todos os corpos. Sendo ininteligente, esse fluido atua mecanicamente, por meio tão-só das forças materiais. Se, porém, o supusermos dotado de inteligência, de faculdades perceptivas e sensitivas, ele já não atuará às cegas, mas com discernimento, com vontade e liberdade: verá, ouvirá e sentirá. [...] [figuremos então a CPOU] sob a forma concreta de um fluido inteligente que enche o universo infinito e penetra todas as partes da criação: a Natureza inteira mergulhada no fluido divino. Ora, em virtude do princípio de que as partes de um todo são da mesma natureza e têm as mesmas propriedades que ele, cada átomo desse fluido, se assim nos podemos exprimir, possuindo o pensamento, isto é, os atributos essenciais da Divindade e estando o mesmo fluido em toda parte, tudo está submetido à sua ação inteligente, à sua providência, à sua solicitude. Nenhum ser haverá, por mais ínfimo que o suponhamos, que não esteja saturado dele. Achamo-nos então, constantemente, em presença da Divindade; nenhuma das nossas ações lhe podemos subtrair ao olhar; o nosso pensamento está em contacto ininterrupto com o seu pensamento [...]. Estamos nele, como ele está em nós.

Esse trecho da obra de Kardec, apesar de, como ele mesmo afirma ser uma comparação apenas, nos dá uma ideia do que representa a CPOU. E estando todos nela e ela em nós, estamos todos ligados, tudo é solidário. Vemos aqui a real dimensão da teia da vida – eterna e infinita, imensurável mesmo ao nosso pensamento (KARDEC, 2010, p. 76).

Agindo a CPOU por leis naturais e estando elas em tudo, útil nos faz pensarmos no conceito da realidade holográfica de Henri Bortoft na qual cada parte de um fenômeno contém o todo numa realidade não fragmentada, mas sim holográfica (HARDING, 2008, p. 282) para melhor compreendermos a explicação de Kardec sobre a CPOU.

Para a ciência a existência de uma CPOU ainda é controversa, pois a mesma só considera aquilo que se pode reconhecer, medir, predizer. No entanto, nada impede de encarar o estudo da CPOU como os demais aspectos da vida dos quais estudamos os fenômenos sem ainda conseguirmos descobrir ou mensurar as causas; não temos a capacidade de compreender a CPOU, estudemos os fenômenos visíveis e mensuráveis e com isso a causa vai se revelando.

Como pelos efeitos vamos encontrando a causa, um dos efeitos diretos da CPOU é a Natureza. Citando Denis (1921): “cada um dos fenômenos da natureza é o símbolo de um pensamento divino” (DENIS, 1982, p. 65). Sabemos que estudiosos de ecologia, biologia, e dos demais saberes ambientais estão diariamente ligados à compreensão da Natureza e de seus fenômenos; por isso, diretamente ligadas ao entendimento da CPOU. Sobre essa busca o escritor recomenda: “O homem que guardou a mocidade do coração e a pureza do olhar vê a natureza e a vida na verdadeira luz” (DENIS, 1982, p. 65).

O Espiritismo possibilita aos estudiosos das ciências ligadas aos saberes ambientais, na busca pela compreensão da vida, expandi-la para a busca além dos fenômenos puramente materiais. Traz à tona questionamentos outros, como o “interrogar em tudo e por toda parte o “espírito” das coisas; e é o Espírito que lhe responde e instruí”, conta-nos Léon Denis (1982, p. 66). Ele completa:

está aí a verdadeira comunhão universal. No meio da natureza o espírita nunca está sozinho. O mundo dos Espíritos o cerca, uma proteção divina o envolve [...]. Sente que um imenso amor reside no fundo de toda vida; que cada ser repete um canto do grande poema e traz sua nota particular ao concerto universal (DENIS, 1982, p. 66).

Em tempos de mudanças paradigmáticas essa busca nada nos surpreende; e na internalização, pelas ciências, da intuição e do sentimento, bem como de saberes como os do Espiritismo, parece estar o impulso que estamos precisando para uma nova compreensão e remediação da crise ambiental.

Está também numa compreensão holística da Natureza o entendimento da lógica da CPOU, ou seja, a maneira como a vida transcorre, suas leis. É nas expressões naturais, desde as mais ínfimas até as mais complexas, que a vida aponta sua lógica, ou seja, que a CPOU se mostra e mostra suas leis.

O Espiritismo nos ajuda na tarefa de compreendermos essas leis. Traz-nos o conceito das leis naturais: são as leis pelas quais a vida funciona, é a lógica da CPOU. Sendo assim, são eternas e imutáveis garantindo a harmonia que reina no Universo material e moral (KARDEC, 2006, p. 343).

Entre as leis naturais existem as que regem as relações da matéria bruta e o movimento e que vêm sendo estudadas pelas ciências há alguns séculos. Outras dizem respeito às relações dos seres e a evolução da inteligência – são as leis morais (KARDEC, 2006, p. 344); aquelas que orientam a evolução do espírito.

No estudo do Espiritismo, dá-se ênfase ao estudo dessas leis morais, assunto não tratado pelas ciências acadêmicas.

Fazendo uma relação com a ecologia - que estuda as leis e inter-relações em um ecossistema para a sua compreensão e conservação, precisamos também entender as leis de um dos aspectos do nosso grande ecossistema (Universo), o aspecto espiritual (inteligente). As leis da matéria são insuficientes para essa compreensão, assim como são insuficientes para o estudo dos ecossistemas inseridos no Universo.

O motivo pelo qual o exame delas é relevante para a compreensão e remediação da crise ambiental é o de possibilitar-nos a compreensão da natureza das coisas. Assim, ao compararmos nossas ações com as leis naturais poderemos verificar o que está na Natureza, portanto, adequado e concorde, e o que está em desacordo com essa Natureza, devendo ser modificado. Esta modificação deve possibilitar que a imersão do PI no ambiente material, que tanto mais conservado será quanto mais harmonioso estiver com as leis naturais, leve à transcendência do PM. Nestas circunstâncias, que expressam evolução moral, não se configuraria uma crise ambiental, mas apenas mudanças dialeticamente qualitativas na progressão dos reinos da Natureza.

São dez as leis morais citadas no Espiritismo: lei de adoração, lei do trabalho, lei de reprodução, lei de conservação, lei de destruição, lei de sociedade, lei do progresso, lei de igualdade, lei de liberdade e lei de justiça, amor e caridade.

As leis morais, que são naturais para o Espiritismo, são comentadas também por outros estudiosos, vejamos:

- Diz-nos Margulis (1990, p. 205) que da necessidade de provimento de comida (lei de conservação), homens tinham que associar-se (lei de sociedade) para conseguir, por exemplo, matar um mamute (lei de destruição e trabalho); nessa divisão do alimento (lei de amor) a nossa civilização foi surgindo (lei do progresso). Também afirma que (MARGULIS, 1990, p. 226) “extinção, prolongamento e simbiose” parecem ser universais; ou seja, lei de destruição, lei de conservação e as leis de sociedade e de amor estão na Natureza.
- Lovelock (2001, p. 136) afirma que queiramos ou não somos arrastados pelo processo de regulação de Gaia (lei do progresso, conservação, destruição, trabalho). Gaia em si é um exemplo das leis naturais em operação e esse arrastamento é a supremacia que as leis exercem na vida de tudo e todos.
- Capra (2003) traz a relevância da teia da vida que é a plena execução das leis de sociedade, conservação, destruição, amor, trabalho. Também traz a lei de conservação na autopoiese dos seres vivos, a lei de destruição como mecanismo da vida, e, claro, a do progresso estudando a evolução da vida.

Kardec (2006, p. 345, 347) nos explica inclusive que elas estão gravadas em nossa consciência e no livro da Natureza. Para os estudiosos dos saberes ambientais, a sua compreensão pode se dar naturalmente, como se dá para muitos sábios e como está se dando para os estudiosos mencionados acima.

Então, qual a novidade que o Espiritismo nos traz? Além de constatada sua anterioridade histórica, a inovação Espírita está na compreensão desses processos como leis, apontando a naturalidade destas, bem como ressaltando seu sentido de existência para a evolução espiritual; faz-nos refletir sobre como as estamos respeitando, praticando e, se em nossos estudos, estamos enxergando-as, se estamos descobrindo e reconhecendo seus papéis e se estamos respeitando-as enquanto parte da Natureza.

Vejamos então, a seguir, quais são as leis naturais morais que guardam relação com a conservação ambiental e o objeto desta dissertação.

2.3.2 Leis Naturais Morais

Segundo Kardec (2006, p. 348), “A moral é a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal. [...]. O homem procede bem quando tudo faz pelo bem de todos”. Como a conservação ambiental é a garantia da vida de todos os seres num estado de bem estar comum, podemos supor que, para atingirmos essa condição, a compreensão, portanto, das leis naturais morais se faz relevante.

Como postulados que estimulam condutas, o Espiritismo, bem como outras tantas doutrinas, nos traz a máxima: fazer aos demais aquilo que gostaríamos que fizessem a nós mesmos. Nessa máxima estaria toda a moral (KARDEC, 2006).

Essa regra nos mostra também uma gradação, ou relatividade de posturas. Não se pede a mesma ação de cada um, mas que cada um aja de acordo com suas próprias noções. Conforme o ser vai adquirindo maior sabedoria, evolução e refinamento, suas ações vão também sendo demandadas pela Natureza que se tornem mais sábias, evoluídas e refinadas. Assevera-nos Kardec que a responsabilidade de cada um é relativa aos meios que se dispõe para compreender o bem e o mal (KARDEC, 2006, p. 351).

Nesse intento, o Espiritismo nos auxilia. Revela-nos aspectos da Natureza, bem como nos guia no autoconhecimento – necessário para saber o que queremos e sabemos e agirmos com os outros de acordo com o que somos.

Em “O Livro dos Espíritos” encontramos que: “A lei natural traça para o homem o limite das suas necessidades. Se ele ultrapassa esse limite, é punido pelo sofrimento. Se atendesse sempre à voz que lhe diz - *basta*, evitaria a maior parte dos males, cuja culpa lança à Natureza” (KARDEC, 2006, p. 349).

Logo, a compreensão das leis morais pode nos fazer mais alinhados com os limites da Natureza minimizando os danos ambientais causadores da nossa crise. Assim, a busca do desenvolvimento moral se mostra de grande valia para o

saneamento da crise ambiental. Vejamos a seguir os detalhes das leis naturais morais que retratam a harmonia da Vida.

i. Lei do Progresso

Está na Natureza o desenvolvimento. O Reino Mineral segue da rocha granítica mais rudimentar aos cristais mais simétricos; o Reino Vegetal segue da menor alga às mais imponentes árvores; o Reino Animal passa desde a esponja marinha mais simples indo até às inteligências do golfinho, cães e chimpanzés. É a natureza a nos mostrar que o progresso está em tudo, é uma “força viva” (KARDEC, 2006, p. 409).

Segundo Léon Denis (2010, p. 166), “Cada elo dessa cadeia representa uma forma de existência que conduz a uma forma superior, a um organismo mais rico, mais bem adaptado às necessidades, às manifestações crescentes da vida”.

O progresso dos Reinos mineral, vegetal e animal existem como consequência da lei do progresso para instruir o princípio inteligente em evolução nas diversas habilidades que necessita aprender e automatizar antes de sua tomada de consciência.

Na planta, a inteligência fica adormecida; no animal, ela sonha; apenas no homem ela acorda, conhece-se, possui-se e torna-se consciente. A partir daí o progresso, de alguma sorte fatal nas formas inferiores da natureza, só pode realizar-se pelo acordo da vontade humana com as leis eternas (DENIS, 2010, p. 166).

Com isso, Denis nos aponta que o progresso do mineral, vegetal e animal ocorrem de forma inevitável e forçosamente, como que involuntário aos seres. No humano, o progresso é alcançado pelo esforço próprio com atitudes concordantes às leis naturais.

A Teoria da Evolução bem como as descobertas dos mecanismos da genética muito acrescentaram em nosso entendimento sobre o desenrolar do progresso da vida. Os estudos de Lynn Margulis (1990, p. 21) vêm também completá-las ao introduzir a cooperação como um dos principais mecanismos evolutivos.

Fritjof Capra (2003, p. 179) comenta que a teoria dos sistemas vivos que Margulis descreveu traz uma nova compreensão da evolução: “Em vez de ver a

evolução como o resultado de mutações aleatórias e de seleção natural, estamos começando a reconhecer o desdobramento criativo da vida em formas de diversidade e de complexidade sempre crescentes”.

O Espiritismo, por sua vez, além de acrescentar o Princípio Inteligente como o âmago da vida, a causa do desdobramento criativo que Capra comenta, também vem adicionar outro grande aspecto na evolução: o papel das Inteligências Superiores a dirigir a marcha lenta e prodigiosa da ascensão da vida nos globos (DENIS, 2010, p. 167). Sobre isso falaremos mais no capítulo “Uma possível nova história das coisas”. Mas adiantamos aqui um resumo: se Espíritos existem desde sempre e se são eternos e evoluem até a perfeição relativa, portanto, existem Espíritos desde os mais sábios até os mais ignorantes convivendo; bem como, concomitantemente existe o PI em sua jornada evolutiva. Assim, exercendo suas inteligências, os Espíritos sábios têm como papel natural auxiliarem na garantia da harmonia universal e na execução das leis naturais. Desta forma, como nós zelamos por nossas vidas, nossas famílias, nossa casa, nosso trabalho, nossas responsabilidades, os Espíritos sábios zelam pelos planetas, pelos sistemas solares, pelos Reinos da Natureza, enfim, por tudo quanto exista (KARDEC, 2006; 2010, XAVIER, 2008).

Por isso é que Denis fala do progresso fatal nos reinos onde a vontade ainda não se instalou, são as leis naturais e os Espíritos que o garantem, exercendo suas inteligências. No que tange o desenvolvimento do ser consciente de si mesmo, ou seja, dos Espíritos (encarnados ou não), o progresso também é uma condição natural à qual não pode ele se opor (KARDEC, 2006). Em realidade tudo na Natureza segue as mesmas leis. No entanto, progride ele á medida que aplica sua própria vontade, podendo assim avançar lentamente ou de forma mais rápida. Esse desenvolvimento deverá se dar tanto no âmbito intelectual como no moral (KARDEC, 2006).

Há em nós uma surda aspiração, uma íntima energia misteriosa que nos encaminha para as alturas, que nos faz tender para destinos cada vez mais elevados, que nos impele para o belo e para o bem. É a lei do progresso, a evolução eterna, que guia a Humanidade através das idades (DENIS, 2010, p. 165).

É da lei natural que o ser humano progrida movido por sua vontade, a qual o impele à execução de trabalhos evolutivos. Dessa forma, suas conquistas no

progresso são meritórias. Se fossem dadas poderiam ser retiradas, sendo conquistadas, a ele pertence e nada as poderá remover (KARDEC, 2010, p. 87).

A reencarnação é consequência dessa necessidade evolutiva. Denis explica que “a vida do Espírito é uma educação progressiva, que pressupõe uma longa série de trabalhos a realizar e de etapas a percorrer” (DENIS, 1982, p. 25). Diferente de alguns entendimentos, não é a prática do mal que faz o Espírito reencarnar, é a necessidade de aprendizado (DENIS, 1982, p. 26). E, como já citado, hora progredimos intelectualmente, hora progredimos moralmente.

Sobre nosso desenvolvimento intelectual e moral, na obra de Kardec (2006, p. 408, 409) encontramos esclarecimentos dos Espíritos nos explicando que o progresso moral decorre do progresso intelectual fazendo compreensível ao ser consciente os conceitos de bem e mal, possibilitando a ele realizar escolhas; da observação das consequências de suas escolhas vem o aprimoramento. “O moral e a inteligência são duas forças que só com o tempo chegam a equilibrar-se”.

O progresso intelectual efetua-se, em geral, mais facilmente que o progresso moral, pois este requer a superação do orgulho e do egoísmo. Por isso, “O Livro dos Espíritos” (KARDEC, 2006, p. 410, 411) alerta-nos que o primeiro tem recebido todo tipo de incentivo e atingiu, entre nós, um grau avançado. Mas que muito ainda falta para que o segundo chegue a esse mesmo patamar. No entanto, ao comparar os costumes sociais que temos com os que existiam há alguns séculos e pelo avanço que já realizamos afirma que ele não haverá de parar.

Sobre o estágio atual do progresso humano, encontramos o seguinte trecho em Kardec (2006, p. 415):

Credes que estais muito adiantados, porque tendes feito grandes descobertas e obtido maravilhosas invenções; porque vos alojais e vestis melhor do que os selvagens. Todavia, não tereis verdadeiramente o direito de dizer-vos civilizados, senão quando de vossa sociedade houverdes banido os vícios que a desonram e quando viverdes como irmãos [...]. Até então, sereis apenas povos esclarecidos, que hão percorrido a primeira fase da civilização. A civilização, como todas as coisas, apresenta gradações diversas. Uma civilização incompleta é um estado transitório, que gera males especiais, desconhecidos do homem no estado primitivo. Nem por isso, entretanto, constitui menos um progresso natural, necessário, que traz consigo o remédio para o mal que causa. À medida que a civilização se aperfeiçoa, faz cessar alguns dos males que gerou, males que desaparecerão todos com o progresso moral.

No porvir da humanidade os homens viverão em paz, sem que ninguém cause danos aos outros, o que ocorrerá quando o desenvolvimento moral equiparar ao intelectual (KARDEC, 2006, p. 415).

E sobre o caminho para uma sociedade realmente civilizada sua obra (KARDEC, 2010, p. 458) cita: “A Humanidade progride, por meio dos indivíduos que pouco a pouco se melhoram e instruem. Quando estes preponderam pelo número, tomam a dianteira e arrastam os outros” (KARDEC, 2006, p. 413). Explica com mais detalhes no texto a seguir (KARDEC, 2010, p. 458):

Isto posto, diremos que o nosso globo, como tudo o que existe, esta submetido à lei do progresso. Ele progride, fisicamente, pela transformação dos elementos que o compõem e, moralmente, pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o povoam. Ambos esses progressos se realizam paralelamente, porquanto o melhoramento da habitação guarda relação com o do habitante. Fisicamente, o globo terráqueo há experimentado transformações que a Ciência tem comprovado e que o tornaram sucessivamente habitável por seres cada vez mais aperfeiçoados. Moralmente, a Humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes.

Dos males existentes da incompletude do processo civilizatório podemos incluir a crise ambiental que, segundo o Espiritismo, sanará com o progresso moral da humanidade; dito de outro modo, a crise ambiental é essencialmente uma crise moral cuja superação é imperativo da Lei do Progresso. O Espiritismo (KARDEC, 2006, p. 417) exemplifica este novo quadro civilizatório como um mundo onde exista

menos egoísmo, menos cobiça e menos orgulho; onde os hábitos sejam mais intelectuais e morais do que materiais; onde a inteligência se puder desenvolver com maior liberdade; onde haja mais bondade, boa-fé, benevolência e generosidade recíprocas; [...] onde as leis nenhum privilégio consagrem [...]; onde com menos parcialidade se exerça a justiça; onde o fraco encontre sempre amparo contra o forte; [...] onde todo homem de boa vontade esteja certo de lhe não faltar o necessário.

Assim, ao buscarmos um mundo sem crise ambiental, é o exemplificado acima que temos de buscar segundo o Espiritismo. Para atingirmos esse cenário, necessário se faz que a maioria aja dessa forma, quadro possível de se incentivar com o auxílio da educação. Tal compreensão suporta um dos motivos pelos quais esta dissertação propõe, na Terceira Parte, uma disciplina curricular que trate esses conteúdos. De que maneira o ensino do Espiritismo auxilia para atingirmos esse cenário? Segundo Kardec (2006, p. 419): “Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele faz que os homens compreendam onde se encontram seus verdadeiros interesses”.

ii. Lei de Igualdade

Nos ensinamentos do Espiritismo (KARDEC, 2010, p. 37), temos que

[...] todas as almas, tendo um mesmo ponto de origem, são criadas iguais, com idêntica aptidão para progredir, em virtude do seu livre-arbítrio; que todas são da mesma essência e que não há entre elas diferença, senão quanto ao progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e alcançarão a mesma meta, mais ou menos rapidamente, pelo trabalho e boa vontade.

Portanto, todos os seres humanos são iguais. Todos iniciaram a senda evolutiva da mesma maneira e são submetidos às mesmas leis. Não há superioridades naturais, nem de nascença (KARDEC, 2006, p. 421).

Mas vemos diferenças de aptidões e de condições entre os humanos; de onde então elas provêm?

A diferença entre eles está na diversidade dos graus da experiência alcançada e da vontade com que obram, vontade que é o livre-arbítrio. Daí o se aperfeiçoarem uns mais rapidamente do que outros, o que lhes dá aptidões diversas. Necessária é a variedade das aptidões [...] O que um não faz, fá-lo outro. Assim é que cada qual tem seu papel útil a desempenhar (KARDEC, 2006, p. 422).

A lógica espírita explica a desigualdade devido aos diferentes graus de aperfeiçoamento que os seres humanos alcançam ao longo das suas existências, adquiridos por meio de seu empenho e vontade. Vejamos na citação abaixo essas diferenças (KARDEC, 2006, p. 172):

As existências sucessivas serão, para a vida da alma, o que os anos são para a do corpo. Reuni, em certo dia, um milheiro de indivíduos de um a oitenta anos; supõe que um véu encubra todos os dias precedentes ao em que os reunistes e que, em conseqüência, acreditais que todos nasceram na mesma ocasião. Perguntareis naturalmente como é que uns são grandes e outros pequenos, uns velhos e jovens outros, instruídos uns, outros ainda ignorantes. Se, porém, dissipando-se a nuvem que lhes oculta o passado, vierdes a saber que todos hão vivido mais ou menos tempo, tudo se vos tornará explicado. [...] Com a pluralidade das existências, a desigualdade que notamos nada mais apresenta em oposição à mais rigorosa equidade: é que apenas vemos o presente e não o passado.

A diversidade de estágios evolutivos possui um valioso papel: permite o contato de Espíritos em distintos graus de progresso, fazendo com que os mais adiantados auxiliem os de progresso mais atrasado; e também para que, necessitando-se uns aos outros, compreendam o amor (KARDEC, 2006, p. 422).

O Espiritismo nos ensina que a igualdade está na essência, nas oportunidades, nas condições e no destino – a perfeição relativa. No entanto, pela vontade e pela liberdade, cada Espírito constrói sua própria história. Daí que, encontrar ou desejar estados iguais de existência é antinatural, uma vez que sempre haverá esforços individuais desiguais em campos diversos da vida; qualquer sistema que force a igualdade não se sustenta espontaneamente (KARDEC, 2006, p. 424, 425).

Concluimos, pelos estudos, que as leis naturais se completam. Aplicar uma sem levar em consideração a outra é uma quimera. A lei de igualdade anda junta com a de liberdade e a do trabalho e, coexistindo, causam as momentâneas distinções sociais.

Entretanto, as desigualdades que não venham do processo natural do merecimento não são naturais. São frutos das imperfeições humanas e sociais e tendem a acabar com o desenvolvimento moral do ser humano.

As desigualdades do bem-estar são também antinaturais já que ele é plenamente possível, segundo o Espiritismo, que todos o sintam (KARDEC, 2006, p. 423, 425):

[...] o bem-estar é relativo e todos poderiam dele gozar, se entendessem convenientemente, porque o verdadeiro bem-estar consiste em cada um empregar o seu tempo como lhe apraza e não na execução de trabalhos pelos quais nenhum gosto sente. Como cada um tem aptidões diferentes, nenhum trabalho útil ficaria por fazer. Em tudo existe o equilíbrio; o homem é quem o perturba.

Não há como negar que todos buscam o bem-estar. Essa busca é, como sabemos, uma das causas da crise ambiental. Se o alcance deste por todos é então possível e natural, bastando que compreendamos o equilíbrio que há na Natureza, uma organização social que respeite as individualidades sem distinções ou privilégios de direitos, seria um passo para a resolução da crise ambiental.

Se, mais uma vez, essa proposta de remediação de nossa crise ambiental virá da readequação do comportamento humano, vemos aqui novamente a necessidade da educação, embasada nesses princípios, como um bom caminho para essa remediação.

iii. Lei de Liberdade

À medida em que o ser inteligente vai ganhando capacidade de pensar e planejar seus atos, a liberdade vai surgindo na forma de possibilitar escolhas próprias.

O animal carnívoro, por instinto (impulso maquinal) come carne, mas a estratégia, o modo e o momento que irá caçar são escolhas suas, de seu pensamento. No entanto, a liberdade dos animais se restringe às escolhas voltadas à sua sobrevivência (KARDEC, 2010, p. 91).

Reconhece Stephan Harding (2008, p. 108) que até mesmo “os átomos têm liberdade, mas muito menos liberdade que nós”.

No ser humano, estágio de evolução do princípio inteligente onde a consciência de si mesmo e o pensamento contínuo se instalaram, a liberdade de pensamento é ilimitada. E com a liberdade de pensar, vem também a liberdade de agir, possuindo, assim, o livre-arbítrio. Todos ligados à sua vontade (KARDEC, 2006, p. 433). Logo, pela vontade é que o ser humano constrói seus pensamentos e escolhe suas ações (KARDEC, 2006, p. 435).

A liberdade é uma lei natural que enseja mérito ao Espírito em evolução, e do mérito, as conquistas legítimas e definitivas advêm. Detém também a indefectível consequência destas, ou seja, a responsabilidade sobre seus atos (KARDEC, 2006, p. 118).

Lovelock (2001, p. 146) em sua obra “Gaia” nos oferece em seu encerramento um lindo trecho sobre responsabilidade:

Há uma ocasião para tudo e um tempo para cada interação sob o firmamento; um tempo para nascer e um tempo para morrer; um tempo para plantar e um tempo para arrancar o que foi plantado. [...] a corrida não é para os céleres, nem a batalha para os fortes, nem sequer o pão para os sábios, nem mesmo as riquezas para os homens inteligentes e muito menos as benesses para os homens hábeis [...]. Não pode haver uma receita, nem um conjunto de regras, para viver em Gaia. Para cada uma das nossas diferentes ações, há apenas conseqüências.

Assim, da liberdade colhemos as conseqüências e com isso temos também a responsabilidade. Daí a afirmação espírita de que a sementeira é livre, mas a colheita obrigatória.

Apesar de, pelo pensamento, nossa liberdade ser plena, ela não está acima das demais leis naturais, uma vez que nenhuma lei natural vai de encontro à outra. Por exemplo, a morte do corpo é uma sujeição que a alma vivencia devido às leis da matéria (KARDEC, 2006, p. 449). Também a lei de liberdade e a lei de sociedade andam juntas. Portanto, os seres humanos não gozam de plena liberdade, pois convivem e precisam uns dos outros, cabendo, portanto, a todos o respeito aos direitos recíprocos (KARDEC, 2006, p. 430). Segundo Lynn Margulis (apud CAPRA, 2003, p. 230): “independência é um termo político, e não científico”.

Para Léon Denis (2010, p. 162, 163):

[...] a vida do ser consciente é uma vida de solidariedade e liberdade. Livre dentro dos limites que lhe assinalam as leis eternas, faz-se o arquiteto do seu destino. O seu adiantamento é obra sua. Nenhuma fatalidade o oprime, salvo a dos próprios atos, cujas conseqüências nele recaem; mas não pode desenvolver-se e medrar senão na vida coletiva com o recurso de cada um em proveito de todos.

Sendo as ações dos homens, apesar de livres, sujeitas às leis naturais, poderia o ser humano acabar com a vida na Terra com a crise ambiental que estamos ocasionando? Vamos trazer aqui alguns aprendizados que o Espiritismo nos proporcionou a fim de chegarmos a alguma conclusão:

- Pelo que vimos até agora, a matéria é o instrumento do princípio inteligente (PM sujeito ao PI). Este está fadado à evolução, aquela é sujeita às leis da matéria e à vontade da inteligência. Do PI advêm os Espíritos, os seres conscientemente inteligentes da vida, eternos e indestrutíveis. Aprendemos também que a realidade espiritual é a autêntica existência: “O mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo. O mundo corporal é secundário” (KARDEC, 2006, p. 29).
- A Terra é um mundo material no qual etapas da evolução espiritual ocorrem. Essa evolução é uma lei que não colide com a lei de liberdade, portanto, a vontade e a liberdade de ação do ser humano coexistem com o processo natural do progresso. Outrossim, segundo o Espiritismo, cabe ao homem fazer o bem, pois que esse é o único objetivo da vida em atitude harmônica com a realidade espiritual. Facultado também lhe é impedir o mal, “sobretudo aquele que possa concorrer para a produção de um mal maior” (KARDEC, 2006, p. 442).

- Vimos ainda que Espíritos superiores auxiliam no progresso nos planetas e na harmonia destes.

Então, vemos que o mundo material é um meio para que a evolução espiritual se dê, e nessa caminhada evolutiva cabe ao Espírito aprender e praticar o bem. Isso está na Natureza, segundo o Espiritismo. A crise ambiental é a consequência das livres escolhas dos homens nas suas lidas diárias. No entanto, essas escolhas não estão acima da lei do progresso e da lei do amor, por exemplo. Essas duas leis indicam que a Terra ainda permanecerá palco de aprendizado para os Espíritos e que estes praticarão a lei do amor. Sendo assim, igualmente ao destino inexorável do Espírito rumo à felicidade e à sabedoria, a Terra também possui sua jornada inexorável, desenhada por uma lógica maior que a das consequências das ações praticadas pela liberdade dos humanos que nela hoje habitam.

Portanto, o destino da Terra não está em nossas mãos, mas as nossas escolhas estão. Assim, cabe a cada um de nós escolhermos se vamos patinhar em nossas jornadas evolutivas ou se vamos nos favorecer entrando em harmonia com a Natureza. Essa reflexão pode ser favorecida por um processo educativo, que desperte em cada um de nós nossas autênticas e íntimas escolhas (“ecosofias”).

iv. Lei do Trabalho

“[...] só mediante o trabalho do corpo o Espírito adquire conhecimentos” (KARDEC, 2006, p. 62).

O aprendizado anteriormente citado sobre o mundo corporal ser secundário requer o encadeamento ao aprendizado da afirmação em epígrafe, que postula o aprendizado do espírito “mediante o trabalho do corpo”; logo, não se trata de uma hierarquia, o que fica mais explícito na acertiva Espírita: “toda ocupação útil é trabalho” (KARDEC, 2006, p. 368). Tudo na Natureza trabalha, em parte alguma existe ociosidade. Cada ser, em relação à inteligência que possui, trabalha e desenvolve sua inteligência (KARDEC, 2006, p. 369).

Mesmo os mais simples organismos trabalham (MARGULIS, 1990, p. 19): “Nos seus primeiros 2 bilhões de anos de existência no planeta, os procariontes transformaram continuamente a superfície e a atmosfera terrestre”. Portanto, bactérias trabalham, uma vez que são elas, em sua maioria, que executam funções fundamentais na manutenção do planeta Terra captando energia, decompondo e reciclando e, assim, o fazem numa grande variedade de *habitats* (HARDING, 2008, p. 189). Deste modo, realizando seus papéis naturais, todos concorremos para a harmonia universal.

Como as formas de vida citadas acima são instintivas e orientadas pelas Inteligências Superiores, estando em harmonia com as mesmas, e por conseguinte, com a CPOU, suas atividades são realmente trabalho. Ou seja, são úteis – voltadas para o bem de todos. Por isso, às vezes nos confundimos e achamos que animais são muitas vezes melhores que os humanos, pois não degradam o meio ambiente, não usam mais do que necessitam, se portam em conformidade com a Natureza. Presos à lógica material, essa percepção nos confunde: ao mesmo tempo em que reconhecemos a maior intelectualidade humana, nos confundimos com a superior ética ambiental dos animais.

O Espiritismo nos esclarece que o ser humano trabalha de acordo com sua vontade, com elevado grau de liberdade de ação, uma vez que sua evolução não mais é plenamente dirigida, mas impulsionada por si mesmo, pela sua consciência em relação à vida e pelas suas escolhas. Sua ação torna-se, então, desarmônica à medida que as escolhe equivocadamente.

Mostra-nos ainda que nossas ações são avaliadas individualmente, ou seja, nem sempre o que parece desarmônico na ação de um ser humano o é perante a CPOU, pois as exigências são relativas aos meios que cada um possui de compreender a vida. No entanto, o Espiritismo nos postula que ajamos trabalhando para o bem comum de acordo com nossa capacidade.

Lembremos que o trabalho harmônico é todo aquele que está de acordo com nossos meios de compreensão para que façamos todo o bem que gostaríamos que nos fizessem. Kardec nos lembra que o agir harmônico não está somente em fazer o bem, mas em evitar que a nossa inação resulte em algo ruim, pois somos responsáveis por todo mal advindo de não havermos praticado o bem (KARDEC, 2006, p. 352).

Vemos, dessa forma, que a definição de trabalho ganha uma amplitude que nunca tivemos antes. A encarnação leva à vivência de dificuldades que o contato material proporciona, e, assim, o Espírito experimenta sensações e necessidades que faz com que ele trabalhe e se desenvolva. O trabalho é um meio de aperfeiçoamento do espírito e ensina os seres o caminho do bem, o que auxilia também o progresso ético-moral.

Na Terra, até as condições climáticas corroboram para a fase evolutiva do princípio inteligente que aqui está. Conta-nos Léon Denis (1982, p. 33) que:

A Terra está inclinada profundamente sobre seu eixo, por isso está sujeita a variações perpétuas, que trazem bruscas mudanças de temperatura. A diferença das estações e dos climas e as perturbações atmosféricas fazem da vida humana um combate permanente [...]. Tudo isso indica que a Terra é por excelência o planeta da expiação, do trabalho.

Vemos que tudo tem um propósito, tudo tem sua utilidade; utilidade que leva sempre ao mesmo fim: o desenvolvimento espiritual.

v. Lei de Reprodução

A reprodução é evidentemente uma lei natural, sem a qual “o mundo corporal pereceria” (KARDEC, 2006, p. 373).

Como as demais leis, a de reprodução faz com que os seres nela envolvida desenvolvam a inteligência, bem como concorram para a harmonia universal. Faz com que desenvolvam também relações, e isso vai aproximando-os da conquista do amor (KARDEC, 2006, p. 375). Para Maturana (2005, p. 21, 22), a reprodução sexuada, que no humano abrange interações recorrentes de sensualidade personalizada e o encontro sexual frontal, desenvolveram nele o prazer da convivência social que é baseada na aceitação do outro, ou seja, no amor.

A reprodução é algo tão natural que paramos pouco para pensar a amplitude de suas repercussões. O que o Espiritismo nos traz é que ela, além de objetivar a manutenção da vida nos mundos materiais, ou seja, proporciona corpos para que Espíritos e inteligências que habitam os diferentes Reinos prossigam sua jornada de aprendizado e evolução, é mais uma das maneiras que a vida impõe aos seres para

o desenvolvimento da inteligência, uma vez que proporciona, aos seres envolvidos no processo reprodutivo, desenvolverem-se pelo estímulo de sensações, sentimentos e inteligência. No humano ela também facilita a socialização e o amor, como comentou Maturana; e ainda, as consequências de suas ações fazem com que cada um sinta o que lhes acarretaram e vão educando-se e progredindo.

Sobre a lei de reprodução Kardec, em “O Livro dos Espíritos” indagou às Inteligências Extracorpóreas se a progressão crescente da população humana não chegaria à sua excessividade. A resposta nos é inquietante e ainda difícil de compreendermos. Veio em negativa, esclarecendo-nos que essa excessividade insustentável não ocorrerá, pois a Natureza garante sempre seu equilíbrio. E nos adverte (KARDEC, 2006, p. 373): “O homem, que apenas vê um canto do quadro da Natureza, não pode julgar da harmonia do conjunto”.

Para o Espiritismo, a reprodução em si não é causa de desarmonia, já que a vida tem seus meios de manter o equilíbrio, seja pelo concurso da intervenção de espécies no controle populacional de outras (fato que as ciências já estudam exaustivamente), seja por meio de outros fenômenos naturais. Estabelecer a reprodução humana como uma das causas da crise ambiental pode não ser um caminho adequado, segundo o que o Espiritismo nos oferece de conhecimento.

O estudo das obras de Kardec (2010, p. 276) nos indica que cabe mesmo ao ser humano ocupar e desenvolver toda a Terra:

Com efeito, o homem tem por missão trabalhar pela melhoria material do planeta. Cabe-lhe desobstruí-lo, saneá-lo, dispô-lo para receber um dia toda a população que a sua extensão comporta. Para alimentar essa população que cresce incessantemente, preciso se faz aumentar a produção. Se a produção de um país é insuficiente, será necessário buscá-la fora. Por isso mesmo, as relações entre os povos constituem uma necessidade. A fim de mais as facilitar, cumpre sejam destruídos os obstáculos materiais que os separam e tornadas mais rápidas as comunicações. Para trabalhos que são obra dos séculos, teve o homem de extrair os materiais até das entranhas da terra; procurou na Ciência os meios de os executar com maior segurança e rapidez. [...] A atividade que esses mesmos trabalhos impõem lhe amplia e desenvolve a inteligência, e essa inteligência que ele concentra, primeiro, na satisfação das necessidades materiais, o ajudará mais tarde a compreender as grandes verdades morais.

Em “O Livro dos Espíritos” podemos também ler o seguinte trecho (KARDEC, 2006, p. 374):

a atual raça humana, que, pelo seu crescimento, tende a invadir toda a Terra e a substituir as raças que se extinguem, terá sua fase de crescimento e de desaparecimento. Substituí-la-ão outras raças mais aperfeiçoadas, que

descenderão da atual, como os homens civilizados de hoje descendem dos seres brutos.

Assim, mais do que o que é causado pelo número de humanos que habitam o planeta Terra, a crise ambiental, pelo que entendemos dos estudos do Espiritismo, é uma crise decorrente da ignorância dos reais aspectos da vida – principalmente da existência espiritual, bem como do comportamento materialista e egoísta dos seres humanos. Estando portando em seu comportamento, a educação humana é ponto capital nessa equação de elevada população humana e bom convívio com o meio ambiente.

vi. Lei de Conservação

Está na Natureza de todos os seres vivos o impulso da conservação. Nuns é instintivo, maquinal; em outros é raciocinado (KARDEC, 2006, p. 379).

Isso ocorre porque a vida é necessária ao aperfeiçoamento dos seres, e os seres são necessários também à harmonia da vida (KARDEC, 2006). Assim, ao seguirem uma lei, cumprindo um intento individual (viver para aprender), colaboram com o grande cenário da vida. Notemos que estamos sempre entrando no terreno da complexidade que Morin nos ensinou. Capra (2003, p. 94) completa dizendo que a vida muda o meio e o meio muda a vida em interações cíclicas constantes. Portanto, nada é linear nem isolado, servem a várias coisas e se servem de várias coisas.

O desejo pela conservação nos seres existe para garantir que eles prolonguem a vida a fim de que as vivências e aprendizados necessários ocorram. O objetivo da vida é o desenvolvimento do PI e para que isso ocorra, necessário se faz viver. Sobre isso, Maturana (2005, p. 20) afirma: “A evolução é um processo conservador”. Vai assim, a vida, se conservando e progredindo pela força da Natureza – são as leis naturais em realização.

Nos animais a lei de conservação aparece no forte instinto de preservação da vida que os impulsiona na luta pela sobrevivência. Isso também está nas plantas que estendem suas raízes ao solo e erguem suas folhas ao sol. Aqui a conservação ainda não se uniu ao senso moral, pois, nos animais e nas plantas, a intelectualidade ainda não nasceu. À medida que a inteligência se desenvolve,

dando comando e controle à matéria e ao organismo, as ações instintivas diminuem (KARDEC, 2010, p. 88, 89).

Da lei do progresso vimos que a evolução do espírito originará o Espírito; tendo este por destino a vida espiritual passa, no entanto, as primeiras fases da sua existência no corpo orgânico satisfazendo somente suas exigências materiais. Saindo desse período é que começam a surgir outras necessidades. Estas são, a princípio, semimateriais e semimorais, apenas com o avanço da inteligência tornam-se exclusivamente morais (KARDEC, 2010, p. 88). Para se ter essas vivências, preciso é que o ser sobreviva pelo tempo que for necessário e possível em cada existência; por isso, está na Natureza a lei de conservação.

Buscando maiores elucidamentos sobre a conservação, Kardec procurou explicações nas comunicações catalogadas no processo de construção do Espiritismo para sabermos se há na Terra, em todos os tempos, meios para a sobrevivência do ser humano. As informações nos esclarecem que sim existe. Se estamos enfrentando problemas é porquê ainda não compreendemos a lógica da Natureza: a Terra produz o necessário aos “que a habitam, visto que só o necessário é útil. O supérfluo nunca o é” (KARDEC, 2006, p. 380).

E continua em outro trecho (KARDEC, 2006, p. 380):

A terra produziria sempre o necessário, se com o necessário soubesse o homem contentar-se. Se o que ela produz não lhe basta a todas as necessidades, é que ela emprega no supérfluo o que poderia ser aplicado no necessário. [...] Desde que haja desperdiçado a metade dos produtos em satisfazer a fantasias, que motivos tem o homem para se espantar de nada encontrar no dia seguinte e para se queixar de estar desprovido de tudo, quando chegam os dias de penúria? Em verdade vos digo, imprevidente não é a Natureza, é o homem, que não sabe regar o seu viver.

Mais uma vez o Espiritismo nos fornece indícios de que a elevada população humana parece não ser um bom motivo para a crise ambiental e sim o comportamento humano na sua incapacidade de discernir entre necessário e supérfluo.

Usando o mesmo conceito de trabalho, podemos dizer que o necessário é tudo aquilo que é útil, que tem um uso para o bem; e bem, é sempre o bem comum. Aqui está uma boa medida para um novo norte comportamental humano sob o qual o modelo socioeconômico deveria se desenhar se desejarmos remediar a crise ambiental pela noção dos conceitos do Espiritismo.

O Espiritismo também nos ensina que é natural o desejo de possuir, “mas quando o homem deseja possuir para si somente e para sua satisfação pessoal, o que há é egoísmo” (KARDEC, 2006, p. 456). Esta assertiva é antagônica àquela que institui a ideologia do livre mercado, apoiada na filosofia moral smithiana de que o egoísmo do ser humano, sendo natural, o levaria a buscar o seu bem estar e assim todos teriam seu bem estar material garantido, bastaria deixar que a “mão invisível” organizasse o mercado.

Em “O Livro dos Espíritos” vemos que o acúmulo de bens sem utilidade alguma para ninguém, ou que vise saciar paixões não é harmônico. Mas o fato de se juntar bens pelo trabalho tendo em vista a utilidade pessoal e principalmente dos outros está de acordo com as leis naturais (lei de trabalho, lei de conservação, lei de sociedade, lei de liberdade, lei de igualdade, lei de amor), portanto, harmônico. Propriedade e posse só são também legítimas se não forem adquiridas em prejuízo de outrem (KARDEC, 2006, p. 456).

E continuamos as citações, por serem de extrema valia para os saberes ambientais (KARDEC, 2006, p. 381, 382):

Se é certo que a Civilização multiplica as necessidades, também o é que multiplica as fontes de trabalho e os meios de viver. Forçoso, porém, é convir em que, a tal respeito, muito ainda lhe resta fazer. Quando ela houver concluído a sua obra, ninguém deverá haver que possa queixar-se de lhe faltar o necessário, a não ser por própria culpa. A desgraça, para muitos, provém de enveredarem por uma senda diversa da que a Natureza lhes traça. É então que lhes falece a inteligência para o bom êxito. Para todos há lugar ao Sol, mas com a condição de que cada um ocupe o seu e não o dos outros. A Natureza não pode ser responsável pelos defeitos da organização social, nem pelas consequências da ambição e do amor-próprio. Fora preciso, entretanto, ser-se cego, para se não reconhecer o progresso que, por esse lado, têm feito os povos mais adiantados. Graças aos louváveis esforços que, juntas, a Filantropia e a Ciência não cessam de despender para melhorar a condição material dos homens e mau grado ao crescimento incessante das populações, a insuficiência da produção se acha atenuada, pelo menos em grande parte, e os anos mais calamitosos do presente não se podem de modo algum comparar aos de outrora. A higiene pública, elemento tão essencial da força e da saúde, [...] é objeto de esclarecida solicitude. [...] Por toda parte a Ciência contribui para crescer o bem-estar. Poder-se-á dizer que já se haja chegado à perfeição? Oh! Não, certamente; mas, o que já se fez deixa prever o que, com perseverança, se logrará conseguir, se o homem se mostrar bastante avisado para procurar a sua felicidade nas coisas positivas e sérias e não em utopias que o levam a recuar em vez de fazê-lo avançar.

O Espiritismo, como podemos ver, traz valiosas diretrizes para nossos tentames em solucionar a crise ambiental. Mostra-nos que não está na Natureza o esgotamento dos recursos ambientais para a sobrevivência das espécies, mas que

há o suficiente para todos. É preciso salientar que, para o Espiritismo a Natureza não é compreendida como recurso; a esses denominados recursos, os denomina de bens da Terra que os seres vivos, inclusive os humanos, podem gozar (KARDEC, 2006, p. 380, 381). As ciências naturais, as ciências econômicas e a legislação ambiental chamam-nos de recursos naturais. Em geral, são encarados como recursos porque servem ao ser humano, e naturais, pois provém da Natureza sem que o homem tenha precisado trabalhar para produzi-los. Frente ao que estamos aprendendo pelo Espiritismo, essa é uma visão limitada. Primeiro por que dá a eles um caráter plenamente utilitarista e de serventia ao ser humano, quase que como uma forma de tê-los como certo e garantido para nós de que existem para nossa conveniência. Segundo, pois nos isola da Natureza e da Terra como planeta. Não nos considera coparticipes, coautores, cotilizadores, cotransformadores. Dá-nos a ideia de uma linha de produção da qual fazemos parte apenas no final, como consumidores.

As ciências aliadas ao Espiritismo nos mostram que tudo tem seu papel na Natureza, unidos pela mesma lógica e leis naturais; tudo na vida se liga, se encadeia, se completa. Na sinfonia da evolução, cuja melodia é o amor, tudo está unido não havendo linearidades unidimensionais. Assim, a expressão recursos naturais, deveria ser abolida e substituída por bens da Terra, ou qualquer outro nome que dê a conotação correta ao que representam: bens constituídos pela força mesma da vida, com a batuta da CPOU, os tenores são as Inteligências que já galgaram aprendizado suficiente para compreenderem a harmonia da vida e repassarem seus ensinamentos, ritmos e tons, pelos humanos que dedilham, sopram, tocam e cantarolam por força de sua vontade, na senda do aprendizado, seus instrumentos de vida, e por milhares de outros seres vivos e corpos inorgânicos que, participando da mesma orquestra se apresentam todos no teatro Terra, na rua Sistema Solar, no bairro Via Láctea, na cidade chamada Grupo Local de localização Universo.

Nesse espetáculo não há lugar para recursos ambientais mas para bens da vida, bens da Terra, virtudes da existência. Quem sabe a mudança de nome, já não poderia ser uma das formas de se remediar a crise ambiental? Nomes nos trazem ideias e ideias nos levam a ações. Uma ideia equivocada faz nascer uma ação equivocada. A ideia adequada, por outro lado, leva à ação adequada, e é de ações

adequadas que precisamos para dirimir a crise que reconhecemos viver na atualidade.

Em realidade, o próprio conceito de crise, com o estudo do Espiritismo, pede para ser revisto. A Natureza não tem crises; a vida, por meio de seus limites, nos indica o balizamento para aprendermos o que é o necessário, é engendradora para a evolução espiritual. Ela não sofre crises, envia chamados para que as inteligências que estão a se desenvolver aprendam.

Assim, mais adequado seria denominarmos essa crise de “chamado para a inteligência humana”, por exemplo. Dessa forma, estamos vivendo um chamado para as inteligências humanas, um momento de desafio. E momentos de desafio requerem atenção, concentração, dedicação, calma, sabedoria. Tudo isso podemos tirar dos ensinamentos do Espiritismo.

Já que a Terra nos envia um chamamento e que estamos compreendendo esse chamado pelas nossas identificações da crise ambiental. Já que esta nos fez reconhecer que estamos gozando nossa legítima necessidade de viver usufruindo dos bens da Terra de forma não sábia - uma vez que já identificamos que avançamos ou estamos próximos de avançarmos sobre as “fronteiras planetárias”¹³ (VALE, 2011). Já que esse chamado nos impõe ao aprendizado do que realmente seja o necessário e do que é supérfluo; vejamos agora o que o Espiritismo nos traz sobre necessário e excessivo.

Na obra de Kardec aprendemos a reconhecer o limite do necessário pela intuição. Lembremos que é na consciência que as leis naturais estão descritas, e uma imersão nas nossas certezas íntimas nos é um bom balizador a nos indicar o necessário. Assim, por experiência atenta, consciente e com ponderação vamos calibrando nossos conceitos e agindo em harmonia com a Natureza.

Esta, por meio de sua organização, traçou seus limites. Estamos reconhecendo isso agora (VALE, 2011). Alerta-nos ainda o Espiritismo que os nossos vícios alteraram nossas próprias constituições naturais harmônicas. Por isso, em desarmonia, nossas necessidades construídas por nossos equivocados conceitos e atavismos, geram necessidades que não são reais, levando-nos aos

¹³ Limites biofísicos da Terra; “expressão tomada de empréstimo de Rockström” (VALE, 2011).

abusos constantes que cometemos e ao dispêndio do supérfluo ao invés do necessário (KARDEC, 2006, p. 384). Kardec (2006, p. 385) completa:

Nada tem de absoluto o limite entre o necessário e o supérfluo. A Civilização criou necessidades que o selvagem desconhece e os Espíritos que ditaram os preceitos acima não pretendem que o homem civilizado deva viver como o selvagem. Tudo é relativo, cabendo à razão regradar as coisas.

Condenável é o abuso, por ser contrário à conservação (KARDEC, 2006, p. 385). Também as ciências apregoam ao consumo exagerado um dos grandes pontos que o chamado da Natureza (a crise ambiental) nos faz saltar aos olhos.

Se Kardec nos assevera que no desenvolvimento da razão é que vamos aprender a utilizar apenas o que seja necessário para a vida, será, então, na educação da razão, que encontraremos uma das formas de ouvirmos e atendermos esse chamamento da Natureza. Temos aqui, mais uma vez, ressaltada a importância da educação no processo de remediação do cenário civilizatório a que nos encontramos.

vii. Lei de Destruição

Quando falamos de lei natural de destruição, dois aspectos surgem: a chamada competição natural causada pela necessidade de sobrevivência de uma espécie disputando recursos com outra, chegando a destruí-la para alimentação, bem como as destruições de grandes proporções, que quase sempre são alheias à vontade dos seres vivos. Uma visa à sobrevivência (conservação), a outra à renovação (progresso). Ambas estão na Natureza.

Para a regeneração e a transformação, preciso é que aja destruição que, em realidade, deveria chamar-se de renovação, já que leva à melhoria dos seres vivos. Além da destruição com fins renovadores existe a destruição de um indivíduo por outro, com fins de sobrevivência daquele que ao outro consome. Isso se dá também como um movimento natural que visa à manutenção do equilíbrio populacional, ou seja, é o contraponto da lei de reprodução, bem como visa à ciclagem da matéria (KARDEC, 2006, p. 389). Igualmente, a luta pela sobrevivência possibilita o desenvolvendo da inteligência nos seres (KARDEC, 2010, p. 97).

A destruição tem ainda a função de ampliar no ser a noção da vida espiritual. Vejamos (KARDEC, 2010, p. 96):

A verdadeira vida, tanto do animal como do homem, não está no invólucro corporal [...]. Está no princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao corpo. Esse princípio necessita do corpo para se desenvolver pelo trabalho que lhe cumpre realizar sobre a matéria bruta. O corpo se consome nesse trabalho, mas o Espírito não se gasta; ao contrário, sai dele cada vez mais forte, mais lúcido e mais apto. [...] [A] destruição ensina [...] aos homens o pouco caso que devem fazer do envoltório material e lhes suscita a ideia da vida espiritual, fazendo que a desejem como uma compensação.

Assim, o Espiritismo vem nos orientar que, a destruição dos invólucros materiais – que são “simples acessórios e não parte essencial do ser”, prejuízo algum traz ao princípio inteligente já que este não pode ser destruído, muito pelo contrário, ele vai se organizando nas metamorfoses da vida pelas quais passa (KARDEC, 2006, p. 389).

Não foi assim que ocorreu após o holocausto da poluição decorrida há cerca de dois bilhões de anos com a produção do oxigênio? Sendo que, deste holocausto “provieram as revoluções mais espetaculares e importantes da história da vida” (MARGULIS, 1990, p. 103). “Também a hecatombe do cretáceo, incluindo o desaparecimento dos dinossauros, há sessenta e seis milhões de anos, foi a via de desenvolvimento dos primeiros primatas” (MARGULIS, 1990, p. 223). Margulis (1990, p. 225) nos afirma: “As atribulações e vicissitudes evolutivas serviram de estímulo ao aparecimento de criaturas estranhas e maravilhosas, cada uma delas [...] mais surpreende do que a anterior”.

Sobre isso, Capra (2003, p. 52) comenta os estudos de Bogdanov que dizem: “a tensão entre crise e transformação tem importância fundamental para a formação de novos complexos”.

Reafirma-nos também Manoel Philomeno de Miranda (FRANCO, 2010, p. 10) que a destruição “é somente produzida para a transformação molecular da matéria” e que isso nada afeta a essência do ser que é o Espírito e, portanto, imortal. Lembra-nos ainda que as obras de Kardec salientaram que os acontecimentos que sacodem a Terra e seus habitantes nos tempos atuais têm o objetivo de despertar nestes a responsabilidade para consigo mesmos e pelo planeta, fazendo com que o progresso seja mais célere.

No entanto, mesmo sendo natural, a destruição deve ser precedida da conservação, pois se houver o aniquilamento antes do desenvolvimento do princípio inteligente, isso será prejudicial, tornar-se-á um obstáculo para a lei do progresso. Escreve Kardec (2006, p. 390): é para esse progresso que cada ser experimenta a necessidade de viver e de reproduzir. A conservação vem para garantir que isso ocorra antes que a natural destruição se dê.

Para contrapor ao instinto de conservação, e para que a Natureza avance, preciso é que exista a destruição. Em realidade, estudiosos nos confirmam que posteriormente a grandes destruições há mesmo um grande desenvolvimento da vida; já citamos o exemplo do holocausto do oxigênio. Outro exemplo de grande expansão da vida após episódio de destruição nós achamos na obra “A Teia da Vida”, na qual Capra (2003, p. 186) afirma: “Outro padrão notável é a ocorrência de catástrofes – que talvez sejam pontos de bifurcação planetários – seguidas por intensos períodos de crescimento e de inovação”.

Assim, a conservação de uns representa a destruição para outros; a destruição destes representa o contraponto da reprodução e essa dinâmica auxilia no desenvolvimento intelectual dos seres. Quando a sinfonia da vida mostra-se pronta para ampla renovação, grandes destruições ocorrem. Esses são aspectos da lei de destruição de acordo com o Espiritismo que sempre vem nos lembrar que os processos materiais existem como meio para o desenvolvimento do princípio inteligente, que é indestrutível.

Quanto à destruição que os humanos causam a outras espécies para sua sobrevivência, o que o Espiritismo nos diz ao confirmar esse direito, que serve para todos os seres vivos, é (KARDEC, 2006, p. 391): “Tal direito se acha regulado pela necessidade, que ele tem, de prover ao seu sustento e à sua segurança. O abuso jamais constitui direito”.

Apesar de ser uma lei natural, sua necessidade cessa quando a existência vai se desmaterializando e o princípio inteligente se depurando. Assim, quanto mais materializado o mundo mais destruição o mesmo presenciara. Conforme for evoluindo a destruição vai diminuindo até cessar. Na obra de Kardec (2006, p. 391), encontramos a seguinte ponderação: “Assim é que, como podeis observar, o horror à destruição cresce com o desenvolvimento intelectual e moral”. Portanto, sua necessidade providencial vai deixando de existir.

Sobre isso Denis (2010, p. 168) escreve:

O que impera nas baixas regiões da vida é a luta ardente, o combate sem trégua de todos contra todos, a guerra perpétua na qual cada ser se esforça para conquistar um lugar ao sol, quase sempre em prejuízo dos outros. Essa luta furiosa arrasta e destrói todos os seres inferiores em seus turbilhões. Nosso globo é como uma arena onde se travam incessantes lutas. A natureza renova incessantemente esses exércitos de combatentes. Em sua fecundidade prodigiosa, gera novos seres; mas logo a morte ceifa em suas estreitas fileiras. Essa luta, espantosa à primeira vista, é necessária para o desenvolvimento do princípio de vida. Ela dura até o dia em que um raio de inteligência vem iluminar as consciências adormecidas. É na luta que a vontade se apura e se afirma; é da dor que nasce a sensibilidade. A evolução material, a destruição dos organismos, é temporária; representa a fase primária da epopéia da vida. As realidades imperecíveis estão no Espírito; só ele sobrevive a esses conflitos.

Não é absurdo algum afirmar que ainda há muita destruição na Terra. Tampouco é absurdo afirmar já notarmos que o incomodo com essa destruição já esteja presente em nós. Isso pode nos indicar que estamos caminhando para a minoração da destruição conforme estamos nos aprimorando moralmente e intelectualmente. O avanço dessa postura humana traz-nos, mais uma vez, a necessidade imperiosa da educação para a nossa conscientização e elevação do ser que sanará, no longo prazo, os aparentes horrores da destruição.

A educação com o Espiritismo nos traz uma noção nova do papel da destruição em nosso mundo – sobrevivência, contraponto à reprodução, renovação, desenvolvimento intelectual e despertar para a realidade espiritual. No entanto, ela não pode ser prematura, e tanto mais existe quanto mais materializada forem as inteligências que habitarem no mundo. Além disso, a destruição não consegue jamais aniquilar o princípio inteligente e o Espírito – cernes de toda a existência.

Tudo o que vem da matéria é instável: tudo passa, tudo foge. Os montes se vão pouco a pouco abatendo sob a ação dos elementos; as maiores cidades convertem-se em ruínas; os astros acendem-se, resplandecem, depois apagam-se e morrem; só a alma imortal paira na Duração Eterna” (DENIS, 2010, p. 170).

viii. Lei de Sociedade

A vida de relações está na Natureza, todos concorrendo juntos para o progresso, colaborando-se mutuamente. Esse convívio advém também da necessidade de complementaridade de saberes e de funções (KARDEC, 2006, p. 403).

No reino animal, cujos integrantes vivem a vida material, sabemos que a sociedade se forma com vistas à sobrevivência, pela divisão de tarefas, proteção e procriação. Já na mais simples estrutura de vida, como a das bactérias, a sociedade se exprime. Harding (2008, p. 193, 201) afirma: a

maioria das bactérias vive em colônias, frequentemente com diferentes tipos de células executando funções metabólicas específicas e, para o todo funcionar bem, os variados e numerosos membros do grupo têm de se comunicar uns com os outros.

O autor chega a comparar a vida numa comunidade bacteriana, de tão complexa e comunicativa, a qualquer cidade humana.

As descobertas da etologia citadas por Morin em sua obra “O Paradigma Perdido: A Natureza Humana” (1973, p. 13) mostram que a constituição social é um fenômeno extremamente espalhado pela Natureza.

No humano, além da vida orgânica há o lado moral, portanto, o viver em sociedade ganha outros objetivos. Este viver proporciona o bem-estar e o progresso da coletividade pela heterogeneidade de faculdades que se complementam e colaboram-se entre si. Além disso, a vida social põe os homens em relação, desde a família, os amigos, os vizinhos, até os da mesma nacionalidade, todos convivendo e vivendo para aprenderem a amar (KARDEC, 2006). Maturana (2005, p. 14, 23) reconhece isso, afirmando que a cooperação na convivência é o que constitui o social que tem no amor sua sustentação.

Como vimos na Lei do Progresso, cada ser humano evolui na proporção de seus esforços e vontade, o progresso não é simultâneo. Assim, pelo convívio social concorrem para a ajuda mútua onde os mais adiantados auxiliam no progresso dos demais. E estes, por sua vez, ao serem ajudados auxiliam para o desenvolvimento daqueles que os ajudam com o exercício do trabalho e das questões morais (KARDEC, 2006, p. 408). Vemos que não há nada inútil, nem em vão.

A lei de sociedade se mostra como uma lei natural pela própria essência das coisas. Os grãos de areia vivem unidos na mesma praia, os grãos de trigo se abraçam na mesma espiga, os bagos de uva no mesmo cacho, também os homens vivem em famílias, depois unidos na mesma cidade, mesma pátria e finalmente na humanidade. “A vida individual e a vida coletiva evoluem por ciclos; o primeiro é a família; o segundo, a cidade; o terceiro, a pátria; o quarto, a humanidade; o último, o universo” (DENIS, 1982, p. 68, 69).

A lei de sociedade está mesmo em todos os níveis da vida. Margulis nos traz a intrincada relação que as bactérias têm entre si, quase que funcionando como um único organismo e, assim, tornam-se capazes de solucionar problemas complexos. E afirma (MARGULIS, 1990, p. 91): “As bactérias são não só seres muitíssimos sociais como se comportam também como uma espécie de democracia descentralizada à escala mundial”.

Harding (2008, p. 196) cita a bactéria *Myxococcus* no seu comportamento social explicando que no momento que a fome as ameaça, reúnem-se numa massa em forma de corcunda e então, a maioria delas comete suicídio, e ao fazerem isso, liberam nutrientes que são aproveitados pelas sobreviventes para criarem esporos resistentes e assim serem capazes de aguentar o período de fome até que o alimento a elas retorne. Vemos nesse exemplo além da lei de sociedade, a lei de conservação, destruição e de amor atuando. Este não é o único exemplo que Harding cita de bactérias com comportamento social, portanto, amoroso em sua obra “Terra Viva”. Ele ainda salienta (HARDING, 2008, p. 198): “se nossas células são fundamentalmente bacterianas, então um fio contínuo da nossa sensibilidade remonta a nossos mais antigos ancestrais bacterianos”.

Também Morin (1973, p. 13) reconhece a existência da cooperação e da solidariedade entre os membros de uma sociedade animal em busca da manutenção da sua existência. É a lei de sociedade trabalhando em conexão com a lei de amor nos diversos níveis de vida.

Para os humanos, Maturana (2005, p. 21, 22, 24) salienta o papel do compartilhamento social, da divisão de alimentos, da sexualidade, da criação de filhos que levam ao prazer da convivência, à linguagem, portanto, definindo a evolução humana. Cita ainda que toda ação provém de emoções sendo a emoção humana em sociedade o amor; é o amor que permite a aceitação do outro e sem essa aceitação não há o fenômeno social.

Em “A Teia da Vida” Capra (2003, p. 227) analisa os estudos de Maturana sobre o humano:

De acordo com Maturana, só podemos entender a consciência humana por meio da linguagem e de todo o contexto social no qual ela está encaixada. Como sua raiz latina – *con-scire* (“conhecer juntos”) – poderia indicar, consciência é essencialmente um fenômeno social.

Não poderia mesmo ser diferente, se o PI evolui passando pelos diversos estágios da vida, e se o fenômeno social encontra-se bem identificado desde as bactérias, nós Espíritos, temos em nós os aprendizados vivenciados ao longo dessa jornada social.

A convivência nos oferece ainda a oportunidade da prática da justiça e do amor. O viver em sociedade enseja obrigações para conviver-se sem grandes confusões e perturbações; essas obrigações levam ao respeito aos direitos. A plenitude desse respeito será alcançada quando todos agirem com os demais da mesma forma que gostariam que agissem consigo. Estará aí a realização da justiça e do amor (KARDEC, 2006, p. 454).

Assim é que as leis existindo juntas na Natureza desenham o cenário adequado para o fenômeno da vida e para a evolução do PI.

Com seus ensinamentos o Espiritismo nos convida a conhecermos a nossa natureza individual e a coletiva, a conviver, a conhecer-nos profundamente para agirmos com os demais, de acordo com que desejamos que ajam conosco; trabalhando, convivendo, vivenciando os fenômenos da conservação e da destruição, respeitando a igualdade e exercendo a liberdade. Tudo isso visando o melhoramento individual e o bem comum. Sempre com a compreensão de que a vida é composta de espírito e matéria; de que a matéria se transforma, é instável, cíclica e de que o espírito é que transfere inteligência à matéria, que evolui, que é eterno e indestrutível. Evolui até sua individualização e continua evoluindo, não tendo fim. Nesse cenário, os fenômenos da Natureza – que aqui chamamos de leis – ganham outro colorido, outra motivação. Esse novo entendimento da vida, acreditamos poder nos levar a sanarmos a crise ambiental.

ix. Lei de Justiça, Amor e Caridade

A lei do amor resume todas as demais, é a plena compreensão e aceitação da vida. É por ela que atingiremos a união de todos os seres, ou seja, a unidade: “objetivo e finalidade do Espírito” (KARDEC, 2006, p. 362).

A justiça é um tipo de amor, já que é o pleno respeito aos direitos dos demais. Esse sentimento é natural, o vemos pelo nosso próprio exemplo da constituição social e civilizatório que estamos progredindo nesse aspecto; isso tem ocorrido pelo aprimoramento nos nossos processos de justiça. A plena justiça surgirá quando respeitarmos aos outros da mesma forma que desejamos ser respeitados (KARDEC, 2006, p. 452, 453).

Sobre a caridade, explica-nos Kardec que esta abrange todas as relações que temos com os outros. O conceito de caridade é: fazer o bem a todos indistintamente, ter compreensão, respeito e doçura para com as imperfeições alheias e relevar os equívocos e incômodos que outros possam nos ocasionar (KARDEC, 2006, p. 457).

Na busca de se remediar a crise ambiental essa é uma lei natural importante. Se pela desconexão, pelo desentendimento e pelo desrespeito ao outro que destruimos e consumimos com velocidade cada vez maior os bens da Terra e constituímos as diferenças sociais, a compreensão da lei de justiça, amor e caridade poderia definitivamente reverter esse cenário.

Maturana (2005, p. 25) reconhece que o amor encontra-se nos insetos sociais. Lynn Margulis (1990) descrevendo o funcionamento das bactérias como compartilhadoras de seu material genético e como vivendo em plena convivência, nos faz refletir que mesmo na natureza das bactérias o amor está presente, pois para sobreviverem convivem e dividem.

Lovelock (2001, p. 154) nos sugere que:

Pode ser que o destino da Humanidade seja a domesticação, de modo a que as forças cruéis, destruidoras e gananciosas do tribalismo e do nacionalismo se fundam numa necessidade premente de pertencer à comunidade de todas as criaturas que constituem Gaia.

Ele sugere, portanto, a prática do amor como postura para a remediação do cenário de crise ambiental.

Capra (2003, p. 193) traz a ideia de que a vida “é muito menos uma luta competitiva pela sobrevivência do que um triunfo da cooperação e da criatividade”, afirmando assim que a noção do amor (ausência do ego em prol de algo maior) está na vida, na Natureza.

Encontramos também na obra de Maturana (2005, p. 22) referência ao amor:

“O amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência”.

Afirma o autor (MATURANA, 2005, p. 23), em outro trecho, que o amor é a emoção basilar para a hominização, ou seja, é a base da evolução do ser. Também menciona que estando fora da emoção que inclui o outro (fora do amor), não poderemos nos ocupar com o bem estar desse outro (MATURANA, 2005, p. 94).

Fritjof Capra (2003, p. 230) afirma:

Para recuperarmos nossa plena humanidade, temos de recuperar nossa experiência de conexidade com toda a teia da vida. Essa reconexão, ou religação, *religio* em latim, é a própria essência do alicerçamento espiritual da Ecologia Profunda.

A própria Ecologia Profunda é o pleno reconhecimento do amor (CAPRA, 2003, p. 29):

O cuidado flui naturalmente se o “eu” é ampliado e aprofundado de modo que a proteção da Natureza livre seja sentida e concebida como proteção de nós mesmos... Assim como não precisamos de nenhuma moralidade para fazer respirar... [da mesma forma] se o seu “eu”, no sentido amplo da palavra, abraça um outro ser [,ou seja, ama,] você não precisa de advertências morais para demonstrar cuidado e afeição... você o faz por si mesmo, sem sentir nenhuma pressão moral para fazê-lo. Se a realidade é como é experimentada pelo eu ecológico, nosso comportamento, de maneira natural e bela, segue normas de estrita ética ambientalista (NAESS, citado por FOX, [*Toward a Transpersonal Ecology*], 1990, p. 217).

Se considerarmos que a resolução da crise ambiental está na aceitação de todas as formas de vida e do meio em que vivemos, ou seja, no fato de reconhecermos e praticarmos o amor por tudo, vemos que o entendimento da lei do amor se faz relevante para a resolução da Crise.

Stephan Harding também nos alerta para a postura amorosa – que é a consideração de todo outro como um legítimo ser com valor em si mesmo – para o enfrentamento da crise ambiental. Diz-nos o autor (HARDING, 2008, p. 274, 297):

Se quisermos um dia criar uma visão de mundo com alguma chance de produzir genuína sustentabilidade ecológica, precisaremos deixar de avaliar todas as coisas à nossa volta em termos exclusivos do que podemos tirar delas, reconhecendo que toda vida tem um valor intrínseco, independente da utilidade que tenha para nós. [...] Isto nos convence de que a verdadeira mudança tem que ser uma mudança interior, pois, [...] mesmo as mais brilhantes soluções tecnológicas podem levar ao desastre se não forem usadas por seres humanos sensatos.

Assim, o amor está no Espiritismo e em diversas outras teorias científicas como um caminho que a humanidade deve seguir na edificação de um mundo

melhor sem crise ambiental. Além disso, importa também para o Espiritismo e para os autores aqui citados a reforma ético-moral do ser humano.

Nos trechos acima vimos que as leis naturais morais nos indicam diversos caminhos para a compreensão e a resolução da crise ambiental. Foi-nos também mostrado que na Natureza todas elas coexistem harmonicamente. Esse entendimento da coexistência da conservação com a destruição, da liberdade com o amor, do trabalho com o progresso, por exemplo, é ainda para nós uma novidade e um desafio.

Importante, então, estudarmos o pensamento complexo de Morin com seus sete princípios (sistêmico, hologramático, do anel retroativo, do anel recursivo, da auto-eco-organização, dialógico e da reintrodução) para irmos exercitando uma visão mais ampliada e fidedigna da Natureza.

Com base no pensamento complexo podemos vislumbrar melhor a magnitude da vida e passarmos a entender que todas as leis convivem em todos os níveis e norteiam as relações, o meio e os seres que prosseguem em constante transformação conjunta.

As leis naturais nos mostram também que na elevação moral estaria a chave para que sanemos o crítico cenário ambiental por nós já identificado. Esta elevação iria transformar as relações humanas, as relações produtivas, as relações comerciais. Iria reformar as instituições, igualar os direitos e ajustar as leis humanas. Adequaria o consumo humano, e o modo como lidamos com as demais formas de vida. Iria nos levar a respeitarmos a Terra em sua plenitude. Iria remediar a crise ambiental, portanto.

Chegaremos lá? O Espiritismo não nos deixa dúvida. E como cita Kardec (2006, p. 381):

Poder-se-á dizer que já se haja chegado à perfeição? Oh! Não, certamente; mas, o que já se fez deixa prever o que, com perseverança, se logrará conseguir, se o homem se mostrar bastante avisado para procurar a sua felicidade nas coisas positivas e sérias.

E prossegue em outro trecho (KARDEC, 2006, p. 471):

Os homens, quando se houverem despojado do egoísmo que os domina, viverão como irmãos, sem se fazerem mal algum, auxiliando-se reciprocamente, impelidos pelo sentimento mútuo da solidariedade. Então, o forte será o amparo e não o opressor do fraco e não mais serão vistos

homens a quem falte o indispensável, porque todos praticarão a lei de justiça.

Se em alguns já brilha a chama da justiça, a centelha do amor e a vontade da caridade, porque duvidar, que sendo todos iguais e sujeitos às mesmas leis, não chegaremos todos também a este estado de plenitude e harmonia, harmonizando, conseqüentemente, o mundo no qual vivemos? Por tudo que lemos e compreendemos do estudo do Espiritismo em conjunto com as demais ciências, não pode nos restar dúvida de que isso ocorrerá.

Conforme vimos nos trechos acima a elevação moral contribui para vários aspectos da remediação da crise ambiental. Portanto, a fim de analisarmos o arcabouço teórico que o Espiritismo nos traz sobre o desenvolvimento da moral humana, veremos no próximo trecho o que nele há sobre a conquista da perfeição moral.

2.3.3 Conquista da Perfeição Ético-Moral

Edgar Morin escreve (2012):

Somos filhos da natureza viva da Terra e estrangeiros a nós próprios. Esta reflexão leva-nos a abandonar a ideia que considerava o ser humano como centro do mundo, mestre e dominador da natureza [...]. Hoje, essa ambição parece-nos completamente irrisória, porque vivemos num planeta minúsculo, satélite de um pequeno sol de segunda classe, que faz parte de uma galáxia extremamente periférica; estamos, por essa razão, perdidos no Universo. Mas, se devemos abandonar a visão que faz do homem o centro do mundo, devemos salvaguardar a visão humanista que nos ensina que é necessário salvar a humanidade e civilizar a Terra.

Podemos afirmar certamente que o ser humano não pretende destruir a humanidade. Senão, seria dizer que não estamos na Natureza, onde a busca pela sobrevivência norteia todas as ações. No entanto, pelo contexto de crise ambiental que vivemos na atualidade, a humanidade tem mostrado que não sabe ainda como realizar esse salvamento suscitado por Morin.

Existirá, então, alguma explicação sobre o fato de querermos manter a vida no planeta e a nossa existência e mesmo assim estarmos ocasionando a crise ambiental?

O Espiritismo nos mostra que nosso atual momento evolutivo “se assemelha ao adolescente que, já não tendo a crença ingênua dos seus primeiros anos, ainda não possui os conhecimentos próprios da maturidade” (KARDEC, 2010, p. 108). Sendo que: “O apego às coisas materiais constitui sinal notório de inferioridade” (KARDEC, 2006, p. 462).

Entendemos, portanto, que o encontro com a verdadeira realidade (a espiritual, ou a da consciência, ou do pensamento juntamente com a matéria) em detrimento do monismo material (realidade na qual vivemos hoje) é o caminho a ser trilhado rumo à maturidade.

O Espiritismo muito tem a nos ajudar nessa caminhada, pois traz em suas obras um cabedal de saberes que nos orienta nessa direção. Explica Léon Denis (1982, p. 47) que: “o Espiritismo ensina aos homens as duas grandes virtudes sobre as quais repousa toda a moral humana: a justiça e a solidariedade, isto é, o progresso na ordem e o amor”.

Sobre o tentame que temos que desempenhar ao trilhar esse caminho o Espiritismo nos adverte (KARDEC, 2006, p. 471, 472):

De todas as imperfeições humanas, o egoísmo é a mais difícil de desenraizar-se porque deriva da influência da matéria, influência de que o homem, ainda muito próximo de sua origem, não pôde libertar-se e para cujo entretenimento tudo concorre: suas leis, sua organização social, sua educação. O egoísmo se enfraquecerá à proporção que a vida moral for predominante sobre a vida material [...]. O egoísmo assenta na importância da personalidade. Ora, o Espiritismo, bem compreendido, repito, mostra as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece, de certo modo, diante da imensidade. Destruindo essa importância, ou, pelo menos, reduzindo-a às suas legítimas proporções, ele necessariamente combate o egoísmo.

Portanto, para o Espiritismo, a sublimidade da virtude está no banimento do interesse pessoal pelo bem do próximo (KARDEC, 2006, p. 461). Essa lógica pode ser encontrada na leitura da obra de Fritjof Capra “A Teia da Vida” (2003, p. 45), onde, para o autor esse conceito representa o reconhecimento da existência de “redes dentro de redes”, ou seja, um mundo de relações, interconexões, onde o personalismo nele não cabe. Dessa ideia também vem o banimento do egoísmo. Se nada representamos senão conexões, não há ego. Os pontos da teia (“eus”) têm importância relativa - tratam de conexões. Assim, a consciência é impelida a ampliar-se para a compreensão da realidade que, na teoria da complexidade de Morin, pode ser mais bem compreendida.

Lynn Margulis (1990, p. 232) afirma que é necessário que passemos “do antagonismo à cooperação o mais depressa possível e que [tratemos] as espécies em geral com [...] honestidade”.

Morin (1973, p. 21, 22) confirma:

a sociedade hominídea não poderá progredir em complexidade se não reduzir simultaneamente a competição e a hierarquia entre machos, quer dizer, desenvolvendo entre estes últimos a cooperação e a amizade e estabelecendo, ao mesmo tempo, pontes afetivas interindividuais entre adultos e jovens.

Para Capra (2003, p. 28) a ética ecológica profunda é urgentemente necessária. Importante aqui entendermos que em realidade a Ecologia Profunda é a aplicação do amor a todo o ambiente, pois representa a consideração da teia da vida, ou seja, é a completa integração da vida plena com a anulação dos egos, o que nos leva às relações e não ao possuir. Ressalta também ele a urgência de se “introduzir padrões ‘ecoéticos’ na ciência”.

Para Harding (2008, p. 279) a ética nos processos científicos e tecnológicos também urgem:

O que faz toda a diferença é nosso nível de consciência ao projetar e usar a tecnologia. Se somos guiados pela cobiça, pela pura ambição, ódio e egoísmo, os resultados não podem deixar de ser negativos, mas se agimos a partir de um sentimento de solidariedade com todos os seres, de um desejo de ser útil a este mundo fantástico e da profunda compreensão de que existe apenas um Eu, que é o grande Eu do universo, então é maior a probabilidade de agirmos com sabedoria e moderação.

Jacqueline Russ (1999 apud COLOMBO, 2001, p. 87) salienta que vivemos num vazio ético:

Vivemos num momento em que as referências tradicionais desapareceram, em que não sabemos mais exatamente quais podem ser os fundamentos possíveis de uma teoria ética. O que é que, hoje, nos permite dizer que uma lei é justa? Nós o ignoramos. É num vazio absoluto que a ética contemporânea se cria, nesse lugar onde se apagaram as bases habituais, ontológicas, metafísicas, religiosas da ética pura ou aplicada. A crise de fundamentos que caracteriza todo nosso universo contemporâneo, crise visível na ciência, na filosofia ou mesmo no direito, afeta também o universo ético. Os próprios fundamentos da ética e da moral desapareceram. No momento em que as ações do homem se revelam grávidas de perigos e riscos diversos, estamos precisamente mergulhados nesse niilismo, essa relação com o 'nada', do qual Nietzsche foi, no século passado, o profeta e o clínico sem igual.

Se o mundo real é o mundo das ideias, da consciência (GOSWAMI, 2005, p. 10, 16), ou como o Espiritismo chama o mundo espiritual; se todos estamos na mesma rede da vida, na mesma teia; se a matéria é relevante mas secundária; e se

precisamos compreender e agir em conformidade com essa realidade, o apego material e ao ego são grandes empecilhos para o nosso desenvolvimento e despertamento à realidade.

Na obra de Capra (2003, p. 227, 229) há a menção da visão budista sobre a condição humana, nela temos que: o sofrimento humano surge quando nos apegamos, ou seja, nos fixamos às coisas e às formas que são criações mentais, impermanentes e transitórias. Explica-nos o autor: Buda ensinou que todas as formas (“coisas, eventos, pessoas ou ideias”) que aparentemente são fixas, são em realidade “*maya*”, ou seja, são criações – “um poder criativo mágico”. Portanto, nos fixando às formas deixamos de compreender a fluidez da vida e ficamos fadados a “experimentar frustração após frustração”.

Maturana (2005, p. 25) nos explica que “Na vida humana, a maior parte do sofrimento vem da negação do amor: os seres humanos somos filhos do amor”. Ora, se o sofrimento vem da ausência do reconhecimento do outro como legítimo, o egoísmo (que é a não legitimação do outro) é um motivo de sofrimento. O biólogo ainda comenta da necessidade de se respeitar, acolher e amar a si mesmo como tarefa indispensável para a aceitação e o respeito ao outro, portanto, amar-se para amar (MATURANA, 2005, p. 30). Essa autoaceitação nos suscita outra necessidade, a de sabermos quem somos, ou melhor, a de nos conhecermos para nos aceitarmos e respeitarmos, uma vez que para aceitar e respeitar algo há que se conhecê-lo.

O banimento do egoísmo, o desenvolvimento do amor e a autoanálise são também uma questão chave no Espiritismo. Sobre isto Léon Denis (2010, p. 171) nos esclarece:

Quando aplicamos o ouvido ao que se passa no fundo do nosso ser, ouvimos como o turbilhão de águas ocultas e tumultuosas, o fluxo e o refluxo do mar agitado da personalidade que os vendavais da cólera, do egoísmo e do orgulho encapelam. São as vozes da matéria, os chamamentos das baixas regiões que nos atraem e influenciam ainda as nossas ações, mas essas influências, podemos dominá-las com a vontade, podemos impor silêncio a essas vozes. Quando em nós se faz a bonança, quando o murmúrio das paixões se aplaca, eleva-se então a voz potente do Espírito Infinito, o cântico da Vida Eterna, cuja harmonia enche a Imensidade. E, quanto mais o Espírito se eleva, purifica e ilustra, tanto mais o seu organismo fluídico se torna acessível às vibrações, às vozes, ao influxo do Alto.

O que Denis nos sugere é a identificação em nós mesmos daquilo que nos mantém apegados à falsa realidade da vida e irmos amainando-a pelo emprego da nossa vontade. Fazendo isso entramos em maior harmonia com a vida e no círculo

virtuoso que cada vez mais adentramos, iremos sentindo a consonância com a Vida e nessa nos fortalecemos.

Sobre o banimento do egoísmo, vejamos uma instrutiva citação em Kardec (2006, p. 472, 473):

[...] o egoísmo, verme roedor, continua a ser a chaga social. [...] Cumpre, pois, combatê-lo, como se combate uma enfermidade epidêmica. Para isso, deve-se proceder como procedem os médicos: ir à origem do mal. Procurem-se em todas as partes do organismo social, da família aos povos, da choupana ao palácio, todas as causas, todas as influências que, ostensiva ou ocultamente, excitam, alimentam e desenvolvem o sentimento do egoísmo. Conhecidas as causas, o remédio se apresentará por si mesmo. [...] Poderá ser longa a cura, porque numerosas são as causas, mas não é impossível. Contudo, ela só se obterá se o mal for atacado em sua raiz, isto é, pela educação [...]. A educação, convenientemente entendida, constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, conseguir-se-á corrigi-los, do mesmo modo que se apuram plantas novas. Essa arte, porém, exige muito tato, muita experiência e profunda observação. [...] Faça-se com o moral o que se faz com a inteligência e ver-se-á que, se há naturezas refratárias, muito maior do que se julga é o número das que apenas reclamam boa cultura, para produzir bons frutos.

Continua o autor (KARDEC, 2006, p. 473, 474):

O homem deseja ser feliz e natural é o sentimento que dá origem a esse desejo. Por isso é que trabalha incessantemente para melhorar a sua posição na Terra [...]. Quando compreender bem que no egoísmo reside [...] [a causa] que perturba todas as relações sociais, provoca as dissensões, aniquila a confiança, a que o obriga a se manter constantemente na defensiva contra o seu vizinho, enfim a que do amigo faz inimigo, ele compreenderá também que esse vício é incompatível com a sua felicidade [...]. E quanto mais haja sofrido por efeito desse vício, mais sentirá a necessidade de combatê-lo [...], seu próprio interesse a isso o induzirá. O egoísmo é a fonte de todos os vícios, como a caridade o é de todas as virtudes. Destruir um e desenvolver a outra, tal deve ser o alvo de todos os esforços do homem, se quiser assegurar a sua felicidade neste mundo, tanto quanto no futuro.

Estas citações nos fazem refletir sobre diversas questões, vejamos uma a uma:

- O egoísmo, ou seja, o personalismo em detrimento do conjunto da vida, é um sério problema social e ambiental. Já podemos entender a base científica disso. Uma vez que a realidade é o mundo espiritual (fato que o Espiritismo veio nos comprovar, que a física quântica está também apontando e que Capra, em suas obras, vem nos mostrando), o apego à vida material é ilusão e está em descompasso com a harmonia da Natureza; essa desarmonia está gerando a crise ambiental. O pensamento de que o mundo material é o real, portanto, nosso ego é nosso corpo, faz com que a satisfação do “eu” seja a satisfação dos anseios do

corpo, isso origina a prática do ter para ser. O gozo na matéria vem nos ocasionando a crise ambiental, pois, sendo limitado e finito o nosso planeta, aquilo que me serve e me satisfaz reduz o que serviria a outrem. Assim, a disputa se instala, dilatando ainda mais o círculo vicioso do egoísmo e também da crise ambiental.

- Devemos fazer profundas análises sobre as causas do egoísmo e irmos combatendo uma a uma paulatinamente. Portanto, os grandes debates e convenções que tratam da crise ambiental deveriam incluir o egoísmo em sua pauta, discutindo suas causas e as formas de irmos eliminando-o. Poderíamos inclusive ter, além das convenções sobre o Clima e sobre a Biodiversidade, por exemplo, a Convenção de Combate ao Egoísmo. Por que não, se ele é um dos principais causadores de nossa crise, segundo estamos estudando?

- A educação que oriente à construção de seres de bem, não apenas de seres sabedores das ciências, é uma necessidade. Vimos anteriormente que o progresso moral decorre do progresso intelectual (KARDEC, 2006, p. 408). Assim, o Espiritismo, que postula a educação que vise o desenvolvimento intelectual, adverte que esta deve ser feita com vistas ao progresso ético-moral. Sabemos que com isso pouco nos importamos na atualidade. Achamos que esse desenvolvimento é uma escolha pessoal, que nada tem a ver com as relações sociais, muito menos com a crise ambiental. Focamos nossos estudos nas ciências materiais e no desenvolvimento de nossa intelectualidade e deixamos de lado a construção do nosso senso moral. Construção esta ainda pouco valorizada por nossas instituições sociais, o que nos deixa ainda distantes do caminho de nos encontrarmos com a verdade espiritual da vida.

- Por fim, Kardec legitima nossa busca pela felicidade, mas adverte que fazemos essa busca de forma ainda distorcida. Diz que trabalhamos incessantemente para alcançá-la, mas ainda não compreendemos que é o egoísmo que, perturbando todas as relações, dela nos afasta. Esse buscar e não achar amplia o ciclo vicioso da procura equivocada, pois, enquanto o encontro com a felicidade não vier, mais e mais corremos atrás dela de forma equivocada. Não é exatamente isso que fazemos e assim exaurimos o meio ambiente? Segundo o que nos ensina o Espiritismo, percebendo que é o egoísmo que nos afasta da felicidade, iremos iniciar sua eliminação. Explica Kardec que “de ordinário, o homem só é infeliz

pela importância que liga às coisas deste mundo” (KARDEC, 2006, p. 485), ou seja, do mundo material, e completa (KARDEC, 2006, p. 541):

Quando, porém, conseguir a soma de gozos que o progresso intelectual lhe pode proporcionar, verificará que não está completa a sua felicidade. Reconhecerá ser esta impossível, sem a segurança nas relações sociais, segurança que somente no progresso moral lhe será dado achar. Logo, pela força mesma das coisas, ele próprio dirigirá o progresso para essa senda e o Espiritismo lhe oferecerá a mais poderosa alavanca para alcançar tal objetivo.

Na eliminação do egoísmo, o Espiritismo nos adverte sobre a forma que montamos nossas instituições sociais (KARDEC, 2006, p. 472):

O choque, que o homem experimenta, do egoísmo dos outros é o que muitas vezes o faz egoísta, por sentir a necessidade de colocar-se na defensiva. Notando que os outros pensam em si próprios e não nele, ei-lo levado a ocupar-se consigo mais do que com os outros. Sirva de base às instituições sociais, às relações legais de povo a povo e de homem a homem o princípio da caridade e da fraternidade e cada um pensará menos na sua pessoa, assim veja que outros nela pensam. Todos experimentarão a influência moralizadora do exemplo e do contato.

O Espiritismo, vem então nos aconselhar que nossas instituições devem ser reformadas, pois, ao contato das ações individualistas e não fraternas, os homens se recrudescem ainda mais no egoísmo e na defensiva: “necessário é que se reformem as instituições humanas que o entretêm e excitam. Isso depende da educação” (KARDEC, 2006, p. 470).

O Espiritismo auxilia nesse caminho. A revelação da existência da vida espiritual e de sua continuidade nos eleva para outra perspectiva. A certeza da continuidade da vida nos faz laborar com mais retidão, força e persistência em nossa melhora ético-moral. “A incerteza sobre o que concerne à vida futura faz o homem se atire, tomado de uma espécie de frenesi, para as coisas da vida material” (KARDEC, 2010, p. 108). Mostrando que a vida não tem fim, que a realidade material é temporária e que o bem-estar e a felicidade são alcançados pela essência espiritual do ser e não nas quimeras da vida material, o Espiritismo torna-se um estímulo ao progresso harmônico (KARDEC, 2006, p. 538, 539, 540).

O Espiritismo conta que ao alcançar essa consciência, o ser humano de bem será aquele que constantemente pratica a autoanálise para se manter no amor e apresenta que a educação é um processo fundamental nesse alcance, pois, como já citado anteriormente, nos encontramos na adolescência de nosso despertar espiritual.

Verdadeiramente, homem de bem é o que pratica a lei de justiça, amor e caridade, na sua maior pureza. Se interrogar a própria consciência sobre os atos que praticou, perguntará se não transgrediu essa lei, se não fez o mal, se fez todo o bem que podia, se ninguém tem motivos para dele se queixar, enfim se fez aos outros o que desejara que lhe fizessem. Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem contar com qualquer retribuição, e sacrifica seus interesses à justiça. É bondoso, humanitário e benevolente para com todos, porque vê irmãos em todos os homens, sem distinção de raças, nem de crenças. [...] Respeita, enfim, em seus semelhantes, todos os direitos que as leis da Natureza lhes concedem, como quer que os mesmos direitos lhe sejam respeitados (KARDEC, 2006, p. 474, 475).

Para auxiliar-nos nessa conquista é que veremos na Terceira Parte desta dissertação a propositura de uma disciplina curricular. Esta despertará o posicionamento individual de cada estudante perante a crise ambiental e o estimulará a pensar seu papel, bem como o da sociedade, embasando-se também nos ensinamentos do Espiritismo.

Para encerrar esse capítulo que nos revelou a história do Espiritismo, a forma como foi elaborado, partes de seu conteúdo e algumas repercussões que esses saberes nos proporcionam para a compreensão e resolução da crise ambiental, citamos Kardec (2010, p. 62):

Sob o domínio da crença de que tudo acaba com a vida, a imensidade é o vazio, o egoísmo reina soberano entre vós e a vossa palavra de ordem é: 'Cada um por si'. Com a certeza do porvir, os espaços infinitos se povoam ao infinito, em parte alguma há o vazio e a solidão; a solidariedade liga todos os seres [...]. É o reino da caridade, sob a divisa: 'Um por todos e todos por um'.

É a noção dessa teia da vida plena e eterna, que agora reconhecemos racionalmente. É também aquilo que objetivamos deixar de mensagem dos aprendizados do Espiritismo para que saneemos, todos juntos, no processo de transformação intelecto moral e da construção de um mundo melhor, a crise ambiental.

Aprendemos sobre o Espiritismo e alguns de seus principais conceitos – o que representa a matéria, a existência do princípio inteligente, a natureza dos seres vivos e do ser humano, bem como os aspectos da evolução do Princípio Inteligente e seus aspectos morais. Relacionamos estes a algumas observações de cientistas da atualidade e também em relação a aspectos da crise ambiental. Na próxima Parte continuaremos a estudar os aspectos do Espiritismo escritos em forma de uma história da vida e nela poderemos adentrar em algumas novas questões relativas à importância de ecossistemas e da conservação para a evolução do PI, portanto,

extremamente relevante para a vida, segundo os conceitos do Espiritismo.

SEGUNDA PARTE

A HISTÓRIA DO SURGIMENTO, EVOLUÇÃO E SIGNIFICADO DA VIDA PARA O ESPIRITISMO

3 UMA POSSÍVEL NOVA HISTÓRIA DAS COISAS

“Tudo se liga e se encadeia no universo” (DENIS, 1982, p. 43).

Continuaremos, neste capítulo, trazendo os conceitos que o Espiritismo nos oferece. Para tal, escolhemos escrever a história da vida na Terra contada por seus conceitos.

Esta história visa fornecer novas perspectiva sobre a vida e nossa atual crise ambiental. Poderá servir também de material didático para atividades educativas.

O tema é complexo e para tal, elaboramos um trabalho de coletânea de informações vindas da literatura Espírita; por isso, vamos usar diversas citações para mantermos a fidelidade conceitual. A metodologia usada é a mesma da descrita no item 1.1.

Chegou a grande hora de dispersar, nos meios filosóficos e científicos, os vapores asfixiantes do positivismo materialista, proclamando ao mundo a boa notícia de que no cume mais ensolarado da majestosa árvore do saber humano nasceu um outro galho luxuriante e fecundo de frutos regeneradores, galho este que se chama “Ciência da Alma”, graças à qual se pode demonstrar [...] o equívoco da concepção materialista do Universo. Esta “Ciência da alma” demonstra também que a germinação da vida nos mundos tem por objetivo a evolução do Espírito que, tendo encarnado em potência na matéria, deve se elevar ao estado de uma individualidade perfeita consciente, moral, angelical, graças às experiências incontáveis adquiridas através de todas as sínteses da matéria organizada, experiências estas que se alternam em ciclos de existência espiritual sempre sublimes, até alcançar os cumes supremos (BOZZANO, 1905, p. 175).

I NOSSO VIVER, NOSSO QUESTIONAR

Existimos, vivemos, sentimos, pensamos... Pesquisamos, descobrimos, conjecturamos, nos inquietamos... Em nossas inquietações sobre a vida, nos indagamos sobre nós mesmos, sobre nossas origens biológicas, nossa cultura,

nossos sentimentos... Nessas divagações que não encontram respostas plenas olhamos ao nosso redor e vemos o Planeta Terra a se mostrar para nós. Como é imenso e belo! Mas quão desafiador é nele viver!

Olhamos então para o céu e dessa visão temos uma leve noção do Universo que nos rodeia. Nesses momentos nos esquecemos de nossa natureza e mergulhamos no espaço... Na imensidão dos corpos celestes nossa Terra é um pequenino corpo na extremidade de uma galáxia entre tantas outras. Impossível sentir essa grandeza toda como se fora um volume de ar que nossa maneira de respirar não consegue inspirar e expirar... e nos asfixia. Voltamos então para a Terra... Seria ela o único planeta habitado? Toda essa vida só nesse pontinho do Universo ocorre?

E se assim for, a mesma está ameaçada pela crise ambiental que deflagramos... Então o desafio desta Crise nos encara. Surgem novamente indagações: Será que nesse planeta cheio de vida, esta se encontra em risco? Ou seria apenas a vida da humanidade que assim está? E por que isso está ocorrendo? Em verdade a vida tem fim?

Por não termos respostas, costumeiramente desistimos de indagar sobre isso e, quase sempre, retornamos às nossas vidas automáticas e, por isso, alienadas. Haveria possíveis respostas para essas questões?

Ficamos então sabendo que há uma teoria sobre a vida que se encontra entre nós desde meados do século XIX que propõe respostas a essas indagações. Vindo de muitos lugares no Universo vem essa explicação da vida. Vejamos...

II UMA TEORIA SOBRE A VIDA

Entre os séculos XIX e XX, espalhados pelo mundo, fenômenos a princípio estranhos e enigmáticos suscitaram a curiosidade de muitos, fato que levou iminentes cientistas da época a voltarem suas atenções e os estudarem profundamente. Esses estudos comprovaram que os fenômenos tratavam-se das

consequências da interação dos homens com Inteligências Extracorpóreas denominadas de Espíritos.¹⁴

A análise desses fenômenos por metodologia da ciência positiva, mas com atitude que anunciava o que Gaston Bachelard (1934) viria a denominar de “O novo Espírito Científico” provocou rupturas que reconectaram ciência e filosofia, dissociadas naquela metodologia, possibilitando que surgisse o Espiritismo:

ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações (KARDEC, 2007, p. 54, 55).

O Espiritismo traz as provas materiais da existência “do ser espiritual, da sua sobrevivência, da sua imortalidade e da sua individualidade” (KARDEC, 2010, p. 239), bem como mostra a inteligência atuando fora da matéria.

Do Espiritismo advém essa história das coisas que aqui começamos a contar para borrifar gotas de novos conhecimentos que amainem nossos questionamentos...

III E COMEÇA NOSSA HISTÓRIA

Uma inteligência suprema é a causa primária de todas as coisas; é a Causa Primária Ordenadora do Universo - CPOU.

Existindo essa inteligência suprema, como tudo que é inteligente, esteve sempre em atividade. A plena realização da inteligência é a criação. Assim, a criação sempre existiu no Universo. Advindo de inteligência a criação é inteligente já que não haveria razão uma criação de coisas exclusivamente inanimadas ou ininteligentes num Universo ordenado pela inteligência (KARDEC, 2010, p. 238).

A existência de seres inteligentes é consequência direta da existência da CPOU, bem como a existência de seres inteligentes implica que, existindo a inteligência, há de haver uma causa inteligente.

¹⁴ Seres inteligentes da Natureza (KARDEC, 2006).

Confirmada pelo Espiritismo a existência de Inteligências Extracorpóreas, confirma-se a inteligência independente da matéria, a qual podemos chamar de Princípio Inteligente (PI) ou espiritual. Existindo inteligências, elas não se realizam como materialidade cujo conteúdo essencial é imaterial.

Assim, a matéria também se constitui parte da vida, a parte donde as inteligências, original e advindas da CPOU, nela se realizam (KARDEC, 2006).

Da física quântica temos a afirmação de que (GOSWAMI, 2005, p. 102): “A consciência não pode provocar o colapso de possibilidades [...] na ausência de um corpo físico”. Portanto, é no contato com a matéria que a inteligência se exprime.

Havendo uma causa (CPOU) e o que desta adveio (inteligência e matéria – elementos de uma única realidade), temos que, desde toda a eternidade há mundos materiais e seres espirituais (KARDEC, 2010, p. 241). Desse fato é que a realidade da Vida se desenrola: a inteligência suprema, o princípio inteligente e o fluido cósmico universal (matéria) constituem o que existe (KARDEC, 2006, p. 75).

O Universo é, ao mesmo tempo, um mecanismo incomensurável, acionado por um número incontável de inteligências, e um imenso governo em o qual cada ser inteligente tem a sua parte de ação sob as vistas [...] [da CPOU, cuja unicidade das leis] mantém por toda parte a unidade. Sob o império dessa vasta potência reguladora, tudo se move, tudo funciona em perfeita ordem. Onde nos parece haver perturbações, o que há são movimentos parciais e isolados, que se nos afiguram irregulares apenas porque circunscrita é a nossa visão. Se lhes pudéssemos abarcar o conjunto, veríamos que tais irregularidades são apenas aparentes e que se harmonizam com o todo (KARDEC, 2010, p. 459).

Importante se faz entendermos que a CPOU não age diretamente a todo instante sob os seres, são suas leis que regem todas as ações dos seres no Universo (KARDEC, 2006, p. 503; KARDEC, 2010, p. 73).

IV ESPAÇO INFINITO, TEMPO RELATIVO E ETERNIDADE

Imerso na causa primária supremamente inteligente o Universo está; constituído no Espaço Universal - palavra que exprime um conceito axiomático de si mesmo. Espaço esse sem fim... Impossível se faz concebermos que avançando por ele, não encontraríamos de um ponto qualquer em diante extensão para percorrermos (KARDEC, 2010, p. 122).

Nele, desde toda a eternidade, constituí-se o campo do fluido universal originando o elemento primeiro que origina a matéria: o fluido cósmico universal, princípio material do Universo que a tudo preenche. Vestido pelas leis universais da matéria e

da impulsão inicial inerente à sua formação mesma, a matéria cósmica primitiva fez que sucessivamente nascessem turbilhões, aglomerações desse fluido difuso, amontoados de matéria nebulosa que se cindiram por si próprios e se modificaram ao infinito para gerar, nas regiões incomensuráveis da amplidão diversos centros de criações simultâneas ou sucessivas (KARDEC, 2010, p. 133).

Em virtude das forças que predominaram sobre um ou sobre outro deles [...], esses centros primitivos se tornaram focos de uma vida especial: uns, menos disseminados no espaço e mais ricos em princípios e em forças atuantes, começaram desde logo a sua particular vida astral; os outros, ocupando ilimitada extensão, cresceram com lentidão extrema, ou de novo se dividiram em outros centros secundários (KARDEC, 2010, p. 133).

Quando isso ocorreu?

Tão relativa qualquer resposta se apresentaria... O tempo, sendo a sucessão das coisas, “está ligado à eternidade, do mesmo modo que as coisas estão ligadas ao infinito” (KARDEC, 2010, p. 123).

Na origem das coisas, os movimentos são imperceptíveis, as revoluções mal podem ser observadas, os movimentos relativos – que nos suscitam a ideia de tempo, não ocorrem. Portanto, o tempo ali não corre. Tempo é uma “medida relativa da sucessão das coisas transitórias” (KARDEC, 2010, p. 125). A eternidade, não se pode medir, ela sempre é, ou seja, sempre está no presente. Essa compreensão do tempo nos possibilita entender a condição de permanência da vida.

“Imensidade sem limites e eternidade sem limites, tais as duas grandes propriedades da natureza universal” (KARDEC, 2010, p. 124).

Sobre o tempo, nossa história nos oferece a seguinte reflexão (GOSWAMI, 2005, p. 162):

Você também aprendeu [esse] segredo com o rio, que não existe isso de tempo? O rio está em toda parte ao mesmo tempo, na fonte e na boca, na queda d'água, na balsa, na corrente, no oceano e nas montanhas, em toda parte, e o presente só existe por si, não como sombra do passado, nem como sombra do futuro? Assim é, e, quando aprendi isso, revi minha vida e ela também era um rio [conversa entre Siddharta e seu amigo Govinda (HESSE, 1973)].

V A ETERNA TEIA DA VIDA

Mas estando na Terra, e nesta contingência construindo nossa existência, nós humanos organizamos nossas vidas individuais e coletivas contando o tempo pelos movimentos da Terra. Eles nos dão a noção de horas, dias, anos, séculos... Assim é que (KARDEC, 2010, p. 134):

Transportando-nos há alguns milhões de séculos somente, acima da época atual, verificamos que a nossa Terra ainda não existe, que mesmo o nosso sistema solar ainda não começou as evoluções da vida planetária; mas, que, entretanto, já esplêndidos sóis iluminam o éter; já planetas habitados dão vida e existência a uma multidão de seres, nossos predecessores na carreira humana, que as produções opulentas de uma natureza desconhecida e os maravilhosos fenômenos do céu desdobram, sob outros olhares, os quadros da imensa criação.

[...] desde toda a eternidade tem havido seres que atingiram o ponto culminante da escala. Antes que existisse a Terra, mundos sem conta haviam sucedido a mundos e, quando a Terra saiu do caos dos elementos, o espaço estava povoado de seres espirituais em todos os graus de adiantamento, desde os que surgiam para a vida até os que, desde toda a eternidade, haviam tomado lugar entre os puros Espíritos, vulgarmente chamados anjos (KARDEC, 2010, p. 241).

A coletividade dos Espíritos constitui, de certo modo, a alma do Universo. Por toda parte, o elemento espiritual é que atua em tudo, sob o influxo do pensamento divino. Sem esse elemento, só há matéria inerte, carente de finalidade, de inteligência, tendo por único motor as forças materiais, cuja exclusividade deixa insolúveis uma imensidade de problemas. Com a ação do elemento espiritual individualizado, tudo tem uma finalidade, uma razão de ser (KARDEC, 2010, p. 251).

Dessa Teia da Vida eterna é donde provém as Inteligências Superiores que presidem as nebulosas e cada planeta que destas se formam, bem como o desenvolvimento da vida que neles ocorre. Sendo inteligentes não ficam inativas. Assim, operam seus aprendizados nos mundos. Sendo superiores e sábias são bondosas e justas. Portanto, a Terra e todos os corpos celestes são orientados por inteligências sábias e boas. Daí a vida não poder ser ruim ou injusta, nem tão pouco nós estamos sozinhos ou isolados no Universo:

Uma mesma família humana foi criada na universalidade dos mundos e os laços de uma fraternidade que ainda não sabeis apreciar foram postos a esses mundos. Se os astros que se harmonizam em seus vastos sistemas são habitados por inteligências, não o são por seres desconhecidos uns dos outros, mas, ao contrário, por seres que trazem marcado na fronte o mesmo destino, que se hão de encontrar temporariamente, segundo suas funções de vida, e encontrar de novo, segundo suas mútuas simpatias. É a grande família dos Espíritos que povoam as terras celestes; é a grande irradiação do Espírito divino que abrange a extensão dos céus e que permanece como tipo primitivo e final da perfeição espiritual (KARDEC, 2010, p. 156).

Nós, humanos terráqueos, somos pequenos seres inteligentes dentre uma imensidade incomensurável de outros tantos não humanos que, como nós, chegarão à angelitude, vivendo nos não menos numerosos mundos. Uma imensa família! A eterna e imensa Teia da Vida.

VI NOSSA NEBULOSA

Na noite estrelada miramos uma nebulosa... Mas ao descermos os olhos do céu, nossa realidade terrena volta. Apesar de tudo ficar mais claro, as dúvidas agora, ao invés de diminuir, aumentam em nossas mentes... Que é o Universo? O que representa então nessa imensidade a Terra? Vejamos:

Sucedeu que, num ponto do Universo, perdido entre as miríades de mundos, a matéria cósmica se condensou sob a forma de imensa nebulosa, animada esta das leis universais que regem a matéria. Em virtude dessas leis, notadamente da força molecular de atração, tomou ela a forma de um esferóide, a única que pode assumir uma massa de matéria insulada no espaço. O movimento circular produzido pela gravitação, rigorosamente igual, de todas as zonas moleculares em direção ao centro, logo modificou a esfera primitiva, a fim de a conduzir, de movimento em movimento, à forma lenticular (KARDEC, 2010, p. 137).

Novas forças surgiram em consequência desse movimento de rotação: a força centrípeta e a força centrífuga, a primeira tendendo a reunir todas as partes no centro, tendendo a segunda a afastá-las dele. Ora, acelerando-se o movimento, à medida que a nebulosa se condensa, e aumentando o seu raio, à medida que ela se aproxima da forma lenticular, a força centrífuga, incessantemente desenvolvida por essas duas causas, predominou de pronto sobre a atração central (KARDEC, 2010, p. 137).

[Essa] predominância da força centrífuga destacou o circo equatorial da nebulosa e desse anel uma nova massa se formou, isolada da primeira, mas, todavia, submetida ao seu império. Aquela massa conservou o seu movimento equatorial que, modificado, se lhe tornou movimento de translação em torno do astro solar. Ao demais, o seu novo estado lhe dá um movimento de rotação em torno do próprio centro (KARDEC, 2010, p. 138).

A nebulosa geratriz, que deu origem a esse novo mundo, condensou-se e retomou a forma esférica; mas, como o primitivo calor, desenvolvido por seus diversos movimentos, só com extrema lentidão se atenuasse, o fenômeno que acabamos de descrever se reproduzirá muitas vezes e durante longo período, enquanto a nebulosa não se haja tornado bastante densa, bastante sólida, para oferecer resistência eficaz às modificações de forma, que o seu movimento de rotação sucessivamente lhe imprime. Ela, pois, não terá dado nascimento a um só astro, mas a centenas de mundos destacados do foco central, saídos dela pelo modo de formação mencionado acima. Ora, cada um de seus mundos, revestido, como o mundo primitivo, das forças naturais que presidem à criação dos universos gerará sucessivamente novos globos que desde então lhe gravitarão em torno, como ele, juntamente com seus irmãos, gravita em torno do foco que lhes deu existência e vida. Cada um desses mundos será um Sol, centro de

um turbilhão de planetas sucessivamente destacados do seu equador. Esses planetas receberão uma vida especial, particular, embora dependente do astro que os gerou (KARDEC, 2010, p. 138).

Por esse processo originou-se nossa Via-Láctea (KARDEC, 2010, p. 145): um ponto quase que inapreciável dentre as mais de milhões de nebulosas existentes no universo, mas nem por isso menos relevante e cheia de vida. Nela, “uma trintena de milhões de sóis se pode contar [...], subordinados uns aos outros, como rodas gigantes de uma engrenagem imensa” (KARDEC, 2010, p. 148).

Em nossa nebulosa, sistemas solares se solidarizam em múltiplas influências que perpetuamente reagem uns sobre os outros, agrupados, pela gravitação universal, numa mesma família. Família essa que compõe uma “campina matizada de flores solares e planetárias” (KARDEC, 2010, p. 144, 145).

“Um desses planetas será a Terra que, antes de se resfriar e revestir de uma crosta sólida, dará nascimento à Lua, pelo mesmo processo de formação astral a que ela própria deveu a sua existência” (KARDEC, 2010, p. 139).

Sabendo-se que

a Terra nada é, ou quase nada, no sistema solar; que este nada é, ou quase nada, na Via-Láctea; esta por sua vez, nada, ou quase nada, na universalidade das nebulosas e essa própria universalidade bem pouca coisa dentro do imensurável infinito, começa-se a compreender o que é o globo terrestre (KARDEC, 2010, p. 145).

Apesar de quase que insignificante, a Terra é um membro da família universal e como todo membro de uma família, por menor que seja, é tão relevante quanto os demais. Sim, há uma família universal! Mesmo com as incomensuráveis distâncias que separam o prodigioso número de estrelas de nossa nebulosa mãe, pertencemos a ela. Ela que primeiramente foi o “centro fluídico dos movimentos” que, em seguida gerou os mundos e que passou depois a ser o “núcleo central e atrativo das esferas que lhe nasceram do seio” (KARDEC, 2010, p. 152). Esta nebulosa, por sua vez, é apenas uma dentre as demais nebulosas. Todas irmãs. Todas solidárias umas às outras, pois que são filhas da mesma matéria cósmica primitiva, sujeitas às mesmas leis. Leis unas, mas capazes de conferir variedade infinita à expressão universal. Assim é tudo em o Universo: unido e distinto, igual e único, isolado e participe (KARDEC, 2010, p. 147, 148).

Essa lei única,

[...] primordial e geral, foi outorgada ao Universo, para lhe assegurar eternamente a estabilidade, e que essa lei geral nos é perceptível aos sentidos por muitas ações particulares que nomeamos forças diretrizes da Natureza. [...] a harmonia do mundo inteiro, considerado sob o duplo aspecto da eternidade e do espaço, é garantida por essa lei suprema (KARDEC, 2010, p. 151).

VII OS MUNDOS

A existência dos mundos pode, a meu ver, dividir-se em três períodos. — Primeiro período: condensação da matéria [...]. Segundo período: contração, solidificação da crosta; eclosão dos germens, desenvolvimento da vida até à aparição do tipo mais aperfeiçoado. Nesse momento, o globo está em toda a sua plenitude, é a época da virilidade [...]. À medida que seus habitantes progridem espiritualmente, passa ele ao período de decrescimento material; sofre perdas, não só em consequência do atrito, mas também pela desagregação das moléculas [...]. Em seu duplo movimento de rotação e translação, ele entrega ao espaço parcelas fluidificadas da sua substância, até ao momento em que se completa a sua dissolução. [...] Dominado por planetas mais poderosos, aos quais ele não pode fazer contrapeso, resultam daí desvios nos seus movimentos e, portanto, também profundas mudanças nas condições da vida em sua superfície. Assim, nascimento, vida e morte; ou infância, virilidade, decrepitude são as três fases por que passa toda aglomeração de matéria orgânica ou inorgânica. Indestrutível, só o Espírito, que não é matéria (KARDEC, 2010, p. 216).

Igualmente ocorre com a nossa Terra (KARDEC, 2010, p. 153):

As mesmas leis que a elevaram acima do caos tenebroso e que a galardoaram com os esplendores da vida, as mesmas forças que a governaram durante os séculos da sua adolescência, que lhe firmaram os primeiros passos na existência e que a conduziram à idade madura e à velhice, vão também presidir à desagregação de seus elementos constitutivos, a fim de os restituir ao laboratório onde a potência criadora haure incessantemente as condições da estabilidade geral. [...] E a morte não será um acontecimento inútil, nem para a Terra que consideramos, nem para suas irmãs. Noutras regiões, ela renovará outras criações de natureza diferente e, lá onde os sistemas de mundos se desvaneceram, em breve renascerá outro jardim de flores mais brilhantes e mais perfumadas.

Fisicamente, a Terra teve as convulsões da sua infância; entrou agora num período de relativa estabilidade: na do progresso pacífico, que se efetua pelo regular retorno dos mesmos fenômenos físicos e pelo concurso inteligente do homem. Está, porém, ainda, em pleno trabalho de gestação do progresso moral. Aí residirá a causa das suas maiores comoções. Até que a Humanidade se haja avantajado suficientemente em perfeição, pela inteligência e pela observância das leis divinas, as maiores perturbações ainda serão causadas pelos homens, mais do que pela Natureza, isto é, serão antes morais e sociais do que físicas (KARDEC, 2010, p. 213,214).

Portanto, na Terra, esse planeta único, mas não diferente, as leis naturais também aqui reinam. E o fazem de conformidade com as condições que suas

características, localização e constituição oportunizaram. Tudo isso, claro, orientado pelas Inteligências que a todos os processos comandam (KARDEC, 2006, p. 75).

E, quando esses períodos da nossa imortalidade nos houverem passado sobre as cabeças, quando a história atual da Terra nos aparecer qual sombra vaporosa no fundo da nossa lembrança; quando, durante séculos incontáveis, houvermos habitado esses diversos degraus da nossa hierarquia cosmológica; quando os mais longínquos domínios das idades futuras tiverem sido por nós perlustrados em inúmeras peregrinações, teremos diante de nós a sucessão ilimitada dos mundos e por perspectiva a eternidade imóvel (KARDEC, 2010, p. 155).

Percebemos que “a Terra e o homem são nada em confronto com o que existe e que as mais colossais operações do nosso pensamento ainda se estendem apenas sobre um campo imperceptível, diante da imensidade e da eternidade de um universo que nunca terá fim” (KARDEC, 2010, p. 154, 155).

Sendo a vida real a vida espiritual e sendo nós Espíritos imortais, a Terra é nosso palco vivo donde a vida se desenrola segundo suas leis, no qual somos coparticipes, coformadores, cotransformadores, e donde nós Espíritos aprendemos o que nela vivenciamos compartilhamos nossos aprendizados com toda a vida que nela se encerra. A Vida existe para o pensamento, a inteligência; os mundos são as moradas das inteligências e representam as realizações das mesmas, bem como são coparticipes das vivências e descobertas das leis que os regem (KARDEC, 2010, p. 155).

VIII NOSSA TERRA

Que mudança de perspectiva! Conhecendo essa realidade nossos horizontes se ampliam... No entanto permanecemos inquietos, já que nossa realidade ainda permanece a mesma, dados os limites de nossas percepções. Precisamos aprender mais. Vejamos...

Eis que nesse modestíssimo planeta

[...] soa na sineta eterna a primeira hora de uma Terra insulada, o planeta se move no espaço e desde então há tarde e manhã. Para lá da Terra, a eternidade permanece impassível e imóvel, embora o tempo marche com relação a muitos outros mundos. Para a Terra, o tempo a substitui e durante uma determinada série de gerações contar-se-ão os anos e os séculos (KARDEC, 2010, p. 124).

Assim nossa Terra começou suas revoluções.

Não nos são novos os estudos da geologia e das camadas geológicas podemos entender as formações sucessivas que mudaram o aspecto da Terra. Uma bela caminhada por essas sucessões pode ser encontrada no livro “Terra Viva” num trecho que Harding sugere uma atividade denominada “Mergulhando no tempo Profundo”, ou mesmo na obra Espírita “A Gênese” no item “Esboço Geológico da Terra”.

No que tange o surgimento da vida em nosso planeta, o que sabemos até agora permanece inconclusivo, porque, segundo o Espiritismo, restrito são aos limites de nossa capacidade intelecto moral. Do estudo das teorias de diversos cientistas Lynn Margulis (1990, p. 54) nos afirma: “Tudo quanto pode garantir-se é que a vida surgiu”.

Revoluções

A condição da Terra e o desenrolar da evolução dos seres vivos são completamente interligados com as revoluções do planeta.

Os períodos geológicos marcam as fases do aspecto geral do globo, em consequência das suas transformações. Mas, com exceção do período diluviano¹⁵, que se caracterizou por uma subversão repentina, todos os demais transcorreram lentamente, sem transições bruscas. Durante todo o tempo que os elementos constitutivos do globo levaram para tomar suas posições definitivas, as mutações houveram de ser gerais. Uma vez consolidada a base, só se devem ter produzido modificações parciais, na superfície (KARDEC, 2010, p. 203).

Assim, até a estabilidade terrena do período pós-diluviano ou período atual, a vida orgânica na Terra foi deveras alterada. Após essas grandes revoluções a Terra somente experimentou perturbações locais mudando apenas o aspecto de certas regiões. Vindas, como dantes, do fogo – com erupções vulcânicas, ou das águas produzindo irrupções ou a retirada do mar nalgumas costas. Desmoronamentos também interceptaram correntes de água formando lagos, transbordamentos e inundações; ou aterros nas embocaduras dos rios, como nos apresentam hoje, por exemplo o delta do Nilo (KARDEC, 2010, p. 204).

¹⁵ Período geológico definido no Espiritismo (ocorrido entre o Terciário e o Pós-diluviano ou Atual) que se caracterizou por um grande cataclisma onde as águas, arremessadas violentamente fora de seus leitos “invadiram os continentes, arrastando consigo as terras e os rochedos, desnudando as montanhas, desarraigando as florestas seculares. [...] A suposição mais generalizada [para o ocorrido] é a de que uma brusca mudança sofreu a posição do eixo e dos pólos da Terra” (KARDEC, 2010, p. 187).

A vida na Terra também se submete aos seus movimentos. Descrevemos aqui três: translação, rotação e precessão dos equinócios.

A translação nos dá os anos e as estações com suas mudanças climáticas. A rotação nos apresenta as horas, bem como a noite e o dia. O terceiro movimento, ainda pouco comentado, se completa em períodos de 25.868 anos os quais denominados de precessão dos equinócios¹⁶.

O terceiro movimento da Terra que “consiste numa espécie de oscilação circular, que se há comparado à de um pião a morrer, e por virtude da qual o eixo da Terra, mudando de inclinação, descreve um duplo cone cujo vértice está no centro do planeta” (KARDEC, 2010, p. 208), faz com que o equinócio avance a cada ano 25 minutos e 7 segundos.

Com o tempo, esses poucos minutos fazem horas, dias, meses e anos, resultando daí que o equinócio da primavera, que agora se verifica no mês de março, em dado tempo se verificará em fevereiro, depois em janeiro, depois em dezembro. Então o mês de dezembro terá a temperatura de março e março a de junho e assim por diante, até que, voltando ao mês de março, as coisas se encontrarão de novo no estado atual, o que se dará ao cabo de 25.868 anos, para recomençar indefinidamente a mesma revolução (KARDEC, 2010, p. 208).

Desse movimento cônico do eixo, resulta que os pólos da Terra não olham constantemente os mesmos pontos do céu; que a Estrela Polar não será sempre estrela polar; que os pólos gradualmente se inclinam mais ou menos para o Sol [...] a cada renovação do período de 25.000 anos (KARDEC, 2010, p. 209).

Esse relevante movimento “uma verdadeira maré universal de 25.000 anos” (KARDEC, 2010, p. 209) proporciona à vida na Terra uma frequente mudança:

O aquecimento e o resfriamento alternativos dos pólos e, por conseguinte, a fusão dos gelos polares durante a metade do período de 25.000 anos e a nova formação deles durante a outra metade desse período. [...] O deslocamento gradativo do mar, fazendo-o invadir pouco a pouco umas terras e pôr a descoberto outras, para de novo as abandonar, voltando ao seu leito anterior (KARDEC, 2010, p. 209,210).

Dessa alternância resulta que os pólos não estão condenados à perpétua esterilidade, tornando-se de tempos em tempos férteis (KARDEC, 2010, p. 210).
Igualmente, o

[...] deslocamento demorado, gradual e periódico do mar [...] tem por efeito o entretenimento das forças produtivas da Terra. A longa imersão é para os terrenos um tempo de repouso, durante o qual eles recuperam os princípios

¹⁶ Equinócio é o instante em que o sol, passando de um hemisfério a outro, se encontra perpendicular ao equador. Atribuímos esses momentos aos dias 21 de março e 22 de setembro (KARDEC, 2010, p. 208).

vitais esgotados por uma não menos longa produção. Os imensos depósitos de matérias orgânicas, formados pela permanência das águas durante séculos e séculos, são adubações naturais, periodicamente renovadas, e as gerações se sucedem sem se aperceberem de tais mudanças (KARDEC, 2010, p. 210).

Assim, vejamos que tudo na Terra se transforma. Lenta ou rapidamente; de forma previsível ou não. Nada parece ser perpétuo, imutável. Tudo é transformação e renovação.

IX A TERRA E O SURGIMENTO DA VIDA ORGÂNICA

Nessa nossa história vamos trazer uma versão para o surgimento e evolução da vida na Terra... Não absoluta, pois esse aparecimento remonta aos mistérios do surgimento das coisas - campo ainda acima de nossa capacidade de compreensão. No entanto, o Espiritismo nos auxilia a nele caminhar.

Os seres vivos surgiram na Terra dos germens que aqui já existiam e que aguardavam o momento propício para se desenvolverem.

Os princípios orgânicos se congregaram, desde que cessou a atuação da força que os mantinha afastados, e formaram os germens de todos os seres vivos. Estes germens permaneceram em estado latente de inércia, como a crisálida e as sementes das plantas, até o momento propício ao surto de cada espécie. Os seres de cada uma destas se reuniram, então, e se multiplicaram (KARDEC, 2006, p. 82).

Exemplifica Kardec (2006, p. 83): “Os tecidos do corpo humano e do dos animais não encerram os germens de uma multidão de vermes que só esperam, para desabrochar, a fermentação pútrida que lhes é necessária à existência? É um mundo minúsculo que dormita e se cria”. Assim a vida foi-se desenvolvendo na Terra, pela força mesma da evolução da vida, de sua autopropulsão.

Conta-nos um sábio (KARDEC, 2010, p. 158):

Aplicuem-se aos seres que adejam nos ares os vossos estudos, desçam eles à violeta dos prados, mergulhem nas profundezas do oceano, em tudo e por toda a parte lereis esta verdade universal: A Natureza onipotente age conforme os lugares, os tempos e as circunstâncias; ela é uma em sua harmonia geral, mas múltipla em suas produções; brinca com um Sol, como com uma gota d'água; povoa de seres vivos um mundo imenso com a mesma facilidade com que faz se abra o ovo posto pela borboleta.

Foi pela unicidade das leis e pelos seus múltiplos resultados que a vida foi-se transcorrendo na Terra... Mas, um fato teremos que de manter em nossas mentes, pois que nos ajudará em muito para a compreensão da evolução da vida orgânica em nosso globo (KARDEC, 2010, p. 200):

O desenvolvimento orgânico está sempre em relação com o desenvolvimento do princípio intelectual. O organismo se completa à medida que se multiplicam as faculdades da alma. A escala orgânica acompanha constantemente, em todos os seres, a progressão da inteligência, desde o pólipo até o homem, e não podia ser de outro modo, pois que a alma precisa de um instrumento apropriado à importância das funções que lhe compete desempenhar. De que serviria à ostra possuir a inteligência do macaco, sem os órgãos necessários à sua manifestação?

Vejamos então como se deu a escalada da vida em nosso planeta (XAVIER, 2007, p. 37, 38):

A imensa fornalha atômica estava habilitada a receber as sementes da vida e, sob o impulso dos Gênios Construtores, que operavam no orbe nascituro, vemos o seio da Terra recoberto de mares mornos, invadido por gigantesca massa viscosa a espriar-se no colo da paisagem primitiva. Dessa geléia cósmica, verte o princípio inteligente, em suas primeiras manifestações... Trabalhadas, no transcurso de milênios, pelos operários espirituais que lhes magnetizam os valores, permutando-os entre si, sob a ação do calor interno e do frio exterior, as mônadas celestes [espírito em evolução] exprimem-se no mundo através da rede filamentosa do protoplasma de que se lhes derivaria a existência organizada no Globo constituído.

Séculos sucessivos se passam...

Aparecem os vírus e, com eles, surge o campo primacial da existência, formado por nucleoproteínas e globulinas, oferecendo clima adequado aos princípios inteligentes ou mônadas fundamentais, que se destacam da substância viva, por centros microscópicos de força positiva, estimulando a divisão cariocinética (XAVIER, 2007, p. 38).

Evidenciam-se, desde então, as bactérias rudimentares, cujas espécies se perderam nos alicerces profundos da evolução, lavrando os minerais na construção do solo, dividindo-se por raças e grupos numerosos, plasmando, pela reprodução assexuada, as células primevas, que se responsabilizariam pelas eclosões do reino vegetal em seu início (XAVIER, 2007, p. 38).

Sustentado pelos recursos da vida que na bactéria e na célula se constituem do líquido protoplásmico, o princípio inteligente nutre-se agora na clorofila, que revela um átomo de magnésio em cada molécula, precedendo a constituição do sangue de que se alimentará no reino animal (XAVIER, 2007, p. 38, 39).

Vagarosamente, no decurso de séculos que iam se transcorrendo, surgem as primeiras algas nadadoras, que até hoje existem entre nós.

[...] algas verdes de feição pluricelular, com novo núcleo a salientar-se, inaugurando a reprodução sexuada e estabelecendo vigorosos embates nos quais a morte comparece, na esfera de luta, provocando metamorfoses contínuas, que perdurarão, no decurso das eras, em dinamismo profundo, mantendo a edificação das formas do porvir (XAVIER, 2007, p. 39).

E como se formaram os primeiros indivíduos das formas do porvir? Onde surgiu o primeiro casal do qual cada espécie se multiplicou? Nisso está o mistério do começo das coisas e sobre o qual apenas podem ser formuladas hipóteses (KARDEC, 2010, p. 219). É a descrição dessas hipóteses que trazemos nesta história.

A geração espontânea

[...] só se pode aplicar aos seres das ordens mais ínfimas do reino vegetal e do reino animal, àqueles em os quais a vida começa a despontar e cujo organismo, extremamente simples, é, de certo modo, rudimentar. Foram esses, com efeito, os primeiros que apareceram na Terra e cuja formação houve de ser espontânea (KARDEC, 2010, p. 229).

Até hoje assistimos a essa criação permanente ocorrida nas primeiras idades do mundo.

Quanto aos seres um pouco mais complexos, a grande probabilidade é que cada espécie animal saiu de casais primitivos cujos germens encontravam-se espalhados por diversos lugares, eclodindo conforme o ambiente assim o permitisse, oferecendo-lhes as condições para o desenvolvimento e a sobrevivência (KARDEC, 2010, p. 219).

Mas isso não significa o aval à teoria da criação, reafirma-se aqui o gradiente evolutivo das espécies. Por germinar entendamos as mesmas condições que há numa semente:

Na semente de uma árvore, tampouco há madeiras, folhas, flores ou frutos e fora erro pueril crer-se que a árvore inteira, sob microscópica forma, ali se encontra. Quase não há, sequer, na semente, oxigênio, hidrogênio e carbono em quantidade necessária a formar uma folha da árvore. Ela contém um gérmen que desabrocha, em sendo favoráveis as condições. Esse gérmen se desenvolve por efeito dos sucos que haure da terra e dos gases que aspira do ar. Tais sucos, que não são lenho, nem folhas, nem flores, nem frutos, infiltrando-se na planta, lhe formam a seiva, como nos animais formam o sangue. Levada pela circulação a todas as partes do vegetal, a seiva, conforme o órgão a que vai ter e onde sofre uma elaboração especial, se transforma em lenho, folhas e frutos, como o sangue se transforma em carne, osso, bÍlis, etc. Contudo, são sempre os mesmos elementos: oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono, diversamente combinados (KARDEC, 2010, p. 225, 226).

Elementos que nas condições apropriadas formaram um organismo.

X FORMAÇÃO DOS CORPOS ORGÂNICOS

“A formação dos primeiros seres vivos se pode deduzir, por analogia, da mesma lei em virtude da qual se formaram e formam todos os dias os corpos inorgânicos” (KARDEC, 2010, p. 220).

A Química considera elementares umas tantas substâncias, como o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono, o cloro, o iodo, o flúor, o enxofre, o fósforo e todos os metais. Combinando-se, elas formam os corpos compostos: os óxidos, os ácidos, os álcalis, os saís e as inúmeras variedades que resultam da combinação destes. A combinação de dois corpos para formar um terceiro exige especial concurso de circunstâncias: seja um determinado grau de calor, de sequeidão, ou de umidade; seja o movimento ou o repouso; seja uma corrente elétrica, etc. Se essas circunstâncias não se verificarem, a combinação não se operará. Quando há combinação, os corpos componentes perdem suas propriedades características, enquanto o composto que deles resulta adquire outras, diferentes das daqueles. [...] A composição e decomposição dos corpos se dão em virtude do grau de afinidade que os princípios elementares guardam entre si. [...] Os corpos compostos se formam sempre em proporções definidas, isto é, pela combinação de uma certa quantidade dos princípios constituintes. Tal, em poucas palavras, a lei que preside à formação de todos os corpos da Natureza. A inumerável variedade deles resulta de um número pequeno de princípios elementares combinados em proporções diferentes (KARDEC, 2010, p. 220, 221).

“Assim, na formação dos animais e das plantas, nenhum corpo especial entra que igualmente não se encontre no reino mineral” (KARDEC, 2010, p. 224).

Pela lei una, corpos inorgânicos e orgânicos se formam. Podemos concluir que os corpos “dos primeiros seres vivos se formaram, como as primeiras pedras, pela reunião das moléculas elementares, em virtude da lei de afinidade, à medida que as condições da vitalidade do globo foram propícias a esta ou àquela espécie” (KARDEC, 2010, p. 226). Quando as circunstâncias são apropriadas a inércia de antes cessa e começa um novo trabalho de elaboração, onde os elementos se movimentam e surgem moléculas e os corpos e organismos.

Sabendo disso, temos agora de conhecer um princípio que há na Natureza e que confere a diferença entre os corpos orgânicos e inorgânicos: o princípio vital que é oriundo do fluido cósmico universal, conferindo às substâncias propriedades que as distinguem do que seja inorgânico. Esse princípio vitalizante se desenvolve “em cada indivíduo, por efeito mesmo da combinação dos elementos, tal como se desenvolvem, dadas certas circunstâncias, o calor, a luz e a eletricidade” (KARDEC, 2010, p. 227).

A atividade do princípio vital é alimentada durante a vida pela ação do funcionamento dos órgãos, do mesmo modo que o calor, pelo movimento de rotação de uma roda. Cessada aquela ação, por motivo da morte, o princípio vital se extingue, como o calor, quando a roda deixa de girar (KARDEC, 2010, p. 227, 228).

Em realidade, seria mais preciso dizer que nos corpos orgânicos, da combinação dos elementos que os constituem, desenvolve-se uma eletricidade.

Os corpos orgânicos seriam, então, verdadeiras pilhas elétricas, que funcionam enquanto os elementos dessas pilhas se acham em condições de produzir eletricidade: é a vida; que deixam de funcionar, quando tais condições desaparecem: é a morte. Segundo essa maneira de ver, o princípio vital não seria mais do que uma espécie particular de eletricidade, denominada eletricidade animal, que durante a vida se desprende pela ação dos órgãos e cuja produção cessa, quando da morte, por se extinguir tal ação (KARDEC, 2010, p. 228).

XI ESCALA EVOLUTIVA DOS SERES VIVOS

Compreendendo agora a formação dos corpos orgânicos e o papel das condições da vida na germinação dos seres, podemos seguir para a escala evolutiva dos seres vivos. No entanto, é muito importante sabermos em nossa história das coisas que a evolução da vida é sempre acompanhada por Inteligências que já passaram, em outras épocas, pela evolução e agora gozam de elevada sabedoria. Assim é que “todos os campos da Natureza contam com agentes da Sabedoria Divina para a formação e expansão dos valores evolutivos” (XAVIER, 2007, p. 269).

Dobadas longas faixas de tempo, em que bactérias e células são experimentadas em reprodução agâmica. Eis que determinado grupo apresenta no imo da própria constituição qualidades magnéticas positivas e negativas que lhe são desfechadas pelos Orientadores Espirituais encarregados do progresso devido ao Planeta. Pressente-se a evolução animal em vésperas de nascer (XAVIER, 2007, p. 59).

Entre o reino vegetal e o reino animal, nenhuma delimitação há nitidamente marcada. Nos confins dos dois reinos estão os zoófitos ou animais-plantas, cujo nome indica que eles participam de um e outro: serve-lhes de traço de união. [...] O zoófito tem a aparência exterior da planta. Como planta, mantém-se preso ao solo; como animal, a vida nele se acha mais acentuada: tira do meio ambiente a sua alimentação (KARDEC, 2010, p. 230, 231).

Uma das mais fundamentais estruturas da vida surge nos corpos materiais: o cromossomo.

O princípio inteligente, destinado a crescer para a glória da vida, em dois planos distintos de experiência, quando se mostra ativado em constituição mais complexa, recebe desses mesmos Arquitetos da Sabedoria Divina os

dons da reprodução mais complexa nos cromossomos, ou concentrações fluídico-magnéticas especiais, a se retratarem, através do tempo, pela reflexão constante, no campo celular, concentrações essas que, por falta de terminologia adequada no dicionário humano, baratearemos, quanto possível, comparando-as aos moldes fabricados para o serviço de fundição na oficina tipográfica. Os cromossomos, estruturados em grânulos infinitesimais de natureza fisiopsicossomática, partilham do corpo físico pelo núcleo da célula em que se mantêm e do corpo espiritual pelo citoplasma em que se implantam (XAVIER, 2007, p. 61, 62).

Processos múltiplos de divisão passam a ser experimentados. [...] Lentamente, os cromossomos adquirem a sua apresentação peculiar, [...] [merecendo] a melhor atenção dos Construtores Divinos, que através do centro celular mantêm a junção das forças físicas e espirituais, ponto esse em que se verifica o impulso mental, de natureza eletromagnética, pelo qual se opera o movimento dos cromossomos, na direção do equador para os pólos da célula, cunhando as leis da hereditariedade e da afinidade que se vão exercer (XAVIER, 2007, p. 68, 69).

Os milênios vão passando e a evolução do reino vegetal e animal vão se dando conforme nossos conhecimentos trazidos pelas ciências tradicionais também apontam do ponto de vista dos organismos.

Mais tarde, a mônada em evolução já ingressando nos artrópodes apresenta em seu sangue já diferenciado

[...] um átomo de cobre em sua estrutura molecular, para, em seguida, surpreendê-la, guindada à condição de crisálida da consciência, no reino dos animais superiores, em cujo sangue — condensação das forças que alimentam o veículo da inteligência no império da alma — detém a hemoglobina por pigmento básico, demonstrando o parentesco inalienável das individualizações do espírito, nas mutações da forma que atende ao progresso incessante da Criação Divina (XAVIER, 2007, p. 39, 40).

Assim, vai passando, o espírito em evolução (mônada), dos vegetais do período pré-cambriano aos fetos e lycopodiáceas, dos trilobites e cistídeos aos cefalópodes, foraminíferos e radiolários, para atingir os espongiários e celenterados onde se dá o esboço da estrutura esquelética (XAVIER, 2007, p. 40).

Com a passagem do tempo, e sob a inspiração dos Arquitetos Espirituais que lhe orientam a evolução da forma, avança na rota do progresso, plasmando implementos novos no veículo de expressão. Entre a esfera terrena e a esfera espiritual, adquire os órgãos particulares com que passa a atender variadas funções entre os protozoários, como sejam, os vacúolos pulsáteis para a sustentação do equilíbrio osmótico e os vacúolos digestivos para o equilíbrio da nutrição (XAVIER, 2007, p. 70).

Através dos estágios nascimento-experiência-morte-experiência-renascimento, nos planos físico e extrafísico, as crisálidas de consciência, dentro do princípio de repetição, [...] se reproduzem de modo absolutamente semelhante. Nesse domínio, o princípio inteligente, servindo-se da herança, e por intermédio das experiências infinitamente recapituladas, habilita-se à diferenciação [...], ascendendo progressivamente à diferenciação maior na escala animal, onde o corpo espiritual, à feição de protoforma humana, já oferece moldes mais complexos (XAVIER, 2007, p. 69).

Avançando pelos equinodermos e crustáceos, entre os quais ensaiou, durante milênios, o sistema vascular e o sistema nervoso, caminhou na direção dos ganóides e teleósteos, arqueossauros e labirintodontes para culminar nos grandes lacertinos e nas aves estranhas, descendentes dos pterossáurios, no jurássico superior, chegando à época supracretácea para entrar na classe dos primeiros mamíferos, procedentes dos répteis teromorfos (XAVIER, 2007, p. 40).

Compreende-se então a possibilidade de que os animais de organização complexa não sejam mais do que uma transformação, ou, se quiserem, um desenvolvimento gradual, a princípio insensível, da espécie imediatamente inferior e, assim, sucessivamente, até ao primitivo ser elementar. [...] as espécies superiores seriam produto das transformações sucessivas desses mesmos seres, realizadas à proporção que as condições atmosféricas se lhes foram tornando propícias. Adquirindo cada espécie a faculdade de reproduzir-se, os cruzamentos acarretaram inúmeras variedades. Depois, uma vez instalada em condições favoráveis, quem nos diz que os germens primitivos donde ela surgiu não desapareceram para sempre, por inúteis? (KARDEC, 2010, p. 232)

O princípio inteligente é experimentado de modos múltiplos no laboratório da Natureza, constituindo-se-lhe, pouco a pouco, a organização físico-espiritual, e traçando-se-lhe entre a Terra e o Céu a destinação finalista. Com o amparo dos Trabalhadores Divinos fixa em si mesmo os selos vivos da reprodutividade, que se definem e aperfeiçoam no regaço dos milênios [...]. Os tecidos germinais sofrem, por milhares de anos, provas continuadas para que se lhes possa aferir o valor e se lhes apure o adestramento. Formas monstruosas aparecem e desaparecem, desde os anelídeos aos animais de grande porte, por séculos e séculos, até que as espécies conseguissem acomodação nos próprios tipos (XAVIER, 2007, p. 62, 63).

Viajando sempre, [a mônada] adquire entre os dromatérios e anfitérios os rudimentos das reações psicológicas superiores, incorporando as conquistas do instinto e da inteligência. [...] Estagiando nos marsupiais e cretáceos do eoceno médio, nos rinocerotídeos, cervídeos, antilopídeos, eqüídeos, canídeos, proboscídeos e antropídeos inferiores do mioceno e exteriorizando-se nos mamíferos mais nobres do plioceno, incorpora aquisições de importância entre os megatérios e mamutes, precursores da fauna atual da Terra, e, alcançando os pitecantropídeos da era quaternária, que antecederam as embrionárias civilizações paleolíticas, a mônada vertida do Plano Espiritual sobre o Plano Físico atravessou os mais rudes crivos da adaptação e seleção, assimilando os valores múltiplos da organização, da reprodução, da memória, do instinto, da sensibilidade, da percepção e da preservação própria, penetrando, assim, pelas vias da inteligência mais completa e laboriosamente adquirida, nas faixas inaugurais da razão (XAVIER, 2007, p. 40, 41).

Na escala da evolução da inteligência rumo ao pensamento contínuo, sabermos o animal que apresenta a maior evolução não é algo simples, pois uns apresentam mais progresso em determinado sentido e menos em outros. Considerando essa dificuldade, André Luiz nos conta que podemos conceber “o cão e o macaco, o gato e o elefante, o muar e o cavalo” como animais de nosso convívio usual “dotados de maior riqueza mental” (XAVIER, 2007, p. 269, 270).

Por pouco que se observe a escala dos seres vivos, do ponto de vista do organismo, é-se forçado a reconhecer que, desde o líquen até a árvore e desde o zoófito até o homem, há uma cadeia que se eleva gradativamente, sem solução de continuidade e cujos anéis todos têm um ponto de contacto

com o anel precedente. Acompanhando-se passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior. Visto que são idênticas às dos outros corpos as condições do corpo do homem, química e constitucionalmente; visto que ele nasce, vive e morre da mesma maneira, também nas mesmas condições que os outros se há de ele ter formado (KARDEC, 2010, p. 233).

Todavia, quanto mais o corpo [do ser humano] diminui de valor aos seus olhos, tanto mais cresce de importância o princípio espiritual. Se o primeiro o nivela ao bruto, o segundo o eleva a incomensurável altura. Vemos o limite extremo do animal: não vemos o limite a que chegará o espírito do homem (KARDEC, 2010, p. 234).

A não se considerar, pois, senão a matéria, abstraindo do Espírito, o homem nada tem que o distinga do animal. Tudo, porém, muda de aspecto, logo que se estabelece distinção entre a habitação e o habitante. [...] não é a sua vestidura de carne que o coloca acima do bruto e faz dele um ser à parte; é o seu ser espiritual, seu Espírito (KARDEC, 2010, p. 243).

XII PRINCÍPIO ESPIRITUAL E A EVOLUÇÃO ORGÂNICA

Por ser uma outra história das coisas, devemos trazer novidades em relação ao que já é difundido sobre a jornada evolutiva da vida na Terra dos coacervatos ao ser humano (SOUZA, 2007). Assim, importa trazermos com ênfase outra faceta do desenvolvimento da vida: o papel do Princípio Inteligente.

Toda grande mudança em complexidade, como a transição de répteis para aves ou de primatas para humanos, não é explicada por um mecanismo darwiniano gradual de variação ou seleção [...]. "Sinais de pontuação" da evolução, evidências fósseis de períodos de mudanças muito rápidas, são indícios de tais intervenções criativas (Eldredge e Gould, 1972). Quando estudamos os movimentos condicionados, programados, dos processos vitais de uma célula, a química funciona e julgamos, complacentes, que tudo na vida é química. Mas a filosofia que diz que a vida é química não explica a criatividade na evolução ou como um embrião monocelular atinge uma forma adulta complexa, cuja integridade é parte vital da definição do organismo (Sheldrake, 1981) (apud GOSWAMI, 2005, p. 85).

Começamos, portanto, a notar que não podemos conhecer a gênese terrena sem conhecermos o papel do Princípio Inteligente.

Compreendendo-se, porém, que o princípio divino aportou na Terra, emanando da Esfera Espiritual, trazendo em seu mecanismo o arquétipo a que se destina, qual a bolota de carvalho encerrando em si a árvore veneranda que será de futuro, não podemos circunscrever-lhe a experiência ao plano físico simplesmente considerado, porquanto, através do nascimento e morte da forma, sofre constantes modificações nos dois planos em que se manifesta, razão pela qual variados elos da evolução fogem à pesquisa dos naturalistas, por representarem estágios da consciência fragmentária fora do campo carnal propriamente dito, nas regiões extrafísicas, em que essa mesma consciência incompleta prossegue elaborando o seu veículo sutil (XAVIER, 2007, p. 41, 42).

A existência do princípio espiritual é um fato que, por assim dizer, não precisa de demonstração, do mesmo modo que o da existência do princípio material. É, de certa forma, uma verdade axiomática. Ele se afirma pelos seus efeitos, como a matéria pelos que lhe são próprios. De acordo com este princípio: “Todo efeito tendo uma causa, todo efeito inteligente há de ter uma causa inteligente”, ninguém há que não faça distinção entre o movimento mecânico de um sino que o vento agite e o movimento desse mesmo sino para dar um sinal, um aviso, atestando, só por isso, que obedece a um pensamento, a uma intenção. Ora, não podendo acudir a ninguém a idéia de atribuir pensamento à matéria do sino, tem-se de concluir que o move uma inteligência à qual ele serve de instrumento para que ela se manifeste (KARDEC, 2010, p. 237, 238).

Individualizado, o elemento espiritual constitui os seres chamados Espíritos” (KARDEC, 2010, p. 240); “qual a sua origem, seu ponto de partida? Aqui, falecem absolutamente os meios de investigação, como para tudo o que diz respeito à origem das coisas. O homem apenas pode comprovar o que existe; acerca de tudo o mais, apenas lhe é dado formular hipóteses e, quer porque esse conhecimento esteja fora do alcance da sua inteligência atual, quer porque lhe seja inútil ou prejudicial presentemente (KARDEC, 2010, p. 240).

Sobre isso, o que o Espiritismo veio nos trazer é que

[...] todos procedem do mesmo ponto de partida; que todos são criados simples e ignorantes, com igual aptidão para progredir pelas suas atividades individuais; que todos atingirão o grau máximo da perfeição com seus esforços pessoais; que todos, sendo filhos do mesmo Pai, são objeto de igual solicitude; que nenhum há mais favorecido ou melhor dotado do que os outros, nem dispensado do trabalho imposto aos demais para atingirem a meta (KARDEC, 2010, p. 240).

Quando a Terra se encontrou em condições climáticas apropriadas à existência da espécie humana, encarnaram nela Espíritos humanos. Onde vinham? Quer eles tenham sido criados naquele momento; quer tenham procedido, completamente formados, do espaço, de outros mundos, ou da própria Terra, a presença deles nesta, a partir de certa época, é um fato, pois que antes deles só animais havia. Revestiram-se de corpos adequados às suas necessidades especiais, às suas aptidões, e que, fisiologicamente, tinham as características da animalidade. Sob a influência deles e por meio do exercício de suas faculdades, esses corpos se modificaram e aperfeiçoaram: é o que a observação comprova (KARDEC, 2010, p. 251, 252).

Formulando então sua hipótese, o Espiritismo traz a teoria da evolução gradual do espírito rumo à individualização. Essa teoria sugere que o Princípio Inteligente vai passando pelos diversos graus da vida, nos distintos Reinos Naturais, automatizando habilidades e conhecimentos até tornar-se Espírito e continuar então sua evolução de forma consciente e conforme sua própria vontade de se aperfeiçoar (KARDEC, 2010, p. 248; DENIS, 2010, p. 166).

Para esse desenvolvimento o E(e)spírito serve-se da matéria e nela trabalhando, vai adquirindo e progredindo suas faculdades. Para prover-se de alimento, segurança e bem estar, ele é forçado a

[...] empregar suas faculdades em investigações, a exercitá-las e desenvolvê-las. Útil, portanto, ao seu adiantamento é a sua união com a matéria. Daí o constituir uma necessidade a encarnação. Além disso, pelo trabalho inteligente que ele executa em seu proveito, sobre a matéria, auxilia a transformação e o progresso material do globo que lhe serve de habitação (KARDEC, 2010, p. 249).

Passa, assim, por um processo de incubação onde exercita suas primeiras faculdades no mineral – automatizando as faculdades de organização, passando pelo vegetal – automatizando as faculdades da sensibilidade e no animal – onde finalmente vai lapidando a inteligência (XAVIER, 2007, p. 48). Sendo pela

[...] incessante repetição dos atos indispensáveis ao seu próprio desenvolvimento, vestindo-se de matéria densa no plano físico e desnudando-se dela no fenômeno da morte, para revestir-se de matéria sutil no plano extrafísico e renascer de novo na Crosta da Terra, em inúmeras estações de aprendizado, é que o princípio espiritual incorporou todos os cabedais da inteligência que lhe brilharão no cérebro do futuro, pelas chamadas atividades reflexas do inconsciente (XAVIER, 2007, p. 46).

Desta forma é que: “Chegada ao seu grau de desenvolvimento que esse estado comporta, recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. Haveria assim filiação espiritual do animal para o homem, como há filiação corporal” (KARDEC, 2010, p. 248).

Isso foi apenas uma rápida visão sobre a visão espírita da evolução. Adentremos, a seguir, com mais detalhes nessa hipótese evolutiva.

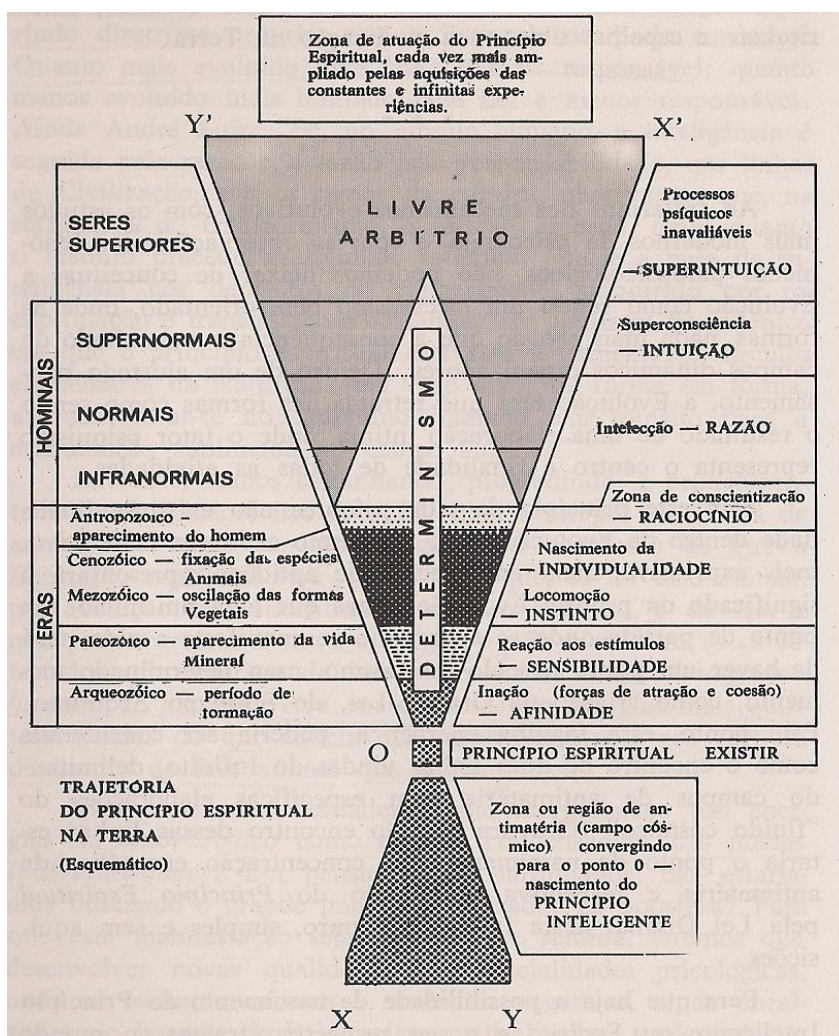
XIII JORNADA EVOLUTIVA DO PRINCÍPIO INTELIGENTE NOS REINOS DA MATÉRIA E NO PLANO ESPIRITUAL

Usualmente nos referimos à espiritualidade quando falamos dos humanos. Mas o Princípio Inteligente ou Espiritual encontra-se desde a origem das coisas como o princípio orientador. Há espírito nos elementos químicos, nas rochas, nas bactérias, nas plantas e nos animais (ANDRÉA, 1995, p. 113). Esse princípio, desde a sua origem, vai seguindo as impulsões das leis naturais, se expressando e consolidando a realização de sua essência seguindo, entre experiências na matéria adensada e em outros planos, a senda evolutiva da existência.

A seguir mostramos a Figura 04 que descreve o esquema proposto por Jorge Andréa para a jornada evolutiva da vida. Nela vemos as linhas X e Y vindas do

infinito delimitando um campo da antimatéria (fluido universal). Neste campo, a lógica da CPOU se instala e a arquitetura universal o originou e o comanda.

Figura 04 - Possível lógica da vida em sua senda evolutiva trazida por Jorge Andréa na obra "Impulsos Criativos da Evolução". Nela vemos a trajetória do PI na Terra, mostrando o equilíbrio do dinamismo da vida com campos em posições contrárias em obediência à lei de dualidade universal



Fonte: Andréa, 1995, p. 126.

Por elaborações, num determinado instante e em condições específicas, no encontro das linhas (ponto O), surge a fagulha energética inteligente (PI); que, a partir daí, seguirá sua elaboração no campo da matéria. Significando que o PI, mesmo não sendo uma elaboração da antimatéria, mas uma criação dentro do fluido universal ou antimatéria – não surge dela, mas nela. O fluido universal serve como a

fase inversa complementar que sustenta a jornada evolutiva do princípio inteligente nos campos da matéria (ANDRÉA, 1995, p. 125, 127).

As linhas X' e Y', que seguem ao infinito delimitam o campo da matéria em suas diversas vertentes de condensação. As linhas XX' e YY' “conceituam limites regionais no próprio Infinito, onde se expressam e se movem energias e dimensões dentro da totalidade” (ANDRÉA, 1995, p. 127). Neste campo o Princípio Inteligente “trafegara conquistando experiências e enriquecimento de toda ordem, incluindo o seu processo de conscientização” (ANDRÉA, 1995, p. 128).

Portanto, do ponto O em diante, quando caminhará no campo X' e Y', a fagulha espiritual “carregará consigo a inexaurível potencialidade que jamais permitirá o esgotamento de seu dinamismo. Passa a existir o Princípio Espiritual sedento de trabalho, experiências e aquisições” (ANDRÉA, 1995, p. 128).

Mineral

Em nosso mundo, temos inicialmente a matéria, sendo compreendida como tal, quando surgem os elementos atômicos - condensação do fluido cósmico. “À medida que os elétrons vão sendo acrescidos pela oferta nuclear atômica, as substâncias vão apresentando a sua própria condição, a sua maneira de ser, a sua qualidade, enfim a sua própria personalidade” (ANDRÉA, 1995, p. 45).

Stephan Harding (2008, p. 112-117) escreve sobre as personalidades dos elementos da Terra descrevendo o carbono como cooperativo e social (compartilha 4 elétrons), o hidrogênio como “uma criatura etérea, impertinente, que gostaria simplesmente de escapar de vez do nosso planeta”, o oxigênio como apaixonadamente faminto, entre outros.

Assim:

[...] quando os minerais, por intermédio dos corpos simples, se foram juntando em suas imensas variedades e combinações, as organizações atômicas e moleculares obedeceram a uma energia que os convidou a uma união – uma forma inicial de consciência, um psiquismo em sua mais simples apresentação que, com as idades, se enriquecerá de todas as potencialidades do reino mineral inorgânico (ANDRÉA, 1995, p. 42).

São essas as primeiras realizações do princípio espiritual: a “arregimentação de átomos e moléculas, a fim de propiciar a materialização dos sistemas cristalográficos que caracterizam o reino mineral” (ANDRÉA, 1995, p. 128) mostrando que em seus primeiros passos exhibe a qualidade da afinidade traduzida

na atração e coesão dos elementos. Há, dessa forma, no mineral tanta vida quanto nos demais Reinos da Natureza, uma vez que o princípio unificador (PI) nele está presente “presidindo as forças de atração e repulsão em que átomos e moléculas se unificam e equilibram” (ANDRÉA, 1995, p. 45).

“Quando a matéria, em suas milenares experiências, vai ganhando posições cada vez mais maduras, tal qual acontece com a família do urânio, pelas suas naturais irradiações passará aos campos da energia” (ANDRÉA, 1995, p. 45), seguindo seu desenvolvimento agora da gravidade ao som.

Das elaborações da energia nasce o campo apropriado para o surgimento de um eixo vital, uma mônada vacilante, ou um psiquismo primário (ANDRÉA, 1995, p. 51).

Vegetal

A maturação chegaria a tal ponto de crescimento que o Princípio Inteligente teria que despertar e afirmar-se em posições superiores. O reino vegetal seria a região para onde aquele potente dinamismo se dirigiria, a fim de adquirir novos implementos e novas condições exigidas pelo grande impulso existente no ímo de seu sistema. Neste novo reino, já existiria algum movimento. [...] Nesta nova fase, o Princípio Espiritual estaria movimentando organizações materiais mais evoluídas; não só atômicas e moleculares às expensas do princípio de Afinidade, mas também elementos celulares apresentando reações aos estímulos pela existência da nova aquisição revelada no princípio da Sensibilidade (ANDRÉA, 1995, p. 128,129).

Sabemos, no entanto, que a vida orgânica ensaiou-se primeiramente nos coacervatos, nos sincícios, depois vírus e bactérias rudimentares antes de adentrarem no reino vegetal (ANDRÉA, 1995, p. 56). Não obstante disto:

A Vida Vegetal despontaria como consequência da coordenação do eixo-vital – dinamismo espiritual – que aos poucos vai modelando as formas físicas, de microscópicas em macroscópicas, no fundo das águas, zona de temperatura mais adequada e sem as convulsões telúricas habituais da superfície terrestre daquela época (ANDRÉA, 1995, p. 51).

Nessa etapa das expressões e vivências do PI vai ele adquirindo a sensibilidade. “O princípio inteligente, até o momento, possuiria as aquisições do reino mineral, as funções das forças de atração e coesão, e as do reino vegetal, nos fatores que poderiam responder pela sensibilidade celular” (ANDRÉA, 1995, p. 117).

“As plantas vivem e não pensam: só têm vida orgânica” (KARDEC, 2006, p. 95). Não possuem consciência de si mesmas, bem como não sentem dor, pois recebem apenas impressões físicas sem que aja qualquer forma de sensação.

Possuem apenas instinto cego e natural, portanto, carecem de vontade (KARDEC, 2006, p. 328).

Não significa que possamos usar das plantas, quebrá-las e arrancá-las à vontade já que não causamos nelas dor alguma. Lembremos que toda vida concorre para a harmonia universal. Assim, ao destruí-las estamos interrompendo o processo evolutivo do PI e podemos estar indo de encontro ao planejamento das Inteligências Superiores que zelam pela Natureza na Terra que atribui a tudo uma utilidade nobre, individual e coletiva.

Ademais, a dor que as plantas não sentem, de que fala Kardec, está relacionada à consciência, à dimensão subjetiva da vontade; contudo, recebem as impressões físicas inerentes ao instinto, o que provoca alterações energéticas e projeção de cargas elétricas como analisado por Cleve Backster na década de 1960 (TOMPKINS, 1976).

Animal

Milênios se escoam e, da completa maturação nas experiências de aquisições e expressões que o Reino Vegetal ofereceu, desperta agora o Princípio Espiritual no Reino Animal, pela natural necessidade de sua impulsão evolutiva.

Novos imperativos de expressão surgem; mais mobilidade é requerida para a manutenção do organismo e agora o Princípio Inteligente, mesmo que de início vacilante, já sabe exprimir essa habilidade, que irá aperfeiçoando.

O instinto que já existia no vegetal, agora mais claramente se expressa; também expressa o ser uma inteligência rudimentar, pois nessa fase a vida contém maiores desafios para a sobrevivência, que aumentam com o aumento da inteligência e com as constituições dos “pequenos EU” que o PI nessa etapa já começa a constituir (ANDRÉA, 1995, p. 129, 130). Essa inteligência pode ser notada pela vontade de agir em certo sentido. Contudo a liberdade de ação que possuem é restrita às suas necessidades (KARDEC, 2006, p. 332).

Há, pois, neles, uma espécie de inteligência, mas cujo exercício quase que se circunscreve à utilização dos meios de satisfazerem às suas necessidades físicas e de proverem à conservação própria. Nada, porém, criam, nem melhora alguma realizam. Qualquer que seja a arte com que executem seus trabalhos, fazem hoje o que faziam outrora e o fazem, nem melhor, nem pior, segundo formas e proporções constantes e invariáveis. A cria, separada dos de sua espécie, não deixa por isso de construir o seu ninho de perfeita conformidade com os seus maiores, sem que tenha

recebido nenhum ensino. O desenvolvimento intelectual de alguns, que se mostram suscetíveis de certa educação, desenvolvimento, aliás, que não pode ultrapassar acanhados limites, é devido à ação do homem sobre uma natureza maleável, porquanto não há aí progresso que lhe seja próprio. Mesmo o progresso que realizam pela ação do homem é efêmero e puramente individual, visto que, entregue a si mesmo, não tarda que o animal volte a encerrar-se nos limites que lhe traçou a Natureza (KARDEC, 2006, p. 330).

É fato que os animais são guiados por instintos condicionados, mas cada espécie tem seu próprio tema coletivo, que é satisfeito. Assim, no mínimo, os animais têm alma-grupo, uma mônada para toda a espécie (GOSWAMI, 2005, p. 154).

Das idas e vindas entre matéria e individualidade de uma alma-grupo, vai adquirindo novas aquisições que podem se exprimir no organismo como mutações ou pequenos saltos evolutivos que não conseguimos elucidar com as leis da matéria (ANDRÉA, 1995, p. 129, 130).

Mais que a alma-grupo (conceito que será explicado um pouco mais abaixo), os animais são possuidores de um tipo de alma que sobrevive ao corpo, e conserva sua individualidade, mas não a consciência do eu (BOZZANO, 1905, p. 169).

Quando o corpo morre a alma animal fica

[...] numa espécie de erraticidade, pois que não mais se acha unida ao corpo, mas não é um Espírito errante. O Espírito errante é um ser que pensa e obra por sua livre vontade. De idêntica faculdade não dispõe o dos animais. A consciência de si mesmo é o que constitui o principal atributo do Espírito. O do animal, depois da morte, é classificado pelos Espíritos a quem incumbe essa tarefa e utilizado quase imediatamente. Não lhe é dado tempo de entrar em relação com outras criaturas (KARDEC, 2006, p. 333).

Os espíritos dos animais ficam “agregados aos ninhos em que se lhes desenvolvem os companheiros” (XAVIER, 2007, p. 109). Comumente caem em “pesada letargia” e demoram-se um curto intervalo entre existências terrenas ao serem rapidamente atraídos para a constituição de novos corpos (XAVIER, 2007, p. 110).

Conquanto tenha alma, a distância desta para a do homem é equivalente à distância que a alma do homem tem até o alcance da perfeição (KARDEC, 2006, p. 332, 336).

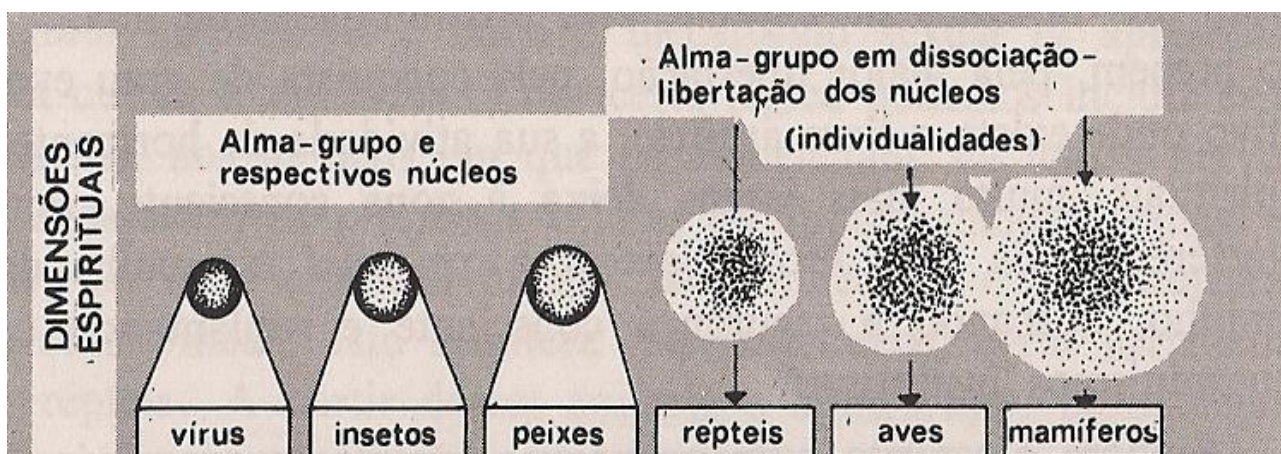
Alma-Grupo

As almas-grupos são extremamente diversas. “Existiriam tantas almas-grupos quanto fossem as espécies e o Reino a que pertencessem, quer mineral quer vegetal quer animal” (ANDRÉA, 1995, p. 118).

“Do mineral ao animal, a alma-grupo iria sedimentando aptidões, num processo que vai buscando os fatores de um psiquismo cada vez mais consciente” (ANDRÉA, 1995, p. 118). “Nas espécies mais simples, a energética-espiritual estaria mais presa aos seus afins; por isso, podemos referir-nos a alma-grupo-da-espécie – [...] um único campo vibratório controlando a espécie a que se destina” (ANDRÉA, 1995, p. 119).

À medida que as espécies vão perdendo o contato de colônia, próprio das formas mais simples, vão adquirindo relativa Individualidade e, com isso, o vórtice dinâmico, que dirige seus destinos, já consegue lapidar, na massa energética da alma-grupo-da-espécie, um verdadeiro núcleo (pequeno EU) (ANDRÉA, 1995, p. 120).

Figura 05 - Exibição de esquema ilustrativo do conceito de almas-grupos situadas no plano espiritual



Fonte: Andréa, 1995, p. 119.

A Figura 05 nos mostra que a alma-grupo,

[...] que dirige colônias minerais, vegetais e primeiros animais, iria apresentando em seu seio, por maturação evolutiva, pequenos fulcros vorticosos, início de afirmações individuais, porém que ainda não ousam nem podem viver da colônia dinâmica que lhe deu origem e donde se nutrem [...]. Num determinado momento, quando a maturação desses vórtices-dinâmicos da alma-grupo atingem um grau bem maior de afirmação e vivência, tendem a romper e a se tornarem independentes, absorvendo o de que necessitam da “energia-mãe”. Fica assim a alma-grupo dispersa em núcleos próprios, afirmação de seus pequenos EUS – individualidades – e passando a ter maior libertação (ANDRÉA, 1995, p. 120,121).

Avançando na maturação e aquisições dos núcleos inteligentes, surgem as individualidades e a alma grupo fica cada vez mais fluida e vasta (ANDRÉA, 1995, p. 121)

Na sua senda evolutiva o Princípio Inteligente realiza trabalhos na matéria expressando suas aquisições e características, no entanto retorna para alma-grupo. Essas idas e vindas entre matéria e alma-grupo é mais intensa e tanto mais rápida quanto o Princípio Espiritual estiver vacilante ainda na expressão de manutenção do funcionamento orgânico dos vegetais. “Em cada volta, ao seio da alma-grupo, ganharia aquisições, reconstruções e no seu mergulho na matéria vegetal avançaria elaborando sempre novos mecanismos” (ANDRÉA, 1995, p. 129). Igualmente, os fatores do meio material também cooperam para novas aquisições.

Essa dupla evolução (no campo no mundo material e no campo do mundo chamado espiritual) talvez explique, por exemplo, casos como o da mosca *Drosophila melanogaster* (mosca-das-frutas) quando possuidoras dos genes recessivos do caráter “mosca sem olhos” que ao cruzarem com outras de mesmo gene, originando linhagens de moscas sem olhos, cujo gene recessivo deveria perpetuar pelas demais linhagens deste grupo, mas isso não ocorre, visto que, após certo número de gerações, ocorre o surgimento de moscas com olhos normais (ANDRADE, 1993, p. 58).

A senda evolutiva prossegue e,

O núcleo vorticoso primário, esse átomo psíquico específico, como um poderoso princípio inteligente, na singeleza de seu início vital, não conteria mais do que a potente chama divina em sua apropriada dimensão, e sem a conscientização de seus propósitos. Consciência que viria muito depois, quando o princípio inteligente alcançasse a fase hominal, apesar de seus vislumbres poderem despertar nas espécies animais superiores. Inicialmente seria determinismo. À medida que o processo de conscientização se fosse instalando, a pouco e pouco o determinismo se iria transformando em livre arbítrio, até adquirir as qualidades superiores e participar dos processos de co-criação. Representaria, tudo isso, o que de melhor podemos ajuizar sobre o alcance evolutivo do Espírito (ANDRÉA, 1995, p. 113).

É-nos lógico então concluirmos que nós humanos pertencemos à alma-grupo-humana do planeta Terra. Essa alma-grupo teria em seu campo de existência energias mais “quintessenciadas do que aquela que serviu de tapete aos vórtices dinâmicos da fase animal que suplantamos” (ANDRÉA, 1995, p. 124). Poderíamos, nesse sentido, admitir que nessa energia se encontra, como dimensão psíquica, o que Jung denominou de inconsciente coletivo.

Elementais

Pela exaustiva elaboração do Princípio Inteligente no Reino Animal, e antes da humanização, passa a mônada por experiências no mundo espiritual, onde expressa suas aquisições de forma mais ampla, nas vivências dos Elementais. Nelas, experimenta novas formas e adquire novos conhecimentos expressos em diversas atividades (KARDEC, 2006, p. 336, 337).

Os Elementais são entidades relacionadas aos elementos da Natureza. Trabalham diretamente com os fenômenos naturais contribuindo em favor do desenvolvimento dos recursos da Natureza através de seus instintos e pela direção de Espíritos que já adquiriram sabedoria para orientá-los. Constituídos, por exemplo, dos lendários silfos, ondinas, ninfas, salamandras, fadas, gnomos e duendes são essenciais à vida, bem como a evolução da vida depende dessa etapa (MAIA, 2011, p. 115,116).

Segundo Kardec (2006, p. 337): “Nesses seres, cuja totalidade estais longe de conhecer, é que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida, conforme acabamos de dizer. É, de certo modo, um trabalho preparatório”:

[...] os Espíritos mais atrasados oferecem utilidade ao conjunto. Enquanto se ensaiam para a vida, antes que tenham plena consciência de seus atos e estejam no gozo pleno do livre-arbítrio, atuam em certos fenômenos, de que inconscientemente se constituem os agentes. Primeiramente, executam. Mais tarde, quando suas inteligências já houverem alcançado um certo desenvolvimento, ordenarão e dirigirão as coisas do mundo material. Depois, poderão dirigir as do mundo moral. É assim que tudo serve, que tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo. Admirável lei de harmonia, que o vosso acanhado espírito ainda não pode apreender em seu conjunto! (KARDEC, 2006, p. 309)

Divaldo Franco (1992) conta-nos que quando os homens destroem a Natureza os elementais mais suscetíveis às reações primitivas podem tornar-se bravos, agressivos e revoltados. Conforme vão evoluindo inspiram proteção à Natureza, ações para a sua preservação e à nobre utilização em favor da vida em geral.

Essa revelação nos leva a novos motivos para a conservação da Natureza. Se os elementais estão diretamente ligados às águas, às rochas, ao solo, às florestas, ao ar, etc., a destruição desses ambientes pode vir a desalojá-los. É a mesma lógica da ameaça de uma espécie pela destruição de seu habitat. Só que essas espécies, por não existirem no mundo material adensado não são

consideradas pelas ciências, assim não buscamos a preservação destas. Kahena nos recomenda: amemos as águas, o fogo, o ar, a luz, e tudo que provém da Natureza e esses pequeninos, mas relevantes, representantes da Harmonia Universal reconhecerão nosso sentimento e deles receberemos grande ajuda (MAIA, 2011, p. 116, 117).

Cada elo da cadeia evolutiva que ameaçamos com a destruição de espécies compromete a grande harmonia universal - muito acima de nosso conhecimento. O Espiritismo nos traz que o princípio da precaução é de fato necessário: “Observemos, estudemos e procuremos analisar essas portas que se abrem, por amor, que elas nos mostram a paz de consciência e os caminhos que deveremos trilhar, conquistando e estimulando o bem” (MAIA, 2011, p. 116).

Humanóide

Maturando-se pela sua impulsão natural, o Princípio Inteligente já tem uma individualidade mais demarcada e a consciência de si e de seu redor: nasce o Espírito (ANDRÉA, 1995, p. 131).

O pensamento contínuo vai se elaborando; raciocínio e inteligência são as características dessa fase evolutiva – a fase da Razão. Nesta fase o anterior determinismo evolutivo, intenso nos reinos inferiores, diminui à medida que o livre-arbítrio vai se apresentando conforme amplia a consciência do ser (ANDRÉA, 1995, p. 131, 134; XAVIER, 2007, p. 163).

Pelas aquisições de aptidões nas lutas e diversas seleções face aos fatores do meio, o Espírito (o ser humano) vai avançando e conseguindo que a razão se amplie, atinge então a Normalidade.

Conseqüentemente, o impulso interno do Espírito, pela existência de responsabilidade, fará oscilar posições próprias dentro do livre arbítrio e que serão cada vez mais expressivas se novos degraus evolutivos forem sendo conquistados. Assim, a pouco e pouco, o interesse altamente individual, egoístico, se irá dilatando até que na fase dos Supranormais, onde a Intuição é o seu vexilo, [havendo transformação rumo à abnegação e fraternidade] (ANDRÉA, 1995, p. 134).

Na Figura 04, o esquema ilustra que o campo entre as linhas X' e Y' vai se abrindo e ampliando cada vez mais. No entanto, por mais que ele se expanda, “nuca açambarcará o próprio Infinito” (ANDRÉA, 1995, p. 127). Dessa forma, quanto mais evoluído e consciente vai se tornando, mais perto da sabedoria absoluta da vida e da CPOU ele estaria; no entanto, jamais atingiria a suprema sabedoria. Assim é que

cada ser conhece a vida do seu ponto evolutivo e nele vive de acordo com seus conhecimentos e aquisições espirituais (ANDRÉA, 1995, p. 127, 128).

Sobre essa ampliação Andréa nos traz uma classificação evolutiva que ele define como indo da Infranormalidade até a Supranormalidade. A Infranormalidade é o grau inicial onde o Espírito ainda é vacilante na sua recente individualização onde o “contingente de elementos éticos e morais terão que ser elaborados” (ANDRÉA, 1995, p. 134) para que ele saia do grau inicial.

No dia em que o homem possuir as condições integrais no plano da Razão que corresponderia a um grande preparo, de ordem moral por excelência, estará em condições de despertar, ainda na fase hominal, na característica dos Supranormais. Nesta faixa a sua cerebração estará mais bem preparada, refletida numa Superconsciência onde a Intuição seria a manifestação habitual de seu psiquismo (ANDRÉA, 1995, p. 135, 136).

Avançando mais e mais, prossegue o Espírito que caminha para atingir a Superintuição. O livre-arbítrio agora seria pleno e o Espírito caminharia livre e já exprimiria suas aquisições influenciando regiões cósmicas onde representam co-criadores autênticos.

E no dia a dia cósmico, novas dimensões serão vivenciadas e apreciadas pela Organização Espiritual que, partindo duma fagulha divina, num determinado momento cósmico e incorporando experiências nas múltiplas faixas evolutivas, sem dúvida, percorrerá as infinitas estradas da vida com sua própria imortalidade (ANDRÉA, 1995, p. 136).

Chegados ao ponto culminante do progresso, gozam da suprema felicidade. Admitidos nos conselhos do Onipotente, conhecem-lhe o pensamento e se tornam seus mensageiros, seus ministros diretos no governo dos mundos, tendo sob suas ordens os Espíritos de todos os graus de adiantamento (KARDEC, 2010, p. 250, 251).

XIV O SER HUMANO

A cientista Lynn Margulis (1990, p. 22) nos conta que nosso corpo humano “contém a verdadeira história da vida na Terra”.

Não é de improviso que o ser, seja qual for, chega a esse resultado, pois a Natureza não faz milagres e opera sempre do simples para o complexo. Para que um ser tão complexo quanto o homem, que reúne os caracteres mais elevados de todas as criaturas vivas, possa existir, importa, absoluta e necessariamente, tenha percorrido toda a série, cujos diferentes estados ele em si resume (DELLANE, 1897, Cap. VI, A evolução terrestre).

André Luiz resume o surgimento humano da seguinte maneira:

[...] dos organismos monocelulares aos organismos complexos, em que a inteligência disciplina as células, colocando-as a seu serviço, o ser viaja no rumo da elevada destinação que lhe foi traçada do Plano Superior, tecendo com os fios da experiência a túnica da própria exteriorização, segundo o molde mental que traz consigo, dentro das leis de ação, reação e renovação em que mecaniza as próprias aquisições, [...] através da reflexão automática de sensações e impressões em milhões e milhões de anos (XAVIER, 2007, p. 42). Com a Supervisão Celeste, o princípio inteligente gastou, desde os vírus e as bactérias das primeiras horas do protoplasma na Terra, mais ou menos quinze milhões de séculos, a fim de que pudesse, como ser pensante, embora em fase embrionária da razão, lançar as suas primeiras emissões de pensamento contínuo para os Espaços Cósmicos (XAVIER, 2007, p. 65).

Contudo, para alcançar a idade da razão, com o título de homem, dotado de raciocínio e discernimento, o ser, automatizado em seus impulsos, na romagem para o reino angélico, despendeu [...] nada menos de um bilhão e meio de anos. [...] E entendendo-se que a Civilização aludida floresceu há mais ou menos duzentos mil anos, preparando o homem [...] para a responsabilidade, somos induzidos a reconhecer o caráter recente dos conhecimentos psicológicos, destinados a automatizar na constituição fisiopsicossomática do espírito humano as aquisições morais que lhe habilitarão a consciência terrestre a mais amplo degrau de ascensão à Consciência Cósmica (XAVIER, 2007, p. 43).

Por tudo isso, Denis (2010, p. 170, 171) nos explica sobre nós humanos:

Tal é o caráter complexo do ser humano – espírito, força e matéria – em que se resumem todos os elementos constitutivos, todas as potências do Universo. Tudo o que está em nós está no Universo e tudo o que está no Universo se encontra em nós. Pelo seu corpo fluídico e pelo corpo material o homem acha-se ligado à imensa teia da vida universal; pela alma, a todos os mundos invisíveis e divinos. Somos feitos de sombra e de luz, somos a carne com todas as suas fraquezas e o espírito com as suas riquezas latentes, as suas esperanças radiosas, os seus surtos grandiosos, e o que em nós está em todos os seres se encontra. Cada alma humana é uma projeção do grande Foco Eterno e é isso o que consagra e assegura a fraternidade dos homens. Temos em nós os instintos da alimária mais ou menos comprimidos pelo trabalho longo e pelas provas das existências passadas, e temos também a crisálida do anjo, do ser radioso e puro, que podemos vir a ser pela impulsão moral, pelas aspirações do coração e pelo sacrifício constante do “eu”. Tocamos com os pés as profundezas sombrias do abismo e com a fronte alturas fulgurantes do Céu, o império glorioso dos Espíritos.

Corpo Humano

A respeito do organismo que vestiria essa jornada evolutiva, nos é contado que o gérmen da espécie humana também se encontrava em estado latente no planeta Terra e o desenvolvimento do mesmo veio a seu tempo. Eles não continuam surgindo pois os seres humanos existentes “absorvem em si mesmos os elementos necessários à sua própria formação, para transmiti-los segundo as leis da reprodução. O mesmo se deu com as diferentes espécies de seres vivos” (KARDEC, 2006, p. 83).

Por isso, os seres humanos não surgiram de um único casal ou em um único local. Surgiram pela força evolutiva do planeta. Constituída da evolução do próprio princípio inteligente que nele se desenvolvia e pela orientação das Inteligências ligadas ao desenvolvimento de nosso planeta. A nossa ciência, apesar de apontar a África como sendo o local do surgimento do *Homo sapiens sapiens*, tem descoberto em diversas e longínquas localidades esqueletos de símios hominizados, pelos quais tenta construir a evolução até o ser humano (ANDRÉA, 1995, capítulo III).

Essa variedade de origens explica as diferenças de características físicas dos seres humanos, ou seja, de acordo com o clima, formas de vida e costumes as fisionomias e constituições físicas foram sendo moldadas (KARDEC, 2006, p. 84). Isso não faz os homens diferentes um dos outros, pois todos tem a mesma origem material e espiritual e se destinam ao mesmo fim. A consciência desse fato nos importa para que ampliemos a noção de fraternidade humana.

Na época da constituição do organismo humano, momento de transição das formas no globo terrestre (FRANCO, 2010, p. 32), a humanidade surgente teve o auxílio de “modeladores do vaso orgânico” que “mergulhando na densa massa física” dos corpos humanoides da Terra, foram “fixando os caracteres que hoje definem os seus habitantes... Da constelação do Cocheiro vieram aqueles nobres embaixadores da luz que contribuiram para a construção da humanidade atual, inclusive outras inteligências, todavia, não moralizadas [elementais], que após concluídos alguns estágios evolutivos retornaram, felizes, aos lares queridos”.

Atingindo a humanidade,

[...] o corpo espiritual do homem infraprimitivo demora-se longo tempo em regiões espaciais próprias, sob a assistência dos Instrutores do Espírito, recebendo intervenções sutis nos petrechos da fonação para que a palavra articulada pudesse assinalar novo ciclo de progresso. O laringe, [...] sofre, nas mãos sábias dos Condutores Espirituais, [...] delicadas operações no curso dos séculos, para que os músculos mencionados se façam simétricos e para que se vinculem, tão destros quanto possível, à produção fisiológica da voz. [...] Com extremo carinho de vagarosa confecção, os Técnicos da Espiritualidade Superior compõe [...] [as cordas vocais]. Aprende então o homem, com o amparo dos Sábios Tutores que o inspiram, a constituição mecânica das palavras, provindo da mente a força com que aciona os implementos da voz (XAVIER, 2007, p. 92-94).

Na infância humana, pelas suas faculdades ainda rudimentares, assim também o eram seus corpos. “Como em a Natureza não há transições bruscas, é provável que os primeiros homens aparecidos na Terra pouco diferissem do macaco pela forma exterior e não muito também pela inteligência” (KARDEC, 2010, p. 244).

Bem pode dar-se que corpos de macaco tenham servido de vestidura aos primeiros Espíritos humanos, forçosamente pouco adiantados, que viessem encarnar na Terra, sendo essa vestidura mais apropriada às suas necessidades e mais adequadas ao exercício de suas faculdades, do que o corpo de qualquer outro animal (KARDEC, 2010, p. 243).

Em verdade, a mente da era paleolítica mostra-se, ainda, limitada, nascitura, mas não tanto que não possa absorver, embora em baixa dosagem, as idéias renovadoras que lhe são sugeridas no Plano Superior. Em razão disso, pela reflexão possível, aparece entre os homens, mal saídos da selva, a inteligência artesanal, instalando no mundo a indústria elementar do utensílio. Por ela, o habitante do império verde encontra meios de efetuar com mais segurança velhos atos instintivos, utilizando o varapau para alongar o braço na colheita dos frutos dificilmente acessíveis, fabricando anzóis e arpões que lhe substituam os dedos na profundez das águas, burilando o sílex que lhe veicule a energia dos punhos e plasmando a roda que lhe poupe, de alguma sorte, o sacrifício dos pés (XAVIER, 2007, p. 127).

Povos

Pelo desenvolvimento que atingiam:

Os que se assemelhavam, naturalmente se agruparam por analogia e simpatia. Achou-se a Terra, assim, povoada de Espíritos de diversas categorias, mais ou menos aptos ou rebeldes ao progresso. Recebendo os corpos a impressão do caráter do Espírito e procriando-se esses corpos na conformidade dos respectivos tipos, resultaram daí diferentes raças, quer quanto ao físico, quer quanto ao moral. Continuando a encarnar entre os que se lhes assemelhavam, os Espíritos similares perpetuaram o caráter distintivo, físico e moral, das raças e dos povos, caráter que só com o tempo desaparece, mediante a fusão e o progresso deles (KARDEC, 2010, p. 252, 253).

Não foi, portanto, uniforme o progresso em toda a espécie humana. Como era natural, as raças mais inteligentes adiantaram-se às outras, mesmo sem se levar em conta que muitos Espíritos recém-nascidos para a vida espiritual, vindo encarnar na Terra juntamente com os primeiros aí chegados, tornaram ainda mais sensível a diferença em matéria de progresso. Fora, com efeito, impossível atribuir-se a mesma ancianidade de criação aos selvagens, que mal se distinguem do macaco, e aos chineses, nem, ainda menos, aos europeus civilizados. Entretanto, os Espíritos dos selvagens também fazem parte da Humanidade e alcançarão um dia o nível em que se acham seus irmãos mais velhos (KARDEC, 2010, p. 253).

Essas explicações, apesar de trazerem as questões de diferenças humanas, não nos trazem, em realidade, nenhuma distinção essencial entre nós. Porquanto sendo sempre Espíritos encarnados na senda evolutiva, diferença alguma há na nossa natureza, mesmo que existindo em estágios evolutivos distintos. Afinal, o que representam essas diferenças quando colocadas na escala evolutiva que cabe ao Espírito cumprir rumo à sabedoria universal? Ademais, a trajetória de cada Espírito, à medida que avança nas possibilidades de uso do livre-arbítrio, pode reduzir o tempo que num dado momento separa os irmãos mais velhos dos recém nascidos, donde advém que aprendendo com os mais velhos este último poderá como mais

brevidade alcançar a sabedoria universal do que aquele outro. Insere-se aí a vivência diferenciada de tempos e ritmos encadeados não linearmente no processo de aprendizagem do Espírito. Assim é que, ao invés de segregar os povos, o Espiritismo vem para uni-los.

XV PERISPÍRITO E O PENSAMENTO

Servindo-se da matéria para evoluir e ao mesmo tempo, não podendo atuar diretamente na matéria adensada, possuem os espíritos um envoltório semimaterial (KARDEC, 2010). Cada Espírito possui é um envoltório de matéria quintessenciada que faz de um ser etéreo– o Espírito, um ser concreto, definido e apreensível pelo pensamento, que o torna apto a atuar sobre a matéria. Esse corpo sutil, “capaz de receber todas as impulsões da sua vontade e de se prestar a todos os seus movimentos” (KARDEC, 2010, p. 241) é flexível e semimaterial; provém do fluido cósmico universal que sofre uma modificação especial. Pertence à matéria pela sua origem e à espiritualidade pela sua natureza etérea (KARDEC, 2010, p. 241 e 245).

Goswami e Stevenson afirmam (2005, p. 102):

Vejo-me pensando cada vez mais em algum 'corpo não físico' intermediário, que atua como portador desses atributos entre uma vida e outra, diz Stevenson. Eu concordo: o corpo sutil da mônada quântica é o portador dos atributos entre uma vida e outra.

Lynn Margulis (1990, p. 60), sem definir esse invólucro denominado pelo Espiritismo de perispírito, reconhece a memória que existe nos seres que mesmo com a constante substituição dos elementos que existem no corpo estes se repõem mantendo a mesma natureza.

Esses pensamentos se encaixam na nossa história das coisas que traz o perispírito como a memória e a estrutura organizadora do corpo. Assim, nosso corpo reflete nossa memória, como também é admitido por Maturana (2005, p. 61) e por Miranda (1986, p. 63). Diz-nos este autor que em dispositivos, cujas estruturas e funcionamento ainda ignoramos, são transmitidos os eventos que constituem a memória de cada existência na carne.

É no perispírito que se encontram todos os recursos automáticos que “governam os bilhões de entidades microscópicas a serviço da Inteligência, [...]

recursos esses adquiridos vagarosamente pelo ser, em milênios e milênios de esforço e recapitulação, nos múltiplos setores da evolução anímica” (XAVIER, 2007, p. 30). Nele, encontram-se centros vitais que regem a fisiologia terrena, são eles os Centros: coronário, cerebral, laríngeo, cardíaco, esplênico, gástrico e genésico (XAVIER, 2007, p. 30, 31). Também existem os centros vitais nas formas rudimentares da Natureza. É por esses centros que os organismos são capazes de “assimilar as partículas multifárias da vitalidade cósmica, oriundas das fontes vivas de forças que alimentam o Universo” (XAVIER, 2007, p. 77).

Sendo o veículo do Espírito, o perispírito é manipulado pelo pensamento; é dessa forma que ele comanda o organismo que habita: pela impulsão da vontade o Espírito gera pensamentos que refletem no perispírito e este, por sua vez, movimenta igualmente as diversas partes do organismo (KARDEC, 2010, p. 245).

O pensamento é o fluido mental ou matéria mental. É ponderável e tem suas propriedades “químico-eletro-magnéticas” e se define em unidades perfeitamente mensuráveis, qual ocorre com os elementos materiais retratados em nossa tabela periódica (XAVIER, 2007, p. 124, 125).

A partícula de pensamento, pois, como corpúsculo fluídico, tanto quanto o átomo, é uma unidade na essência, a subdividir-se, porém, em diversos tipos, conforme a quantidade, qualidade, comportamento e trajetórias dos componentes que a integram e assim como o átomo é uma força viva e poderosa [...], passiva, entretanto, diante da inteligência que a mobiliza para o bem ou para o mal, [...] é igualmente passiva perante o sentimento que lhe dá forma e natureza [...], convertendo-se, por acumulação, em fluído gravitante ou libertador, ácido ou balsâmico, doce ou amargo, alimentício ou esgotante, vivificador ou mortífero, segundo a força do sentimento que o tipifica e configura, [...] força essa que lhe opera a diferenciação de massa e trajeto, impacto e estrutura (XAVIER, 2007, p. 125, 126).

É pelo fluído mental com qualidades magnéticas de indução que o progresso se faz notavelmente acelerado. Pela troca dos pensamentos [...] descem das Esferas Sublimes e impressionam a mente do homem, traçando-lhe profunda renovação ao corpo espiritual, a refletir-se no veículo físico que, gradativamente, se acomoda a novos hábitos. [...] consolida-se a reflexão avançada entre o Céu e a Terra, e os fluídos mentais ou pensamentos atuantes, no reino da alma, imprimem radicais transformações no veículo fisiopsicossomático (XAVIER, 2007, p. 127, 128).

Assim, à medida que o Espírito vai se aperfeiçoando seu perispírito se aperfeiçoa (KARDEC, 2010, p. 241).

XVI COMO NASCEM OS SERES HUMANOS

Vejamos como toda essa jornada começa para o ser humano aqui na Terra...
 Afinal, como nascemos?

Quando o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao gérmen que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção. À medida que o gérmen se desenvolve, o laço se encurta. Sob a influência do *princípio vito-material do gérmen*, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, *molécula a molécula*, ao corpo em formação, onde o poder dizer-se que o Espírito, por intermédio do seu perispírito, se enraíza, de certa maneira, nesse gérmen, como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, completa é a união; nasce então o ser para a vida exterior (KARDEC, 2010, p. 245).

À medida que o perispírito vai se unindo ao corpo em desenvolvimento desde seu nascedouro no óvulo fecundado, o perispírito vai penetrando ao corpo e “suas faculdades vão adormecendo, uma após a outra; a memória se apaga e a consciência adormece” (DENIS, 1982, p. 27).

Na formação do corpo, mesmo sendo um processo comandado pelo Espírito, por meio de seu perispírito, a hereditariedade sim se opera:

Todos os tipos de reino mineral, vegetal, animal, incluindo-se o hominal, organizam-se segundo as disposições dos seus precedentes ancestrais, dos quais herdamos, naturalmente, pela lei das afinidades, a sua sanidade ou os seus defeitos de origem orgânica, unicamente. [...] Não obstante a preponderância dos fatores físicos nas funções procriadoras, é totalmente inaceitável e descabido o atavismo psicológico (XAVIER, 1938, p. 61).

Desta forma, além do conhecimento genético que temos, “necessitamos de incluir a energética-espiritual e seu jogo no mecanismo cromossomial, como indispensável complemento na explicação” (ANDRÉA, 1995, p. 109) da formação dos corpos e da evolução e termos a visão que a personalidade não provém do físico, mas sim da jornada evolutiva de uma realidade espiritual.

Os Espíritos categoricamente superiores, quase sempre, em ligação sutil com a mente materna que lhes oferta guarida, podem plasmar por si mesmos e, não raro, com a colaboração de instrutores da Vida Maior, o corpo em que continuarão as futuras experiências, interferindo nas essências cromossômicas, com vistas às tarefas que lhes cabem desempenhar. Os Espíritos categoricamente inferiores, na maioria das ocasiões, padecendo monoideísmo tiranizante, entram em simbiose fluídica com as organizações femininas a que se agregam, [...] sendo inelutavelmente [...] inteiramente dependentes da hereditariedade (XAVIER, 2007, p. 194).

Entre ambas as classes, porém, contamos com milhões de Espíritos medianos na evolução, portadores de créditos apreciáveis e dívidas

numerosas, cuja reencarnação exige cautela de preparo e esmero de previsão (XAVIER, 2007, p. 194).

A encarnação, ou seja, união íntima do Espírito (princípio inteligente individualizado ligado à matéria quintessenciada que é seu perispírito) com a matéria densa para viver em um mundo também formado de matéria adensada é imposta ao Espírito com o fim de fazer com que chegue à perfeição. Visa ainda outro fim: o de colocá-lo em condições de cumprir seu papel na harmonia da vida, concorrendo para a obra geral da existência, assim, ao mesmo tempo em que colabora com a vida se aperfeiçoa e evolui pela construção de sua própria história (KARDEC, 2006, p. 123).

XVII MORTE DO CORPO HUMANO

Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as vicissitudes da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e decompõe. O princípio vital, não mais encontrando elemento para sua atividade, se extingue e o corpo morre. O Espírito, para quem, este, carente de vida, se torna inútil, deixa-o, como se deixa uma casa em ruínas, ou uma roupa imprestável (KARDEC, 2010, p. 242).

O desprendimento do Espírito ocorre da forma inversa ao dado no processo de construção do corpo. Neste, o perispírito vai se ligando, sob influencia do princípio vital, molécula a molécula ao corpo. Na morte, cessando a atuação desse princípio, o perispírito se desprende molécula a molécula e o Espírito se liberta. Assim, primeiro morre nosso corpo e depois o deixamos. Não é, portanto, a saída do Espírito que causa a morte e sim a sua desorganização orgânica (KARDEC, 2010, p. 246).

Dessa forma, a personalidade humana permanece, mesmo com a desintegração corpórea, e assim continua sua evolução.

XVIII REENCARNAÇÃO

“O princípio da reencarnação é uma consequência necessária da lei de progresso” (KARDEC, 2010, p. 253, 254).

Pelas leis naturais passa incontáveis vezes pelos processos de nascimento e morte pelo qual o princípio inteligente incorpora a experiência que lhe é necessária, estagiando no plano físico e no plano extrafísico, recolhendo,

como é justo, a orientação e o influxo das Inteligências Superiores em sua marcha laboriosa para mais elevadas aquisições (XAVIER, 2007, p. 106, 110).

Jorge Andréa (1995, p. 152) nos conta que:

[...] uma única vida, num corpo físico ou personalidade, não daria para sedimentar as potencialidades positivas necessárias nas redes dessa estrutura. Pela lógica dos fatores, equilibrada dentro de uma lei de justiça, o EU ou Individualidade terá que ser imortal e sua ampliação proporcionada às aquisições absorvidas nas diversas etapas reencarnatórias. As aquisições elaboradas no ser físico (personalidade) serão transferidas para o interior do psiquismo ou zona espiritual, que sedimentará os frutos individuais das experiências, preparando sempre melhores condições a serem transferidas a uma nova personalidade pelo processo palingenético. Com essas renovações reencarnatórias vai o Espírito burilando as suas fontes e adquirindo sempre melhores condições de realização pelos necessários impulsos evolutivos.

“O bloco-psíquico-imortal, o Espírito, em seu trajeto evolutivo, sofre as naturais transformações mutativas quando ocupa novo corpo, pela existência dos fatores de heranças físicas sempre novos e variados” (ANDRÉA, 1995, p. 157).

Isso amplia ainda mais as oportunidades evolutivas do ser, dado que potencializa o que poderíamos explicar como sendo sua biodiversidade ecológica e ecossistêmica.

[...] é fácil compreender agora o fenômeno dos gênios. Um Einstein não se faz apenas pelo aprendizado infantil de uma vida; muitas vidas anteriores contribuíram para suas habilidades. O inventor Thomas Edison intuiu corretamente a situação, ao afirmar: O gênio é experiência. Alguns parecem pensar que é um dom ou talento, mas é o fruto de longa experiência em muitas vidas. Algumas pessoas são almas mais antigas do que outras, e por isso sabem mais (GOSWAMI, 2005, p. 101).

Assim é que, os homens atuais que habitam a Terra “são os mesmos Espíritos que voltaram, para se aperfeiçoar em novos corpos, mas que ainda estão longe da perfeição” (KARDEC, 2006, p. 374).

XIX PLANO ESPIRITUAL

Vimos que a realidade é composta de instâncias outras que não a realidade material do mundo que comumente consideramos como única possibilidade de vida. Usualmente, denominam-se essas outras instâncias de mundo espiritual.

Importante, no entanto, lermos essa história com a mente atenta para a congregação dessas instâncias citadas aqui separadamente (mundo material e

mundo espiritual), como elementos de uma realidade única. É imprescindível a apreensão una dessa realidade; jamais como soma das partes.

Nosso plano espiritual encontra-se ao longo da superfície terrena. Nele, a matéria está em nova escala vibratória e elementos atômicos mais complicados e sutis (“aquém do hidrogênio e além do urânio”) se fazem presente (XAVIER, 2007, p. 120). Lá, por exemplo, as leis de gravitação são as mesmas da Terra e dias e noites revezam-se também igualmente. No entanto os rigores das estações não ocorrem devido aos “fatores de ambiente que asseguram a harmonia da Natureza” (XAVIER, 2007, p. 120 e 121).

Plantas e animais domesticados pela inteligência humana, durante milênios, podem ser aí aclimatados e aprimorados, por determinados períodos de existência, ao fim dos quais regressam aos seus núcleos de origem no solo terrestre, para que avancem na rotação evolutiva, compensados com valiosas aquisições de acrisolamento, pelas quais auxiliam a flora e a fauna (XAVIER, 2007, p. 121).

Mais suscetível ao pensamento, o mundo espiritual retrata nas suas paisagens o que espelha o pensamento de seus habitantes. Se somos Espíritos e o mundo real é o mundo espiritual, ou seja, da consciência, não há tempo nem lugar nessa realidade. Mas existe a nossa consciência a realizar experiências no contato com o princípio material; sejam elas impostas em vivências com a matéria adensada, sejam elas mais livres e de acordo com nosso estado mental, racional, emocional, intelectual. O que chamamos de mundo espiritual, nos parece ser esta última realidade. Sendo assim, ele é para nós aquilo que podemos ter consciência do que seja.

Contam-nos, aqueles que vivendo no mundo espiritual de mais vasta consciência, portanto, hábeis a captar diversos cenários desse mundo, que nele formam-se povoações felizes e menos felizes de acordo com o pensamento e constituição espiritual dos seres neles vivendo (XAVIER, 2007).

“Muitos comunicantes da Vida Espiritual têm afirmado, em diversos países, que o plano imediato à residência dos homens jaz subdividido em várias esferas. Assim é, com efeito, não do ponto de vista do espaço, mas sim sob o prisma de condições” (XAVIER, 2007, p. 121, 122). Possuem, desta forma, aglomerados sociais de Espíritos afins que chegam a constituir cidades, colônias, sítios organizados de acordo com a evolução da mente de seus moradores.

XX MUNDOS HABITADOS

No nosso caminho evolutivo todos nós “temos que habitar em toda parte e adquirir o conhecimento de todas as coisas, presidindo sucessivamente ao que se efetua em todos os pontos do Universo” (KARDEC, 2006, p. 316).

Contam-nos os Espíritos que, todos os demais globos que se movem no espaço são habitados. Afinal, se o mundo espiritual precede o material e sendo o Princípio Espiritual aquilo que anima a matéria, natural se faz chegarmos a essa conclusão, pois, matéria por si não tem propósito de ser. Certo há para esses mundos “destinação mais séria do que a de nos recrearem a vista” (KARDEC, 2006 p. 85).

No entanto, lógico também se faz concluirmos que a vida nos demais orbes é peculiar às suas condições, assim como “os peixes são feitos para viver na água e os pássaros no ar” (KARDEC, 2006 p. 85). Sábios nos contam que (KARDEC, 2010, p. 158, 159):

Do fato de que a vossa natureza animada começa no zoófito para terminar no homem, de que a atmosfera alimenta a vida terrestre, de que o elemento líquido a renova incessantemente, de que as vossas estações fazem se sucedam nessa vida os fenômenos que as distinguem, não concluais que os milhões e milhões de terras que rolam pela amplidão sejam semelhantes à que habitais. Longe disso, aquelas diferem, de acordo com as diversas condições que lhes foram prescritas e de acordo com o papel que a cada uma coube no cenário do mundo. São pedrarias variegadas de um imenso mosaico, as diversificadas flores de admirável parque.

Henri Bergson em “A evolução Criadora” (apud ANDRÉA, 1995, p. 66) nos faz pensar que, se a “energia solar acumulada com sua preferência de coordenação pelo carbono o fizesse com outro elemento, a vida se expressaria de modo diverso e desconhecido”. E Jorge Andréa (1995, p. 67) sobre isso nos conta:

Atestar que em tal planeta distante não existe vida, porque seu espectro é tal e a atmosfera denota combinações de gases diferentes da nossa, será muito pouco lógico. A expressão de vida na Terra obedece a uma orientação que poderá ter similares e diferenciar-se de tantas outras. A vida cósmica deve manifestar-se em ângulos polimorfos, de aspectos infinitos, em infinitas dimensões, das quais mal avaliamos.

Encontramos em Léon Denis (1982, p. 29) respaldo para a citação de Andréa, na seguinte afirmação:

Calculando as distâncias dos planetas entre si, sua massa e sua força de atração, demonstrou-se que suas condições físicas variam segundo sua posição no sistema solar e segundo sua inclinação sobre seus respectivos

eixos. Sendo assim, pode-se calcular que Saturno, por exemplo, tem a mesma densidade que a madeira de erable [madeira de bordo – árvore do gênero *Acer*]; que Júpiter tem quase a da água; que em Marte o peso dos corpos é menos da metade que sobre a Terra, etc. Conclusão: as leis físicas variam em cada um desses globos e as leis da vida neles estão em relação com as de sua natureza íntima.

Os mundos, além de serem palco da evolução do PI, eles próprios evoluem. Lovelock (apud CAPRA, 2003, p. 182) confirma a partir de 1979 o que o Espiritismo revelou em 1857 dizendo ele que: “A evolução dos organismos vivos está tão estritamente acoplada com a evolução do seu meio ambiente que, juntas, elas constituem um único processo evolutivo”.

Essa interligação entre Espírito encarnado e seu globo, nos leva ao fato de que: “O progresso material de um planeta acompanha o progresso moral de seus habitantes” (KARDEC, 2010, p. 250).

Ora, sendo incessante, como é, a criação dos mundos e dos Espíritos e progredindo estes mais ou menos rapidamente, conforme o uso que façam do livre-arbítrio, segue-se que há mundos mais ou menos antigos, em graus diversos de adiantamento físico e moral, onde é mais ou menos material a encarnação (KARDEC, 2010, p. 250).

De acordo com a evolução dos Espíritos, há as diversas escalas planetárias, indo desde os mundos primitivos até os mundos felizes. Nos mundos inferiores as existências são todas materiais, instintos e paixões reinam e a moral é quase nula. Nos mundos intermediários existe já o bem, juntamente com o mal cujas escalas variam de acordo com o estado moral de seus Espíritos e a influência da matéria vai diminuindo com a sua elevação até o atingimento dos mundos adiantados onde é a existência espiritual que reina. Essa escala, no entanto só se faz viável pela comparação entre os mundos; um mundo só pode ser classificado comparando-o com os demais (KARDEC, 2008, p. 76, 77, 79).

Mundos primitivos são berços dos Espíritos em início de conscientização. Eles também existem nos mundos intermediários, onde nascem como os grupos sociais menos evoluídos e mais primitivos para evoluírem com o contato dos mais evoluídos. Os intermediários são mundos onde a ignorância predomina sobre a justiça e, no contato com a Natureza rude e desafiadora e com uma sociedade ríspida, o Espírito vai desenvolvendo a inteligência e a moral. A Terra é um desses mundos (KARDEC, 2008, p. 82, 83).

Mundos regeneradores são uma das classificações dos mundos intermediários já num patamar mais avançado. A matéria ainda comanda a

existência, mas os sentimentos predominam sobre as sensações e as existências são mais tranquilas. Evoluem em paralelo os animais e vegetais, pois nada é estacionário na Natureza (KARDEC, 2008, p. 84, 86). Esse é o futuro próximo da Terra (KARDEC, 2010, p. 460).

Nos mundos felizes os Espíritos atingiram elevado grau moral e a existência não é mais regida pela materialidade que vivemos aqui na Terra. As formas apresentam grande beleza e a locomoção se dá pelo impulso da vontade sem impedimentos materiais. A existência humana não requer longa infância e é bem mais longa que a nossa (KARDEC, 2008, p. 79,80). Nos mundos superiores tudo é mais perfeito, plantas, animais, homens (KARDEC, 2006, p. 329).

Nesses mundos venturosos, as relações [...] [são] sempre amistosas [...]; só a superioridade moral e intelectual estabelece diferença entre as condições e dá a supremacia. A autoridade merece o respeito de todos, porque somente ao mérito é conferida e se exerce sempre com justiça. O homem não procura elevar-se acima do homem, mas acima de si mesmo, aperfeiçoando-se. Seu objetivo é galgar a categoria dos Espíritos puros, [...] uma ambição nobre, que o induz a estudar com ardor para os igualar. [...] Possuem bens, em maior ou menor quantidade, conforme os tenham adquirido, mais ou menos por meio da inteligência; ninguém, todavia, sofre, por lhe faltar o necessário, uma vez que ninguém se acha em expiação. Numa palavra: o mal, nesses mundos, não existe (KARDEC, 2008, p. 80, 81).

Assim, Espíritos não estão presos a um determinado mundo, nem passam pelas caminhadas evolutivas todas num mesmo orbe, nem tão pouco os orbes têm estágio estático. Na medida em que progredimos, passamos a outros mundos de semelhante escala vibratória. Nós necessariamente habitamos mundos primitivos em nosso início de consciência e viveremos, pela evolução natural que a tudo impulsiona, em mundos felizes. As escalas intermediárias, passaremos de acordo com nossas próprias escolhas, pelas formas que escolhermos levar os aprendizados e experiências da vida, conforme nossa liberdade, consciência e boa vontade (KARDEC, 2008, p. 75-86). Essa dinâmica entre os mundos é a mesma já demonstrada entre os Espíritos individualmente, como condicionada aos tempos e ritmos em que se processam os aprendizados individuais e coletivos constituintes do ambiente em que se vive.

XXI A GRANDE TEIA DA VIDA E A NOSSA GAIA

O Espiritismo comprovou a existência de Inteligências Extracorpóreas e as experiências de comunicação com elas mostraram que elas são de diversos níveis: hoje sabemos que há diversas escalas de seres inteligentes, desde os ditos perfeitos, até os denominados primitivos. Esses experimentos vieram nos mostrar também que os Espíritos estão em constante inter-relação com o mundo material (KARDEC, 2006).

Portanto, vamos tendo agora a ciência de que os

[...] Espíritos exercem incessante ação sobre o mundo [...]. Atuam sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das potências da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até então inexplicados ou mal explicados e que não encontram explicação racional senão no Espiritismo (KARDEC, 2006, p. 32).

Desse modo, vamos percebendo como a história da vida na Terra é ditada pelas inteligências materiais e semimateriais, superiores e humanas. Essa é a teia da vida em sua completude.

A harmonia que vemos nos reinos mineral, vegetal e animal advém do instinto que é a inteligência harmônica provinda da CPOU e do pleno cumprimento das orientações das Inteligências Superiores (KARDEC, 2010, p. 89). A realidade humana, com a consciência de si mesmo, possui a responsabilidade de seus atos e a liberdade para escolhê-los. Daí, nossas ações serem contraditórias com a harmonia universal, pois, se agimos de acordo com nossa vontade, nossas ações só serão harmônicas quando conhecermos as leis universais. Disso decorre a existência humana parecer problemática e desarmônica, uma vez que nesse estágio evolutivo a ligação com as Inteligências Superiores e a CPOU são embasadas na liberdade (DENIS, 1982, p. 43).

Todos os fenômenos da Natureza, pareçam eles benéficos ou não, tem uma razão de ser e um fim providencial, encontrando-se em acordo com a harmonia planetária e universal. A maioria deles tem por motivo “o restabelecimento do equilíbrio e da harmonia das forças físicas da Natureza” (KARDEC, 2006, p. 307). São todos comandados por Espíritos encarregados de dirigir os fenômenos naturais de acordo com as atribuições que possuem. Os dirigentes desses fenômenos são de

inteligência superior, muitos executores são de pouca inteligência, ou mesmo as executam por instinto (KARDEC, 2006, p. 307-309).

Esta é também a Gaia na visão espírita. Há sim a existência de um organismo, “como uma entidade complexa que abrange a biosfera, a atmosfera, os oceanos e o solo da Terra [que] na sua totalidade constituem um sistema cibernético ou de realimentação” (LOVELOCK, 2001, p. 30). No entanto, ela existe com o papel fundamental do mundo espiritual, das Inteligências Superiores, dos Espíritos e espíritos que vivem na Terra, e das leis universais que garantem a harmonia planetária em consonância com a universal. Portanto, na vida da Terra, há muitas outras forças as quais pouco, ou mesmo nada, são consideradas por nós.

Dos átomos que constituem o planeta, às forças físicas que os fazem reunir-se formando substâncias químicas, da gravidade ao som, dos corpos inorgânicos aos orgânicos. Das bactérias aos grandes mamíferos e ao ser humano. Das águas, ventos e fogo que esculpem a paisagem. Dos movimentos da Terra no espaço que determinam os climas. Do comportamento humano que vem modificando nosso planeta até a crise ambiental que nos assombra... Toda essa amplitude de fatores e coisas ainda não conta a história das coisas, a história de nosso planeta.

Há que se considerar a existência do Princípio Inteligente e tudo o que isso acarreta, bem como o fato deste encontrar-se sempre em franca evolução. Sem adentrarmos nisso estaremos sempre míopes, ou mesmo cegos, para identificarmos o que vai à nossa volta.

XXII INQUIETAÇÕES HUMANAS

Ao ampliar em muito nossa visão de mundo, vemos que as inter-relações ecológicas que imaginamos entre as diversas formas de vida vão muito além do que poderíamos suspeitar. Planetas se influenciam mutuamente, o Universo se nos mostra agora como uma grande rede viva. A teia da vida então ocorre com os corpos celestes, ocorre entre os reinos que compõem um planeta, ocorre entre as formas de vida que nele se instala. E atua também entre o chamado mundo espiritual e mundo material.

Nossa visão sobre a vida foi imensamente ampliada. Um certo bem estar agora se nos instala: há uma naturalidade e uma ampla conexão na vida que se nos mostra permanente.

No entanto, em nossa intimidade as inquietações e dúvidas permanecem... Por que nós humanos vivemos de forma tão intranquila e preocupada se estamos num Universo onde a sabedoria, a justiça e a bondade se manifestam soberanas?

Trazemos em nossa história algumas explicações...

Pelo pensamento contínuo, que nos vai fornecendo a consciência de nós mesmos, da vida e de nossa condição, nossa luta evolutiva se inicia.

O homem que lascava a pedra e que se escondia na fumaça, escravizando os elementos com a violência da fera e matando indiscriminadamente para viver, instado pelos Instrutores Amigos que lhe amparam a senda, passou a indagar sobre a causa das coisas... Constrangido a aceitar os princípios de renovação e progresso, refugia-se no amor-egoísmo, na intimidade da prole [...]. Desligado lentamente dos laços mais fortes que o prendiam às Inteligências Divinas, a lhe tutelarem o desenvolvimento, para que se lhe afirmem as diretrizes próprias, sente-se sozinho, esmagado pela grandeza do Universo (XAVIER, 2007, p. 96).

A idéia moral da vida começa a ocupar-lhe o crânio. [...] Abraça os filhinhos com enternecimento feroz, buscando a solidariedade possível dos semelhantes na selva que o desafia. Mentaliza a constituição da família e padece na defesa do lar. Os porquês a lhe nascerem fragmentários, no íntimo, insuflam-lhe aflição e temor. Percebe que não mais pode obedecer cegamente aos impulsos da Natureza, ao modo dos animais que lhe comungam a paisagem, mas sim que lhe cabe agora o dever de superar-lhes os mecanismos (XAVIER, 2007, p. 97).

Nesse concerto de forças, a morte passou a impor-lhe angustiosas perquirições e, enterrando os seus entes amados em sepulcros de pedra, o homem rude, a iniciar-se na evolução de natureza moral, perdido na desértica vastidão do paleolítico, aprendeu a chorar [...]. Foi, então, que, em se reconhecendo ínfimo e frágil diante da vida, compreendeu que [...] estava entregue a si mesmo. O Princípio da responsabilidade havia nascido (XAVIER, 2007, p. 97.98).

Incorporando a responsabilidade, a consciência vibra desperta e, pela consciência desperta, os princípios de ação e reação funcionam, exatos, dentro do próprio ser, assegurando-se a liberdade de escolha e impondo-lhe, mecanicamente os resultados respectivos, tanto na esfera física quanto no Mundo Espiritual (XAVIER, 2007, p. 101).

“Com o surgimento da responsabilidade, que o separa da orientação direta dos Benfeitores da Vida Maior, entregou-se o homem a múltiplos tentames de progresso no campo do espírito” (XAVIER, 2007, p. 99). Provindo da evolução anímica, o ser humano guarda

[...] a herança dos milhões de estágios diferentes, os reinos inferiores, e, no fundo, sente-se inclinado a viver no plano dos outros mamíferos que lhe respiram a vizinhança, com o instinto absoluto dominando sem restrições;

no entanto, com a evolução irreversível, o amor agigantou-se-lhe no ser, sugerindo-lhe novas disposições à própria existência (XAVIER, 2007, p. 99, 100).

E, “aflorando a mentação incessante, o homem começou a examinar em si mesmo o efeito das próprias ações, de modo a crescer, conscientemente, para a sua destinação” (XAVIER, 2007, p. 198).

Reconhece que dispõe de liberdade para matar o desafeto, mas não ignora que o desafeto, a seu turno, pode igualmente exterminar-lhe o corpo ou amargar-lhe o caminho. Percebe que os seus gestos e atitudes, para com os outros, criam nos outros atitudes e gestos semelhantes para com ele (XAVIER, 2007, p. 101).

Percebe, nesse despertar, que, além das operações vulgares da nutrição e da reprodução, da vigília e do repouso, estímulos interiores, inelutáveis, trabalham-lhe o âmago do ser, plasmando-lhe o caráter e o senso moral, em que a intuição se amplia segundo as aquisições de conhecimento e em que a afetividade se converte em amor, com capacidade de sacrifício, atingindo a renúncia completa (XAVIER, 2007, p. 197).

Fruto dessa jornada evolutiva humana, compreendemos nas explicações de André Luiz e Jorge Andréa que nosso psiquismo pode ser analisado em níveis, possuindo três andares (ANDRÉA, 1995, p. 158):

[...] no primeiro situa o da residência de nossos impulsos automáticos, simbolizando o sumário vivo dos serviços realizados; no segundo localizamos o domicílio das conquistas atuais, onde se erguem e se consolidam as qualidades nobres que estamos edificando; no terceiro, temos a casa das noções superiores, indicando as eminências que se cumpre atingir. Num deles moram os hábitos e o automatismo; no outro residem o esforço e a vontade; e no último demoram o ideal e a meta superior a ser alcançada. Distribuímos, desse modo, nos três andares, o subconsciente, o consciente e o superconsciente. Como vemos, possuímos, em nós mesmos, o passado, o presente e o futuro.

Ao mesmo tempo em que isso é maravilhoso, por certo que nos causa imenso trabalho de identificação, superação e alcance. Processo esse que se torna naturalmente cheio de inquietações, perturbações e dúvidas advindas de nossa complexa natureza.

A senda evolutiva humana, ainda que galgada por força de nossa vontade, liberdade e consciência, tem constante amparo das Inteligências Sublimes que jamais menosprezam a nossa sede de consolo e esclarecimento.

E foi para matar essa sede que os inumeráveis fenômenos espirituais e mediúnicos ocorreram entre os séculos XIX e XX com vistas às revelações que o Espiritismo resume.

XXIII PASSOS PARA UM NOVO DESPERTAR DE CONSCIÊNCIA

O despertar da consciência humana na Terra

[...] tem-se feito muito lentamente, dando lugar aos desmandos que se repetem a todo o momento e às lutas sangrentas terríveis. Predominam, desse modo, as condutas arbitrárias e perversas, na sociedade hodierna, em contraste chocante com as aquisições tecnológicas e científicas logradas nas sucessões dos tempos (FRANCO, 2010, p. 11).

Por outro lado:

Nos dias de hoje, em que as formas físicas estão definidas, a energia-espiritual está procurando, ainda no homem de nossos dias, à custa do despertar das novas potencialidades nervosas do lobo frontal, a conquista da etapa superconsciente – consciência de volume, de síntese, de percepção total, diversa da nossa consciência de superfície, de análise, da razão intelectual que está atingindo o ápice e, por isso, à procura de novas possibilidades e expansões – o despertar da era espiritual, que representará a conquista de uma nova forma de consciência. A superconsciência aparecerá como consequência de um esforço individual, quanti e qualitativamente, interessando diretamente à mecânica psicológica e arrastando, a pouco-e-pouco, a humanidade para a trilha da [consciência e do amor maiores] (ANDRÉA, 1995, p. 192).

Para essa conquista, mudanças devem ocorrer:

A Humanidade tem realizado, até ao presente, incontestáveis progressos. Os homens, com a sua inteligência, chegaram a resultados que jamais haviam alcançado, sob o ponto de vista das ciências, das artes e do bem-estar material. Resta-lhes ainda um imenso progresso a realizar: o de fazerem que entre si reinem a caridade, a fraternidade, a solidariedade, que lhes assegurem o bem-estar moral. Não poderiam consegui-lo nem com as suas crenças, nem com as suas instituições antiquadas, restos de outra idade, boas para certa época, suficientes para um estado transitório, mas que, havendo dado tudo o que comportavam, seriam hoje um entrave. Já não é somente de desenvolver a inteligência o de que os homens necessitam, mas de elevar o sentimento e, para isso, faz-se preciso destruir tudo o que superexcite neles o egoísmo e o orgulho (KARDEC, 2010, p. 460).

O psiquiatra Jorge Andréa, em seus estudos sobre a evolução, traz suas observações sobre o estado atual do humano na caminhada evolutiva, e, mesmo sem citar essa expressão, nos aponta para o surgimento, em nossas intimidades, do pensamento da Ecologia Profunda:

Quando o indivíduo, pela vivência intelectual, alcança determinado ponto de maturação novas propostas afloram à mente como algo em perspectiva; sente que as suas emoções estão frágeis; falta-lhe algo que deve complementar os seus impulsos. Passa a não satisfazer-se com o trabalho intelectual de características externa; percebe que, por mais que possa produzir neste degrau, algo de importância está por ser realizado. Procura orientar-se, a fim de atinar com seus anseios íntimos. Num determinado momento começa a perceber outras motivações para a sua existência; passa a interrogar sobre a vida e, principalmente, a sua destinação.

Observa que as razões intelectuais tornam-se frágeis e, por não atenderem os seus anseios, os mecanismos de tonalidades espirituais começam a despontar; as ideias, com mais expressivas dilatações e ampliações de horizontes descobrem novas rotas. A síntese, nos processos psíquicos, passa a ocupar lugar de destaque numa percepção de totalidade, com novos coloridos e valores maiores. A avaliação psicológica analítica, por ser limitada, se vai apagando e passando para a posição secundária; o julgamento das razões da vida torna-se mais profundo e mais sério; os pensamentos mais materializados vão sendo substituídos pelos valores espirituais, e após múltiplas vivências o indivíduo passa a ter certeza dos valores dos novos horizontes. Novos valores são equações representativas de novas aquisições que traduzem uma natural ampliação do psiquismo dentro do cadinho evolutivo (ANDRÉA, 1995, p. 193).

Esse ser humano de bem que iremos nos tornar, “usa mas não abusa dos bens que lhe são concedidos, sabe que é um depósito de que terá de prestar contas” (KARDEC, 2008, p. 292) e busca empregá-lo no bem de todos. Respeita ainda os direitos que as leis da Natureza a todos outorgou, como deseja que os outros assim também o façam a ele (KARDEC, 2008, p. 292, 293).

O estudo evolucionista atento da cientista Lynn Margulis (1990) nos mostra a vida a evoluir por meio da cooperação que foi se dando desde a bactéria, até a formação do ser humano. Sua teoria mostra que a evolução foi possível, pois que seres abriam mão de sua identidade para se associarem, dando origem a outro. Assim, o próprio estudo atento da Vida está a nos mostrar a Natureza, as leis, os caminhos. A lição tirada dessa evolução é o desapego rumo a algo maior.

O Espiritismo vem aconselhar, como uma das formas de se fazer esse caminhar, o tradicional padrão moral que muito é repetido, mas pouco praticado em sua íntegra: “fazer aos outros o que queríamos que os outros nos fizessem [...]”. Neste princípio encontra o homem uma regra universal de proceder, mesmo para as menores ações” (KARDEC, 2006, p. 33). Nos ensina ainda que, pela transitoriedade do mundo material, como vimos também nos ensinamentos de Goswami (2005) e Capra (2003), um pensar e agir que se leve a um desprendimento da matéria encaminhar-nos-á a uma aproximação das verdades da vida, ou seja, do mundo espiritual ou mundo da consciência.

É assim que o Espiritismo nos ensina o desapego ao transitório e o enfoque no permanente, que é a evolução do PI. Bem como nos ensina o respeito por todas as formas de vida, pois representam as etapas do necessário processo evolutivo. Dessa forma, sem apego, mas com respeito é que devemos encarar a existência de

todas as coisas da vida, vivas e não vivas e nossa consciência poderá ir-se expandindo com maior celeridade.

Nós humanos sendo, portanto, Espíritos em evolução no mundo da matéria densa, formado pelos nossos pensamentos, escolhas e saberes, deveremos buscar o conhecimento, a sabedoria, o amor. O próprio desenrolar da vida, na qual a morte a tudo iguala, nos oferece a consciência de que nada material nos compete reter pois tudo que é matéria adensada, o perecimento do corpo nos leva. Nossas propriedades e posses são nossa inteligência, nossos conhecimentos, nossas qualidades morais. Dependendo de nós sermos mais “ricos” ao partir do que ao chegar. Quanto aos bens da Terra, somos usufrutuários. São parceiros de jornada evolutiva (KARDEC, 2008, p. 278, 279).

Ao irmos adquirindo essa consciência, segundo Léon Denis (2010, p. 173):

[A alma] vê sempre se abrirem novos campos de estudos e de descobertas. Semelhantes à corrente de um rio, as águas da Ciência Suprema descem para ela em torrente cada vez mais caudalosa. Chega a penetrar a santa harmonia das coisas, a compreender que não existe nenhuma discordância, nenhuma contradição no Universo; que, por toda a parte, reinam a ordem, a sabedoria, a providência, e a sua confiança e o seu entusiasmo aumentam cada vez mais. Com amor maior pelo Poder Supremo, ela saboreia de maneira mais intensa as felicidades da vida bem-aventurada. Daí em diante está intimamente associada à Obra Divina, está preparada para desempenhar as missões que cabem às almas superiores, à hierarquia dos Espíritos que, por diversos títulos, governam e animam o cosmo.

Para rumar nesse sentido necessitamos estudar a nós mesmos, descobriremos nossas imperfeições e trabalharmos para combatê-las. Temos a cada dia que se encerra a certeza que amanhã estamos um pouco melhores que no hoje que finda (KARDEC, 2008, p. 292, 293).

Para sabermos se estamos caminhando firmes rumo ao nosso progresso essa nossa história aconselha que analisemos se estamos fazendo todo o bem que podemos fazer, se somos justos e desenvolvemos o amor. Se não agimos mal com ninguém, se aproveitamos todas as ocasiões para sermos úteis à vida; enfim, se fazemos ao outro aquilo que gostaríamos que os outros fizessem conosco. Em outras palavras, desenvolvermos a consciência de que a vida é maior que nosso ego, que dividimos a existência com inúmeras outras vidas e aquilo que a rege é muito maior que nós e que nossas vontades. Devemos ainda caminhar para fazer o bem por fazer, sem expectativas de reconhecimento ou retribuições e de sacrificarmos nossos interesses pessoais em nome da justiça. Enfim, termos o norte

de nossas ações no bem de todos e não no bem individual ou de pequenos grupos (KARDEC, 2008, p. 290, 291).

Na indefectível marcha evolutiva da existência, os seres humanos, os seres vivos, o ambiente e o planeta Terra evoluirão conjuntamente. Uma nova etapa da existência estará aqui instalada. Já teremos passado pelas fases do desenvolvimento do despertar da consciência e da moral, sem as vicissitudes que hoje vivemos. Nessa caminhada, as raças que hoje povoam a Terra desaparecerão, sendo substituídas por seres cada vez mais perfeitos, assim como as raças atuais foram substituindo as primitivas que habitavam o planeta há milhares de anos (KARDEC, 2006, p. 149). O progresso em nosso globo ocorrerá, uma vez que, como tudo, este se subordina à lei do progresso (KARDEC, 2010, p. 458).

A geração futura, desembaraçada das escórias do velho mundo e formada de elementos mais depurados, se achará possuída de idéias e de sentimentos muito diversos dos da geração presente, que se vai a passo de gigante. O velho mundo estará morto e apenas viverá na História, como o estão hoje os tempos da Idade Média, com seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas (KARDEC, 2010, p. 460).

XXIV A NOVA TERRA

Nossa história não pode deixar de citar que a Terra vive na atualidade um momento de grande transição. A Lógica Maior da Vida desenha para a Terra um novo patamar evolutivo: estamos deixando de ser um planeta de expiação para nos tornarmos um planeta de regeneração (KARDEC, 2010, p. 460; FRANCO, 2010, p. 09).

Para que esse progresso ocorra, processos suaves e bruscos se sucederão. “Trata-se de um movimento universal, a operar-se no sentido do progresso moral. Uma nova ordem de coisas tende a estabelecer-se, e os homens, que mais opostos lhe são, para ela trabalham a seu mau grado” (KARDEC, 2010, p. 460).

As grandes transformações, embora ocorram em fases de perturbação do orbe terrestre, em face de fenômenos climáticos, da poluição e do desrespeito à Natureza, não se darão em forma de destruição da vida, mas de mudanças de comportamento moral e emocional dos indivíduos, convidados uns ao sofrimento pelas ocorrências e outros pelo discernimento em torno da evolução (FRANCO, 2010, p. 36,37).

As alterações que se observam são de natureza moral, convidando o ser humano à mudança de comportamento para melhor, alterando os hábitos

viciosos, a fim de que se instalem os paradigmas da justiça, do dever, da ordem e do amor (FRANCO, 2010, p. 09).

Mas, uma mudança tão radical como a que se está elaborando não pode realizar-se sem comoções. Há, inevitavelmente, luta de idéias. Desse conflito forçosamente se originarão passageiras perturbações, até que o terreno se ache aplanado e restabelecido o equilíbrio. É, pois, da luta das idéias que surgirão os graves acontecimentos preditos e não de cataclismos ou catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais foram consequência do estado de formação da Terra. Hoje, não são mais as entranhas do planeta que se agitam: são as da Humanidade (KARDEC, 2010, p. 461).

No caminho evolutivo da Terra, natural é que, como membros da grande família planetária universal, não estejamos isolados nem ausentes do contato com os demais orbes e seus habitantes. Em diversas oportunidades, quando “submergiram nas sombras do mundo terrestre, a fim de apresentarem as suas conquistas e realizações edificantes, auxiliando” a Terra “a crescer em tecnologia, ciência, filosofia, religião, política, ética e moral”, Espíritos de outras constelações mais evoluídas aqui viveram (FRANCO, 2010, p. 32).

No atual momento de transição recebe também a Terra inúmeros missionários de outros orbes, uns vem pela primeira vez auxiliar no progresso com o conhecimento e valores morais sólidos que possuem tornando-se exemplos em nossa sociedade. Outros, os mesmos ilustres que vieram em épocas ancestrais trazer os conceitos da filosofia, artes, política, ciência, etc., retornam para fazer com que as origens e verdades desses ensinamentos volvam, após séculos nos quais eles foram se perdendo e deturpando (FRANCO, 2010, p. 32, 33).

[Esses] novos obreiros [...] se sucederão ininterruptamente alterando os hábitos sociais, os costumes morais, a literatura e a arte, o conhecimento em geral, ciência e tecnologia, imprimindo novos textos que despertarão o interesse mesmo daqueles que, momentaneamente, encontram-se adormecidos. [...] Trata-se, portanto, de um movimento que modificará o planeta para melhor, a fim de auxiliá-lo a alcançar o patamar que lhe está reservado (FRANCO, 2010, p. 37, 38).

A Terra tornar-se-á um planeta bom quando a grande maioria dos seres humanos que aqui habitam também tornarem-se bons. Vemos aqui nosso papel, individual e coletivo, na melhoria das condições planetárias. Não podemos, portanto, pensar em melhorar o planeta e sanar suas crises sem nos melhorarmos e auxiliarmos a todos para que também se melhorem. O que isso representa, senão uma experiência em ecologia profunda?

Nos dias presentes, o homem responderá pelo que semeou no passado [consequência inevitável da nossa liberdade e responsabilidade]. Sabemos que a semeadura foi desarmonizada e conflitiva; daí, a resposta das dores e

tormentos atuais, no vórtice dos quais, a humanidade chegará a compreender e apreciar a necessidade das novas exigências evolutivas, em novos padrões de elegância moral e espiritual. Terá de haver esforço e compreensão exata de sua posição; esforço com adaptação, procurando desenvolver o novo ciclo do bem. Neste não haverá condições para a ociosidade, nem adubações para atividades negativas (ANDRÉA, 1995, p. 194).

Desse trabalho evolutivo advirá a evolução das ideias, dos sentimentos e da moral, num cenário onde a verdade e a justiça se implantem; isto é o que representará a Terra em sua etapa evolutiva mais avançada. Os sentimentos construtivos – aqueles em prol do bem comum, sobrepujarão os sentimentos destrutivos – aqueles que visam ao bem individual ou de alguns.

Esse também será um cenário para a remediação para a crise ambiental. Balizados por sentimentos elevados saberemos como agir e reagir frente às escolhas da vida, como, por exemplo: o modo de produção que escolhemos, a motivação das indústrias e do comércio, o que consumir e para quê, como repartir mais igualmente aquilo que utilizamos do meio ambiente para a nossa sobrevivência, enfim, teremos um melhor direcionamento das ações, uma vez que os sentimentos – motores destas – estariam mais adequados à harmonia da vida.

Posturas assim desencadeariam mudanças sociais e conseqüentemente ambientais significativas. No Espiritismo esse é o mundo de regeneração - umas das fases na escala evolutiva dos planetas. Para alcançarmos essa fase, Léon Denis (1982, p. 34) nos aconselha a: “Fazer o bem e aproveitar nossa vida na Terra para progredir, fazendo progredir os outros”.

XXV O QUE ENTÃO SABEMOS AGORA

Assim é que nossa história se escreve no livro do Universo...

Olhamos ao redor e vemos o planeta que nos sedia a existência a nos contemplar, tanto quanto nós o contemplamos. A crise ambiental que vivenciamos nos aparece agora como consequência de nossa imaturidade intelectual e principalmente moral.

O homem encontra-se na encruzilhada, necessitando da busca maior, porém envolto nas redes de um tecnicismo mal interpretado. A técnica é conquista e de natural beleza para a vida humana se considerada como o

caminho da prestação de serviços, porém desequilíbrio se for elevada à posição de orientadora integral da vida. A vida real se encontra nas manifestações afetivas e sublimes do Espírito; este é que deverá comandar o cenário humano, ajuizar as suas posições e apreciar o trabalho diário da técnica como um campo de desenvolvimento e caminho para o equilíbrio (ANDRÉA, 1995, p. 184).

Emergir grau a grau do abismo da vida para tornar-se Espírito, gênio superior, e isto por seus próprios méritos e esforços, conquistar o futuro hora a hora, ir-se libertando dia a dia um pouco mais da ganga das paixões, libertar-se das sugestões do egoísmo, da preguiça, do desânimo; resgatar-se pouco a pouco das suas fraquezas, da sua ignorância, ajudando os seus semelhantes a se resgatarem por sua vez, arrastando todo o meio humano para um estado superior, tal é o papel distribuído a cada alma. Para desempenhá-lo, tem ela à sua disposição toda a série de existências inumeráveis na escala magnífica dos mundos (DENIS, 2010, p. 169, 170).

Assim é que caminhamos da nebulosa mãe ao corpo humano, da bactéria à complexidade humana; da realidade material ao mundo espiritual, do ser humano primitivo às Inteligências Superiores que coordenam o Cosmos. Vimos que tudo se encadeia, tudo tem um propósito que leva ao aprendizado supremo onde só o belo e o bom existem.

Nossa história não começa com “era uma vez” nem termina com “viveram felizes para sempre”. Nessa história nada “era”, tudo sempre “é”. O tempo em realidade não existe no mundo das consciências. Aqui em nossa história foi descrito o papel que nos cabe agora na continuação de nossa história.

E a felicidade... A felicidade com muito trabalho é que iremos conquistá-la. Não há receitas mágicas nem instantâneas. Contam-nos que nossa felicidade possível é a posse do necessário, a consciência tranquila e a fé no futuro (KARDEC, 2006, p. 480). E mesmo essa felicidade possível, apenas com a sabedoria para entendermos o que seja o necessário, para termos ações retas que nos levem à consciência tranquila, e para adquirirmos o conhecimento das leis naturais que nos ofertarão a fé no futuro, será quando então nela viveremos.

A busca da felicidade nas facilidades e conquistas materiais, que acarretam a crise ambiental, apresenta-se como uma quimera. A felicidade não está nas facilidades da vida, mas em trabalharmos em harmonia com as leis naturais e com consciência de nossa realidade espiritual. Portanto, apenas com milhares mais de anos de satisfatórios trabalhos evolutivos é que seremos “felizes para sempre”.

A vida nos pede mudanças, isso reconhecemos quando olhamos a nós mesmos e ao nosso redor. A aceitação de outra realidade comandando a vida além da material, aceitaremos e compreenderemos mais dia menos dia.

Entendemos agora, de forma mais ampla e, inclusive, natural sobre os desentendimentos e as crises vividas pela humanidade. Ainda que natural, resultado do nosso atual estágio evolutivo, nossa responsabilidade pede que nossas ações em nosso campo de liberdade sejam mais harmônicas. O autoconhecimento nos é requerido para que, ao sabermos como somos, possamos nos harmonizar e adiantarmo-nos em nossa jornada ascensional de evolução sem término.

A Ecologia Profunda surgirá em nosso íntimo naturalmente, fruto do nosso esforço evolutivo. Então, a vida na Terra começará a se harmonizar, as relações se equilibrarão no bem e atingiremos a verdadeira sustentabilidade que tanto buscamos.

Essa é uma possível outra história das coisas, uma história que nos esclarece, mas acima de tudo nos inspira. E embebidos dessa inspiração convidamos a todos a irmos conjuntamente realizando uma possível outra história das coisas.

TERCEIRA PARTE

O QUE PODE ADVIR DA INCORPORAÇÃO DO ESPIRITISMO PELOS SABERES AMBIENTAIS

4 CAMINHOS QUE SE ABREM

“Dia virá, em que todos os pequenos sistemas, acanhados e envelhecidos, fundir-se-ão numa vasta síntese, abrangendo todos os reinos da idéia. Ciências, filosofias, religiões, divididas hoje, reunir-se-ão na luz e será então a vida, o esplendor do espírito, o reinado do Conhecimento” (DENIS, 2010, p. 36).

Para iniciar esse capítulo faremos a seguinte pergunta: Serve o Espiritismo para o fazer científico dos saberes ambientais? Como tudo o que serve, serve para alguma coisa, e se essa alguma coisa a ser servida é o fazer científico atual, vejamos o que é este fazer para então sabermos se a incorporação do Espiritismo às ciências é válida.

O nosso entendimento de ciência é aquele trazido por Lynn Margulis e por Capra:

A ciência tornou-se o método social de investigar fenômenos naturais, de explorar leis de maneira intuitiva e sistemática, leis formuladas perante a observação da Natureza, sendo depois ensaiadas com rigor sob a forma de conjecturas. Os resultados são então armazenados na qualidade de registros escritos ou matemáticos e depois copiados e disseminados para uso de outras pessoas quer da mesma geração quer das gerações seguintes (MARGULIS, 1990, p. 218).

Gera-se, assim, conhecimento.

No novo pensamento sistêmico, a metáfora do conhecimento como um edifício está sendo substituída pela da rede. Quando percebemos a realidade como uma rede de relações, nossas descrições também formam uma rede interconectada de concepções e de modelos, na qual não há fundamentos (CAPRA, 2003, p. 48).

Consideramos ainda que: “No novo paradigma, é reconhecido que todas as concepções e todas as teorias científicas são limitadas e aproximadas” (Capra, 2003, p. 49).

Portanto, o que desejamos servir é o fazer exploratório da Natureza feito de forma intuitiva e metodológica, com vistas a se formarem teoria e leis que serão registradas e divulgadas, mesmo que sabidamente reconhecidas como uma aproximação do real; estas deverão ainda conectar-se com as outras teorias e leis existentes e formuladas, compondo uma visão mais ampla, portanto, mais próxima da realidade sistêmica e complexa na qual vivemos.

Diante desses fatos repetimos a pergunta: serve o Espiritismo para esse fazer científico?

Pensamos que sim, uma vez que o Espiritismo é também uma ciência de investigação da Natureza que metodologicamente avaliou fenômenos naturais, formulou teorias e leis, registrou-as e divulgou-as. Além disso, já considerou a formulação científica como rede, pois, utilizando-se de outras ciências (química, física, geologia, biologia, astronomia) concebeu suas teorias na continuidade dessa rede de saberes, reconhecendo que todo saber é útil e necessário para a compreensão da vida.

Vemos, portanto, que muitos caminhos podem se abrir dessa incorporação. Abrem-se portas para se aproximar o Espiritismo da física quântica, da teoria dos seres vivos de Capra, do conceito de ser humano de Maturana, da teoria da complexidade de Morin, dos estudos evolutivos de Margulis. Mas, principalmente, leva de maneira enfática à ética, à elevação moral e à melhoria humana ao fazer científico e aos cientistas, bem como a todos aqueles que entrarem em contato com os saberes científicos. Essa junção poderá também construir novos rumos à humanidade carente de cenários que nos afastem da crise ambiental.

Os avanços que já estamos atingindo advindos do fazer científico atual nos mostram que estamos progredindo, e o fazemos na mesma direção dos conceitos trazidos pelo Espiritismo. Vejamos alguns exemplos:

- Compreende-se no novo paradigma holístico surgente que a certeza científica é parcial, uma vez que esta nunca pode fornecer um entendimento completo e definitivo do que seja a Natureza, assim, o

conhecimento aproximado torna-se aceito também como científico (CAPRA, 2003, p. 49);

- Neste momento entende-se que o todo de um corpo é mais que do a estrutura física dele (CAPRA, 2003, p. 46);
- O pensamento sistêmico propicia que o conhecimento seja agora construído em rede, interconectando concepções e modelos sem que ajam fundamentos firmes (CAPRA, 2003, p. 48);
- O caos agora é compreendido não como mera aleatoriedade, mas sim como o nível mais profundo que a realidade nos exhibe uma ordem padronizada (CAPRA, 2003, p. 107);
- O conceito de termodinâmica em sistemas abertos (seres vivos, por exemplo) – elaborado por Ilya Prigogine - concebe que o fluxo de matéria e energia leva-os a evoluir, ao contrário do que ocorre com os corpos inanimados aonde a desordem vem com as perdas energéticas (CAPRA, 2003, p. 53 a 55 e 82, 83);
- Entende-se que a evolução se dá constantemente num Universo infinito e que a competição e destruição fazem parte desta, tanto quanto a cooperação e o amor (CAPRA, 2003);
- Sabe-se que corpos orgânicos e inorgânicos são formados de iguais substâncias e que nos organismos vivos eles adquirem vida num conjunto de capacidades peculiares definidas como autopoiese (CAPRA, 2003, p. 135-141);
- Teoriza-se que há uma sucessão evolutiva de formas de vida levando a uma maior complexidade orgânica e que os organismos vivos desde a bactéria até o homem se encadeiam (MARGULIS, 1990);
- Sabe-se que organismos vivos mais complexos possuem em si as características aprendidas no processo de evolução quando a vida estagiava nos corpos orgânicos menos complexos, como a visão, o paladar e a locomoção, por exemplo (MARGULIS, 1990);
- Reconhece-se que há nos seres um processo de cognição que envolve percepção, emoção e ação e que podemos chamar de mente, mas não de

cérebro (CAPRA, 2003, p. 144-146);

- Compreende-se que no ser humano a evolução orgânica se deu como nos demais seres vivos no desencadear evolutivo da vida, mas surge uma novidade que é a sua consciência de si mesmo traduzida inclusive pela sua comunicação (CAPRA, 2003, p. 224-227);
- Estuda-se que a vida se dá por probabilidades e que muitas das vezes as ocorrências existentes são aquelas de baixíssima probabilidade (HAWKING, 2001, p. 94; LOVELOCK, 2001, p. 34);
- A noção de amor começa a fazer parte da busca científica como sendo uma necessidade da vida para continuar evoluindo (CAPRA, 2003, p. 230; MATURANA, 2005, p. 22-26; MARGULIS, 1990, p. 232; MORIN, 1973, p. 21, 22; HARDING, 2008, p. 279);
- Sabe-se que a Terra é apenas um planeta pequeno, de um sistema solar pequeno, na periferia de uma constelação pequena, pertencente a um dos sistemas galácticos entre uma imensidade de outros conjuntos de galáxias de um universo em expansão (MORIN; 2012; HAWKING, 2001, p. 75), que mesmo aparentemente irrelevante tem condições únicas e é dotado de uma lógica viva que controla e garante que as condições para a existência, sobrevivência e evolução da vida nele se dê (LOVELOCK, 2001);
- Também temos o paradigma holístico que está sendo construído como um estímulo para que saberes e ciências novas, tradicionais, biológicas, exatas, humanas, emocionais, se conectem, se completem (CAPRA, 2003, p. 48, 49);
- Na atualidade também temos físicos propondo a inteligência como uma entidade existente e independente da matéria, ou na verdade como o grande uno universal a conferir razão e existência à matéria (GOSWAMI, 2005; SANT'ANNA, 1978).

Diante de todos esses saberes que a humanidade, por meio das ciências, adquiriu, torna-se muito mais compreensível e lógico o conteúdo dos estudos

espíritas. É por tudo isso que argumentamos como pertinente a inclusão do Espiritismo nos estudos formais e acadêmicos.

Ademais, essa interligação será também benéfica ao Espiritismo que fortalecerá os rigores científicos de sua formulação. O famoso pesquisador científico espírita Hernani Guimarães Andrade (2009, p. 144) comenta sobre isso:

Todavia, é chegado o tempo de o espiritualismo abandonar um pouco as revelações, as tradições e as meras intuições místicas, para lançar-se pela mesma estrada trilhada pela ciência, em uma mútua cooperação, no sentido de alcançar algo além do conseguido até agora.

Ou seja, voltar às origens onde o experimento científico e o Espiritismo andavam juntos.

Considero também a pertinência do campo dos saberes ambientais para a inclusão do Espiritismo, não apenas como ajuda às problemáticas da crise ambiental, mas como uma troca de auxílios. Explico: tanto as ciências que estudam a crise ambiental estão abertas para novas proposituras (o Espiritismo é bom para a crise ambiental), quanto o Espiritismo precisa de um ambiente acadêmico propício, ou seja, um ambiente acostumado à multidisciplinaridade e à transdisciplinaridade, o que ajudaria em sua compreensão (os saberes ambientais são apropriadas ao Espiritismo).

Por tudo isso, vemos que o caminho é amplo e fértil para que novos fatos surjam da união do Espiritismo às ciências acadêmicas e especialmente às ligadas aos saberes ambientais.

4.1 O que pode surgir de novo com o estudo do Espiritismo

Dessa junção aqui proposta, as ciências podem iniciar estudos sob uma nova maneira de se encarar todas as formas de vida. Poderá se entender que todas elas igualmente importam e representam estágios da vida, já que encerram em si o Princípio Inteligente interagindo com a matéria (não como uma dualidade, mas como um uno complexo) a evoluir indefinidamente. Os seres vivos poderão então ser pesquisados em suas inteligências a fim de entendermos as aquisições que o PI vai adquirindo em sua jornada evolutiva.

Uma nova filosofia para a educação ambiental e para a gestão ambiental poderá surgir. Na realidade da consciência, não haverá espaço nem para o utilitarismo do meio ambiente, nem para a preservação estática, mas sim para tentativas de compreensão do papel de cada elemento e de cada ser na Grande Harmonia.

Nova forma de ver o ser humano também surgirá: nem vilão nem o todo poderoso, apenas um dos estágios que a inteligência vivencia e que, por se constituir um ser espiritual, não terá um fim, mas à evolução que tende ao infinito.

Poderemos ainda ter uma maior efetividade na implantação da transdisciplinaridade. Para se estudar Espiritismo, necessário se faz a reunião de diversas outras ciências; assim, naturalmente, ao se formarem núcleos de estudos espíritas nas universidades, por exemplo, estes deverão ser transdisciplinares por força da característica dessa ciência, o que pode vir a facilitar os tentames dessa prática que é ainda nova.

Outro aspecto que poderemos ver surgir será a incorporação da intuição e da mediunidade (e todas as peculiaridades que esta traz), no desenvolvimento dos saberes das ciências. Isto poderá se dar, por exemplo, nos núcleos de estudos espíritas comentados acima.

Para tal, trazemos uma afirmação de Léon Denis (1919, p. 10):

Com os estudos espíritas uma nova ciência se vai formando lentamente, aias é preciso aliar ao espírito de investigação científica a elevação de pensamento, [...]. Deve todo adepto saber que a regra por excelência das relações com o invisível é a lei das afinidades e atrações. [...] O bom êxito da experimentação, no que ela tem de belo e grandioso – a comunhão com o mundo superior – não o obtém o mais sábio, mas o mais digno, o melhor, aquele que tem mais paciência e consciência e mais moralidade. [...] É necessário aliar os conhecimentos teóricos ao espírito de investigação e da elevação moral, para estar verdadeiramente apto a discernir no Espiritismo o bem do mal, o verdadeiro do falso, a realidade da ilusão.

4.2 Processo educativo via construção de uma nova disciplina

*“Eu disse algumas coisas sobre as quais não tenho total confiança. Mas há algo pelo qual estou pronto a lutar, em palavras e ações, até o máximo de minha capacidade: Nós seremos melhores, mais corajosos e menos impotentes se pensarmos que devemos indagar, do que seríamos se cedêssemos à inútil fantasia de que não é possível, e não há utilidade, em saber o que não sabemos”.
(Sócrates).*

Como proposta prática desta dissertação advinda dos caminhos que podem se abrir com a consideração do estudo do Espiritismo no campo acadêmico oferecemos a construção de uma disciplina a ser ministrada, como eletiva, nas faculdades relativas aos saberes ambientais (ver definição em nota de rodapé nº 07 página 10).

Reforçaremos aqui os pontos que nos levaram a acreditar na viabilidade de se levar o Espiritismo às Universidades.

Primeiro, não há motivos que o prendam aos Centros Espíritas e ao chamado Movimento Espírita; o Espiritismo começou como uma ciência e pode permanecer como tal se deixar de ser ignorado pela maioria dos cientistas.

Em segundo lugar, por ser uma ciência que trata da origem, natureza e destino humanos, o Espiritismo é de grande utilidade para as ciências envolvidas com a crise ambiental – uma crise que hoje já é considerada advinda do comportamento humano e que estudiosos (como Enrique Leff e Carlos Walter) costumam denominar de Crise Civilizatória já que advêm do modelo cultural e socioeconômico hegemônico vigente (apud PORTO-GONÇALVES, 2009).

Como terceiro ponto, lembramos que os saberes ambientais são familiarizadas com a ecologia; e sabemos que:

[...] a ecologia não é apenas uma forma renovada do humanismo, mas representa uma verdadeira revolução cultural, uma modificação completa nos modos de apreensão e de ação do mundo (...). A ecologia é como um prisma de cristal, afirmam Walter e Dorothy Schwars, suas facetas iluminam o pensamento integralizado. Como ciência, mostra a interação das forças animadas e inanimadas; como filosofia, busca interpretar o lugar do homem

e de outros animais na Natureza. [...] A Ecologia escapa da compartimentalização e do reducionismo de outras ciências. Em busca de valores, a ecologia desafia noções tradicionais tanto científicas quanto religiosas (CARVALHO, 2004, p. 39).

Ela incita “uma revisão ético-estética das práxis humanas nos mais variados domínios” (CARVALHO, 2004 p. 13).

Por isso, as faculdades dos saberes ambientais, as quais bebem da ecologia, são uma adequada instância para o Espiritismo.

Essa nova disciplina aqui proposta, que introduz uma ciência construída em um cientificismo que não assume o dogmatismo do materialismo, vem também ao encontro da visão de Enrique Leff que propõe uma nova epistemologia para a compreensão do fenômeno ambiental e de todas as questões pertinentes à problemática socioambiental – um campo que deve considerar e incorporar a complexidade destas questões. Leff sugere a incorporação do inédito em uma “aventura na construção de novos sentidos do ser” (apud CUNHA, 2001).

Vale ainda mencionar que um pesquisador das questões da ecologia trouxe a ausência de estudos que mostrem a junção da compreensão íntima humana e da chamada alma à Crise Ambiente; em suas palavras: “pretendíamos estudar a relação da questão ambiental com a investigação da própria alma. Não sentimos suficiente segurança e embasamento, haja vista a escassez de produção científica nesse campo, para enveredar nesse rumo” (CARVALHO, 2004 p. 24). Ponto este que traz mais um motivo para a propositura dessa união.

Assim, considerando ser pertinente a união do Espiritismo às ciências e sendo propício o campo dos saberes ambientais para essa inclusão, adentramos agora na propositura da disciplina curricular a ser ministrada nas Universidades, nas faculdades que ministram os saberes ambientais como eletiva ao processo de formação acadêmica do futuro profissional que adentrará no campo profissional dos fazeres que poderão vir a remediar a crise ambiental. Ademais, esta dissertação é uma experiência de Ecologia Profunda e como tal deve possuir uma ação concreta que vise à melhoria do planeta – a propositura dessa disciplina é a nossa ação concreta.

Vale aqui citar que já existe um curso de Teologia Espírita implantado na Faculdade Doutor Leocádio José Correia: “a proposta do Curso de Bacharelado em Teologia Espírita é a de possibilitar o estudo sistemático, acadêmico, da Doutrina

dos Espíritos, dando sequência ao esforço de quase 50 anos da Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas - SBEE no sentido de reconceituar o Espiritismo no Brasil” (Fonte: http://www.falec.br/graduacao_teologia.php, acesso em: fev. 2012). Portanto, mesmo que ainda como um curso de teologia, o Espiritismo já inicia sua jornada acadêmica no Brasil. O curso possui 38 disciplinas, são elas:

Língua Portuguesa, Ética, Sociologia Geral, Introdução à Filosofia I e II, Fundamentação Doutrinária Espírita, Informática Básica, Metodologia Científica I e II, Psicologia Geral, Literatura Espírita, Introdução à Antropologia, História das Religiões I, II e III, Ética Espírita, Sociologia Espírita, História do Espiritismo I e II, Estética, Psicologia e Espiritismo, Filosofia Espírita I e II, Doutrina Social Espírita I e II, Cosmologia e Física Quântica I e II, O Evangelho Seg. o Espiritismo, Ensino e Pesquisa Teológica, Projeto Integração e Cidadania, Metafísica I e II, Lógica I e II, Antropologia Espírita I e II, O Livro dos Espíritos, História do Espiritismo no Brasil, Espiritismo Moral e Direito, O Livro dos Médiuns, A Teologia nas Diferentes Ideologias Religiosas, Pesquisa e Monografia I, II e III, Epistemologia, Língua Francesa, A Doutrina Espírita e a Medicina, Teologia Comparada I e II, Centro Espírita como Unidade Social – Funcional, A Gênese, História da Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas, A Mediunidade e suas Diversas Linguagens, Os Fenômenos Espíritas e a Ciência, Atividade Complementar e Pedagogia Espírita.

Acreditamos ainda que o estudo do Espiritismo em diversas faculdades colaborará para uma onda virtuosa de saber que se espalhará naturalmente. Quanto mais pessoas pensarem numa dada ideia, mais essa ideia se fortalece e ganha forma concretizando-se. Dizemos que “uma ideia paira no ar”. O Espiritismo explica isso pela comunicação espiritual que se dá inconscientemente de encarnado para encarnado, de encarnado para desencarnado e de desencarnado para encarnado pela força do pensamento (ver definição de pensamento na Segunda Parte página 127).

A disciplina aqui proposta possui inspiração metodológica em pensadores como Edgar Morin, Humberto Maturana, Dora Incontri, Enrique Leff e Ubiratan D’Ambrosio.

4.2.1 Proposta Metodológica

“A educação, sabe-se, é o mais poderoso fator de progresso, pois contém em gérmen todo o futuro”.

(Léon Denis).

Analisemos primeiro, como fundamentação metodológica, o que Edgar Morin nos aponta de ações mitigadoras para diminuir os buracos em nossos processos educativos (MORIN, 2012):

- Reconhecer as cegueiras do conhecimento, seus erros e ilusões. Para o pensador francês é fundamental que se aponte o erro de se pensar que a ideia corresponde ao real, pois o que temos são apenas ideias do que seja o real.
- Sanar a segmentação do ensino em disciplinas, muito favorável ao avanço do saber, mas que agora é preciso se ter uma visão do conjunto; há que se colocar o conhecimento num contexto.
- A identidade humana deve ser considerada nos programas de instrução e se enfatizar a noção da unidade (viemos todos do mesmo *big bang* e os humanos têm constituições físicas quase que idênticas) e também da diversidade (nos diferenciamos pela cultura e pelos conhecimentos).
- Importante salientar a conexão das coisas, evidenciar que os problemas e situações estão todas amarradas umas nas outras. Mostrar que há um destino comum de todos e fazer isso visando à construção de uma consciência planetária.
- O ensino é fundamentado nas certezas científicas, no entanto, para Morin, se faz importante divulgar a existência e o surgimento do inesperado. Ele lembra que o inesperado aconteceu e acontecerá na história da evolução da vida e da sociedade e é preciso mostrar isso nos processos didáticos para que se estimulem pessoas fortes e preparadas para resultados inesperados sem se desencorajarem.

- É aconselhado que se ensine como se compreender uns aos outros. Para Morin, A redução do outro, a visão unilateral e a falta de percepção sobre a complexidade humana são os grandes empecilhos da compreensão. Outro aspecto da incompreensão é a indiferença. Por isso, é importante este quarto ponto: compreender não só os outros como a si mesmo, a necessidade de se autoexaminar, de analisar a autojustificação, pois o mundo está cada vez mais devastado pela incompreensão, que é o câncer do relacionamento entre os seres humanos (MORIN, 2012).
- Estimular a ética (que depende de cada cultura), às responsabilidades pessoais, bem como desenvolver a participação social. Diz Morin que isso só é possível na democracia.

Com sua proposição, Morin nos apresenta um desafio: que se transforme a concepção fragmentada e dividida do mundo que impede a visão total da realidade, que se contextualizem as questões, que nesse processo conheçamos a nós mesmos, bem como as nossas semelhanças e diversidades humanas num ambiente democrático a nos encorajar para a imprevisibilidade da vida, e que também nos impulse à participação social e à consciência planetária.

O próprio conteúdo do Espiritismo consegue abarcar as necessidades educativas apontadas por Morin. No entanto, consideraremos aqui além do conteúdo uma metodologia propícia para estimular todas essas questões. Assim, mesclamos a proposta de Morin à pedagogia espírita e aos escritos citados acima, para encontrarmos os norteadores metodológicos.

Sabemos que uma disciplina única ministrada em um único semestre não é capaz de atingir os resultados propostos por Morin ou pela pedagogia espírita, mas vislumbramos com essa disciplina que a mesma inicie essa nova prática pedagógica, e possa servir de inspiração aos alunos e exemplo às faculdades.

Vejamos quais os norteadores metodológicos propostos:

i. Educar com ênfase no estudante

Além de apontado por Morin, este é um dos principais aspectos da pedagogia espírita (bem como de seus precursores, Comenius, Rousseau, Pestalozzi e de suas pedagogias irmãs, como Montessori, Paulo Freire e construtivismo, entre outras.). Muda-se do tradicional foco no conteúdo para o foco no educando.

Para que o conteúdo seja um meio eficaz para despertar algo no indivíduo, é preciso que ele faça sentido para o educando, que lhe diga algo. Para isto, é preciso que responda a alguma questão sua, mexa com seus anseios, [...] parta de seus interesses e fale a sua linguagem (COLOMBO, 2009).

Portanto, para Dora Incontri (2001, p. 270): “Podem-se propor princípios e metodologias gerais, com metas pedagógicas gerais ou específicas. Mas cada educando, a se tornar sujeito no processo educacional espírita, tem de ser visto em sua singularidade”.

Essa ênfase, para Lobo, deve também garantir: “O aproveitamento das perfeições já conquistadas por cada um, procurando produzir o afloramento das aptidões e ativando-as no sentido útil, cooperativo e caridoso” (apud COLOMBO, 2001, p. 248).

Educa-se também para o ser integral e interexistente. Baseado nos dizeres de Herculano Pires (apud COLOMBO, 2001 p. 287):

Essa visão é que constitui de fato a grande revolução promovida pela Pedagogia Espírita. O objeto da educação — o educando — não apenas se transfunde em sujeito social, histórico, racional e afetivo, como se dá em muitas teorias educacionais contemporâneas, mas se configura como um sujeito interexistente no tempo e no espaço [...]. [Por isso:] “Nunca pode ser somente ajuste sociocultural, somente profissionalização, somente desenvolvimento cognitivo. Tem de ser tudo isso e mais ainda, pois deve colocar o indivíduo na trilha de seu desabrochar espiritual completo. Deve promover uma vida interexistente.

Para Incontri (2001, p. 293), “Na prática da educação integral, há que se zelar pelo burilamento simultâneo das faculdades diversas, para que uma ampare a outra, formando o ser sadio e bem integrado, capaz de mover-se na existência com lucidez e produtividade”. Ressalta-se com isso a educação ética, educação intelectual, educação estética, educação para o despertar da natureza espiritual, entre outras pertinentes a cada individualidade.

ii. Educar em ambiente belo e agradável

Lembra-nos Herculano Pires (apud COLOMBO, 2001, p. 242) que:

preparar um ambiente adequado, onde se vai desenrolar o processo pedagógico, incluindo elementos da Natureza e zelando pelo seu planeamento estético é o primeiro passo para uma educação do espírito, favorecendo a sua harmonia interna e predispondo-o ao desabrochar das virtudes morais.

Marilyn Ferguson também salienta essa preocupação (apud CARVALHO, 2004, p. 32).

iii. Educar no convívio social e na solidariedade

Educar, para Maturana (2005, p. 29), é um processo que ocorre no conviver com o outro, e nesse convívio o ser se “transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro”.

Ainda segundo Maturana (2005, p. 91), “nossa única possibilidade de viver o mundo que queremos viver é submergirmos nas conversações que o constituem, como uma prática social cotidiana, numa contínua co-inspiração ontológica que o traz ao presente”.

Ubiratan D’Ambrosio (2007) reforça a visão de se aliar o aspecto humano e social do estudante em seu processo educativo e nos avisa que ao se educar para construir um mundo sustentável em seu mais amplo sentido há que se praticar uma educação voltada para se pensar conjuntamente

valores éticos e saberes transdisciplinares [...], o que poderia ser nominado de Educação para a Paz, ou seja, uma conduta que pode conduzir o ser humano a atingir o estado de real consciência, só possível quando conhecimento e comportamento humano estejam solidários.

iv. Educar enfatizando nossas igualdades e diversidades

Assim, como para Morin, na pedagogia espírita há a necessidade do reconhecimento de

uma igualdade essencial entre todos os seres, mas uma desigualdade relativa pelos diferentes graus evolutivos de cada Espírito, dadas as suas experiências reencarnatórias, e ao mesmo tempo, uma singularidade que jamais será superada, pela própria diversidade dessas mesmas experiências (COLOMBO, 2001, p. 248).

Portanto, ao convívio social temos de aliar o respeito aos outros e o reconhecimento que cada um é um ser distinto do outro, mas igualmente constituído, deste modo, todos são igualmente relevantes.

Esse norteador também reforça o primeiro no seu aspecto de se educar para o ser interexistente.

v. Educar de forma livre respeitando as liberdades individuais

Sobre o livre pensamento, Morin (apud ESTRADA, 2009) afirma que cada ser aprende, se conhece e se transforma de maneira autônoma e cita três conceitos fundamentais para a educação: “o de autonomia, o de liberdade e o de dependência”.

Para Jorge Andréa (1995, p. 193), a liberdade é a consideração da naturalidade das diferenças individuais na jornada evolutiva:

A humanidade tem o dever de educar-se na ampliação das devidas e necessárias aquisições evolutivas, mas não suportará um nivelamento externo compressivo dirigido às suas estruturas internas, porquanto, cada ser apresentará uma diferente reação.

Leff (1999, p. 121) concorda com a liberdade ao afirmar que: “a aprendizagem é um processo de produção de significados e de apropriação subjetiva de saberes”.

Lembra-nos Maturana (2005, p. 64) que,

numa conversação [...] cada um escuta a partir de si mesmo e, constitutivamente, devido ao seu determinismo estrutural, a gente não pode escutar senão a partir de si mesmo. O que eu digo é uma perturbação que desencadeia em cada um de vocês uma mudança estrutural determinada em vocês mesmos.

Segundo a pedagogia espírita, esse ambiente de liberdade e respeito aos outros se alcança com o amor: “O primeiro e máximo princípio da Pedagogia Espírita é o amor, pois é o amor que move o Espírito, despertando-lhe a vontade de ascensão. [...] O respeito à liberdade do ser é consequência do amor” (COLOMBO, 2001, p. 289, 290).

D'Ambrosio (2007) também apregoa a ética da diversidade propagando o respeito, a solidariedade e a cooperação no processo educativo, bem como vê como importante a consideração da tríade indivíduo, o outro e a natureza nos processos educativos.

vi. Educar com ênfase na ação

Reconhece-se amplamente nos processos educativos que o aprendizado só se concretiza na ação. Também para a pedagogia espírita a ação se mostra essencial.

Para Ney Lobo (apud COLOMBO, 2001, p. 246):

De todos os princípios que poderão instruir um possível método educacional espírita, conforme se depreende, o mais fundamental é o princípio da atividade, verdadeira '*causa causans*' de todo o sistema metodológico espírita. [...] o homem é essencialmente o seu Espírito; [...] o Espírito se manifesta pela sua atividade e jamais está inativo...

vii. Educar oferecendo contextualização do conteúdo

Morin e Marilyn Ferguson (apud CARVALHO, 2004, p. 31) apoiam esse princípio metodológico: a importância do contexto. Recomendam o aprendizado como processo, uma jornada.

Igualmente, sabemos que relevantes pensadores (Galileu, Descartes, Bacon, Newton, Kuhn, Popper, Feyerabend, entre outros), para fazer suas proposições inovadoras, analisavam o passado, respeitavam suas vontades e inquietudes individuais, davam importância às suas percepções pessoais da realidade, e inovavam corajosamente; mas nunca desconsiderando o que já havia sido descoberto. Portanto, a contextualização histórica é necessária nesse cenário educativo que objetiva a inovação.

viii. Educar estimulando a criatividade

Ressaltamos a ação, mas não se pode esquecer que as ações aqui desejadas são inovações ou reconstruções. Sabemos que todo processo educativo busca estimular inteligências; a principal realização da inteligência é a criação que é o fruto da criatividade. Portanto, para se agir na criatividade, há que se entrar no estado criativo.

Segundo Goswami (2005, p. 129, 130), “Criatividade é a descoberta de um novo contexto ou o encontro de um novo significado em um velho contexto, ou mesmo uma combinação de velhos contextos, inventando-se um novo modo de mostrar esse significado”. Para o autor (GOSWAMI, 2005, p. 41),

raramente estamos no estado de consciência dotado de liberdade de escolha. Ele só ocorre quando estamos criativos, por exemplo, quando sentimos profunda compaixão por outro ser, quando temos insights morais ou quando estamos em comunhão com a natureza.

É no estado criativo que nos desprendemos dos condicionamentos e atavismos que nos comprometem as escolhas.

Para atingir o estado criativo Goswami comenta alguns caminhos (transcender o ego, ampliar a percepção com o ioga, meditação); o que salientamos como relevante para a metodologia educativa aqui proposta é (GOSWAMI, 2005, p. 130): “O caminho da devoção ou do amor”.

Essas conquistas criativas devem ser consolidadas. Segundo Morin (2001), para conseguirmos isso “é preciso regenerá-la [a ideia] sem parar. Para cada um e para todos, para si mesmo e para o outro, no amor, na amizade, no avanço da idade, é necessária a regeneração permanente. [...] Para progredir, é necessário reencontrar a fonte regeneradora”. “A fonte da juventude chama-se amor”.

Portanto, tanto para se entrar no estado livre que nos leva ao estado criativo quando à permanência dessa criatividade força viva das ideias regeneradas, o amor é o que devemos alcançar.

ix. Educar reconhecendo a importância dos sentimentos em um ambiente democrático voltado para a autoeducação com a abolição da competição

Além da necessidade do desenvolvimento do amor, sentimento que considera o outro permitindo um ambiente democrático, livre e que garanta a dimensão social (aspectos fundamentais do processo educativo), vimos no corpo da dissertação que tanto Maturana como o Espiritismo comentam que o que dá sentido e impulsiona as ações são os sentimentos. Portanto, num processo educativo com ênfase na ação e na criatividade, os sentimentos devem ser considerados.

Segundo os estudos realizados, observamos que o respeito aos sentimentos é consequência do reconhecimento das individualidades, da democracia, da liberdade, questões que já foram elencadas acima.

Marilyn Ferguson (apud CARVALHO, 2004. p. 31) propõe, para obtermos a consideração do sentimento, uma estrutura igualitária, com prática da sinceridade onde as divergências são permitidas. Alunos e professores que se vejam uns aos outros como gente, não como funções, em uma estrutura relativamente flexível reconhecendo que o relacionamento humano entre professor e educando é de importância fundamental; sendo que o professor também é educado ao aprender com seus alunos.

A pedagogia espírita também propõe a revisão dos papéis do educando e do educador. Nem o educador é aquele que transmite os conteúdos, nem o educando aquele que recebe as informações e se enfatiza a colaboração mútua. Deve haver a orientação do educador, mas o aluno tem de ser considerado ativo ao dirigir seus estudos individualmente, em duplas ou em grupo (COLOMBO, 2001, p. 259).

Segundo Pedro de Camargo (apud COLOMBO, 2001, p. 259):

A verdade não surge de fora, como em geral se imagina, procede de nós mesmos. [...] Educar é extrair do interior e não assimilar do exterior. [...] O educador tem a função de lhe despertar a vontade de autoeducação, cabendo a ele promover o próprio desenvolvimento.

O autor ainda reforça (apud COLOMBO, 2001, p. 260): “Baseando-se o ensino no apelo constante à razão e ao bom senso, gera-se a confiança própria,

estimula-se a vontade, esclarece-se a mente — numa palavra — consegue-se que o educando faça a independência própria em todo o terreno”.

Nesse ambiente democrático e flexível, a abolição da competição também deve ser buscada segundo a pedagogia espírita, pois não deve o ser humano buscar elevar-se acima de outro, “mas acima de si mesmo, aperfeiçoando-se” (KARDEC, 2008, p. 81; COLOMBO, 2001, p. 249).

x. Educar oferecendo oportunidades de autoconhecimento

Para haver um melhor aproveitamento de todas as questões abordadas acima, principalmente no que tange à liberdade, ao reconhecimento dos sentimentos, ao ambiente democrático e ao desenvolvimento do amor, a proposta metodológica aqui descrita há que propiciar o autoconhecimento; pois, ao saber-se quem se é, reconhece-se o que e como se pensa e se sente, o que deseja aprender e o que deseja criar e se respeita os mesmos anseios no outro.

Um processo educativo que acredita que o aprendizado é uma escolha individual deve valorizar processos de autoconhecimento. Para Dora Incontri (2001, p. 287), “educar é antes de tudo, conquistar a adesão do educando para sua própria educação”. Assim, há que despertar no estudante a consciência de sua curiosidade e de suas lacunas de saberes para que ele se autoestimele a desenvolver seu aprendizado.

Finalmente, alerta-nos Morin (1977, p. 353):

Podemos entrever que uma ciência que traz possibilidades de autoconhecimento, que se abre para a solidariedade cósmica, que não desintegra o rosto dos seres e dos existentes, que reconhece o mistério de todas as coisas, poderia propor um princípio de ação que não ordena mas organiza, que não manipula mas comunica, que não dirige mas anima.

Este é o espírito de nossa metodologia e de nossa disciplina.

xi. Sistema de avaliação que considere todos os aspectos metodológicos

Na pedagogia à qual nos embasamos, não devem existir nem punições nem recompensas. Para garantir a melhoria e comportamento dos educandos, por exemplo,

Ney Lobo propõe o princípio da reparação. O aluno reconheceria a falta cometida e consertaria o dano causado. [...] entregando-se ao indivíduo a responsabilidade de se autoconstruir, respeitando sua dignidade espiritual e não condicionando o ato moral ao medo da punição e ao desejo de recompensa (apud COLOMBO, 2001, p. 250, 252).

A avaliação do aluno deverá ainda considerar a abolição da competição e o quanto o aluno buscou seu autoaprimoramento.

Baseando-nos em todos os norteadores metodológicos citados acima, chegamos à seguinte proposta pedagógica para a disciplina aqui recomendada:

- a) Disciplina há de ser eletiva, pois deve ser de interesse e de iniciativa do estudante buscar seus conteúdos.
- b) Ter conteúdo flexível ao grupo de estudantes e fazer uso de técnicas educativas que possibilite a cada aluno ser autodidata ao buscar por si aquilo o que mais lhe inquiete e lhe interesse.
- c) As aulas devem contemplar a integralidade de cada estudante proporcionando momentos de aprendizagem que estimulem o autodespertamento para a educação intelectual, ética e espiritual. Sugerimos também o uso de algumas das atividades contidas na obra de Stephen Harding “Terra Viva”, biodança e uso de dinâmicas que facilitem essas questões.
- d) Os alunos e o educador devem se preocupar com o ambiente em sala de aula, e até mesmo propor novas localidades para os momentos educativos.
- e) Estimulo aos momentos de estudo e análises em grupo e ao debate de ideias, sempre de forma respeitosa e inclusiva, que lembre a unicidade e diversidade de todos.
- f) A utilização de dinâmicas educativas e de ambiente de aula que garantam a liberdade dos estudantes, mas que o todo também contemple as liberdades individuais.

- g) Ao trazer a contextualização histórica dos conteúdos, as aulas devem também propiciar a inovação, respeitando o passado, encorajando o livre pensamento, possibilitando a criação do novo baseado nas visões e nos desejos individuais dos alunos.
- h) Com o objetivo principal de estimular pensamentos novos para a resolução da crise ambiental, essa disciplina precisa instigar a criatividade para que se possa criar uma nova realidade e se encontre um viver fora do automatismo.
- i) As aulas devem estimular nos estudantes oportunidades de entrarem no estado criativo. Este estado criativo pode ser alçado no amor. Portanto, deve-se propiciar um ambiente de aprendizado sem o julgamento e com a compreensão das teorias e teóricos, dos alunos e do professor, como seres em processo de aprendizado contribuindo para a vida da maneira que sabem. Deve-se, assim, criar um ambiente de alteridade que possibilite possíveis *insights* criativos aos estudantes. Recomendam-se atividades em momentos da aula que permitam aos alunos entrarem em estado mais calmo e meditativo.
- j) A criatividade deve conectar-se a ações, portanto, deve-se sempre solicitar uma apresentação, uma fala, um texto, e mesmo atividades lúdicas como música, desenho, teatro, bem como o próprio trabalho de conclusão da disciplina.
- k) O Educador deve sempre, nos momentos da aula, buscar salientar os sentimentos de cada aluno, de cada teórico, e o que os novos saberes despertam no aluno, bem como que sentimentos advindos dos momentos de convivência afloram nos estudantes.
- l) Contemplar a aplicação de dinâmicas de autoconhecimento conectadas aos assuntos das aulas.
- m) Na avaliação o educador deverá analisar cada aluno comparando-o com ele mesmo e não em relação aos demais.

Cientes da proposta metodológica, passemos ao próprio conteúdo da disciplina.

4.2.2 Ementa da Disciplina

Com o objetivo geral de oportunizar aos estudantes o contato com o Espiritismo e, dentro de um modelo pedagógico que contextualize historicamente o saber científico, incentive o livre pensamento, os momentos de convivência e as diferenças individuais, ofereça aos alunos oportunidade para construção de novas visões sobre a crise ambiental e a elaboração de propostas com vistas à sua remediação.

Essa disciplina eletiva denomina-se “Espiritismo e crise ambiental”. Possui duração de um semestre, com aulas de 4 horas de duração oferecidas uma vez por semana. Sendo, portanto, 18 aulas e um total de 72 horas.

Por meio de uma metodologia de ensino que deixe o aluno livremente analisar os conceitos e informações e até interagir com a formatação das aulas em um ambiente que estimule o autodesenvolvimento e o autoconhecimento, os seguintes pontos serão analisados: o que pensadores e cientistas dizem sobre a crise ambiental, porque as ciências são como são nas faculdades, quais são os paradigmas humanos mais importantes ao longo da construção das ciências, o que é essa ciência denominada Espiritismo e quais seus aspectos científico-filosóficos, quem eu sou e quais são meus pensamentos e sentimentos.

Com isso o estudante será estimulado a encontrar sua própria forma de pensar e então pratique seu pensamento, elaborando uma proposta de ação para a remediação da crise ambiental.

Suas aulas são assim distribuídas:

<u>Aula</u>	<u>Título</u>	<u>Breve Descrição</u>
1ª	A crise ambiental	<p>Objetivo: Trazer aos alunos a diversidade de pensamentos sobre seu reconhecimento, suas causas e as possíveis soluções.</p> <p>Nessa primeira aula o educador oferecerá uma amigável recepção aos alunos em uma sala de aula arrumada e bela, outros ambientes poderão ser usados. Nessa aula deve-se também mostrar a metodologia da disciplina para se obter a concordância de todos e possíveis modificações necessárias a cada grupo. Se desejado, pode-se aplicar dinâmica de ambientação e fortalecimento do grupo.</p>

2ª	As Ciências	<p>Objetivo: Ao se caminhar pelos pensamentos de filósofos das ciências e de cientistas, essa aula permite que o estudante perceba a variedade de pensamentos e a relatividade inerente a todo fazer científico – uma vez que é humano, portanto, pessoal (limitado à sua inteligência), cultural e histórico, assim, não há erros apenas reconhecimentos parciais da realidade. É a possibilidade dessa noção que a aula irá proporcionar aos estudantes, sem que, no entanto conclusões sejam impostas. Será ainda apresentado ao aluno sobre método científico reconhecendo que representa uma escolha. Hoje a Academia escolhe-se, em geral, Popper, mas comentar-se-á na aula, por exemplo, sobre Feyerabend e Morin e seus métodos. O que dará ao aluno conhecimento das possibilidades, fazendo com se contextualize o fazer científico.</p> <p>Aula deve estimular a compreensão das diversas formas de pensamento e da aceitação de todas como legítimas, bem como a liberdade de se escolher o que a cada um melhor convém. Incentivar a gentileza e o respeito à liberdade, bem como a coragem de se assumir o que se pensa.</p>
----	-------------	---

3ª	As Ciências e os Paradigmas	<p>Objetivo: Possibilitar que os estudantes percebam que nossas ações provêm de ideologias e moldes da realidade. Esses moldes são os paradigmas dentro dos quais agimos. Se necessário, poder-se-á usar algum tempo dessa aula para se finalizar o conteúdo da aula anterior.</p> <p>Aula estimula a compreensão de que nossas ações são ligadas às nossas crenças pré-estabelecidas. Serão também aplicadas atividades que possibilitem o autorreconhecimento sobre que tipo de molde de pensamento cada aluno atua.</p> <p>Haverá a solicitação aos estudantes que tragam para a próxima aula textos e trechos interessantes sobre o seu molde de pensamento e sobre aquele de qual ele menos se identifica.</p>
4ª	Os Paradigmas	<p>Objetivo: Discutir os textos trazidos pelos alunos ampliando e solidificando os conhecimentos individuais.</p> <p>Os trabalhos iniciar-se-ão em trios, levando depois os aprendizados a grupos maiores e dividindo depois com todos os alunos. Buscar-se-á o surgimento de pontos gerais que represente o conjunto de ideias e aprendizados.</p> <p>Aula estimula a iniciativa do autodesenvolvimento dos saberes, o trabalho em grupo, a aceitação do outro, o reconhecimento da própria identidade bem como a construção do saber de forma compartilhada, mas se respeitando as individualidades.</p>

5ª	Os Paradigmas: Teocêntrico, Antropocêntrico e Holístico	Objetivo: Completar o reconhecimento dos paradigmas que a humanidade seguiu e segue e as repercussões que estes tiveram no fazer científico das épocas na qual imperavam. Novamente será estimulado o reconhecimento de como cada um se analisa frente aos paradigmas estudados e um debate sobre a temática irá ocorrer.
6ª	Espiritismo – sua história e porque se caracteriza uma ciência	Objetivo: Dividir com os estudantes a existência de uma ciência que em si molda um paradigma – o paradigma do espírito. Essa aula mostrará a história do surgimento do Espiritismo, sua forma de construção e os estudos científicos que foram feitos para sua legitimação. Haverá a solicitação aos alunos para que tragam para a próxima aula suas pesquisas sobre o conteúdo do Espiritismo.
7ª	Espiritismo – Principais Conceitos	Objetivo: Ficar conhecendo os conceitos do Espiritismo, com ênfase aos saberes que se ligam à problemática da crise ambiental e como se mesclam aos saberes de demais ciências. Alunos irão falar em grupo sobre o que pesquisaram sobre o Espiritismo e cada grupo irá repassar um resumo de suas observações, opiniões e conclusões a todos os alunos. Os conceitos do Espiritismo serão a seguir mais sistematicamente discutidos (matéria, princípio espiritual, espaço, tempo, princípio vital, perispírito, inteligência, instinto, evolução do espírito, ser humano, Inteligência Suprema do Universo).

8ª	Espiritismo – Principais Conceitos	<p>Objetivo: Continuar os estudos dos conceitos trazidos pelo Espiritismo e debater sobre as repercussões que essas questões trazem para a problemática da crise ambiental e como se mesclam aos saberes de outras ciências.</p> <p>Os alunos trabalharão em grupos temáticos onde serão construídas as repercussões desses saberes. Estas serão apresentadas de forma criativa (poesia, canção, música, teatro, desenhos, entre outros) para toda a sala de aula que ao final irá sistematizar conclusões gerais.</p>
9ª	Leis Naturais do Espiritismo	<p>Objetivo: Dividir os conceitos, conteúdo e repercussões dos saberes contidos na descrição das Leis Naturais Morais explicadas no Espiritismo em relação à crise ambiental e em relação aos saberes de outras ciências.</p> <p>Haverá sempre o estímulo à participação dos estudantes por meio de debates, e atividades que estimulem a percepção individual sobre a opinião que cada um tem sobre os assuntos transmitidos, bem como o respeito às visões de cada um.</p> <p>Ao final da aula serão distribuídos textos para serem estudados e discutidos na próxima aula.</p>
10ª	Leis Naturais do Espiritismo	<p>Objetivo: Continuar os estudos das temáticas discutidas na 9ª aula.</p> <p>Nessa aula, em grupo, os alunos darão as aulas sobre as leis morais às quais ficaram responsáveis ao final da aula anterior.</p>

11 ^a	Progresso moral e características do ser humano de bem	<p>Objetivo: Discutir a necessidade do aperfeiçoamento pessoal e as características do chamado ser humano de bem. Será também debatido o que uma nova postura humana pode representar frente à crise ambiental.</p> <p>Cada aluno será estimulado a perceber sua disposição em se modificar.</p> <p>Será solicitado como atividade pós-aula a confecção de um diário onde cada um anotarà, a cada noite, seus principais sentimentos, pensamentos recorrentes, atos positivos e atos a serem melhorados.</p>
12 ^a	Conhece-te a ti mesmo	<p>Objetivo: Se, como Maturana afirma, é “na medida em que sabemos como sabemos, criamos a nós mesmo” (apud Capra, 2003, p. 227). Se é a nossa consciência que constrói a realidade conforme a vemos. Se o meio acompanha a realidade dos seres e vice-versa, conforme nos ensina Lovelock, Capra e Morin. Necessário se faz, para sanarmos a crise ambiental, curarmos a nós mesmos a fim de mudarmos a nossa realidade. Para isso precisamos conhecer-nos. Assim, o objetivo dessa aula é o autoconhecimento (qualidades, pontos fracos, sentimentos e atavismos).</p> <p>Nessa aula cada aluno, após o estudo da teoria, deverá elaborar um plano pessoal de melhoria baseado também no diário que elaborou durante a semana.</p> <p>Serão aplicadas atividades de biodança no início da aula. Colaboradores da psicologia serão chamados para colaborar nessa aula.</p>

13 ^a	Uma outra possível historia das coisas	<p>Objetivo: Contar a história da existência humana na Terra com os conceitos do Espiritismo.</p> <p>Um trecho da história será oferecido a cada pequeno grupo de estudantes que contarão seu trecho da história para todos e tecerão comentários sobre os mesmos.</p> <p>Será solicitado que cada aluno pesquise outros aspectos que poderiam estar contidos numa possível outra história das coisas</p>
14 ^a	Uma outra possível historia das coisas	<p>Objetivo: Continuar a contar a história da existência humana na Terra com os conceitos do Espiritismo e adicionar a esta os trechos trazidos pelos estudantes. Será debatido o que essa história representa para a compreensão e remediação da crise ambiental.</p>
15 ^a	Grande Debate e Elaboração do Trabalho Final	<p>Objetivo: Realizar um grande debate.</p> <p>Nele os alunos (em grupo) discutirão e resumirão o que perceberam, aprenderam, concluíram sobre os assuntos estudados e farão uma apresentação da sistematização das discussões em grupo para a sala de aula. Todos os alunos deverão chegar a conclusões gerais sobre os aprendizados. Em seguida, cada aluno, individualmente, fará um plano de próximos passos para sua jornada de aprendizado.</p>

16 ^a	Elaboração do Trabalho Final	<p>Objetivo: Apresentar a tarefa de conclusão da disciplina: elaboração de um projeto individual (de formato a ser escolhidos por cada estudante: trabalho dissertativo, projeto, trabalho artístico, etc.) onde cada estudante fará sua proposta para a remediação da crise ambiental. Neste, preferencialmente, estarão contidas propostas de ações individuais e coletivas.</p> <p>Importará para a avaliação a consistência das argumentações e do racional que cada estudante decidiu seguir.</p> <p>Será dado ao aluno tempo em sala de aula para que este o aproveite e planeje seu trabalho.</p>
17 ^a	Elaboração do Trabalho Final	<p>Objetivo: Continuar a elaboração do trabalho de conclusão do curso. Esse momento oportuniza o aluno um tempo na semana para se dedicar ao projeto</p>
18 ^a	Apresentações dos Trabalhos de Conclusão	<p>Objetivo: Cada aluno deverá apresentar em 10 minutos sua proposta para a remediação à crise ambiental.</p> <p>Ao final será aberto para comentários de todos os alunos.</p> <p>Será considerado na avaliação que cada um constitui suas interpretações conforme suas próprias estruturas pessoais. Portanto, no trabalho de conclusão não há certo e errado, apenas deve-se analisar se o estudante conseguiu demonstrar a sua própria coerência interpretativa e argumentativa.</p>

5 PONDERAÇÕES FINAIS

Propostas científicoteóricas aqui vistas nas afirmações de Capra, Margulis, Maturana, Goswami, Harding e Lovelock estão começando a nos indicar a existência da inteligência, assim como constatado pelo Espiritismo desde o século XIX. O Espiritismo vem descrever essa inteligência como uma força constituinte da vida, assim com também a matéria. Em realidade, a inteligência é proposta como sendo o elemento que fornece sentido à vida onde não há dualidades, mas sim partes de uma única complexidade. Esse elemento é o chamado Princípio Inteligente.

Podemos escolher considerar o fato causal do Princípio Inteligente o nada ou o acaso, assim como consideramos o surgimento dos longevos elementos constituintes da nebulosa originadora do *Big Bang*. Isso é plenamente aceitável e não impedirá a marcha inexorável da evolução do saber, como já vivenciada por nós até agora. Podemos escolher esse caminho e mesmo assim estudar o Espiritismo como se faz com qualquer outra ciência, já que nele há o estudo de fenômenos naturais e de suas revelações.

Ou podemos considerar que toda causa tem um efeito e conceber que há uma inteligência causal originadora do PI. E, mesmo sem termos ainda a capacidade intelectual de compreender essa causa, pela vida que se nos mostra a todo instante, podemos inferir aspectos que nos levam à compreensão da lógica maior que rege a vida.

Seja qual for a escolha, até mesmo a de não considerar a inteligência como algo que existe e evolui por meio da matéria, mesmo assim o estudo do Espiritismo é útil e válido, pois nele aspectos naturais são analisados, como em qualquer outra ciência: uma vez que o Espiritismo é o estudo de fenômenos naturais, e assim pertence ao campo científico.

Como vimos, o Espiritismo é uma ciência que possui corpo teórico elaborado por meio de metodologia científica, tendo assim episteme. Seu objeto de estudo são os fenômenos chamados de espirituais estudados, majoritariamente, por intermédio dos médiuns.

Esse lógico e possível estudo do Espiritismo pelo meio científico nos mostra definições da realidade que coincidem com informações advindas das ciências tradicionais e das chamadas ciências holísticas. Nos fala da matéria como indefinidamente divisível, nos traz a inteligência a se mostrar em todos os aspectos da Natureza, mostra que é essa força que dá sentido à matéria. No Espiritismo está contido o caminhar evolutivo da Inteligência, e salienta o papel dos organismos vivos nessa jornada evolutiva. Traz hipóteses para a origem do humano – um Espírito encarnado e nos fala de sua natureza e complexidade, bem como da sua inexorável e voluntária evolução e progresso. Todos esses conceitos contidos no Espiritismo nos servem de significativa modificação e ampliação a respeito de nossos saberes sobre a vida.

Num momento no qual nos deparamos com uma crise ambiental que ameaça a Natureza, nós, que estudamos e praticamos os saberes ambientais, devemos nos servir das diversas ciências que estudam a vida para ampliarmos nossa compreensão e nosso campo de ação na resolução dessa crise. Concluimos, com os estudos mostrados nesta dissertação, a relevância do Espiritismo como uma dessas ciências.

Escolhamos ou não vivenciar uma experiência de Ecologia Profunda, há uma “ecosofia” em cada um de nós. Todos temos ideologias pessoais e pensamos e agimos de acordo com elas. Portanto, valioso seria analisarmos nossas próprias “ecosofias” e vermos como elas interferem na crise ambiental. Para isso, teremos de usar de conhecimentos teórico-científicos sobre Ecologia, mas também sobre filosofia, ética, moral e psicologia, por exemplo. Saber quem somos e o que estamos fazendo é papel de todos nós que trabalhamos na área ambiental e, em realidade, de todo cidadão e de todo ser humano. É a isso que a nossa existência nos impele naturalmente a fazermos.

Assim, a presente dissertação é um convite para que nos analisemos e analisemos nossas “ecosofias”; lapidando-as se acharmos necessário. E nesse fazer, o convite sugere o estudo do Espiritismo. Acreditamos poder ter-se transmitido nesta dissertação, além de uma experiência em Ecologia Profunda, a relevância do estudo científico do Espiritismo para uma nova compreensão da crise ambiental e como catalisador de ideias para sua remediação.

Pelo estudo do Espiritismo fica-nos revelada a existência do Princípio Espiritual e de um mundo espiritual, ou mundo do pensamento ou da consciência. Instala-se, de vez o mundo da inteligência e perde importância o da matéria – única realidade que nossas ciências hoje reconhecem.

Ora, se a matéria, como algo relevante, mas de importância relativa aos seus propósitos diante da inteligência (SOUZA, 2009, p. 90) ganhar importância absoluta, podemos inferir que vivamos em desacordo com a realidade. Aqui vemos o grande papel que o Espiritismo traz às ciências: uma melhor compreensão da vida, mesmo que parcialmente teórica; o que possibilitará um novo norteador para estudos e pesquisas.

Esse outro horizonte desvendado pelo estudo do Espiritismo tem relação direta com uma possível resolução para a crise ambiental. Sendo a vida da matéria e do consumo o que tem pesado na balança das ações que levam aos desequilíbrios socioambientais, estudos que descortinem o primado da consciência, o mundo da inteligência como a realidade primordial, tirarão o foco na manipulação, consumo e transformação material para o foco no desenvolvimento da inteligência. Esse seria o verdadeiro desenvolvimento sustentável.

Com o Espiritismo pode-se também conhecer uma ampla teoria sobre o ser humano, mostrando a complexidade de sua constituição: Espírito advindo de longa senda evolutiva vivida em diversos Reinos da Natureza, corpo semimaterial formado do fluido cósmico universal e moldado pelo próprio Espírito de acordo com sua inteligência, e o corpo orgânico que o submete às necessidades de certa forma rudes do mundo material adensado. Vimos, portanto, que:

Tal é o caráter complexo do ser humano – espírito, energia e matéria – em que se resumem todos os elementos constitutivos, todas as potências do universo. Tudo o que está em nós está no universo, e tudo o que está no universo se encontra em nós. Pelo seu corpo fluídico e pelo seu corpo material o homem encontra-se ligado à imensa teia da vida universal e, pela sua alma, a todos os mundos invisíveis e divinos. Somos feitos de sombra e de luz. Somos a carne com todas as suas fraquezas e o espírito com suas riquezas latentes, suas esperanças radiosas, seus vãos magníficos (DENIS, 2010, p. 170).

Percebemos que esses voos magníficos virão pela força das leis naturais. As leis naturais morais aqui apresentadas podem nos ensinar uma compreensão da lógica da evolução dos seres e dos caminhos que utilizamos para irmos concretizando os magníficos voos inerentes à nossa natureza. “A vida humana é

uma individuação consciente da vida universal. [...] A meta da vida é a perfeição, porque a sua origem é a perfeição” (COLOMBO, 2001, p. 285, 286). Assim: “Progredir é condição normal dos seres espirituais e a perfeição relativa o fim que lhes cumpre alcançar” (KARDEC, 2010, p. 241).

Examinamos também nesta dissertação o papel da aplicação de nossa vontade em nossa evolução – condição consecutiva de nossa inteligência, consciência e liberdade.

Vimos também que nossa evolução deve ser tanto intelectualmente quando moral. Sendo, justamente nesta última, que nossos maiores desafios se encontram atualmente. Sabemos que a crise ambiental e o cenário crítico atual trazem a urgência da mudança comportamental humana (HARDING, 2008, p. 274, 279). Assim, pudemos verificar apoio no Espiritismo para essa empreitada, uma vez que um dos principais objetivos do Espiritismo é o burilamento do ser pelo entendimento racional da vida. Está em Kardec (2008, p. 295) a afirmação de que se conhece o bom espírita pelo esforço que este faz em se melhorar. Assim, o Espiritismo se torna profundamente oportuno como um estímulo à mudança humana em prol da ética, do respeito pela vida em todas as suas formas, ao entendimento da condição humana, à manutenção da vida em plena evolução, e à harmonia.

A realidade espiritual aqui estudada também nos mostrou a natural evolução intelectual e moral do ser - momentaneamente em realidades materiais, constantemente princípio inteligente em evolução - se transcorrendo dentro de leis naturais morais. O estudo dessas leis (progresso, igualdade, liberdade, trabalho, reprodução, conservação, destruição, sociedade, amor) mostrou ser de grande relevância ao entendimento e resolução de nossa crise ambiental.

Mostrou-nos a naturalidade de nossas ações frente ao nosso estágio evolutivo; mostrou que o real desenvolvimento é o da inteligência (intelectual e moral); ofereceu-nos novas visões sobre a busca do bem-estar e do exercício de nossa liberdade; pudemos compreender uma nova visão de sucesso na realização de nossos trabalhos e o seu papel harmônico, segundo as leis naturais; tivemos a exposição de outra ótica sobre a reprodução e a destruição, isto nos trouxe repercussões sobre nossos conceitos do que seja necessário e do supérfluo, nos fez entender que recursos ambientais são, em realidade, bens da Terra e nos levou a compreender que a crise ambiental pode ser também entendida ou nomeada como

um chamado na Natureza; vimos os relevantes e benéficos papéis que a realidade social possui para a evolução espiritual dos seres; e vimos que o amor é a característica inerente aos seres vivos (seres espirituais) e que o mesmo deve ser, e será naturalmente desenvolvido e aprimorado com o progresso intelectual e moral do ser.

Essas questões nos mostraram que a crise ambiental é uma consequência natural de nosso estágio moral ainda num patamar onde o ego é maior que o todo, e nos levou a compreender que o aplacamento do egoísmo é medida vital para a resolução da crise ambiental. Pudemos também vislumbrar que uma Convenção para o Combate ao Egoísmo poderia ser uma ação global a ser adotada.

Tudo isso, por fim, nos suscitou o importante papel da educação intelectual e moral dos seres humanos, para que, por meio de sua vontade e, em acordo com as leis naturais, sigam sua jornada evolutiva de forma harmônica com a Natureza.

De nossa possível nova história das coisas, compreendemos que não construímos o planeta e, tampouco, seremos capazes de destruir a sua vida. Somos alunos onde professores estão sempre a nos acompanhar; eles usarão de todas as técnicas didáticas para que aprendamos o que somos capazes de aprender em nosso estágio existencial. A Terra só perecerá quando chegar a sua natural decrepitude. Nossa humanidade jamais o aniquilará.

Na história aqui contada vimos que nosso planeta encontra-se num momento de transição onde é chegado o seu tempo de avançar na senda evolutiva. Hoje um planeta de provas e expiações, onde a etapa evolutiva é a de reajustamento e reparo dos atavismos inadequados, se encaminhando para um planeta de regeneração, no qual os humanos aplicarão seus saberes na íntima e comunitária construção do bem e do belo. Por consequência dessa mudança evolutiva espiritual e planetária, e como resultado da natural afinidade (física, magnética, psíquica), os que não se afinarem com essa nova Terra, aqui não mais habitarão.

Como o que sempre nos cabe fazer é o certo e o bom (pois nesses princípios o Universo se forma), mesmo o planeta não estando em nossas mãos, cabe-nos dele cuidar; o que, na atualidade, pode ser nele reconstruir o que mal-usamos. Portanto, a crise ambiental causada por nós não destruirá o planeta, mas acarretar-nos-á débitos com nossa nave mãe e com as leis naturais.

Isso é o que nossa história das coisas nos leva a concluir e o papel que agora vislumbramos atender é de cumprir nossa senda evolutiva e regenerativa, aprendendo o máximo que nossa capacidade e oportunidade nos propiciem, principalmente, moralmente, já que nosso desenvolvimento intelectual ultrapassou em muito nossas habilidades morais. Cabe-nos fazermos isso para termos a honra de continuarmos em nossa Terra para nela reconstruirmos e construirmos civilizações harmônicas e ecossistemas naturais vivos e fora de perigo, retribuindo à Terra tudo quanto ela nos ofereceu. Nela vivemos há milênios exalando detritos orgânicos e inorgânicos, bem como pensamentos densos e escuros para sempre recebermos ar purificado, águas de diversas fontes, alimentos de grande variedade, ambientes e paisagens diversas que ampliavam nossos sentimentos e sensações. Portanto, temos muito a lhe retribuir.

Foi ofertado ainda nesta dissertação o reconhecimento do papel da educação intelectual e moral humanas em nossas vidas, como o adequado suporte para nossa evolução. E, na terceira parte da dissertação, uma disciplina voltada para as faculdades que lidam com os saberes ambientais (ver nota de rodapé à página 13) foi proposta, como um estímulo à formação de seres humanos melhores e mais conscientes de seu papel social, de sua individualidade, dos seus sentimentos e pensamentos.

É certo que uma única disciplina não modificará toda uma estrutura pedagógica acadêmica, nem tão pouco cobrirá todos os aspectos do Espiritismo, mas é uma primeira proposta prática de incorporação do se concluiu ser relevante com esta dissertação: o estudo do Espiritismo, num cenário de mudança paradigmática, para a formação de seres humanos mais sábios e atentos à sua evolução moral e intelectual.

Porém, acima de tudo, esta dissertação deixa o convite ao amor. A vida não é competição. A vida é amor. No amor a destruição existe de forma natural, mas não há guerra nem competição que deixem perdedores. A sobrevivência exige sacrifícios individuais, para que a harmonia da vida não desafine, mas tudo com um objetivo mais amplo: da sobrevivência ética onde a consideração de todas as formas de vida existe. Pais amorosos também castigam, às vezes castigam mais que pais menos amorosos, uma vez que se importam mais com seu filho e com seu aprendizado.

Assim, na Natureza também há mecanismos que, isolados, parecem cruéis, mas, se olharmos para o todo, veremos seus propósitos.

Começa-se a reconhecer o amor no campo das ciências. Convidamos, assim, a internalizarmos esse conceito e a abandonarmos definitivamente o mundo de competição. Pratiquemos o amor nas nossas relações profissionais, nas nossas relações sociais, na nossa interação com o Meio Ambiente. Isso acarretará mudanças que não podemos vislumbrar. Pode ser que nisso esteja a grande chave para a solução da crise ambiental. Com o Espiritismo, essa mudança torna-se mais fácil, pois entende-se logicamente os mecanismos da vida. Mecanismos que a tudo une:

Somos as energias formadoras das nebulosas, os átomos constituintes dos mundos, as bactérias construtoras dos solos e de gases amigáveis à expansão da vida; somos as algas habitando os mares e controlando a atmosfera; somos as árvores vivenciando o instinto da busca de alimento aprendendo a amar ao oferecer gases, sombra e alimento; somos os lobos aprendendo a sobrevivência e o cuidado social; somos os cães que se deixam adestrar para servir de companhia; somos o bruto quebrando pedras e se sujando em sangue para aprender a pensar e a ter consciência; somos o Espírito que sente a morte para aprender que sua existência é mais que a carne que o cobre; somos o ambicioso que não enxerga muito mais que a si mesmo e que de tudo utiliza para se satisfazer; somos o santo que pratica o bem sem desejar nada em troca, mesmo que isso lhe sacrifique a vida corpórea; somos o Espírito de Luz que guia humanidades; somos as criaturas vivendo da e na Inteligência Suprema. Somos Dela e Somos Nela. Somos unos. Somos! Por isso, nosso amor é natural e possível.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Angélica Aparecida Silva de. **Uma fábrica de loucos: psiquiatria x Espiritismo no Brasil (1900-1950)**. Tese (Doutorado em Filosofia). UNICAMP. Campinas, SP. 2007.

ALMEIDA, Alexander. M. de. **Fenomenologia das Experiências Mediúnicas, Perfil e Psicopatologia de Médiuns Espíritas**. Tese (Doutorado em Medicina). Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. 2004.

ANDRADE, H. G. Apresentação da Edição Brasileira. 1971. **Vinte casos Sugestivos de Reencarnação**. Ian Stevenson. São Paulo, SP: Editora Difusora Cultural, 1970.

ANDRADE, H. Guimarães. **Morte, Renascimento, Evolução** – Uma Biologia Transcendental. São Paulo, SP: Editora Pensamento, 1993.

ANDRADE, H. Guimarães. **Novos Rumos à Experimentação Espiritica**. Votuporanga, SP: Editora Didier, 2009. Disponível em: <<http://analizando-livro-espirita.blogspot.com/2009/10/novos-rumos-experimentacao-espiritica.html>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

ANDRÉA, Jorge. **Impulsos Criativos da Evolução**. Rio de Janeiro, RJ: Sociedade Editora Espírita F. V. Lorenz, 1995.

BOZZANO, Ernesto. **A Alma nos Animais**. 1905. Disponível em: <<http://www.autoresespiritasclassicos.com/autores%20espiritas%20classicos%20%20diversos/ernesto%20bozzano/14/ernesto%20bozzano%20a%20alma%20nos%20animais.htm>>. Acesso em: 23 fev. 2012.

BOZZANO, Ernesto. **Cinco Excepcionais Casos de Identificação de Espíritos**. 1909. Disponível em: <<http://www.autoresespiritasclassicos.com/Autores%20Espiritas%20Classicos%20%20Diversos/Ernesto%20Bozzano/1/Ernesto%20Bozzano%20-%20Cinco%20Casos%20de%20Identifica%C3%A7%C3%A3o%20espiritos.htm>>. Acesso em: 26 jan. 2012.

BOZZANO, Ernesto. **Xenoglossia** (mediunidade poliglota). Paris. 1934. Disponível em: <<http://www.autoresespiritasclassicos.com/Autores%20Espiritas%20Classicos%20%20Diversos/Ernesto%20Bozzano/LIVROS%20ESPIRITAS%20GRATIS.htm>>. Acesso em: 24 fev. 12.

CAPRA, Fritjof, **A Teia da Vida** - Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo, SP: Editora Pensamento-Cultrix Ltda, 2003.

CARDOSO, Clodoaldo Meneguello. **A Canção da Inteira**: visão holística de educação. São Paulo, SP: Editora Summus, 1941.

CARVALHO, Junior, Antonio Ferreira de. **Ecologia Profunda ou Ambientalismo Superficial?** O conceito de ecologia e a questão ambiental junto aos estudantes. São Paulo, SP: Arte e Ciência, 2004.

COLOMBO, Dora Alice (Dora Incontri). **Pedagogia Espírita**: um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da USP. São Paulo, SP, 2001.

COLOMBO, Dora (Dora Incontri). **A Pedagogia Espírita e a Evangelização**. 30 de janeiro de 2009. Disponível em: <<http://www.educacaoespfz.blogspot.com.br/2009/01/pedagogia-espirita-por-dora-incontri.html>>. Acesso em: 09 maio 2012.

CREMA, Roberto. **Introdução à Visão Holística** – Breve Relato de Vagem do Velho ao Novo Paradigma. São Paulo, SP: Summus, 1988.

CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. Diálogos entre saberes. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Editora da UFPR, nº 04, p. 65-66, jul./dez. 2001. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/made/article/download/3041/2432>>. Acesso em: 12 maio 2012.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Educação para compatibilizar desenvolvimento e sustentabilidade. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Editora UFPR, n. 15, p. 11-20, jan./jun., 2007. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/made/article/download/11895/8389>>. Acesso em: 12 maio 2012.

DELANNE, Gabriel. **A Evolução Anímica**. 1897. Disponível em: <www.autoresespiritasclassicos.com>. Acesso em 02 abr. 2012.

DELANNE, Gabriel. **O Espiritismo Perante a Ciência**. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 1937.

DENIS, Léon. **No Invisível**. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 1919. Lançamento original: Paris, 1903.

DENIS, Léon. **Síntese Doutrinária e Prática do Espiritismo**. Juiz de Fora, MG: Departamento Editorial do Instituto Maria. 1982. Lançamento original: Paris, 1921.

DENIS, Léon. **O Problema do Ser, do Destino e da Dor**. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 2010. Lançamento original: Paris, 1908.

DENIS, Léon. **O Grande Enigma**. Rio de Janeiro, RJ: FEB. 2011. Lançamento original: Paris, 1911.

DOYLE, Arthur Conan. **A história do Espiritismo**. v. I. Londres: Cassell And Company Ltd, 1926.

FRANCO, Divaldo. **Revista Espírita Allan Kardec**. Goiânia, GO, ano V, n. 17, ago.. 1992.

FRANCO, Divaldo Pereira; pelo Espírito Manoel Philomeno de MIRANDA. **Transição Planetária**. Salvador, BA: Livraria Espírita Alvorada Editora. 2010.

GOSWAMI, Amit. **A física da Alma**. Tradução: Marcello Borges. São Paulo, SP: Aleph. 2005.

HARDING, Stephan. **Terra Viva: ciência, intuição e a evolução de Gaia – para uma nova compreensão da vida em nosso planeta**. Tradução: Mário Molina. São Paulo, SP: Editora Pensamento-Cultrix Ltda. 2008.

HAWKING, Stephen. **O Universo numa casca de noz**. Tradução: Ivo Korytowski. São Paulo, SP: Editora Mandarim. 2001.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro, RJ: FEB. 2006. Lançamento original: Paris, 1857.

KARDEC, Allan. **O que é o Espiritismo**. Rio de Janeiro, RJ: FEB. 2007. Lançamento original: Paris, 1859.

KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Capivari, SP: Editora EME. 2008. Lançamento original: Paris, 1864.

KARDEC, Allan. **A Gênese**. Rio de Janeiro, RJ: FEB. 2010. Lançamento original: Paris, 1868.

LEFF, Enrique. Educação ambiental e desenvolvimento sustentável. In: REIGOTA, Marcos (org.). **Verde cotidiano**: o meio ambiente em discussão. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 1999.

LOVELOCK, James. **Gaia**: um novo olhar sobre a vida na Terra. Rio de Janeiro, RJ: Edições 70 Ltda, 2001.

MAIA, João Nunes; pelo Espírito KAHENA. **Canção da Natureza**. Belo Horizonte, MG: Editora Espírita Fonte Viva. 2011.

MARGULIS, Lynn; SAGAN, Dorion. **Microcosmos** – Quatro bilhões de anos de evolução microbiana. Rio de Janeiro, RJ: Edições 70 Ltda. 1990.

MATURANA R., Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Tradução: José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2005.

MELO, Jacob. **Fluidos**. Portal do Espírito. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/artigos/diversos/fluidos/fluidos-jacob-mello.html>>. Acesso em: 24 mar. 12.

MIRANDA, Hermínio Corrêa de. **A Memória e o Tempo**. São Paulo, SP: Edicel. 1986.

MOREIRA, Marco Antonio. O Modelo Padrão da Física de Partículas. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 31, n. 01, 2009. Disponível em: <www.sbfisica.org.br>. Acesso em 10 jun. 2012.

MORIN, Edgar. **Os 7 saberes necessários à educação do futuro**. Disponível em: <<http://www2.ufpa.br/ensinofts/artigo3/setesaberes.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2012.

MORIN, Edgar. **Da necessidade de um pensamento complexo**. Tradução: Juremir Machado da Silva. Disponível em: <<http://edgarmorin.org.br/textos.php?p=6&tx=19>>. Acesso em: 03 fev. 2012.

MORIN, Edgar. **O Paradigma Perdido: A Natureza Humana**. Publicações Europa-América. Mem Martins, Portugal. 1973. Disponível em: <<http://ruipaz.pro.br/textos/paradigma.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2012.

MORIN, Edgar. **Carta de Morin: ao SESC e a Danilo Santos de Miranda: organizadores do site edgarmorin.org.br**. Paris, novembro de 2001. Disponível em: <<http://edgarmorin.org.br/introducao.php>>. Acesso em 10 fev. 2012.

PITTELLI, Mirna P. Psicografia como meio de prova judicial. **Revista Viana Sapiens**, v. 01, n. 01, Juiz de Fora, MG, 2010. Disponível em: <<http://www.viannajr.edu.br/site/viannasapiens/artigos/artigo04.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2012.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Ecologia e Capital: quando a teoria não esquece o mundo. **Revista Iberoamericana de Economia Ecológica**, v. 12, 2009. Disponível em: <http://www.redibec.org/IVO/rev12_r.pdf>. Acesso em 15 jun. 2012.

PRIMACK, Richard B.; RODRIGUES, Efraim. **Biologia da Conservação**. Londrina, PR: Editora Planta. 2001.

SAMPAIO, Jáder. **Um Estudo Comparativo Sobre a Psicografia**. 1996. Portal do Espírito, Artigos, GEAE. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/artigos/geae/um-estudo-comparativo1.html>>. Acesso em: 24 fev. 12.

SANT'ANNA, Hernani T; pelo Espírito ÁUREO. **Universo e Vida**. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 1978.

SETZER, Valdemar W. **Ciência, Religião e Espiritualidade**. 2008. Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/ciencia-religiao-espiritualidade.html>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

SOUZA, Hebe Laghi de. **Darwin a Kardec Um Diálogo Possível**. Campinas, SP: Editora Allan Kardec, 2007.

SOUZA, Hebe Laghi de. **Do Pó das estrelas ao Homem**. Campinas, SP: Editora Allan Kardec. 2009.

TOMPKINS, Peter; BIRD, Christopher. **A vida Secreta das Plantas**. Tradução: Leonardo Fróes. São Paulo, SP: Círculo do Livro. 1976.

TRIGUEIRO, André. **Mundo Sustentável 2: novos rumos para um planeta em crise**. São Paulo, SP: Editora Globo. 2012.

VALE, Petterson Molina; ANDRADE, Daniel Caixeta. 'Fronteiras Planetárias' e Limites ao Crescimento: Algumas Implicações de Política Econômica. In: ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA ECOLÓGICA. IX. **Anais...** Brasília, DF. Outubro de 2011. Disponível em: <http://www.ecoeco.org.br/conteudo/publicacoes/encontros/ix_en/GT5-112-37-20110609175812.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2012.

XAVIER, Francisco Cândido; pelo Espírito EMMANUEL. **Emmanuel**. Rio de Janeiro, RJ: FEB. 1938.

XAVIER, Francisco Cândido; pelo Espírito ANDRÉ LUIZ, **Evolução em Dois Mundos**. Rio de Janeiro, RJ: FEB. 2007.

XAVIER, Francisco Cândido; pelo Espírito EMMANUEL. **A Caminho da Luz**. Rio de Janeiro, RJ: FEB. 2008.

WALLACE, Alfred Russel. **Aspecto Científico do Sobrenatural**. Bragança Paulista, SP: Lachatre. 2011.

WALLACE, Alfred Russel. Spiritualism and Science. **The Times**, p. 10. 04 de janeiro de 1873. Disponível em: <<http://people.wku.edu/charles.smith/wallace/S219.htm>>. Acesso em: 31 out. 2011.

7 ANEXOS

7.1 Anexo I – Experimentos Científicos sobre os fenômenos espíritas

7.1.1 Cientistas e Estudiosos do Espiritismo nos séculos XIX e início do XX

“Quando surge um fato novo, que não guarda relação com alguma ciência conhecida, o sábio, para estudá-lo, tem que abstrair na sua ciência e dizer a si mesmo que o que se lhe oferece constitui um estudo novo, impossível de ser feito com idéias preconcebidas. [...] Dirigimo-nos, pois, aos ponderados, que duvidam do que não viram, mas que, julgando do futuro pelo passado, não crêem que o homem haja chegado ao apogeu nem que a Natureza lhe tenha facultado ler a última página do seu livro”

(KARDEC, 2006, p. 38).

O espiritismo foi construído por estudiosos e cientistas céticos quanto à espiritualidade e religião. Eram homens de ciência, no entanto eram abertos às descobertas e novos estudos. Assim, estudando seriamente e de forma neutra os fenômenos que ocorriam desde meados do século XIX e início do XX eles se convenceram da veracidade e seriedade dos fatos, da factual existência dos Espíritos e de suas comunicações e conteúdos. Citaremos aqui alguns desses estudiosos.

Alfred Russel Wallace (1823-1913)

Além de estudioso e escritor da Teoria da Evolução das Espécies foi um conhecido estudioso dos fenômenos ditos sobrenaturais que ocorriam entre os séculos XIX e XX. Em sua obra “Aspectos Científicos do Sobrenatural” diz:

Pode-se perguntar se eu vi pessoalmente qualquer das maravilhas narradas nas próximas páginas. Testemunhei fatos similares a algumas delas e satisfaz-me quanto à sua autenticidade, com o que não tenho o direito de rejeitar a evidência de fatos ainda mais maravilhosos testemunhados por outros (WALLACE, 2011).

O cientista presenciou e pesquisou diversos outros tantos observadores desses fenômenos e concluiu que não eram farsas e com seus estudos propõe:

Que seres inteligentes possam existir ao nosso redor, imperceptíveis, durante toda a nossa vida, e ainda serem capazes de fazer conhecida sua presença atuando na matéria sob certas condições será inconcebível para alguns e posto em dúvida por muitos mais. Mas nos aventuramos a dizer que nenhuma especulação da ciência moderna irá condenar a sua possibilidade. [...] A existência de seres sencientes incognoscíveis pelos nossos sentidos não irá violar estas leis mais que a descoberta da natureza real dos Protozoa, aqueles organismos gelatinosos e sem estrutura que exibem muitos dos fenômenos superiores da vida animal sem qualquer diferenciação de partes ou especialização de órgãos que as funções necessárias à vida animal parecem requerer (WALLACE, 2011, p. 22).

E segue confirmando suas descobertas comentando:

No presente momento, há provavelmente três milhões de pessoas nos Estados Unidos da América que receberam satisfatórias provas da existência de inteligências invisíveis; e, na Inglaterra, há muitos milhares que declaram a mesma coisa. Um grande número destas mesmas pessoas continuamente recebe novas provas na privacidade de suas casas, e tanto interesse desperta o assunto que quatro periódicos são publicados neste país, diversos no continente [continente europeu], e um grande número na América, todos exclusivamente devotados a disseminar informações relacionadas à existência destas inteligências invisíveis e dos meios para se comunicar com elas (WALLACE, 2011, p. 28).

Em outro trecho da obra Wallace propõe aquilo que Kardec fez em seus trabalhos e em 1866 ponderando a viabilidade e mesmo necessidade da ciência espírita e similaridade desta com todas as demais ciências pelo seu método de construção:

Vindo provas diretas, parece que não haverá razão para que a maioria dos filósofos céticos se recuse a admitir sua existência. Seria apenas um assunto a ser investigado e testado como qualquer outra questão de ciência. As evidências teriam que ser colhidas e examinadas. Os resultados das pesquisas de diferentes observadores teriam que ser comparados. O caráter dos observadores quanto a conhecimento, exatidão e honestidade seriam ponderados e, no mínimo, alguns dos fatos confiáveis teriam de ser novamente observados. Apenas desta maneira todas as fontes de erro seriam eliminadas e uma doutrina de extraordinária importância seria considerada verdadeira (WALLACE, 2011, p. 27-28).

Wallace também cita os estudos e publicações de Robert Dale Owen (1801-1877) – “Ensaio”, “Fisiologia Moral”, “A política da emancipação”, “*Footfalls on the boundary of another world*”, e publicado pela Federação Espírita Brasileira há o livro “Região em litígio entre este mundo e o outro”. Para Wallace o estudo de suas obras, tidas como bem organizadas e autênticas, pode servir para indicar a veracidade dos fenômenos e a confirmação das provas da natureza dos mesmos (WALLACE, 2011, p. -56).

Ainda em “Aspecto Científico do Sobrenatural” em seu capítulo sexto, o médico Robert Hare (1781-1858) aparece como um dos estudiosos dos fenômenos das mesas girantes. Segundo Wallace, Hare era médico e professor emérito de química da Universidade da Pensilvânia e foi “um dos mais eminentes cientistas dos Estados Unidos da América” (WALLACE, 2011, p. 64). À época, em 1853, Michael Faraday tinha uma suposição que imaginava explicar esses fenômenos. Dizia que os movimentos eram causados por ações musculares inconscientes dos participantes da reunião fenomenológica. O médico inicialmente aceitou essa explicação e se dispôs a trabalhar num aparato que comprovasse a explicação de Faraday. “O resultado não foi o esperado: não importa o quanto variasse as suas experiências, ele obtinha apenas a conclusão de que existia uma força que não era a de nenhum dos seres humanos presentes. Mas, além da força, havia uma inteligência, e então ele foi compelido a acreditar que existências não-humanas realmente se

comunicavam com ele”. E Wallace segue contando que “seus experimentos envolvendo médiuns profissionais e seu aparato era tão bem planejado que o médium não poderia, sob condições de teste, produzir os movimentos ou direcionar as comunicações que decorriam deles” (WALLACE, 2011, p. 64-65). Seus estudos são detalhados no trabalho “Pesquisa experimental das manifestações espirituais”, que, segundo Wallace, já passou de cinco edições, é um volume de 460 páginas contendo os detalhes dos experimentos de Hare e numerosas discussões filosóficas, morais e teológicas.

Por fim, é trazida aqui uma citação de Wallace que resume o que ele pensava sobre esses estudos:

Os fatos agora brevemente descritos são suficientes para provar que, nos nossos dias – como no anterior período da pesquisa, cerca de meio século atrás-, o experimento cuidadoso, continuado e esmerado feito pelos mais eminentes e capazes homens de ciência sempre resulta na sua satisfação quanto à realidade dos fenômenos, [...] quanto maior é o conhecimento, mais completamente a realidade dos fenômenos é estabelecida (WALLACE, 2011, p. 78-79).

Alexandre Aksakoff (1832-1903)

Diplomata russo e conselheiro privado do Imperador Alexandre III, Czar da Rússia. Passou a estudar os fenômenos espíritas em 1855, quando estava na Alemanha em missão diplomática. Participou das experiências de William Crookes nas materializações do Espírito de Katie King, bem como fez parte da Comissão de Milão para investigação dos fenômenos produzidos por Eusápia Paladino (Fonte: http://www.paulosnetos.net/attachments/057_Slide_-_Espiritismo-principios,_praticas_e_provas-palestras.pdf, visto em: 10/11/2011).

Camille Flammarion (1842-1925)

Destacado astrônomo, fundador da Sociedade Astronômica da França era estudioso, colaborador e médium participante das comunicações que originaram o espiritismo.

Figura 06 - Levitação de uma mesa na residência de Camille Flammarion em 25/11/1898 - Médium Eusapia Paladino



Fonte: http://www.guia.heu.nom.br/mesas_girantes.htm, visto em: 05/04/12.

Cesare Lombroso (1836-1909)

Médico psiquiatra, criminologista e professor da Universidade de Pávia foi por muito tempo cético quanto aos estudos dos fenômenos sobrenaturais, por serem contrários à sua visão monista. Mas nos últimos dezoito anos de sua vida resolveu estudar a mediunidade.

Ele pode concluir que existia a evidência de que alguns tranSES mediúnicos seriam causados por espíritos desencarnados. O seu último livro “Hipnotismo e Mediunidade”, publicado em 1909, traz a descrição e análise de suas incursões nos

fenômenos (ALMEIDA, 2007, p. 81 e 82).

Charles Robert Richet (1850-1935)

Cientista francês, professor da Sorbonne, fisiologista, e projetista da aviação, descobridor da soroterapia, recebendo em 1913 o Nobel de Fisiologia/Medicina pelos trabalhos relativos às reações alérgicas, foi ele o criador da metapsíquica: “Ciência que tem por objeto a produção de fenômenos, mecânicos ou psicológicos, devidos a forças que parece serem inteligentes ou a poderes desconhecidos, latentes na inteligência humana [Richet, Charles: *Traité de Métapsychique*, página 5, edição de 1923]” (Fontes: http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Robert_Richet, e <http://pt.wikipedia.org/wiki/Metaps%C3%ADquica>, visto em 15/11/2011).

Ernesto Bozzano (1862 – 1943)

Professor da Universidade de Turim que dedicou décadas de sua vida ao estudo das fenomenologias espíritas e do Espiritismo. “Na busca permanente da verdade, Bozzano trabalhou com mais de 70 médiuns. Incansável, acompanhava de perto a literatura e o movimento espírita de sua época, interessado como poucos na apuração de fenômenos significativos que fornecessem provas da sobrevivência do espírito humano e do inter-relacionamento entre vivos e mortos” (BOZZANO, 1909, In: *Resumo da Obra*).

O Professor turinense, em sua obra “*Cinco Excepcionais Casos de Identificação de Espíritos*”, cita 5 estudos rigorosos realizados por cientistas de várias partes do mundo que investigavam sobre os fenômenos que aparentemente tratavam-se de comunicação dos mortos, ou seja, fenômenos mediúnicos. Conclui

Bozzano: “As provas cumulativas convergentes em favor da hipótese espírita parecem de tal modo inabaláveis que eu não hesito em declarar que elas são absolutamente equivalentes e mesmo superiores às sobre as quais se baseia a teoria da evolução (*Contacts with the other world*, pág. 328)” (BOZZANO, 1909, p. 107).

Bozzano, continuando seus estudos, publica a obra “Xenoglossia” onde analisa casos de mediunidade poliglota obtidos através do automatismo escrevente demonstrando cientificamente as formas pelas quais os fenômenos ocorrem (SAMPAIO, 1996; BOZZANO, 1934. In: Conteúdo Resumido).

Frederic W.H. Myers (1843–1901)

Um dos fundadores na Universidade de Cambridge da *Society for Psychical Research* (SPR - Sociedade de Pesquisas Psíquicas), tinha como principal objeto de análise a telepatia, o hipnotismo e as alucinações. Com suas pesquisas, Myers estabeleceu algumas considerações: a maioria dos fenômenos mediúnicos era fruto do subconsciente do médium (*self subliminal*) que vinham à tona em determinado momento da sua vida, mas admitia haver alguns casos em que esta explicação não respondia todos os questionamentos. Myers afirmou que a hipótese mais plausível para estes casos era a telepatia e a comunicação de um espírito já desencarnado (ALMEIDA, 2007).

Myers questionava por que os pesquisadores não se interessavam em utilizar os métodos da ciência moderna para estudar um problema que sempre inquietou profundamente o ser humano: se a personalidade pode ou não sobreviver à morte. Era extremamente crítico frente aos que assumiam uma postura de reverenciamento

de tais fenômenos, tomados como sagrados, sem uma investigação crítica, como também daqueles que descartavam, a priori, esses fatos estranhos, considerados anômalos e que não se encaixavam nas teorias da época (ALMEIDA, 2007, p. 91-92). Em sua obra, “*La Personnalité Humaine*” ele a termina da seguinte maneira:

Bacon previra a vitória progressiva da observação e da experiência em todos os domínios dos estudos humanos; em todos, exceto um – o domínio das coisas divinas. Empenho-me em mostrar que essa grande exceção não é justificada. Pretendo que existe um método para chegar ao conhecimento das coisas divinas com a mesma certeza, a mesma segurança com que temos alcançado os progressos que possuímos no conhecimento das coisas terrestres. A autoridade das igrejas será substituída, assim, pela da observação e experiência. Os impulsos da fé transformar-se-ão em convicções racionais e firmes, que darão origem a um idéia superior a todos os que a humanidade houver conhecido até esse momento (DENIS, 2010, p. 50).

Myers analisou o que, para Alfred Wallace, foi o “mais valioso corpo de novas evidências”, os estudos de Sir Stainton Moses, que por muitos anos foi um dos catedráticos da *University College School* e “um homem de habilidade excepcional, assim como de um caráter elevado, [...] considerável capacidade literária e hábitos metódicos [que] [...], durante 17 anos de sua vida, [...] [manteve] registros precisos e sistemáticos de todos os fenômenos que ocorreram por meio de suas capacidades psíquicas” (WALLACE, 2011, p. 75).

Sobre esses estudos Wallace conta em “Aspecto Científico do Sobrenatural” que:

Após um amplo exame de todos estes registros independentes, o senhor Myers concluiu que os vários fenômenos, muitos dos quais estão entre os mais notáveis, foram totalmente bem fundados. O pesquisador deve ler cuidadosamente o artigo do senhor Myers, “As experiências de W. Stainton Moses” nos anais da Sociedade de Pesquisa Psíquica, volume IX, e deve também estudar as publicações do senhor Moses – “Identidade espiritual”, “Psicografia e Ensinos espiritualistas” (WALLACE, 2011, p. 75-76).

Léon Denis (1846 - 1927)

Além de Allan Kardec, um dos principais estudiosos do espiritismo desde o seu nascedouro foi Léon Denis que também comenta sobre os demais cientistas que o estudaram, assim falando:

o Espiritismo prosseguiu a sua marcha ascensional e se opulentou com experiências e testemunhos de subido valor, entre os quais particularmente os de Lodge, Myers, Lombroso [em outro trecho Denis também cita William Crooks e Russel Wallace] lhe vieram realçar o prestígio e assegurar, com a autoridade científica que lhe faltava, uma espécie de consagração definitiva. [...] [Mas,] enquanto na Inglaterra e na Itália o conquistou, nos círculos acadêmicos, adesões de singular notoriedade, a maioria dos sábios franceses adotou a seu respeito uma atitude desdenhosa e, mesmo, de aversão [...] repousa, entretanto, em fatos incontestáveis e corresponde às imperiosas necessidades contemporâneas. [...] Os fatos espíritos, entretanto, se têm multiplicado, imposto com tamanho império que os sábios se têm visto obrigados à tentativa de os explicar (DENIS, 1919, p. 15, 17).

O pesquisador e escritor comenta então as conclusões de alguns homens de ciência da época (DENIS, 1919, p. 18):

Falando do Espiritismo, Oliver Lodge, reitor da Universidade de Birmingham e membro da Real Academia, o afirmou: “Fui pessoalmente conduzido à certeza da existência futura mediante provas assentes em bases puramente científicas (Annales Cies Sciences Chiques, 1897, p. 158).

Em outro trecho de sua obra “No Invisível” (1919, p. 29) ele cita os seguintes estudos:

Aparições materializadas têm sido fotografadas em presença de numerosas testemunhas, como, por exemplo, o Espírito Katie King, em casa de W. Crookes, os Espíritos Iolanda e Lélia, na da Senhora d'Espérance, e o Abdullah, fixado na placa sensível por Aksakof (Ver W. Crookes, ob. cit.; E. d'Espérance, “No País das Sombras”, cap. XVIII; Aksakof, ob. Cit. 22 – Léon Denis). Impressões e moldes de mãos, pés, faces, deixados em substâncias moles ou friáveis por formas materializadas, foram obtidos por Zoellner, astrônomo alemão, pelos Drs. Wolf, Friese, etc. (Ver Aksakof, Animismo e Espiritismo, cap. I, B).

Semelhante ação ainda se manifesta nos fenômenos de incorporação, como os que foram assinalados pelo Doutor Hodgson, em seu estudo sobre a faculdade da Senhora Piper (Proceedings Psychical R.S.Pf, Tomo XV. Ver também M. Sage, Outra Vida? (“Mrs. Piper”), passim.). O autor, adversário confesso da mediunidade em todas as suas aplicações, havia começado a pesquisa com o fim de desmascarar o que considerava Impostura. Declara ele ter prosseguido as observações durante doze anos, em grande número de sessões, no curso das quais cento e vinte personalidades invisíveis se manifestaram, entre outras a de George Pellew, seu amigo de infância, como ele membro da “Psychical Research Society”, falecido havia muitos anos. Essas personalidades lhe revelaram fatos ignorados de toda pessoa viva na Terra. Por isso diz ele: “A demonstração da sobrevivência me foi feita de modo a excluir mesmo a possibilidade de uma dúvida”

(Proceedings, 1897). Os professores Charles W. Elliot, presidente da Universidade de Harvard; William James, professor de psicologia na mesma Universidade; Newbold, professor de psicologia da Universidade de Pensilvânia, e outros sábios tomaram parte nessas experiências e referendaram tais declarações” (DENIS, 1919, p. 30).

Em uma obra mais recente (Relatório do professor Hyslop, Proceedings; G. Delanne, Investigações Sobre a Mediunidade, pág. 355), o professor Hyslop, da Universidade de Colúmbia, Nova Iorque, se externa no mesmo sentido a respeito da Senhora Piper, que ele observou em grande número de sessões, realizadas com as maiores reservas. [...] Donde conclui ele: “Quando se considera o fenômeno da Senhora Piper, é preciso eliminar tanto a transmissão de pensamento, como a ação telepática. Examinando com imparcialidade o problema, não se lhe pode dar outra solução a não ser a Intervenção dos mortos” (Relatório do professor Hyslop, Proceedings; G. Delanne, Investigações Sobre a Mediunidade) (DENIS, 1919, p. 31).

Outras importantes testificações em favor do Espiritismo foram prestadas nesse ano de 1900. O Dr. Bayol, antigo governador do Dahomey, transmitiu ao Congresso Espírita e Espiritualista, reunido em Paris no mês de setembro, a narrativa de uma série completa de experiências de materializações, desde a aparição de uma forma luminosa até o molde, em parafina, de um rosto de Espírito, que diz ele ser o de Acella, jovem romana falecida em Arles, no tempo dos Antoninos. Os Doutores Bonnet, Chazarain, Dusart, da Faculdade de Paris, exibiram testemunhos da mesma natureza e provas de identidade de Espíritos (Ver a Resenha do Congresso Espírita e Espiritualista, de 1900, págs. 241 e seguintes) (DENIS, 1919, p. 32).

Aponta ainda Denis:

No correr do ano de 1900, surgiram no seio de assembléias científicas os mais imponentes testemunhos em favor do Espiritismo. Uma parte considerável lhe foi concedida nos programas e trabalhos do Congresso de Psicologia de Paris, [...]. Um instituto internacional para o estudo dos fenômenos psíquicos, entre outros os da mediunidade, foi organizado ao terminar o Congresso de Psicologia. Entre os membros da comissão diretora encontramos, no que toca à França, os nomes dos Srs. Richet, professor da Faculdade de Medicina e diretor da Revue Scientifique; o Coronel De Rochas, Camille Flammarion, o Dr. Duclaux, diretor do Instituto Pasteur; SullyPrudhomme, FouWée, Bergson, SéaWes, etc.; no estrangeiro, tudo o que de mais ilustre possui a Europa entre os representantes da ciência psíquica: W. Crookes, Lodge, Aksakof, Lombroso, Dr. Ochorowicz, etc. (DENIS, 1919, p. 30-31).

Vemos então que cientistas renomados à época faziam estudos longos e sistemáticos sobre os fenômenos e depois os relatavam e apresentavam-nos, assim como fazem hoje cientistas sobre qualquer estudo sobre as questões da Natureza.

E prosseguem os estudos de Léon Denis (1919, p. 33) com citações de outros estudos e obras ocorridos no início do século XX: Em 1905,

[...] uma obra importante aparecia, que teve grande repercussão em todo o mundo: Human Personality, de F. Myers, professor de Cambridge; é um estudo profundo e metódico dos fenômenos espíritas, firmado numa opulenta documentação e rematado por uma síntese filosófica em que são

magistralmente expostas as vastas consequências da ciência psíquica. As conclusões de Frederico Myers são formais: “A observação e a experimentação – diz ele – induziram muitos investigadores, a cujo número pertença (*of whom I am one*), a crer na comunicação, assim direta como telepática, não só entre os Espíritos dos vivos, mas entre os Espíritos dos que permanecem neste mundo e os que o abandonaram” (Human Personality, tomo 11, pág. 287). O professor Fiournoy, da Universidade de Genebra, em seu livro Espíritos e Médiuns, página 266, aprecia nestes termos a obra de F. Myers: “Ninguém pode prever atualmente que sorte reservara o futuro à doutrina espírita de Myers. Se as vindouras descobertas confirmarem a sua tese da intervenção, empiricamente verificável, dos desencarnados, na trama física ou psicológica do nosso mundo fenomenal, seu nome então será inscrito no livro áureo dos grandes iniciadores e, ao lado dos de Copérnico e Darwin, completará a tríade dos gênios que mais profundamente revolucionaram o pensamento científico na ordem cosmológica, biológica e psicológica”.

E ainda (DENIS, 1919, p. 34):

Em 1905, 1906, 1907 e 1908 o Instituto Geral Psicológico de Paris tomou a iniciativa de um grande número de sessões experimentais, com o concurso da médium Eusápia Paladino e sob a inspeção dos Srs. Curie, Richet, D'Arsonval, Dubierne, etc. O relatório do secretário do Instituto, Sr. Courtier, posto que cheio de reticências e reservas, consigna, entretanto, que fenômenos de levitação e deslocação de objetos, sem contato, se produziram no curso das sessões. Foram tomadas todas as precauções contra as possibilidades de erro ou fraude. Instrumentos especiais foram fabricados e utilizados no registro mecânico dos fenômenos. Uma incessante fiscalização foi exercida e o emprego de aparelhos fotográficos permitiu afastar qualquer hipótese de alucinação coletiva.

Denis (1919, p. 36) ainda cita os estudos do astrônomo Camille Flammarion

que afirma em uma de suas obras:

Em minha obra Forças Naturais Desconhecidas, se encontram fotografias diretas e sem retoques, a cujo propósito estou também perfeitamente disposto a dar um prêmio de 500 francos a quem for capaz de nelas descobrir qualquer artifício [...]. Vêem-se rotações operarem-se sem contato, tendo sido a farinha espalhada como por um sopro de fole e sem que dedo algum a houvesse tocado... Durante essas experiências víamos um piano, do peso de 300 quilogramas, desferir sons e levantar-se, quando ao seu pé havia apenas um menino de onze anos, médium sem o saber.

O estudioso do espiritismo conta ainda da publicação do Dr. Ochorowicz, professor da Universidade de Varsóvia que publicou nos “*Annales des Sciences Psychiques*” (1910) suas experiências e fotos com a Srta. Tomszick de inúmeros casos de levitação sem contato, segundo Denis (1919, p. 36): “Esses fatos representam um conjunto de provas objetivas capazes de, por sua natureza, convencer os mais cépticos”.

Fala de Oliver Lodge, reitor da Universidade de Birmingham e membro da Real Academia que, segundo Léon Denis (1919, p. 06), afirmou: “Fui pessoalmente conduzido à certeza da existência futura mediante provas assentes em bases puramente científicas (Annales des Sciences Psychiques, 1897, p. 158)”.

Sobre Lombroso Denis (1919, pg.36) escreveu:

O professor César Lombroso, da Universidade de Turim, célebre no mundo inteiro por seus trabalhos de antropologia criminalista, publicava em 1910, [...] “Hipnotismo e Espiritismo”, em que relatava todas as suas experiências, prosseguidas durante anos, e concluía num sentido absolutamente afirmativo, sob o ponto de vista espírita. Essa obra é um belo exemplo de probidade científica, a opor ao preconceito e às opiniões rotineiras da maior parte dos sábios franceses.

Léon Denis (1919, p. 38) também cita:

A reunião do Congresso Espírita e Espiritualista internacional de Paris, em 1900 (Ver a resenha do Congresso espírita e espiritualista, de 1900, Leymarie), permitiu comprovar-se a vitalidade sempre crescente do Espiritismo. Delegados vindos de todos os pontos do mundo, representantes dos mais diversos povos nele expuseram os progressos das idéias em seus respectivos países, sua marcha ascensional malgrado aos obstáculos, às ruidosas conversões que opera, tanto entre os membros da Igreja como entre os sábios materialistas. Identicamente sucedeu no Congresso de Bruxelas, em 1910. Foi instituída uma Agência (Burcau) Internacional, com o fim de estabelecer permanentes relações entre as agremiações dos diferentes países e colher informações acerca do movimento espírita no mundo inteiro.

Por fim, o autor (DENIS, 1919, p. 37) conclui:

[...] dia a dia as experiências se repetem, os testemunhos se tornam cada vez mais numerosos. Todos esses fatos constituem já, em seu conjunto, uma nova ciência, baseada no método positivo. Para edificar sua doutrina, o moderno Espiritualismo não teve necessidade de recorrer à especulação metafísica; foi-lhe suficiente apoiar-se na observação e na experiência. Não podendo os fenômenos que ele estuda explicar-se por leis conhecidas, longas e ponderadamente os examinou e analisou, e em seguida, por encadeamento racional, dos efeitos remontou às causas. A intervenção dos Espíritos, a existência do corpo fluídico, a exteriorização dos vivos não foram afirmadas senão depois que os fatos vieram, aos milhares, demonstrar a sua realidade. A nova ciência espiritualista não é, pois, obra de imaginação; é o resultado de longas e pacientes pesquisas, o fruto de inúmeras investigações. Os homens que as empreenderam são conhecidos em todas as esferas científicas: são portadores de nomes célebres e acatados. Durante anos têm sido efetuadas rigorosas perquirições por comissões de sábios profissionais. As mais conhecidas são o inquérito da Sociedade Dialética de Londres, o da Sociedade de Investigações Psíquicas [Paris], que se mantém há vinte anos e tem produzido consideráveis resultados, e, mais recentemente, o do Sr. Flammarion. Todos registram milhares de observações, submetidas ao mais severo exame, às mais escrupulosas verificações. Seja qual for à parte que se

possa atribuir às exagerações, fraude ou embuste, do conjunto desses estudos se destaca um número tão imponente de fatos e de provas que já não é lícito, depois disso, a quem preze a verdade, permanecer silencioso ou indiferente. Passou o tempo das ironias levianas. O desdém não é uma solução. É preciso que a Ciência se pronuncie, porque o fenômeno aí está, revestindo tantos aspectos, multiplicando-se de tal modo, que se impõe a sua atenção. A alma, livre e imortal, não mais se afirma como entidade vaga e ideal, mas como um ser real, associado a uma forma e produtor de uma força sutil cuja manifestação constante solicita a atenção dos investigadores. [...] É o fim do sobrenatural e do milagre; mas desse conjunto de fatos, tão antigos como a própria Humanidade, até aqui mal observados e compreendidos, resulta agora uma concepção mais alta da vida e do Universo e o conhecimento de uma lei suprema que vai guiando os seres, em sua ascensão através dos esplendores do infinito, para o bem, para o perfeito!

William Crookes (1832-1919)

Químico e físico inglês e membro da Sociedade Real investigou por quase quatro anos (1870-1874) os fenômenos do espiritualismo e confessa que começou suas investigações acreditando que eles poderiam ser truques. Para Arthur Conan Doyle, autor de “A História do Espiritismo”, os estudos de Crookes, por seu alto nível científico com severa investigação e que levaram a resultados extraordinários faz com que críticas de falsidade desses fenômenos fiquem difíceis de sustentar-se. Cita ainda que seus estudos sempre publicados no “*Quarterly Journal of Science*”, do qual era editor, traziam relatos honestos e corajosos e causavam comoção no mundo científico – como por exemplo as fotografias de Katie King. Com isso, ele ajudou outros estudiosos e cientistas como Wallace, Lord Rayleigh, o físico William Barrett, Cromwell Varley e outros, a terem seus pontos de vista confirmados sendo também encorajados a avançar sobre esse novo caminho do conhecimento (DOYLE, 1926).

Crookes, em 1874, escreveu “Pesquisas sobre os Fenômenos do Espiritismo” (“*Researches in the Phenomena of Spiritualism*”, Londres, 1874), no qual descreve seus experimentos sobre os fenômenos espíritas. A Figura a seguir mostra um

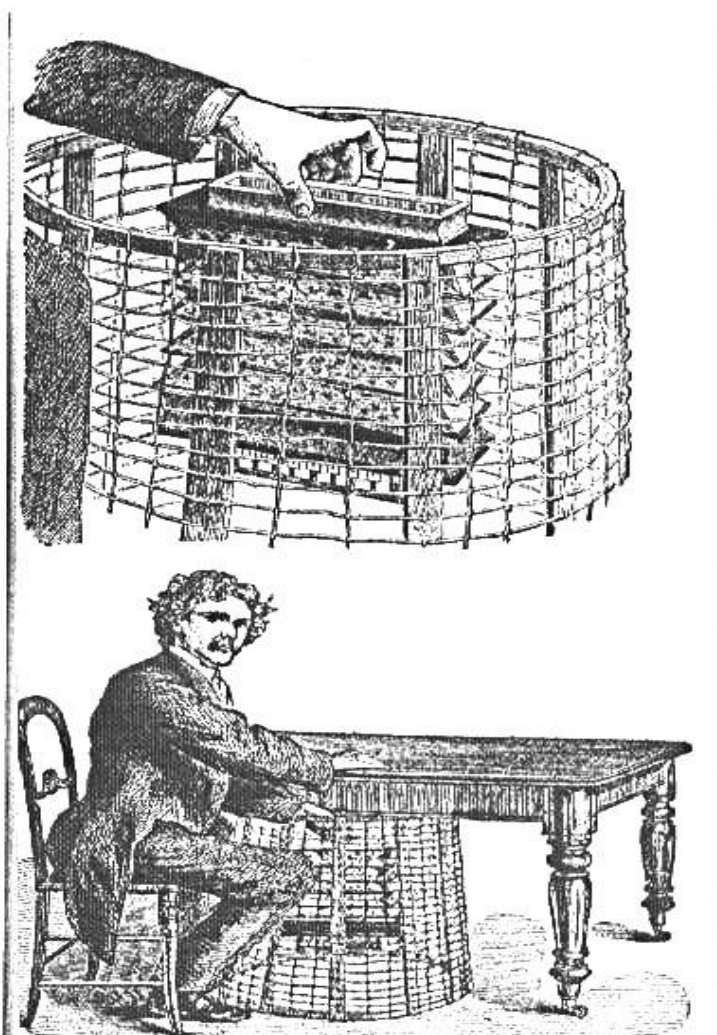
desses experimentos.

Figura 07 - Experimento do acordeom - William Crookes em 1871, Inglaterra; Médiun: Daniel Dunglas Home

**DANIEL
DUNGLAS
HOME**

realizando a célebre experiência com o acordeão. O médium segurava o instrumento por uma extremidade, com uma só mão. Nestas condições o acordeão era tocado, embora a outra estivesse apoiada sobre a mesa.

Ilustração extraída da obra *The Roots of Consciousness* de Jeffrey Mishlove, 1975, co-edição de Random House Inc., New York, NY e The Bookworks book.



Fonte: http://www.paulosnetos.net/attachments/057_Slide_-_Espiritismo-principios,_praticas_e_provas-palestras.pdf, visto em: 10/11/2011.

Trouxemos diversos exemplos e citações sobre inúmeros cientistas e seus experimentos, a fim de ilustrar que, como qualquer outra ciência, o Espiritismo originou-se das experiências científicas conduzidas para analisar os fenômenos naturais que ocorriam desde meados do século XIX.

Ponderamos que um dos questionamentos que a ciência espírita enfrenta é que a mesma não pode se produzir pela vontade do pesquisador, não se pode

construir experimentos controlando o momento e local de sua ocorrência. Sobre isso trazemos aqui as opiniões de Wallace e Denis:

Podem reproduzir-se à vontade os fenômenos astronômicos e meteorológicos? Aí estão, entretanto, fatos científicos. Por que essas reservas e empecilhos? (DENIS, 1919, p. 44).

[...] um argumento contra o fato deles serem genuínos é que eles não podem todos ser produzidos ou exibidos pela vontade [...]. Mas tão pouco a queda de meteoros [...] podem ser produzidas pela vontade; ainda esses eventos são fatos [...]; ninguém elaboraria argumentos para recusar a investigação desses assuntos". (*"an argument against the facts being genuine that they cannot all be produced and exhibited at will [...]. But neither can [...] the fall of meteoric stones [...] be produced at will; yet these are all facts [...]; yet no one would make this an argument for refusing to investigate these subjects"*) (WALLACE, 1873, p. 2).

7.1.2 Estudos atuais sobre os fenômenos espirituais

"A razão pode compreender o espírito, pode argumentar retamente sobre a sua existência (e a existência de Deus), mas a observação empírica pode também revelá-lo, de modo que a razão não especule apenas".

(INCONTRI, 2001, p. 191).

Durante o século XIX houve acentuado interesse em experiências mediúnicas, mas no século XX isso foi relegado ao segundo plano, no entanto começam novamente a despertar o interesse, por exemplo da comunidade psiquiátrica como a de van der Kolk e van der Hart, 1989; a de Ross e Joshi, 1992; e a de Cardeña et al., 1994 (ALMEIDA, 2004).

Também no campo da Psiquiatria, mas aqui no Brasil, trazemos estudos conduzidos na Universidade de São Paulo sob a organização do Dr. Alexander

Almeida, bem como citaremos, a seguir, outros cientistas e instituições que conduzem experimentos sobre os fenômenos espíritas na atualidade.

Dr. Alexander Almeida

Um dos psiquiatras do NEPER (Núcleo de Estudos de Problemas Espirituais e Religiosos) finalizou seus estudos de doutoramento com um estudo sobre médiuns brasileiros.

Estudioso da mediunidade, em sua tese, analisou se 115 médiuns espíritas sofriam de transtornos dissociativos, psicóticos ou transtornos de personalidade múltipla.

Conclui que assim como qualquer indivíduo, eles podem apresentar estes e outros transtornos mentais, no entanto, a porcentagem dos médiuns estudados que apresentavam problemas psiquiátricos foi menor que o encontrado na população em geral. O médico também cita que a mediunidade pode estar no inconsciente dos médiuns, entretanto, há um número considerável de casos em que esta explicação não procede, indicando que há uma fonte externa a eles (ALMEIDA, 2004).

A conclusão de sua tese foi a seguinte (ALMEIDA, 2004):

Os médiuns estudados evidenciaram alto nível socioeducacional, baixa prevalência de transtornos psiquiátricos menores e razoável adequação social. A mediunidade provavelmente se constitui numa vivência diferente do transtorno de identidade dissociativa. A maioria teve o início de suas manifestações mediúnicas na infância, e estas, atualmente, se caracterizam por vivências de influência ou alucinatórias, que não necessariamente implicam num diagnóstico de esquizofrenia.

Dr. Carlos Augusto Perandrea

Atua como perito judicial em Grafoscopia e Documentoscopia desde 1965 e é professor do Departamento de Patologia, Legislação e Deontologia da Universidade Estadual de Londrina desde 1972. Escreveu um Livro chamado "A Psicografia à Luz da Grafoscopia" (Editora Fé) relatando um estudo científico em grafoscopia publicado na Revista Científica Semina da Universidade Estadual de Londrina em 1990.

Na obra Perandrea analisa mais de 400 mensagens mediúnicas psicografadas pelo médium Chico Xavier comparando a letra do indivíduo pretenso autor da mensagem antes de sua morte com a letra da mensagem mediúnica. O estudo lhe faz concluir pela autenticidade da autoria gráfica das mensagens. Perandrea também recorreu a outros peritos para analisar a autenticidade das mesmas, depois divulgou seus métodos e estudos em congressos e revistas. Esse fato constituiu em uma prova da sobrevivência da consciência humana ao fenômeno da morte física (PITTELLI, 2010).

Dr. Ian Stevenson (1918 – 2007)

Era bioquímico e médico psiquiatra canadense, cientista da Universidade da Virgínia, dedicou-se a estudos de experiências de quase morte e de fatos que indicavam para recordações sobre vidas passadas, principalmente por crianças.

Escreveu em 1966 a Obra "Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação". Trata-se de uma coletânea retirada de seu grande acervo de cerca de dois mil casos que indicam pessoas a recordar de suas vidas anteriores ou, como ele mesmo nomeia, "memória extra-cerebral"; ele investigou mais de duzentos casos (ANDRADE, 1971).

Na obra Stevenson inclui inúmeras explicações para a “memória extra-cerebral” sobre as quais tece exaustivo exame, faz uma rigorosa e honesta avaliação e conclui que para muitos casos há forte evidência a favor da hipótese da reencarnação (ANDRADE, 1971).

Sobre Stevenson Goswami (2005, p. 46, 53, 61) diz:

O Dr. Ian Stevenson, [...] tem dados muito intrigantes sobre crianças que se recordam de suas vidas passadas” [...] os dados de Ian Stevenson tratam da recordação de vidas mentais passadas, de conteúdos. Se formos filosoficamente astutos, devemos concordar que os dados de Stevenson não comprovam a reencarnação. No entanto, são dados bons; Stevenson conquistou nosso respeito. [...] As evidências de memórias reencarnatórias são obtidas principalmente com crianças que se lembram delas e que podem ser verificadas. Ian Stevenson, psiquiatra da Universidade de Virgínia, acumulou um banco de dados com aproximadamente duas mil dessas memórias, supostamente reencarnatórias, que têm muitas características que podem ser constatadas. Em alguns casos, Stevenson chegou a acompanhar as crianças até as aldeias onde teriam vivido antes. As crianças nunca tinham visitado essas aldeias, mas pareciam familiarizadas com o cenário e conseguiram identificar as casas onde viveram. Às vezes, as crianças identificavam membros da família anterior. Em um caso, a criança se lembrou do local onde havia escondido dinheiro em sua vida passada, e o dinheiro foi encontrado no lugar recordado.

Há ainda “pelo menos sete universidades atualmente que têm pesquisas parapsicológicas: Princeton, Virginia, Edimburgo, Hertfordshire, Northampton, Freiburg e Amsterdam. Todas essas pesquisas com maior ou menor amplitude confirmam a existência dos fenômenos paranormais e a hipótese do Espírito é uma das mais aceitas” (INCONTRI, 2001, p. 105).

NEPER - Núcleo de Estudos de Problemas Espirituais e Religiosos

Na atualidade, existe também o NEPER do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo fundado pelos psiquiatras Francisco Lotufo Neto, Jorge W. F. Amaro, Hyong Jin Cho e Alexander Moreira de Almeida. “Seu objetivo é a pesquisa das relações entre religiosidade-espiritualidade e a saúde mental segundo um enfoque científico

multidisciplinar, não vinculado a nenhuma corrente filosófica ou religiosa” (ALMEIDA, 2004, p. 12).

Associações de Magistrados, Associação Brasileira de Psicólogos Espíritas e Associações Médico Espírita

No Brasil existem também associações de classe que visam congregar suas práticas profissionais aos conceitos espíritas. Existem as Associações de Magistrados Espíritas, a ABRAPE (Associação Brasileira de Psicólogos Espíritas) e as AME (Associações Médico Espírita). Estas últimas congregam “médicos e psicólogos que estudam e praticam em suas atividades profissionais esses preceitos [espíritas]” (ALMEIDA, 2004, p. 16).

Vale a pena ainda citar outro ponto de conexão entre as ciências formais e as questões espíritas: a criação da categoria para diagnosticar distúrbios mentais, a de “Problemas Espirituais e Religiosos” no DSM-IV (DSM Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders) criada pela Associação Psiquiátrica Americana.

Para o Dr. Alexander Almeida (Almeida, 2004) isso irá

[...] aumentar a acurácia diagnóstica e reduzir a iatrogenia decorrente do diagnóstico equivocado dos problemas espirituais e religiosos, melhorar o tratamento ao estimular pesquisas clínicas e ao encorajar a inclusão das dimensões religiosas e espirituais da experiência humana no tratamento psiquiátrico (Lu et al., 1994). Uma outra importante mudança no DSM-IV foi o reconhecimento que a maioria das formas de dissociação vivenciadas pela humanidade são normais e que essas necessitam ser diferenciadas de formas transculturais de dissociação patológica (LEWIS-FERNÁNDEZ, 1998).

Sobre as comprovações científicas das inteligências extracorpóreas e dos fenômenos espíritas, trazemos uma citação de Léon Denis (2010, p. 151) para concluirmos:

Vê-se que, graças a experiências, a observações, a testemunhos mil

vezes repetidos, a existência e a sobrevivência da alma saem doravante do domínio da hipótese ou da simples concepção metafísica, para se converterem em realidade viva, em fato rigorosamente averiguado. O sobrenatural tocou o termo de seus dias; o milagre já não passa de uma palavra. Todos os terrores, todas as superstições que a idéia da morte sugeria aos homens se desfazem em fumo. Dilata-se a nossa concepção da Vida Universal e da Obra Divina e, ao mesmo tempo, a nossa confiança no futuro se fortifica.

Assim, vemos o grande número de estudos científicos realizados desde meados do século XIX a analisarem os fenômenos espíritas e a constituírem o Espiritismo.

A citação dessas experimentações não tem o intuito de servir de convencimento aos leitores desta dissertação sobre a validade, veracidade ou plena confirmação dos fatos. Trata-se apenas de uma forma de mostrar a quantidade e relevância dos estudos até então realizados e proporcionar aos interessados formas de buscarem nas fontes desses estudos seus detalhes.

Portanto, apesar da chamada Doutrina Espírita ter sido compilada por Allan Kardec, diversos notáveis estudaram os fenômenos espíritas e o Espiritismo. Todos puderam confirmar seus resultados e ensinamentos e ir aprofundando e expandindo aquilo que Kardec houvera metodologicamente reunido de seus estudos. Desta forma todos contribuíram para o surgimento e conteúdo do Espiritismo.